

ÁUREA DA PAZ PINHEIRO

**O DESMORONAR DAS UTOPIAS**

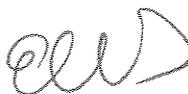
**Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX.**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Moura da Silva.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 26 / 11 / 2003

BANCA

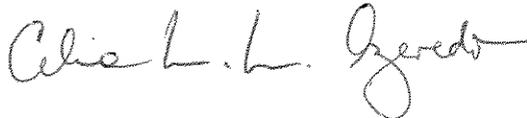
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Moura da Silva (orientador)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Agueda Bernadete Bittencourt



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Maria Marinho Azevedo



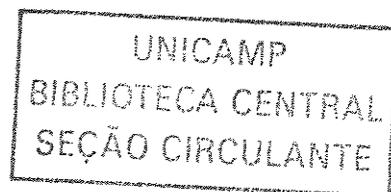
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresinha de Jesus Mesquita de Queiróz



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izabel Andrade Marson



NOVEMBRO/2003



UNIDADE	B/
Nº CHAMADA	T/UNICAMP P655d
V	
TOMBO BC/	58238
PROC.	AL-P-119104
	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	03/03/09
Nº CPD	

CR00194770-0

BW id 311511

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**P 655 d**

**Pinheiro, Áurea da Paz**

**O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX / Áurea da Paz Pinheiro. - - Campinas, SP: [s. n.], 2003.**

**Orientador: Eliane Moura da Silva  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Neves, Abdias, 1876-1928 – Biografia. 2. Anticlericalismo – Piauí. 3. Livre-pensamento. 4. Igreja Católica. 5. Brasil – Política e governo. I. Silva, Eliane Moura da. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

## RESUMO

A tese tem a forma de uma biografia histórica como vem sendo pensada, de múltiplas e diferentes formas, por historiadores e sociólogos a partir dos anos oitenta do século XX. O objetivo geral do trabalho é narrar a vida e a obra de Abdias Neves (1876-1928): literato, político, maçom, anticlerical e livre-pensador piauiense. Compreender Abdias Neves imerso no meio social, junto com outros homens, perceber a sua interação com as demais pessoas de seu tempo, de seu território. Percorrer os espaços de sociabilidades vividos pelo biografado: o mundo das academias, da literatura, dos jornais, das revistas e da vida político-partidária, a fim de aprofundar o estudo do anticlericalismo no Brasil e, em particular, no Piauí.

**Palavras-chave:** Abdias Neves, Biografia, Piauí, Política, Maçonaria, Anticlericalismo.

## ABSTRACT

The thesis has the form of a historical biography as it has been thought of, in multiple and different forms, by historians and sociologists from the years eighty of the XX century . The general objective of this work is to narrate the life and work of Abdias Neves (1876-1928): a literate man, politics, mason, anticlerical and a piauiense free thinker. It has the aim to comprehend Abdias Neves immersed in the social medium, together with other men, to perceive his interaction with all the other persons of his time, of his territory. To go through the spaces lived by the biographer: the world of academies, of literature, of journals, of magazines and of his political party life in order to deepen the study of anticlerism in Brazil and in particular in Piauí.

**Key words:** Abdias Neves, Biography, Piauí, Politics, Mansory, Anticlerism

## AGRADECIMENTOS

Acreditamos que a tarefa mais difícil de qualquer trabalho de pesquisa diga respeito ao tributo que devemos oferecer a todos aqueles que direta ou indiretamente caminharam conosco na árdua tarefa de construção de uma tese, momento rico no qual construímos espaços e laços de sociabilidade e solidariedade. Corremos o risco de lembrar algumas pessoas e esquecer muitas outras. Mesmo assim, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Moura da Silva, pela leitura e crítica atentas do texto, bem como pelo compartilhar de sua experiência o que possibilitou o nosso crescimento humano e profissional.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresinha Queiroz, que, além de compartilhar conosco a sua experiência no campo da produção historiográfica piauiense, colocou à nossa disposição uma vasta bibliografia e fontes para o estudo da história do Piauí.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Célia Maria Marinho de Azevedo pelas críticas e sugestões durante o processo de qualificação do trabalho, que foram produtivas no sentido de fazer-nos refletir sobre novos questionamentos ao objeto da pesquisa, o que resultou na melhoria da qualidade do texto.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Agueda Bernadete Bittencourt, professora e amiga, que desde o início mostrou-se atenta a nossas dúvidas e questionamentos, leitora criteriosa e questionadora do texto que foi sendo reconstruído sem que esquecêssemos de suas sugestões.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Rios Magalhães, da Universidade Federal do Piauí e Instituto Camillo Filho, pela revisão do texto original.

*A todos os pesquisadores da história do Piauí, que vêm construindo um campo fértil de propostas e possibilidades para a releitura da historiografia piauiense.*

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 O DESMORONAR DAS UTOPIAS (1925-1928).....	27
Capítulo 2 AS INQUIETAÇÕES RELIGIOSAS (1900-1915).....	45
Capítulo 3 A FABRICAÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA (1916-1925).....	107
Capítulo 4 OS ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DO PIAUÍ (1907-1926).....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	193
BIBLIOTECAS E ARQUIVOS CONSULTADOS.....	208
ANEXOS.....	209
ANEXO A – MAPA DA OBRA DE ABDIAS NEVES.....	211
ANEXO B – FONTES PRIMÁRIAS.....	219

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Árvore genealógica de Abdias Neves.....	37
FIGURA 2	Abdias Neves, formatura 1898.....	40
FIGURA 3	Abdias Neves antes de 1915.....	40
FIGURA 4	Abdias Neves depois de 1915.....	41
FIGURA 5	Abdias Neves, Rio de Janeiro 1916.....	41
FIGURA 6	Abdias Neves, filha, mulher e amigos, Rio de Janeiro 1916.....	42
FIGURA 7	Abdias Neves e o amigo Hélio Castelo Branco, Rio de Janeiro 1915.....	42
FIGURA 8	Abdias Neves, Rio de Janeiro 1916.....	43
FIGURA 9	Casa de Abdias Neves na Ilha de Paquetá, Rio de Janeiro 1916.....	43
FIGURA 10	Escola Normal.....	57
FIGURA 11	Colégio das Irmãs.....	57
FIGURA 12	Colégio Diocesano.....	57
FIGURA 13	Charge abordando a temática anticlerical.....	64
FIGURA 14	Papelaria J Campos Veras.....	75
FIGURA 15	Centro político-administrativo de Teresina.....	104
FIGURA 16	Largo do Palácio ou Largo do Amparo.....	105
FIGURA 17	Antiga Praça da Constituição.....	105
FIGURA 18	Praça Saraiva.....	106
FIGURA 19	Theatro 4 de Setembro.....	106
FIGURA 20	Charge sobre a política piauiense em 1916.....	140

## INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é Abdias Neves: literato, político, maçom, anticlerical e livre-pensador piauiense. Nosso intento é percorrer os espaços de sociabilidades<sup>1</sup> vividos pelo biografado: o mundo das academias, dos institutos, da literatura, dos jornais, das revistas e da vida político-partidária, a fim de aprofundar o estudo do anticlericalismo no Brasil e, em particular, no Piauí.

Centrada em Abdias Neves e seu tempo, a investigação tem a forma de uma biografia histórica como vem sendo pensada, de múltiplas e diferentes formas, por historiadores e sociólogos. Buscamos pensar o indivíduo não como um ser isolado, fruto de uma perspectiva racional, que gere uma explicação simplista para as formações histórico-sociais, para os fenômenos culturais, mas como um indivíduo que desempenha um papel, não como força autônoma, como se não houvesse as inter-relações humanas, uma vez que não há processo social automático e imutável, que siga rumo a uma determinada direção, pois as transformações sociais não são uma via de mão única em que todos sejam forçados a avançar no mesmo caminho. Compreender o indivíduo imerso em seu meio social, junto com outros homens, perceber a sua interação com as demais pessoas de seu tempo, de seu território. Parafraseando Norbert Elias, não existe um abismo intransponível entre o indivíduo e a sociedade<sup>2</sup>.

Há séculos, a biografia foi vista em oposição ou em distinção à história. No mundo greco-romano, a história se ocupou dos eventos coletivos e com a verdade, já a biografia

---

<sup>1</sup> Entendemos sociabilidades como lugar de participação e visibilidade dos grupos sociais com objetivos associativos nas mais diversas dimensões: econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e cultural, seguindo os estudos de Maurice AGULHON. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810 – 1848, Cahier des Annales*, Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.

<sup>2</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

deveria trabalhar com os eventos individuais, havendo uma negação de verdade à biografia, como se essa fosse apenas panegírica. Na Idade Média, foi a hagiografia, com os modelos de vida dos santos, o exemplo mais comum para a produção de biografias. Na Modernidade, sobretudo no século XVIII, a literatura se ocupou do romance, da autobiografia e as discussões giraram em torno da possibilidade de se escrever a vida de um indivíduo, da fragmentação de uma vida individual. O debate do século XIX teve grande influência da filosofia da história, quando houve a redução da importância do indivíduo. O positivismo se preocupou com meio, raça, nação, a biografia elaborada foi a dos grandes homens, dos heróis, sejam políticos ou militares. O movimento nascido dos *Annales* trouxe um eclipse da biografia como gênero de produção histórica no século XX. O gênero foi, apesar de algumas exceções, abandonado por muitos historiadores.<sup>3</sup>

Não concordamos com a ideia de um retorno da biografia, pois os trabalhos biográficos factuais e lineares não deixaram de estar presentes. O que podemos pensar é que, a partir dos anos oitenta do século XX, com as discussões ligadas às histórias de vida, trabalhos de historiadores, sociólogos e antropólogos<sup>4</sup>, a biografia voltou a ocupar a atenção dos pesquisadores de uma forma mais enfática, quando se intensificaram os ensaios sobre os problemas teórico-metodológicos, que envolvem o gênero biográfico. Talvez, nesse sentido, possamos falar de um “retorno” da biografia, ou melhor, do debate em torno do gênero biográfico, entendendo-se a biografia como um instrumento da pesquisa histórica.

---

<sup>3</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da Memória e da Biografia: Gabriela Brunesieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (Res) Sentimento* Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 287-312.

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995; GAY, Peter. *Mozart*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. (Coleção Breves Biografias); LE GOFF, Jacques. *São Luís – Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Assim, a discussão sobre o “retorno” da biografia perpassa as mudanças nas formas de escrever história, fruto da crise dos grandes paradigmas explicativos: marxismo, estruturalismo, história quantitativa e serial. A própria aproximação da história com outras ciências sociais, sociologia, antropologia, literatura, psicanálise, também, deve ser considerada<sup>5</sup>.

Alguns artigos e livros de historiadores e sociólogos serviram diretamente às nossas reflexões e problematizações quanto ao gênero biográfico. Dentre eles estão os artigos de Giovanni Levi, *Usos da biografia*, e de Pierre Bourdieu, *A ilusão biográfica*, além dos estudos de Norbert Elias sobre as relações entre indivíduo e sociedade.<sup>6</sup>

Com a volta das discussões em torno do gênero biográfico, são comuns e abundantes as produções e publicações de biografias<sup>7</sup>. Vavy Pacheco se viu diante desse problema ao iniciar a biografia de Gabrielle Brune-Sieler. Segundo a pesquisadora:

Ao começar a me preocupar especificamente com o debate sobre biografia, não tinha idéia de que fosse tão antigo, tão controverso e tão constante e que a bibliografia fosse tão antiga e volumosa; se alguém se propuser a ler tudo o que encontrei, nunca começará a biografia que pretende fazer. Ao longo de mais de 2 mil anos, autores viram a biografia em oposição ou distintamente da história (chamando-a de ‘gênero compósito’, ‘híbrido’, ‘controverso’, ‘problemático’, ‘gênero menor’ e mesmo ‘uma tarefa impossível’ ou uma ‘terra incógnita’), por diferentes razões nos diferentes momentos, num percurso entre ‘ciência’ e ‘arte’.

---

<sup>5</sup> A literatura, por exemplo, sempre viu qualquer homem e não somente o grande personagem, viu uma multiplicidade de pessoas, na sociologia retoma-se o problema da autonomia do indivíduo na sociedade. Além do que, muitas áreas importantes da história estabelecem uma proximidade grande com esse campo de pesquisa: micro-história; história oral e outras.

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: M.M. Ferreira & J Amado(org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996; BORDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*, In: M.M. Ferreira & J Amado(org.), 1996; ELIAS, Norbert, 1994.

<sup>7</sup> Como já destacamos, o uso da biografia como um instrumento da pesquisa histórica vem ocupando espaços nas discussões teórico-metodológicas atuais. Na década de oitenta do século passado, houve uma renovação das discussões com relação à biografia histórica, fato que suscitou vários colóquios e artigos sobre a produção do gênero biográfico. Cf. LE GOFF, Jacques. Como escrever uma biografia histórica hoje. Tradução de Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?. In: *Le Débat*. Paris, n. 54, mars-avril, 1989.

Os problemas de interpretação de uma vida são riquíssimos, pois nos defrontam com tudo o que constitui nossa própria vida e a dos que nos cercam.<sup>8</sup>

Para aqueles que se aventuram a escrever uma biografia, pode parecer, à primeira vista, fácil, desde que se disponha de documentos e talento para escrever. Por outro lado, é preciso perceber que o problema não é tão simples assim. Faz-se necessário saber: quais as implicações e as exigências da biografia histórica? Quais os grandes problemas da investigação e da escrita histórica com os quais nos deparamos? Para o historiador francês Jacques Le Goff “[...] a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”.<sup>9</sup> Acrescenta, ainda, o mesmo historiador, referindo-se ao seu trabalho sobre São Luís, que a

[...] biografia é um modo particular de fazer história. Mais que isso, ela não exige apenas os métodos intrínsecos de fazer história: posição de um problema, busca e crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação. Consciência do risco atual – ou seja, antes de tudo, da distância que nos separa – da questão tratada. A biografia confronta hoje o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo. Faz isso, todavia, um registro a que freqüentemente já não estamos habituados.<sup>10</sup>

Assim, entendemos a biografia como um instrumento da pesquisa histórica. Para Le Goff “[...] Pode mesmo tornar-se um observatório privilegiado para refletir utilmente sobre as convenções e sobre as ambições do ofício do historiador, sobre os limites do conhecimento adquiridos, sobre as redefinições de que ele tem necessidade.”<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> PACHECO, Vavy, 2001, p. 288.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques, 1999, p. 20.

<sup>10</sup> Ibid, id.

<sup>11</sup> Ibid, p. 21.

Procuramos narrar a vida de Abdias Neves não apenas seguindo uma cronologia ordenada, mas inserindo-a num contexto social dado, reconstituindo esse contexto no qual esteve agindo o sujeito, contando com uma pluralidade de campos, uma multiplicidade de relações sociais que constituem, o lugar histórico que ocupou o biografado. Nesse sentido, concordamos com Giovanni Levi, quando afirma que:

[...] Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado, seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.<sup>12</sup>

Argumentamos, então, que nosso propósito, ao abordar a vida e a obra de Abdias Neves, não é captar a essência de sua personalidade, mas reconstituir os diferentes espaços e representações que ele viveu e teve em sua época. Não reconstituir suas virtudes públicas ou privadas, mas considerá-lo como um indivíduo imerso no contexto sociocultural de seu tempo: como maçom, livre-pensador, anticlerical, literato e político que viveu e questionou valores e costumes que considerou retrógrados para o seu tempo.

Privilegiamos Abdias Neves, por considerá-lo um dos intelectuais mais expressivos deste período, um dos exemplos mais completos de bacharel, literato e político com relativo sucesso naquelas carreiras. Abdias Neves usou a literatura como um instrumento para não ficar à revelia do processo de tomada de decisão controlado pelas elites políticas locais, para não ser desprezado no seu valor intelectual e não ficar ao arbítrio dos poderosos, por ser um sujeito que buscou um lugar de destaque na vida pública, nas posições de liderança,

---

<sup>12</sup> LEVI, Giovanni, 1996, p. 169.

ansiando planejar e gerir a sociedade, alguém que procurou reformar as idéias conservadoras da elite de seu tempo, de seu modo de atuação e de sua relação com a população, com o território, que tentou trazer planos para a reavaliação da sociedade, homem que buscou o centro para não ficar às margens do processo histórico e ser esse indivíduo reformador político e social.

Abdias Neves aliou-se às elites dominantes no Piauí no início do século XX, o que lhe proporcionou projeção política, mas, ao mesmo tempo, lhe trouxe uma certa frustração e lhe fez sentir-se impotente frente às estruturas do poder local. No entanto, embora não escondendo todo o pessimismo, de seus últimos anos de vida, não se pode ignorar mais de duas décadas de sucesso profissional e de grande interferência social e política, vividos por Abdias Neves.

Pretendemos, portanto, fugir à narrativa biográfica tradicional, linear, que procura construir a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, conforme a crítica de Bourdieu<sup>13</sup>. Procuramos narrar a história de vida de alguém que esteve em relação com o seu grupo ou se reconheceu numa classe.

Nessa perspectiva, nosso objetivo é perceber Abdias Neves como sujeito que cristaliza em torno de si o conjunto de seu meio e dos domínios que o historiador traça no campo do saber histórico – domínios que devem ser analisados e explicados. Daí porque é necessário que o pesquisador tenha familiaridade com as fontes e com o tempo em que viveu o biografado, que é o objeto no qual se organiza o campo de sua pesquisa, entendendo que “[...] uma biografia não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o

---

<sup>13</sup> BORDIEU, Pierre, 1996.

que se deve saber sobre uma personagem”.<sup>14</sup> Devemos compreender que o indivíduo constrói a si próprio e a sua época, tanto quanto é construído por ela. Construção de acasos, hesitações e escolhas.

Ao escrever uma biografia, trabalhamos muitas vezes com conjecturas, pois não há como esgotar o eu e a história de vida de um indivíduo. A mesma pergunta poderá ter outras respostas. Abdias Neves foi um homem urbano, daqueles que esteve sempre em transformação, querendo aperfeiçoar a sociedade piauiense, em constante conflito com o velho, com o novo, num contexto em que a força da tradição, as dificuldades sociais e econômicas impediam que algumas cidades do interior do Brasil, dentre elas Teresina, tivessem a excitação e a velocidade, os refinamentos e todo o complexo de estruturas e processos materiais e espirituais que caracterizavam a modernidade das capitais litorâneas brasileiras e das capitais européias<sup>15</sup>.

Abdias Neves viveu num momento em que moderno e tradicional conviveram e deram o tom às relações socioculturais nos centros urbanos, onde parte significativa dos intelectuais esteve interessada em registrar suas idéias nos jornais, nas revistas e nos livros como forma de compreender e aceitar o progresso como uma conquista, ameaçando as formas de viver, que os discursos daqueles intelectuais consideravam como monotonia, pois almejavam andar por novos territórios. No entanto, não conseguiram fugir às trilhas já conhecidas. Perplexidade e fascinação marcaram o ideário modernista, a trama da modernidade, que ia se arquitetando no imaginário daqueles intelectuais considerados de

---

<sup>14</sup> LE GOFF, Jacques, 1999, p. 21.

<sup>15</sup> REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARTE, 1997; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do Progresso. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-48. v. 3.

vanguarda. Permanência e continuidade se mesclaram e marcaram o pulsar das discussões e práticas políticas.

Abdias Neves faz parte dessa intelectualidade, esteve fascinado, cheio de esperança e de ilusões. Viveu num cenário marcado por confrontos e indefinições, desejos de transformação social, num momento em que a idéia de progresso enfeitiçava muitos daqueles homens. O intelectual piauiense esteve encantado pelo progresso, inconformado com os arranjos políticos locais, dos quais muitas vezes fez parte. Por outro lado, teve idéias novas, que se contrapuseram àquelas que considerou velhas e retrógradas.

Buscamos realçar as multiplicidades e as diferenças individuais do biografado, revelando as diversas práticas discursivas que foram construídas com ele e ao redor dele, construções fruto de uma vontade de saber, de uma vontade de poder. Nessa perspectiva, procuramos compreender o biografado fugindo aos excessos, seja de avaliação positiva, seja de avaliação negativa. Nosso estudo está centrado em Abdias Neves literato, anticlerical, maçom e político, cuja atividade nesses campos foram evidenciadas para que pudéssemos entender o homem e seu tempo, o escritor anticlerical e a construção de sua imagem pública, fabricada por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo. Sua vida privada aparecerá, aqui, como pano de fundo.

Consideramos que investigar a vida e a obra de Abdias Neves é uma possibilidade para ampliar as nossas preocupações quanto à temática anticlerical. Evidente que outros literatos piauienses da época<sup>16</sup> poderiam ter sido escolhidos, tendo em vista as suas produções de cunho anticlerical e suas interferências sociais e políticas, porém é oportuno

---

<sup>16</sup> Higino Cunha (1858-1943) e Clodoaldo Freitas (1855-1924) poderiam ser trabalhados. Cf. QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: FCMC, 1994.

destacar que “[...] ao contrário do que propõem alguns de seus biógrafos”, Abdias Neves “[...] é um dos exemplos mais completos do bacharel-literato-político com relativo sucesso na(s) carreira(s) [...]”, muito embora seus biógrafos tenham feito considerações pessimistas a seu respeito tomando “[...] como referência apenas os últimos anos de sua vida, ignorando, pois, mais de duas décadas de sucesso profissional e de acintosa interferência social [...]”.<sup>17</sup> Quanto ao recorte temporal, justifica-se pelo fato do período ter sido marcado por intensos debates entre os dois grupos – clericais e anticlericais. O segundo defendendo a construção de uma nova sociedade baseada nos ideais de civilização, ordem e progresso e acreditando na impossibilidade da Igreja Católica, como uma instituição retrógrada, ser capaz de se adaptar aos novos tempos e às novas idéias.

Logo, investigar a vida e a obra de Abdias Neves é aprofundar o estudo do anticlericalismo não só no Piauí, mas no Brasil, uma vez que o literato produziu textos em vários jornais e revistas e manteve contato com vários segmentos anticlericais do país.

Estudar Abdias Neves nos serve como paradigma para compreender como se deram as relações sociais no cotidiano da cidade de Teresina nas três primeiras décadas do século XX, os novos hábitos, as novas idéias, a aceitação e a rejeição do “atraso histórico” que, segundo o biografado, sofria a sociedade piauiense.

Abdias Neves retratou o cotidiano da sociedade piauiense, satirizou, dentre alguns aspectos, a excessiva religiosidade das mulheres e, por outro lado, destacou a função dos intelectuais recém chegados dos grandes centros do país como formadores de opinião, críticos de uma sociedade que consideraram retrógrada e conservadora, vez que propuseram uma sociedade inspirada nos ideais da modernidade e civilização, onde a Igreja Católica

---

<sup>17</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 253.

teria espaço restrito ou quase nulo. Neste sentido, procuramos perceber no estudo da vida e da obra de Abdias Neves uma possibilidade, dentro de um número maior de chaves de leituras, para compreender a realidade do Piauí no contexto do processo de secularização da sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX.

Buscamos analisar como Abdias Neves observou sua cidade, seu estado, sua região. As observações do biografado estão imersas no discurso de modernização da época que viu os estados do Norte como uma área esquecida pelos poderes públicos, uma região sem higiene, padecendo o flagelo periódico das secas. No discurso de Abdias Neves está presente a visão de uma região em que a população se habituou a confiar antes em si que nos poderes públicos. Para ele, o Piauí necessitava da “valiosa” colaboração dos políticos locais, que atuando na esfera política estadual e federal solucionariam o problema do “atraso histórico” no qual vivia imersa a região desde os primórdios de sua colonização.<sup>18</sup>

Em 1922, *La Nación*, de Buenos Aires, deu uma edição especial comemorativa do primeiro centenário de independência política de nossa pátria. Convidado para escrever a parte referente ao Piauí [Abdias Neves], saiu-se galhardamente o ilustre periodista, ocupando, com um consciencioso trabalho informativo, quatro páginas daquele importante diário sul-americano. Acentua, após longas e minudentes informações, o potencial de riqueza, as grandes possibilidades do Estado, e lamenta que este tenha ficado esquecido e abandonado durante muitos anos pelos poderes centrais, sofrendo ademais, como até agora sofre, o prejuízo decorrente de acirradas lutas político-partidárias.<sup>19</sup>

Tomamos como fundamento de nossa investigação a produção literária de Abdias Neves. Como o literato, anticlerical, maçom e político interpretaram a sua região, a sua cidade: economia, sociedade, política, religião. Tentamos perceber como Abdias Neves foi

---

<sup>18</sup> NEVES, Abdias. *O Piauí na Confederação do Equador*. Teresina: EDUFPI, 1997.

<sup>19</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Frases e Notas*. Rio de Janeiro: PONGETTI, 1957, p. 92.

impulsionado por uma necessidade de entender seu mundo e o transformar. Que idéias nortearam seu entendimento do mundo? Quais os seus ideais de transformação?

Abdias Neves fez uma apologia à sociedade secular, ao liberalismo, ao anticlericalismo, entendendo-os como elementos fundamentais para transformar a sociedade.

É oportuno destacar que Abdias Neves tinha vantagens próprias, era bacharel, inteligente, escrevia bem, mas, também, eram as relações de parentesco, de clientelismo e de proteções que davam o tom à política local e brasileira. Foram essas alianças que o ajudaram a se projetar na vida política do Piauí? Por que Abdias Neves teve uma ascensão política tão rápida? Que grupo o apoiou? Que idéias e projetos políticos defendeu? Quais as alianças políticas que estabeleceu? Como jogou as cartas na vida política? Como conseguiu se elevar acima de um degrau médio na hierarquia política e literária? De quais protetores políticos dependeu? Quais as imagens e representações que foram feitas em torno do intelectual, do político? Como Abdias Neves teve a sua imagem pública construída por seus contemporâneos, por seus biógrafos e por ele mesmo? Como Abdias Neves emergiu como uma força política e literária a ser considerada no Piauí do início do século XX? Como entendeu o mundo? Como o registrou? Como se posicionou nele? Como participou da transmissão do pensamento por meio de símbolos impressos?

Utilizamos todos os documentos que julgamos poder nos ajudar na construção da biografia e do contexto de Abdias Neves. No itinerário da pesquisa esteve presente a consulta a jornais e revistas publicadas em Teresina e no Rio de Janeiro, nas três primeiras décadas do século XX, folhetos e livros, não só produzidos por Abdias Neves, mas por pessoas que fizeram parte de seu cotidiano, bem como biografias, memórias, obras

literárias, fontes diversas que tratam das questões que envolvem a temática, o tempo e o espaço tratados nesta investigação. Além dos textos citados, foram consultadas obras que registram as polêmicas e as controvérsias do momento e as novas opções teóricas e metodológicas que envolvem a pesquisa histórica e, em particular, a biografia como um instrumento desse tipo de pesquisa. Não deixamos de relacionar o contexto geral do Brasil e do mundo com o cotidiano da cidade de Teresina, destacando as discussões intelectuais da época, bem como os ideais de modernização e seus conflitos. Enfim, como as novas e as velhas idéias dos livres-pensadores nortearam a proposta de modernização para a sociedade, como a noção de ser moderno abria mão de atitudes conservadoras como, por exemplo, a oposição de intelectuais e livres-pensadores à emancipação feminina no espaço público da cidade.<sup>20</sup>

A partir dessas indagações, organizamos a tese em quatro capítulos.

No primeiro, *O desmoronar das utopias (1925-1928)*, mostramos Abdias Neves e o sofrimento dos últimos anos de sua vida. Intelectual que viveu a maior parte de sua existência em Teresina, que observou e escreveu sobre a sua região, sobre o seu estado, sobre a sua cidade. Em 1925, já no final de sua vida, o biografado se diz triste, desiludido e sem esperanças. Abdias Neves é um homem que se sente excluído dos mecanismos de poder que ajudou a construir e do qual fez parte. Encontramos o literato e o político com seus sonhos e projetos vencidos. Abdias Neves, sujeito de origem familiar humilde, que conseguiu se formar bacharel em Direito no Recife, ascender ao cargo de Senador da República e estar no centro da vida política e literária do Estado.

---

<sup>20</sup> Cf. CUNHA, Higino. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano VII, maio, 1924.

No segundo, *As inquietações religiosas (1900-1915)*, Abdias Neves aparece no centro das manifestações anticlericais ocorridas no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Procuramos identificar e analisar os principais aspectos sobre os quais se debruçou o livre-pensador em seus discursos de teor anticlerical, sua intervenção social e política através da maçonaria, as matrizes de suas posições e a conjuntura sociocultural que permitiu a afirmação de suas idéias.

No terceiro, *A política e a construção da imagem pública (1916-1925)*, percorremos as diversas práticas discursivas que foram elaboradas em torno da imagem pública de Abdias Neves por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo, quando tentamos buscar os sucessos e os fracassos reais e imaginados do biografado, a partir dos espaços de sociabilidade vividos por ele, bem como através de seus escritos, lugares que consideramos privilegiados para explorar a sua vida e a sua obra.

No quarto, *Luzes, progresso e civilização: os estudos de História do Piauí*, buscamos analisar a escrita da história produzida por Abdias Neves. A concepção de história e de ser historiador presente em seus escritos. Apresentamos Abdias Neves como um intelectual interessado pelos assuntos econômicos, sociais e culturais do Piauí.

## Capítulo 1 O desmoronar das utopias (1925-1928)

### 1 O sofrimento dos últimos anos de vida

Estamos em Marvão, hoje Castelo do Piauí, o ano de que falamos é o de 1925. Abdias Neves tem 49 anos e está naquela cidade desde 1924, onde exerce a função de Juiz Interino e recebe “irrisória mensalidade de 600 cruzeiros [sic]”.<sup>1</sup> Ressente-se com o seu destino, bem como pela ingratidão dos homens públicos que o teriam atirado para uma localidade que considerava de cenário provinciano, de vida pacata e onde todos se conheciam. As palavras de Abdias Neves revelam seus sentimentos naquele momento.

Castelo (PI), 6 de abril de 1925

Meu caro Leitão,

Escrevo-lhe, para onde o destino e a ingratidão dos homens me atiraram; mas suas cartas, si as escrever, devem ser dirigidas para Teresina. Viajo para ali nestes poucos dias e penso que não voltarei aqui – pelo menos como juiz. Estou velho, cansado, desiludido, vou reunir-me à minha mulher e à minha filha. Esta é professora de desenho e pintura e piano e está fazendo perto de 300\$, minha mulher cose e ganha também alguma coisa. Irei advogar, ou lecionar. Prefiro ser professor.

Firmada a minha independência relativa a governos, publicarei meu livro “Os bastidores da Política Piauiense” – história dos partidos de 1902 à eleição João Luiz pra governador. Disponho de todos os dados e farei (já está quase concluído) um esboço perfeito da situação do período. Você vai ler coisas que o surpreenderão.

Sobre a política do Rio (meus amigos continuam, do Senado, a corresponder-se comigo) a situação é de segurança e de confiança nas medidas do governo contra os revolucionários. Bernardes está apoiado pelo exército, pela marinha e pelos elementos conservadores. Foi uma tentativa de manobra fracassada antes dos efeitos que eram de esperar. A luta continua pelos sertões de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mas, sempre, vitoriosas, as forças do governo.

Quanto à política piauiense, tudo se reduz a boatos e eliminação do Antonino, do Pedro Borges e do Eurípides, substituição por elementos novos – Antero Rezende (Senado) Armando, Senado, (são as vagas de Antonino e do Palerma). A vaga do Pedro Borges será preenchida por um senhor Napoleão Rego, que é já redator do

---

<sup>1</sup> Notas avulsas escritas por Yara Neves, filha de Abdias Neves.

“O Piauí”. Impagável é que, enquanto se fazem no Estado esses arranjos de família, a política toma, no Rio, rumos que podem dismantelar essa arapuça.

Somente, agora. Sempre  
Am.º grato Abdias Neves.

Abdias Neves não esconde a sua aversão à vida rural, é admirador dos encantos da vida urbana: seus cafés, salões literários, academias, institutos, bailes, gosta da noite, toca flauta, violino e violão “[...] seu mais velho e amado amigo, companheiro de triunfos, irmão de festas e alegrias, mas também que o ajudava a esquecer e adormecer as mágoas e os sofrimentos do coração”.<sup>2</sup> Segundo Monsenhor Chaves<sup>3</sup>, Teresinha Queiroz<sup>4</sup> e Cristino Castelo Branco<sup>5</sup>, Abdias Neves sabia dançar e era figura indispensável nos clubes, cafés e restaurantes de Teresina, por sinal, espaços da urbe apreciados pelos homens da época.

Entre os bacharéis que cultivavam a música e incentivavam o seu desenvolvimento em Teresina, além de Higinio Cunha – ele próprio desasnado no piano, no violão e na flauta – estavam Abdias Neves, também aficionado do piano e descrito sempre como acompanhado de seu indefectível violão, e Gonçalo de Castro Cavalcante, que tocava (e muito bem, segundo as críticas) vários instrumentos e era um nome feito na música local. Quanto aos dotes musicais de Abdias Neves, o folclore da cidade registra que ele tocava, sim, mas tudo muito mal.<sup>6</sup>

Cristino Castelo Branco foi aluno de Francês de Abdias Neves no Ateneu Piauiense, colégio de propriedade do biografado. Castelo Branco descreve o mestre como um intelectual aplaudido e sempre marcando presença nos concertos musicais da cidade.

---

<sup>2</sup> NEVES, Abdias. Violão. A Pátria. Teresina, 23 nov 1905. Apud., CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 609.

<sup>3</sup> CHAVES, Monsenhor, 1998.

<sup>4</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: FCMC, 1994.

<sup>5</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Frases e Notas*. Rio de Janeiro: PONGETTI, 1957.

<sup>6</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 47.

Bom, acessível, sem preconceitos, gozava de grande popularidade. Amava a música e a poesia. Escreveu sonetos inspirados e tocava flauta, piano e violino. Dançador exímio, era figura obrigatória nos salões de baile, principal diversão da terra naquele tempo.<sup>7</sup>

Sendo um homem urbano, Abdias Neves não se sentia encantado pela vida campestre, onde eram comuns as práticas de procissões religiosas, como forma de implorar a Deus pelas tão almeçadas chuvas, numa região onde as secas eram e são constantes. Procissões marcadas pela presença de grande número de fiéis, que exibiam a imagem dos santos padroeiros do lugar, entoavam cantos, sempre fiéis e respeitosos para com o ritual religioso. Era uma rotina tradicional, marcada pela fé no milagre dos poderes divinos, agentes capazes de fazer o que os homens, aqui na terra, não tinham competência ou interesse para fazer. Além das procissões, a diversão dos fazendeiros era convidar seus amigos mais próximos para os bailes que realizavam em suas casas, encontros que celebravam casamentos, batizados. Nessas festas, eram abundantes a comilança, a dança, os passeios e as corridas a pé e a cavalo, confraternizações que contribuía para dar cor à vida cultural por aquelas paragens.<sup>8</sup>

Abdias Neves tinha permanecido no Recife entre 1894 e 1898 como estudante de Direito; no Rio de Janeiro, de 1915 a 1924, como senador da República. Conhecia valores, normas e costumes das sociedades recifense e carioca. Esteve no Rio de Janeiro, cidade que “[...] exerceu papel preponderante, senão hegemônico, como capital cultural, além de ser o centro das decisões políticas e administrativas”<sup>9</sup>, lugar que representava tudo o que de novo, de moderno existia no Brasil, fruto da atração pela Europa civilizada. Conhecia a elegante Rua do Ouvidor, referência obrigatória na vida cultural carioca, a Confeitaria

---

<sup>7</sup> CASTELO BRANCO, Cristino, 1957, p. 87.

<sup>8</sup> CHAVES, Monsenhor, 1998.

<sup>9</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio da obra de Nicolau Sevcenko *A literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 13.

Colombo, lugar privilegiado de encontro da elite política e intelectual, o Teatro Municipal, os encantos da Ilha de Paquetá, onde tinha uma chácara e se reunia com amigos nos finais de semana. Enfim, esteve em contato com os espaços de sociabilidade marcados pela modernização, pelo refinamento. Como aceitar, agora, viver em uma cidade do interior do Piauí, com características eminentemente rurais? Abdias Neves sentia-se torturado pelas lembranças, pela melancolia e pela exclusão social e política de que se diz vítima.

Quem o conheceu nos últimos anos de sua vida, mesmo como nós que aí viemos a conhecer, o admirar e a querer o seu espírito, sempre aceso, sempre lúcido, a sua inteligência sempre forte, a criar para a vida, porque sempre sentido e auscultando a vida em torno – há de, fatalmente, fazer a justiça de afirmar, sem receio de erro, que Abdias nunca foi, não foi mesmo, nesse último ciclo de sua carreira – um obscuro, um vencido, uma sombra apenas.

Doente, sim, mas um doente original que não temia a febre que lhe trazia as mãos a queimar, e que, mesmo assim, muitas vezes, sentava à mesa de redação e ali o que muitos só produzem à sombra discreta dos gabinetes, entre meros altos de lombadas clássicas, de penas apagadas e de punhos de renda – ele, com a elegância antiga no dizer, com a justiça e precisão do conceito a emitir, da análise a fazer, trabalhava, artista perfeito, a golpes infalíveis, singelamente à lápis.

Fosse no ‘a lápis’, a crônica ligeira que, muitas vezes, arrancava à última hora, e diga-se em verdade, nos últimos tempos de sua vida de jornalista e escritor, emprestava brilho às colunas desta folha, fosse Teofrasto, fossem as simples iniciais do seu nome, A N., era sempre igual e perfeita a imagem, sempre luminosa, o reflexo de sua individualidade.<sup>10</sup>

Mesmo atormentado pela tuberculose que o acometeu nos últimos anos de sua vida, Abdias Neves continuava a redigir artigos e crônicas para o jornal *O Piauí*<sup>11</sup>. Nos anos

---

<sup>10</sup> SERVIO, Joel de Andrade. Abdias Neves. *O Piauí*. Teresina, ano XXXIX, n. 192, 28 ago, 1929.

<sup>11</sup> Órgão do Partido Conservador. Fundado e redigido por Antônio Coelho Rodrigues e Agesilau Pereira da Silva. Circulou durante oito anos até o número 292, sendo substituído por *Opinião Conservadora*. Reapareceu com o número 293 em 1876. Era impresso por Honório José de Sousa, tendo como redatores Carlos Martins, Helvídio Clementino de Aguiar, Luís Rodrigues Elvas e o Cônego Tomás de Moraes Rego. Em 1890, circulou como órgão do Partido Federal e era impresso por Adelino José Galvão. Tinha como legenda: “Os espinhos da liberdade são preferidos às flores da servidão. Cf. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997, p. 222. Para Abdias Neves, *O Piauí* circulou em segunda fase a partir de 14 de junho de 1891, em substituição à Democracia. Era folha oficial do governo do Estado, com formato regular e publicação semanal. Teve como redatores, nessa segunda fase, entre outros, Anísio de Abreu, Avelino de Abreu, Miguel Rosa, Matias Olímpio e G. de Castro Cavalcanti. Cf. NEVES, Abdias. *A Imprensa no Piauí*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: *Imprensa Nacional*, v. 1, Tomo II, 1908, p.213. (Tomo consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil, promovida pelo mesmo Instituto.).

anteriores a 1925, fora figura indispensável nas páginas dos jornais de Teresina e do Piauí, seja como literato, seja como político. Dificilmente encontramos um jornal que não traga uma nota sobre Abdias Neves, seja escrevendo, proferindo conferências, participando da vida lúdica e cultural da cidade com seus clubes recreativos, cinemas, teatros, passeios públicos, institutos literários, maçonaria, seja envolvendo-se nas contendas políticas e religiosas locais, enfim agindo sempre de forma muito visível nos espaços de sociabilidade de seu tempo.

Abdias Neves diz-se desencantado com o ciclo vicioso das relações de poder e parece não pretender uma resistência, mas somente livrar-se de tais armadilhas, seguir o curso de uma vida não mais ligada às tensões político-partidárias, dedicando-se ao magistério, à produção jornalística, historiográfica e literária. Notamos o desencanto do literato com os mecanismos de poder. Abdias Neves percebe-se como derrotado, menosprezado. Sente-se excluído e vítima da história política do País e de seu Estado em particular. Considera-se discriminado e marginalizado, coloca-se como explorado por um mecanismo de poder do qual fez parte, esteve no poder, sendo, agora, segundo ele, objeto de discriminação e de exclusão. O próprio Abdias Neves se impõe um lugar na história – o de esquecido, de derrotado, embora a realidade possa mostrar o contrário.

O biografado faz um discurso a favor do capitalismo competitivo, do esforço pessoal como garantia de posições de destaque na vida social e política, mas ignora o caráter excludente desse sistema do qual ele foi vítima, ao ser alijado dos processos políticos que ajudou a construir. Uma vez fora do poder, Abdias Neves assume uma posição igualitária, íntima e humilde, bem diferente daquele indivíduo de condição elevada, que tinha sido no passado.

Abdias Neves foi exemplar na condição de bacharel-literato-político, com interferência na sociedade, seja como homem de letras, seja como político. Miguel de Matos e Artur Passos<sup>12</sup>, biógrafos de Abdias Neves, construíram a imagem de um indivíduo forte e inteligente, privilegiando as ações de líder político, um homem sem contradições, sem tensões. Já a imagem que Abdias Neves faz de si, no final da vida, revela um homem tenso e angustiado, marcado pelo signo da frustração, considerando-se vencido pelos fatos.

Queiroz<sup>13</sup> destaca que os escritos posteriores aos anos trinta do século XX tendem a caracterizar intelectuais como Higinio Cunha<sup>14</sup>, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas<sup>15</sup> e Miguel Rosa<sup>16</sup> como “vencidos”. Em verdade, o que aqueles intelectuais sentem é uma profunda nostalgia dos momentos em que estiveram nos postos de comando, a melancolia e as frustrações estão relacionadas à exclusão dos centros do poder político local.

O engajamento na vida literária e política tinha custos pessoal e social elevados, pois era comum, no exercício da atividade intelectual, o indivíduo faltar com o respeito e consideração por um de seus pares. Em um jornalismo considerado “sujo” pelos intelectuais da época, a descompostura era a tônica. O articulista *d’Apóstolo*<sup>17</sup>, jornal da diocese do Piauí, traça um perfil de Abdias Neves, realçando características que o desqualificavam como homem e como literato.

---

<sup>12</sup> MATOS, J. M. *Evocação de Abdias Neves*. Teresina, 1976; PASSOS, Artur. *Abdias Neves: homens e eventos de sua época*. Teresina, 1966.

<sup>13</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994.

<sup>14</sup> Viveu entre 1858 e 1943.

<sup>15</sup> Viveu entre 1855 e 1924.

<sup>16</sup> Viveu entre 1876 e 1929.

<sup>17</sup> Jornal de propriedade da Diocese de Teresina. Fez campanha política para a União Popular, partido apoiado pelo clero. Tinha como redator-chefe Elias Martins, um dos mais ferrenhos críticos das posições políticas e religiosas de Abdias Neves. *O Apóstolo* circulou de 1908 a 1912, quando foi empastelado pelo governo de Miguel Rosa, um dos protagonistas da luta político-religiosa entre Igreja e Maçonaria no Piauí.

O Abdias teve o desaforo de chamar o padre Cícero feio. Num concurso de beleza, ainda que o autor do Manicaca subornasse os votantes, seria derrotado pelo seu contendor. Se duvidam, aí vai o fiel retrato do Abdias Neves.

Baixo, de olhos rasgados, entanguido;  
Bigodinho com cheiro de pomada;  
Um caminhar faceiro, sacudido;  
Ar pedantoso, fala esganiçada.  
Um rosto de espantar a meninada;  
Feioso, sorumbático, comprido;  
Metendo-se em casaca bem talhada;  
Parece um macaquinho divertido.  
Cabelo cor de burro fugitivo.  
Nas loucas pretensões de ser poeta,  
Faz vômitos: é Nero redivivo.  
É um palhaço, em meio de imbecis,  
A clássica figura de um pateta,  
Um homenzinho preso num nariz.  
Agora responda por si  
Tal caricatura pode falar em beleza  
Num clube de feios seria o presidente<sup>18</sup>

É oportuno destacar que as críticas feitas por Abdias Neves à política local estavam imersas no contexto da época, momento em que as contradições, as lutas entre famílias, as relações de força se alteravam, e se estabelecia uma série de adesões, cisões, coligações, congraçamentos, sempre com os grupos detentores do poder, em cada momento, defendendo os seus empreendimentos. Excluído das posições de mando, é fácil compreender o porquê das críticas do biografado. Abdias Neves diz não mais querer continuar como representante daquele modelo político e que deseja firmar sua independência em relação ao governo local, pretende dedicar-se ao magistério, a escrever, o que diz, realmente, gostar de fazer. Tem um projeto: publicar o livro *Os bastidores da política piauiense*, uma proposta de traçar a história dos partidos políticos de 1902 à eleição de João Luis Ferreira<sup>19</sup> para o governo estadual. Promete fazer um esboço da situação política do período, publicando fatos que surpreenderiam o leitor.

---

<sup>18</sup> BRAZ. Um retrato. *O Apostolo*. Teresina, ano V, n. 233, 03 set. 1911, p. 1.

<sup>19</sup> Viveu ente 1881 e 1927.

Na verdade, Abdias Neves está saudoso de seus momentos de glória, fala com nostalgia de seus amigos do Senado, com os quais ainda mantém algum contato. Faz muitas críticas à política do Estado, que considera marcada por arranjos diversos. Sente-se inquieto e angustiado, pois vê seus projetos e sonhos vencidos em meio a um contexto, que ele considera tenso e contraditório. Muitos desencantos e desencontros marcam a sua existência nesse momento.

A filha de Abdias Neves, Yara Neves, em 1947, dezenove anos após a morte do pai, expressa todo o seu descontentamento em relação ao desprezo que, para ela, a sociedade piauiense mantinha pela memória do intelectual. A fala de Yara Neves aproxima-se muito do sentimento vivido pelo biografado no final de sua vida.

[...] Invejado, incompreendido, traído, ocasiões várias se viu envolvido nas intrigas tacinhas dos politiqueiros. Uma das suas grandes decepções: havia o compromisso formal dos seus conterrâneos de ser incluído na chapa de deputados federais na eleição de 1924. Só pela publicação da mesma viu a felonía. Fora excluído sem nenhuma palavra. De regresso ao Piauí, esse homem de valor, que representou o seu Estado com destaque foi banido para o interior (Castelo, Marvão), com a nomeação de Juiz Interino e a irrisória mensalidade de menos de 600 cruzeiros! Os periódicos cariocas fizeram críticas severas ao governador de então, que o chamou para a Secretaria de Assembléia Estadual. Os dirigentes do Piauí nunca se lembraram do seu nascimento. Em Teresina não existe uma avenida, uma praça, uma rua que lembre a sua personalidade. Havia um grupo escolar, padrão, em prédio próprio, com o seu nome, lembrança de Martins Napoleão, quando na pasta de Instrução. A viúva, imediatamente, instituiu o Prêmio Abdias Neves, para o aluno que terminasse o curso com as melhores notas. Mesmo daí, era preciso que o nome de Abdias Neves desaparecesse e na carta da Constituição Estadual, agora promulgada, consta uma parte que manda ceder o prédio para a Faculdade de Direito! (Esta, já possuía terreno e numerário para a construção da sua sede). As professoras se movimentaram. Fizeram um apelo à egrégia Assembléia. Deputados prometeram defender a causa. Na votação, todavia, esqueceram a palavra empenhada e alguns até se levantaram em discursos bombásticos e incongruentes, votando a favor da Faculdade! Deixou, assim, de ser lembrado em público o grande piauiense. Há 19 anos morria o homem. Hoje, espíritos mesquinhos de alguns piauienses apagaram a única lembrança dada à individualidade radiante, ao escritor fecundo, ao mestre sincero, ao poeta apaixonado das coisas maravilhosas do espírito, ao político ímpoluto e ao *Pontifex Maximus* da literatura piauiense.

Rio – agosto – 1947

A carreira política de Abdias Neves teve um curso um tanto quanto diferente do convencional. Além de não pertencer a nenhuma família influente no Estado, não foi Governador, nem Deputado Estadual ou Federal, mas teve uma ascensão política relâmpago, se comparada a dos outros bacharéis do período, vez que assumiu uma vaga como senador da República, 1915 e 1924, sem passar pelos trâmites tradicionalmente construídos.

Abdias Neves não era descendente das oligarquias políticas dominantes no Estado do Piauí, ao contrário, era filho de uma família humilde, sem posses. O avô de Abdias Neves, por exemplo, Antônio da Costa Neves foi impressor do Jornal *A Ordem*, que circulou a partir de 1853<sup>20</sup>. Sua ascensão social e política podem ser justificadas por ter se engajado no jornalismo político, na maçonaria, por ser homem inteligente, bacharel, casado com a filha de um rico comerciante local – Manoel Raimundo da Paz.

Para sua filha, Abdias Neves foi um exemplo de professor, historiador e político. Incompreendido por seus contemporâneos, que, segundo, ela, não souberam reconhecer o mérito desse grande homem. Para ela, Abdias Neves:

Não morreu apagado nem esquecido. Morreu pobre. Nunca soube ser oportunista. Abdias Neves era um homem bom. Amigo leal, caridoso, sem alarde, fazia todo o bem possível. Sua vida foi uma epopéia, sua morte uma consagração jamais vista em Teresina. Ricos e pobres, potentados e humildes o acompanharam chorando. [...] Na terra esforçar-me-ei por te fazer justiça e te defender das ingratidões dos homens que não te deixaram em paz de boa vontade. Que o Sr. Magalhães Júnior rumine (desculpe o plágio) o sintético apanhado sobre Abdias da Costa Neves e não escreva mais de OITIVA, no frasear do caboclo nordestino, referindo-se aos que tocam por ouvir tocar e falam por ouvir falar.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Cf. PINHEIRO FILHO, Celso, 1997, p. 46.

<sup>21</sup> Notas avulsas de Yara Neves.

Abdias Neves morreu na cidade de Teresina em 1928, aos cinquenta e dois anos de idade. Segundo Yara Neves, converteu-se ao catolicismo horas antes de morrer, dizendo haver “penetrado a verdade”. É comum encontrarmos, em jornais da época, depoimentos da família sobre a mudança de atitude religiosa dos livres-pensadores, provavelmente como forma de alterar a imagem que havia sido construída desses intelectuais por uma sociedade católica, que considerava os anticlericais como ateus, anticatólicos e irreligiosos. Abdias Neves era maçom, teve enterro maçônico, seu caixão foi coberto com a bandeira da Maçonaria.<sup>22</sup>

## 2 As ligações familiares

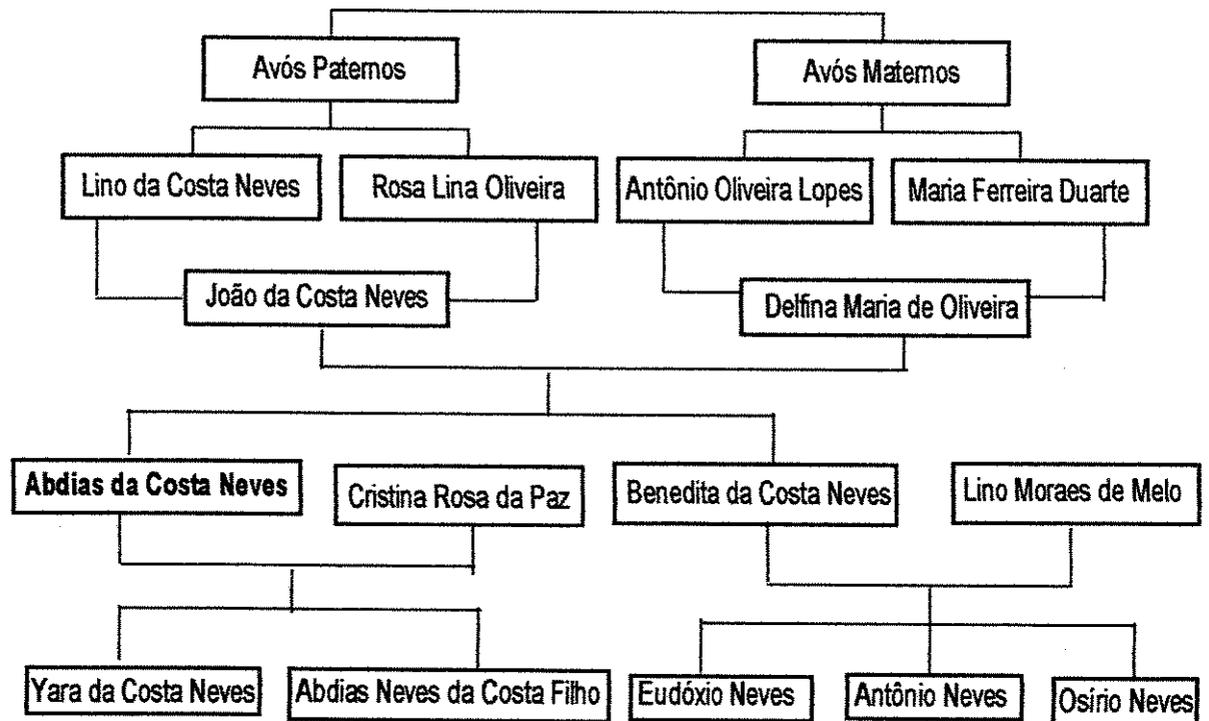
Abdias da Costa Neves nasceu no dia 19 de novembro de 1876 em Teresina, capital do Estado do Piauí. Seu pai, João da Costa Neves, era escrivão dos Feitos da Fazenda Estadual do Piauí, natural de Caxias, no Maranhão; sua mãe, Delfina Maria de Oliveira, era piauiense da antiga freguesia de Santo Antônio do Surubim, hoje município de Campo Maior.

Muitas foram as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, entre as quais a fragmentação e precário estado de conservação da documentação, constante do acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí, e ainda o pequeno número de indivíduos que compõe a linhagem do biografado. Eram os parentes de Abdias Neves poucos visíveis na vida política e social do Piauí, além disso, os trabalhos biográficos sobre Abdias Neves deixam a desejar quanto à pesquisa documental, entretanto, recorreremos, mesmo assim, a esses

---

<sup>22</sup> Segundo Yara Neves, estas foram as últimas palavras do pai. Teria dito Abdias: - Agora sim, vou morrer. Saibam que estou salvo. Não sou ateu, enxerguei a verdade, foi um milagre. Sim. Graças a Deus. Notas avulsas da filha de Abdias Neves.

estudos, às notas deixadas pela filha, Yara Neves, e ainda a trabalhos sobre a imprensa e a literatura piauienses, o que nos permitiu reconstituir parcialmente a árvore genealógica do biografado:



**Figura 1 - Árvore genealógica de Abdias Neves**

Abdias Neves estudou o curso preparatório no Liceu Piauiense em Teresina. Em 1894, aos dezoito anos de idade, seguiu para Recife, onde se formou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito, em 1898.

Em 1900, já em Teresina, casou-se com Cristina Rosa da Paz. Após o casamento, Abdias Neves exerceu, em Piracuruca, a função de Juiz de Direito Interino. Teve dois filhos: Abdias Neves Filho nascido em Teresina em 1903, carinhosamente chamado pela família de Bayard. O rapaz morreu em 1918 de meningite cérebro-espinhal, adquirida aos

quinze anos de idade no Rio de Janeiro quando era estudante no Colégio Militar, e Yara Neves, nascida em 1901, em Piracuruca. Segundo Yara Neves, só foi batizada em 1924, Abdias Neves não era casado no ritual católico. A filha de Abdias Neves ocupou a cadeira de Jônatas Batista na Academia Piauiense de Letras, residiu até a sua morte, na cidade do Rio de Janeiro. Yara Neves exerceu, naquela cidade, a função de Chefe do Serviço de Cadastro da Secretaria de Educação e Cultura. Casou, em 1929, com José Borges de Melo, que era industrial, ficou viúva em 1946.<sup>23</sup> Yara Neves não teve filhos naturais, mas uma filha adotiva que, ainda hoje, mora no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Cristina Rosa da Paz, mulher de Abdias Neves, era filha de Manuel Raimundo da Paz, comerciante bem sucedido, que chegou a ocupar o cargo de presidente da Junta Comercial do Estado. Exerceu, em 1893, o cargo de primeiro intendente da cidade de Teresina, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Piauí. Após a morte de Anísio de Abreu<sup>24</sup>, em 1908, por ser o presidente da Assembléia Legislativa do Estado e por recusar-se o vice-governador a assumir o executivo estadual, sem a votação dos deputados, Manuel Raimundo da Paz passou a ocupar o cargo de Governador do Estado até 1910, quando Antonino Freire<sup>25</sup>, vice-governador, eleito pelo Legislativo Estadual, completou o quadriênio do governador falecido. Manoel Raimundo da Paz foi, também, deputado

---

<sup>23</sup> Muitas dessas informações chegaram até nós graças ao encontro que tivemos em julho de 2002, no Rio, com a filha adotiva de Yara Neves, que vive em Copacabana e mantém objetos, livros, fotos e notas pessoais de Abdias Neves, que eram cuidadosamente colecionados por Yara.

<sup>24</sup> Nasceu em Teresina em 1862 e morreu na mesma cidade em 1909. Em 1882, entrou para a Faculdade de Direito do Recife e em 1908 foi eleito governador do Piauí pelo Partido Republicano Conservador.

<sup>25</sup> Nasceu em Teresina em 1876 e morreu na mesma cidade em 1934. Em 1894, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Politécnica. Em 1899, formou-se em Engenharia. Em 1908, foi eleito vice-governador no Governo com Anísio de Abreu. Em 1910 foi eleito Governador do Estado, ficando no cargo até 1912.

estadual por muitos anos, estando sempre ao lado dos conservadores do regime imperial<sup>26</sup> e permanecendo com eles após a proclamação da República.

Abdias Neves esteve em Piracuruca como Juiz de Direito Interino até 1902, quando voltou para Teresina e foi nomeado Substituto de Juiz Federal na Secção do Estado do Piauí, cargo que ocupou até 1914, quando concorreu a uma vaga no Senado Federal pelo Partido Republicano Conservador, ocupando uma cadeira no Palácio Monroe, no Rio de Janeiro em 1915. Abdias Neves foi Secretário de Governo na gestão de Miguel de Paiva Rosa<sup>27</sup>, em 1924, seguiu para Castelo do Piauí, onde exerceu a função de Juiz de Direito. Foi, também, Procurador Fiscal da Fazenda no Piauí. Participou ativamente da imprensa local como fundador e redator de diversos jornais de cunho político e anticlerical. Escreveu trabalhos sobre religião, história e política.<sup>28</sup>

Abdias Neves fez parte do Partido Republicano Conservador e teve como aliados políticos: Antonino Freire, governador do Estado entre 1910 a 1912, e Miguel Rosa, governador do Piauí entre 1912 a 1916. Com Miguel Rosa foi um dos protagonistas das contendas políticas e religiosas que envolveram, no Piauí, a Igreja e a Maçonaria.

---

<sup>26</sup> Assim como no restante do país, no Piauí, liberais e conservadores se revezaram no poder até a Proclamação da República. As diferenças entre ele não eram essenciais.

<sup>27</sup> Nasceu em Teresina em 1876 e morreu na mesma cidade em 1929. Político, advogado e jornalista, Miguel Rosa exerceu o cargo de governador do Piauí entre os anos de 1912 a 1916. Com Abdias Neves foi um dos polemistas nas questões que envolveram clericais e anticlericais no Piauí no início do século XX. Estudou e se formou bacharel em Direito no Recife na mesma época de Abdias Neves – 1894-1898.

<sup>28</sup> Dentre esses trabalhos poderemos citar: *Psicologia do Cristianismo*. Teresina: Papelaria Veras, 1910; *A Guerra de Fidié*. Teresina: [s.n.], 1907; *O Piauí na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921; *O Brasil e as esferas de influência de Paz*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919; dentre outros que citaremos ao longo deste trabalho.

## ABDIAS NEVES, FAMÍLIA E AMIGOS



Figura 2 - Abdias Neves – Formatura 1898



Figura 3 - Abdias Neves antes de 1915



Figura 4 - Abdias Neves depois de 1915



Figura 5 - Abdias Neves – Rio de Janeiro em 1916



Figura 6 - Após 1915. Abdias Neves, filha, mulher e amigos na Praça 15 no Rio de Janeiro. Partida para a Ilha de Paquetá.



Figura 7 - Abdias Neves e o amigo Hélio Castelo Branco – Rio de Janeiro 1915

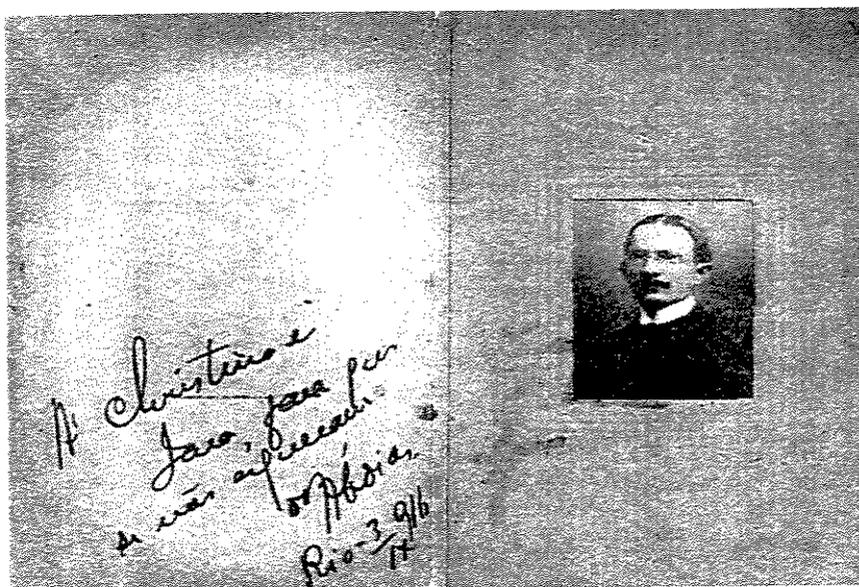


Figura 8 - Abdias Neves – Rio de Janeiro 1916

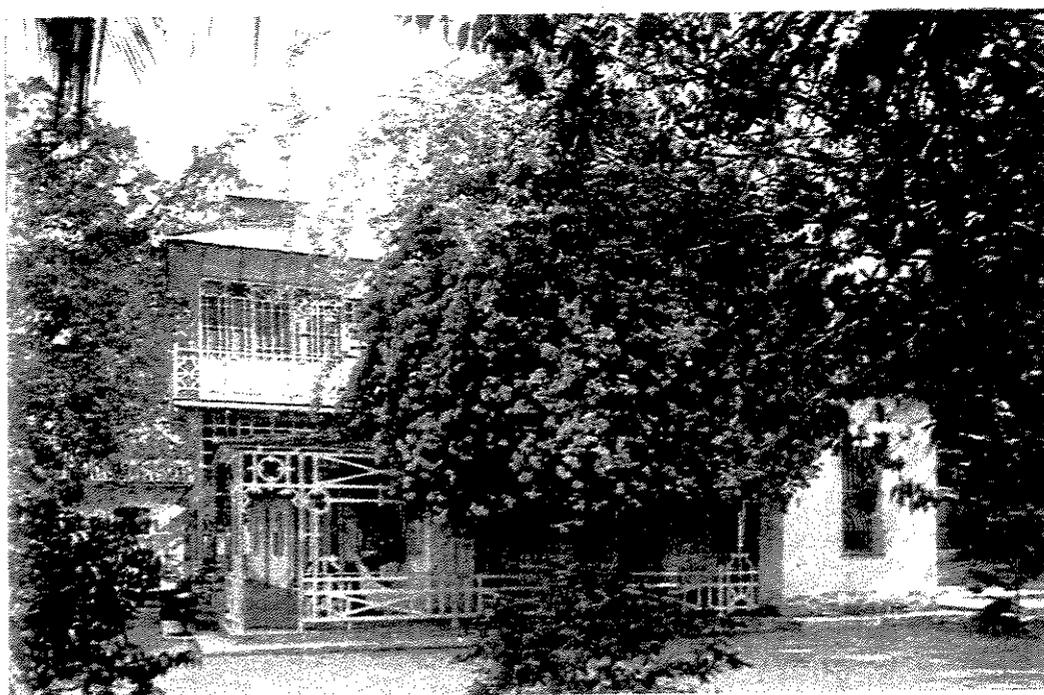


Figura 9 - Casa de Abdias Neves na Ilha de Paquetá no Estado do Rio de Janeiro 1916

## Capítulo 2 As inquietações religiosas (1900-1915)

Assistimos ao crepúsculo dos deuses que morrem, numa agonia lenta, atormentada pelo desespero dos que, em vão, procuram salvá-los. Não fiquemos indiferentes. Apressemos a sua morte, porque, ao crepúsculo, sucederá, não a noite, mas a alvorada radiosa, precursora do novo sol que vai iluminar o mundo.

(Abdias Neves. *Psicologia do Cristianismo*)<sup>1</sup>.

### 1 Introdução

Abdias Neves esteve no centro das manifestações anticlericais ocorridas no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Procuramos identificar e analisar os principais aspectos sobre os quais se debruçou o livre-pensador em seus discursos de teor anticlerical, sua intervenção social e política através da maçonaria, as matrizes de suas posições e a conjuntura sociocultural que permitiu a afirmação de suas idéias.

Partimos do pressuposto de que as manifestações anticlericais no mundo ocidental foram resultado do movimento secularizador iniciado no século XVIII e que se tornou mais intenso a partir da segunda década do século XIX, quando Igreja e Estado se enfrentaram e lutaram para construir e ocupar espaços sociais, por reformularem as relações entre religião e política. Para Gerardo Caetano e Roger Geymonat, ao estudarem o processo de secularização no Uruguai entre 1859 e 1919, as respostas dadas por aquelas instituições não foram monolíticas, o que gerou uma série de tensões e disputas internas. Para eles, o processo de secularização, ao tempo em que comporta características universais, traz, em seu bojo, elementos particulares e locais.

Al referir-se a los rasgos más distintivos de la peripezia del catolicismo occidental desde 1850 en adelante, lo primero que debe señalarse es ese contexto

<sup>1</sup> NEVES, Abdias. *Psicologia do Cristianismo*. Teresina: Papelaria Veras, 1910, p. 296.

más general de enfrentamiento y polarización entre la Iglesia y el 'mundo' en ascenso de la modernidad liberal. En medio de un auténtico 'giro de época', católicos y liberales anticlericales confrontaron programas y modelos acerca de tópicos tan amplios y diversos como las relaciones entre Iglesia y Estado, el 'lugar' de lo religioso en la sociedad, los derechos y deberes de las instituciones religiosas en general, los límites y alcances del pluralismo y de las libertades públicas e individuales, etc. En el marco de aquel duelo exacerbado, casi no hubo tema relevante que quedara afuera de la agenda de controversias de la secularización, lo que de paso venía a trasuntar la centralidad de este proceso en el seno de aquellas sociedades en vías de modernización.<sup>2</sup>

Todavía, o termo anticlerical só surgiu em 1852, na França, em oposição a clerical, referindo-se ao que é próprio dos clérigos. Em 1848, também em território francês, passa a ser difundido o termo clerical, que teve seu uso mais intenso em jornais e livros, a partir de 1860, em oposição ao termo anticlericalismo, cujos defensores propunham-se a combater a Igreja Católica de Roma e sua intolerância. Naquele momento, na França, desenvolveram-se acirradas contendas entre clericais e anticlericais, que foram analisadas por René Remond<sup>3</sup>.

Thales de Azevedo compreende que as manifestações anticlericais ocorridas na Bahia no início do século XX só podem ser compreendidas dentro do contexto de secularização da sociedade ocidental. Para ele:

[...] Desencadeia-se desde então um movimento que assume vulto e agitação nos primeiros anos do século corrente [o autor se refere ao século XX] com a campanha e as medidas do ministro Émile Combes contra as congregações religiosas; fecham-se milhares de escolas católicas, proíbe-se o ensino religioso nas escolas públicas, em continuação, aliás, da política do partido liberal pela supressão da Companhia de Jesus e a abundante legislação do ministro da Instrução Jules Camille Ferry quanto ao ensino. Desdobra-se essa luta por todo o século e vem ao presente, com surtos, a diversas ocasiões, na Itália, na Espanha, Portugal, Bélgica, Áustria por inspiração liberal, maçônica ou socialista e, em certos aspectos atingindo protestantes e judeus [...].<sup>4</sup>

<sup>2</sup> CAETANO, Gerardo; GEYMONAT. *La secularización uruguaya (1859-1919)*. Catolicismo y privatización de lo religioso. Argentina: Taurus, 1997, p. 31.

<sup>3</sup> REMOND, René. *L'Anticlericalisme en France: de 1815 à nos jours*. Paris: Éditions Complexe, 1985.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Thales de. *A guerra dos Párocos: episódios anticlericais na Bahia*. Salvador: EGBA, 1991.

Os anticlericais criticaram o clero católico, a legitimidade do sacerdócio e as riquezas da Igreja. Temiam que a instituição eclesiástica ascendesse ao poder, recobrando o controle do espírito público, restabelecendo o reino da intolerância e da inquisição. Identificava o padre como representante de um sistema caduco, ultrapassado e desprezível, para os livres-pensadores, os ministros católicos deveriam permanecer na sacristia. A proposta anticlerical era a de libertar a sociedade do que seus defensores consideraram irracional, supersticioso. Desse modo, para os livres-pensadores, era necessário que a sociedade civil se tornasse independente de qualquer influência da Igreja, tendo em vista que tal influência era considerada maléfica, pernicioso, daí divulgarem idéias de separação entre Igreja e Estado e serem hostis à ingerência do clero na vida privada ou nas atividades públicas. Inspirados pelas idéias de Montesquieu e Voltaire, satirizaram a hierarquia eclesiástica, o credo católico e terminaram por repetir a inventiva voltaireana *Écrazez l'infâme*, retomando, segundo Cassirer, o traço característico do século das luzes, ou seja, uma atitude crítica e céptica em face da religião.

[...] Para Voltaire, não é a fé o que ele combate, mas a superstição, não a religião, a sua validade, a sua pretensa verdade. Censura-lhe não ter freado desde sempre o progresso intelectual, mas, além disso, ter revelado incapaz de fundar uma verdadeira moral e uma ordem política e social justa.<sup>5</sup>

Por outro lado, é importante destacar que as proposições dos anticlericais não se colocaram no patamar de um sentimento ateu ou anti-religioso. No caso do anticlericalismo português evidencia-se que:

O anticlericalismo liberal não é a expressão de uma posição anti-religiosa ou anticatólica, mas sim a manifestação de uma atitude crítica e simultaneamente

---

<sup>5</sup> CASSIRER, Ernest. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992, p. 190.

reformista em relação a algumas práticas e devoções religiosas, a certas instituições, como a Inquisição, a Patriarcal e as ordens religiosas, e ao papel e valores do clero na sociedade portuguesa.<sup>6</sup>

Nos Estados do norte do Brasil, as manifestações anticlericais foram, também, intensas, sobretudo, no final do século XIX e início do século XX. Para Karla Martins<sup>7</sup>, as relações entre Igreja Católica, através da elite ultramontana, e intelectuais livres-pensadores, através da maçonaria, na província do Grão-Pará, foram tensas e os embates evidenciaram aspectos político-partidários. Os dois grupos tinham propostas para a construção de uma sociedade a partir dos ideais de progresso, civilização e modernidade. Tanto clericais como anticlericais utilizaram a imprensa periódica para apresentar seus projetos de sociedade, seus discursos tinham em comum o objetivo de desqualificar as propostas de seus contendores.

No Piauí, as polêmicas anticlericais foram capitaneadas por bacharéis, políticos e literatos formados, basicamente, pela Faculdade de Direito do Recife. Esses intelectuais voltaram-se para a produção de temas religiosos, num momento em que as forças católicas organizaram-se em moldes do universalismo romano, ou seja, o ultramontanismo, que apregoava uma adesão total e incondicional ao papa, dentro de uma Igreja de caráter universal sob a orientação da Santa Sé. A Igreja ultramontana pretendeu um controle sobre o mundo moderno e procurou esse controle em vários segmentos da sociedade civil, seja censurando a imprensa anticlerical, considerada ímpia, ou controlando as publicações e as leituras feitas pelos fiéis.

---

<sup>6</sup> VARGUES, Isabel Nobre; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Ideologias e práticas políticas. In: MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 223, v. 2.

<sup>7</sup> MARTINS, Karla Denise. *O Sol e a Lua em tempo de eclipse: a reforma católica e as questões políticas na Província do Grão-Pará (1863-1878)*. 2001. 219 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Clericais e anticlericais se constituíram em elemento forte junto à opinião pública, através da educação, por meio da imprensa e da vida político-partidária, fato que denota um forte conteúdo político nas tensões entre aqueles grupos não só no Piauí, mas no mundo ocidental moderno. No campo literário, foi possível identificar uma grande produção de textos anticlericais, veiculados em jornais, revistas, folhetos, romances e conferências públicas, nos quais os livres-pensadores defenderam a idéia materialista-cientificista-positivista de mundo em suas diferentes versões e criticaram as posições dogmáticas e doutrinárias da Igreja Católica. Usando como arma a palavra, os dois grupos digladiaram-se e construíram o discurso da incompatibilidade de conciliação entre as verdades da religião e da ciência, fato que definiu as dificuldades de relacionamento entre Igreja Católica e maçonaria nos Estados em que as polêmicas foram mais intensas.<sup>8</sup>

Buscamos compreender o anticlericalismo como um conjunto de idéias positivas e não somente um tema de combate, ligado a situações conflitantes e polêmicas contingentes, ou uma mera reação de humor, mas como um fator importante nas lutas políticas travadas no Piauí no início do século XX. O anticlericalismo que agitou os debates mais tempestuosos da crônica jornalística local, brasileira e européia.<sup>9</sup>

As manifestações anticlericais foram ainda pouco avaliadas pela historiografia piauiense. Dentre esses estudos podemos citar *História das Religiões no Piauí*<sup>10</sup>, escrito por Higinio Cunha em 1923 e publicado em 1924. Higinio Cunha, contemporâneo de Abdias Neves, discutiu algumas questões interessantes que nos ajudam a entender o contexto histórico da polêmica que envolveu clericais e anticlericais. Para Teresinha Queiroz esse foi

---

<sup>8</sup> QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas Anticlericais. In: \_\_\_\_\_. *História, Literatura e Sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 69-82.

<sup>9</sup> REMOND, René, 1985.

<sup>10</sup> CUNHA, Higinio. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

o livro de Higinio Cunha que teve maior repercussão, “[...] não propriamente em vista do conteúdo e sim em virtude das promessas de excomunhão partidas do bispo diocesano local [...]”.<sup>11</sup> Queiroz<sup>12</sup> discutiu e apontou um conjunto de textos possíveis de serem consultados para a análise do anticlericalismo. Eurípedes Dourado<sup>13</sup> e Paulo Guttemberg<sup>14</sup> discutiram o anticlericalismo a partir das tensões entre Igreja e maçonaria. No entanto, a maior parte dos textos que se refere ao assunto está dispersa em jornais, folhetos e livros do período. Muitos desses textos continuam desconhecidos e sem divulgação.<sup>15</sup>

Clericalismo e anticlericalismo são compreendidos, aqui, como termos contemporâneos e complementares, à medida que não podem ser analisados separadamente, pois são movidos por algumas idéias mestras que estão presentes nas polêmicas que envolveram os dois grupos no debate ideológico, cultural e político. Nesses debates, foram alvo de críticas os votos perpétuos, o celibato, o batismo, o jesuitismo, o ultramontanismo e as ordens religiosas. O papel da religião na sociedade não foi negado, mas limitado.

No mundo ocidental, foram divulgados inúmeros impressos anticlericais. Os textos se revelaram os mais diversos, alguns de fácil circulação e leitura, acessíveis ao grande público, outros não. A charge, enquanto representação gráfica, foi utilizada por um tipo de anticlericalismo jocoso, satírico, anedótico, pilhérico, caricatural, quando se buscou enfatizar a instituição clerical e não o cristianismo. O traço gráfico de humor não era anti-religioso, anticristão ou ateu, mas uma forma expressiva de linguagem que ridicularizava o

---

<sup>11</sup> QUEIROZ, Teresinha. Notáveis e obscuros: Higinio Cunha e sua obra. *Revista Espaço e Tempo*, Teresina, n. 4, dez. 1996, p. 75.

<sup>12</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994; QUEIROZ, Teresinha, 1998.

<sup>13</sup> DOURADO FILHO, Eurípedes. *Questão Religiosa no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 1991.

<sup>14</sup> CARVALHO, Paulo Guttemberg de. A luta político-religiosa entre Igreja e Maçonaria no Piauí (1902-1914). *Carta CEPRO*, Teresina, v. 11, n. 1, p. 87-114. jul/dez, 1986.

<sup>15</sup> Cf. PINHEIRO, Áurea da Paz Pinheiro. *As ciladas do inimigo. As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

despotismo, o autoritarismo, a intolerância, o luxo, o fanatismo, a superstição, a idolatria, o relaxamento dos costumes e a injustiça da Igreja Católica e de seus ministros. Através do cômico, representava-se uma pessoa, tipo, ação ou idéia de forma distorcida e proposital para realçar aspectos ridículos e grotescos<sup>16</sup>.

Os livres-pensadores defenderam que os valores da ciência positiva eram incompatíveis com a ingerência da Igreja e do clero sobre a sociedade civil. Aqueles intelectuais viram os clérigos como propagadores do ensino permeado de obscurantismo, contraponto ao princípio secularizador, à herança iluminista, estiveram descontentes para com os princípios do clero ultramontano, defensor de Roma.

Componente inseparável da História das idéias desde o início do século XIX aos dias atuais, a história da Maçonaria, do anticlericalismo e do livre pensamento é também a da cultura, da religião, da educação e do poder na sociedade contemporânea. Sistemas característicos de idéias e teorias, o anticlericalismo e o livre pensamento organizaram-se, em diferentes períodos, como movimentos específicos de feições particulares, sobretudo no final do século XIX e início do século XX, articulando-se, em primeiro lugar, com tendências políticas liberais e radicais como o anarquismo e o socialismo e, em seguida, com a Maçonaria e correntes espiritualistas.

Desde meados do século XIX, os movimentos de livre pensamento e anticlericalismo marcaram profundamente a sociedade contemporânea. A crise das religiões cristãs tradicionais, os avanços do pensamento materialista, racionalista e científico, o surgimento de novas formas políticas de pensar o poder, fizeram parte da difusão das idéias anticlericais e de livre pensamento.<sup>17</sup>

Na intensidade das controvérsias, evidencia-se a emergência de sociedades em que se reformularam as relações entre religião e política. Assim, no contexto de secularização da sociedade, a Igreja Católica era duramente criticada, o que fez com que a instituição elaborasse respostas às disputas pelos novos espaços construídos com o advento da

---

<sup>16</sup> FONSECA, Joaquim da. A caricatura como expressão gráfica. In: \_\_\_\_\_. *Caricatura a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1999, p.16-24.

<sup>17</sup> SILVA, Moura Eliane da. Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909). Mesa Redonda Maçonaria e Cidadania. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 19, 1997, Belo Horizonte, ANPUH.

modernidade, fato que gerou polêmicas e litígios entre clericais, livres-pensadores e anticlericais.

Para a elite católica ultramontana, a Igreja deveria ter uma ação enérgica no sentido de reagir a um mundo hostil, no qual Igreja e modernidade liberal confrontavam-se em idéias e ações. A polarização política e ideológica, entre os grupos litigantes, gerou um conflito radical e intransigente, sobretudo no que dizia respeito ao lugar do religioso na sociedade civil. As vias institucionais e políticas foram priorizadas por clericais e anticlericais como lugar para a concretização e difusão de seus projetos sociais.

Com a proclamação da República no Brasil, vivia-se um momento em que estavam separados Igreja e Estado. No Piauí, os livres-pensadores ligados à maçonaria e influenciados pelo positivismo ocuparam espaços no âmbito do poder constituído e falaram desse lugar, com as prerrogativas que o poder lhes conferia. Daí a urgência de ações da Igreja através de suas lideranças. Os diferentes tipos de atitudes políticas da Igreja Católica seguiram a orientação da Cúria Romana. Um exemplo dessa orientação foi a organização de congressos católicos. O primeiro foi realizado em 1900, na Bahia, e o segundo, em 1908, no Rio de Janeiro. Além dos congressos, foram organizados seminários, jornais e partidos políticos, no caso do Piauí, a União Popular.

Frente a uma sociedade cada vez mais secularizada, a Igreja colocava-se em estado de missão, buscava o engajamento de intelectuais católicos, que fossem capazes de sistematizar a intervenção da instituição eclesiástica nas escolhas éticas, sociais e políticas dos homens comuns. Esses intelectuais deveriam mediar a relação entre a religião, que propunha a salvação num momento futuro, e a política, que propunha e regia a sorte dos homens no tempo presente. A política foi o ponto de tensão constante entre os protagonistas do conflito, no qual os livres-pensadores consideraram a religião como elemento

estritamente privado e empenharam-se para que o fosse realmente. Por outro lado, os clericais buscaram influência política e tentaram evitar a marginalização da Igreja Católica nos jogos de poder. A Igreja buscou modelar a conduta social e política dos católicos e repeliu a República leiga, condenou as leis de laicidade e convidou os católicos a se engajarem na luta contra os avanços seculares.

Nesse sentido, os partidos católicos funcionariam como lugar de formação cívica e de engajamento político, já a imprensa e o ensino funcionariam como correntes de opinião e agentes modernizadores. Para a elite eclesial, era preciso enfrentar os adversários no terreno político para eliminá-los e livrar a sociedade de qualquer influência anticlerical. Percebe-se, assim, o maniqueísmo dos embates, das idéias no sentido de eliminar o outro e buscar a tutela da sociedade.

Os impressos católicos também foram volumosos e se revelaram como um importante meio de comunicação para que a instituição eclesiástica se reorganizasse dentro desse contexto de secularização da sociedade, da cultura e das consciências, num momento em que os livres-pensadores defenderam a desclerificação da sociedade e a redução do poder econômico, social e político da Igreja Católica. A elite eclesiástica utilizou, ainda, o púlpito e o confessionário na divulgação de suas idéias. Nos seminários defenderam a ideologia ultramontana ou internacionalismo romano, marcadamente as prerrogativas do Papa em matéria dogmática e disciplinar, dando uma dimensão cosmopolita à doutrina da Santa Sé. O centralismo romano manifestou-se na imprensa, no ensino e na atividade político-partidária.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

Segundo Remond, o anticlericalismo como movimento só teria surgido no século XIX. No campo das idéias, o anticlericalismo não foi uma mera ideologia negativa, porém um campo fértil de proposições, uma matriz de movimento, de idéias políticas que se manifestaram na organização de grupos e ligas, na literatura e na imprensa. Seria, portanto, um campo de ação política, dotado de uma positividade atuante ao denunciar a hipocrisia clerical, construindo um sentido moral/ético laico ao atacar os focos de corrupção da Igreja e depois da política. Surgindo como reação organizada ao ultramontanismo do século XX era, ao mesmo tempo, movimento e ideologia. Sem um corpo teórico fechado, o anticlericalismo e livre pensamento podem ser vistos como um vasto campo de síntese de idéias e escritos circunstanciais, numa dinâmica viva, enraizada nas mentalidades e sensibilidades.<sup>19</sup>

Em Portugal, desde meados do século XIX, o anticlericalismo, em sua vertente liberal, se fez presente no debate ideológico, cultural e político, quando as relações entre Igreja e Estado deram o tom às discussões. Essas polêmicas percorreram todo o século XIX, determinando a futura separação entre Estado e Igreja, bem como o avanço da altitude laica.<sup>20</sup> O papel das elites intelectuais, influenciadas pelo positivismo e cientificismo, fomentou uma nova moral social e cívica, que se destacaria na atuação de parte da elite portuguesa, definindo estratégias culturais para que fossem possíveis a efetivação do processo de secularização, laicismo, anticlericalismo, livre pensamento e maçonaria.

Refira-se, ainda, que foi o liberalismo que extinguiu o tribunal da Inquisição (1821) e que se opôs tenazmente ao regresso dos jesuítas a Portugal. Expulsos em 1759 pelo Marquês de Pombal, voltaram com o governo miguelista, em 1829, e de novo foram expulsos, em 1834. Só com o reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé, em 1841, se verificou uma aproximação entre a Igreja e o liberalismo, pelo que as ordens religiosas começaram a regressar a Portugal (por exemplo, os jesuítas em 1848, os Franciscanos em 1860, e os Beneditinos em 1888). No entanto, note-se que o ressurgimento clerical nos meados do século irá reacender o anticlericalismo, surgindo um debate muito vivo em torno de outras questões polêmicas [...].<sup>21</sup>

O anticlericalismo português exerceu forte influência sobre a produção literária de Abdias Neves, sobretudo os romances e as poesias de autores como Eça de Queiroz, Guerra

---

<sup>19</sup> SILVA, Eliane Moura da, 1997.

<sup>20</sup> VARGUES, Isabel Nobre; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, 1995, p. 213-251.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 225.

Junqueiro, Oliveira Martins e tantos outros citados por ele em seus textos de teor anticlerical. Como aqueles livres-pensadores, Abdias Neves almejava formar uma nova mentalidade cultural e política, apoiada no positivismo científico, liberal e cívico. Os jornais anticlericais brasileiros, também ressaltaram as atitudes dos intelectuais portugueses, que fizeram uma crítica contundente à instituição clerical, sempre de forma irônica e mordaz.

Para Abdias Neves e tantos outros intelectuais de seu tempo, era preciso organizar e difundir novas idéias políticas, religiosas e filosóficas, que incorporassem os discursos de modernização para a organização da sociedade brasileira. A maçonaria, sobretudo a Loja Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina, fundada em 1859, foi uma instituição que agregou a vanguarda da intelectualidade piauiense, um lugar privilegiado para aquelas discussões, espaço institucional para combater o poder do Papa e da Igreja, seja no plano espiritual ou temporal.<sup>22</sup> O pesquisador e maçom Luiz Nódgi<sup>23</sup> não reconhece a participação da maçonaria nos conflitos com a Igreja Católica no Estado, pois, segundo ele, a instituição não exigia de seus seguidores a prática de nenhuma religião específica, o que possibilitou a filiação de uma grande quantidade de católicos às lojas, não se justificando, assim, qualquer conflito entre as duas instituições. Para Nódgi, se contendas existiram, estas foram fruto da intransigência de alguns prelados e maçons locais, em virtude de interesses pessoais e num momento bem peculiar da história política do Estado.

[...] o funcionamento de várias Lojas maçônicas no Piauí defrontou-se com a oposição provocada por determinadas correntes do clero estadual. Esse fato, cuja

---

<sup>22</sup> NEVES, Abdias. A função atual da Maçonaria. *Conferência de Abdias Neves na Loja Caridade 2<sup>a</sup> em 1921*.

<sup>23</sup> NOGUEIRA FILHO, Luiz Nódgi. *Contribuição à história da maçonaria no Piauí*. Teresina: [s.n.], 1997, p. 5.

justificativa repousaria na condenação da Maçonaria por inúmeras Bulas Papais, só seria compreensível, porém, se invocadas a intransigência e a mesquinhez de certos maçons e, em especial certos prelados, responsáveis por atritos ingênuos e sem razão de ser. Apoiando o que se afirma, está a verificação de que a Maçonaria piauiense sempre foi composta predominantemente por católicos, inclusive padres, nos primeiros tempos, e que jamais foi seu objetivo medir forças com qualquer Igreja, ainda mais quando se sabe que a discussão de assuntos religiosos é vedada, constitucionalmente. Campanha contra a Igreja Católica, ou mesmo a seu favor, não pode dispor do endosso da instituição. Portanto, se alguma desavença já foi alimentada, só pode ter sido de índole pessoal, embora em alguns aspectos incluísse uma ou outra coletividade [...].<sup>24</sup>

Em verdade, a Loja Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina tornou-se um espaço privilegiado para debates, conferências, palestras, além do espaço ocupado na imprensa local, onde as novas idéias eram divulgadas.

[...] Era um momento de efervescência cultural, que produziu literatura bastante específica. Sobressairam-se nessa época as novas idéias anticlericais, cujo alvo estava encastelado nas proximidades, nas aristocráticas igrejas católicas teresinenses, cujo clero tentava adaptar-se aos novos tempos e, sobretudo, às mudanças sociais e políticas pelas quais passava o país e o mundo. É nesse contexto que se verifica a explosão das questões religiosas entre a Maçonaria e a Igreja no Piauí, querela que na opinião de alguns analistas deve ser vista como disputa para a conquista de espaços no poder político.<sup>25</sup>

Em Teresina, se por um lado os livres-pensadores ligados à maçonaria, dentre eles Abdias Neves, defenderam o caráter laico do ensino<sup>26</sup> e buscaram atenuar os efeitos do ensino católico, a Igreja fundou, em 1906, os Colégios do Sagrado Coração de Jesus e São Francisco de Sales, que impulsionaram o prestígio do ensino privado católico em contraposição à educação pública e laica.

<sup>24</sup> NOGUEIRA FILHO, Luiz Nódgi, 1997, p. 5.

<sup>25</sup> BRANDÃO, José Adail Monteiro. *As armadilhas do poder*. Partidos políticos e a sucessão governamental de Miguel Rosa. 1996, 137f. (Monografia final do Projeto de Iniciação Científica CNPq). – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1996, p. 32.

<sup>26</sup> Através da Diretoria da Instrução Pública do Estado, sob a orientação do grupo anticlerical, que esteve no poder entre os anos de 1904 e 1916, ocorreu a reativação da Escola Normal, em 1880, a instituição da Escola Normal Livre, em 1909, a criação da Escola Normal Oficial, em 1910 e incentivos ao Liceu Piauiense.

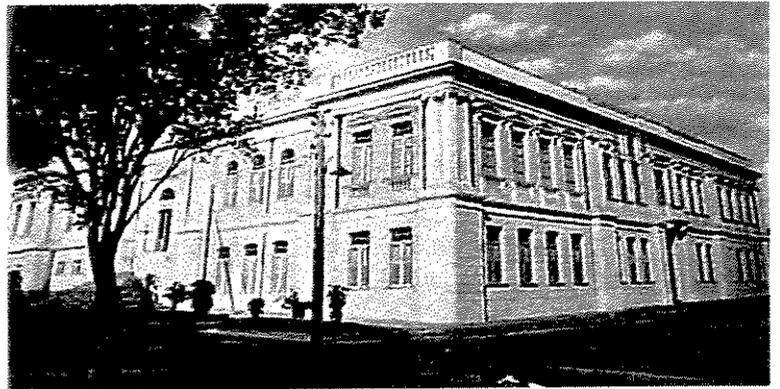


Figura 10 – Escola Normal

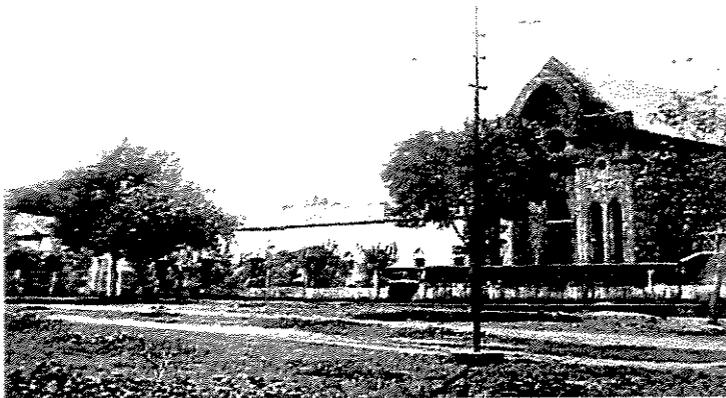


Figura 11 – Colégio das Irmãs



Figura 12 – Colégio Diocesano

Nesse contexto de impugnação da presença do clero e da doutrina religiosa na sociedade, capitaneada pelos livres-pensadores, Abdias Neves viu a educação como elemento de modernização e progresso social, pois estava convencido de sua missão pedagógica de redimir o atraso cultural piauiense, para ele, o Estado necessitava de um total processo de transformação moral para que se tornasse uma sociedade moderna. Pela instrução se modificaria a estrutura educacional e o saber se tornaria para todos e não somente privilégio de poucos.<sup>27</sup> O livre-pensador dedicou parte de sua vida às exigências sociais da educação, sendo diretor de vários colégios particulares, dentre eles o Ateneu Piauiense, fundado em 1903. O referido colégio oferecia o curso madureza, além de cursos práticos de francês, inglês e alemão, ministrados por Abdias Neves também em sua residência.<sup>28</sup> No entanto, é oportuno frisar que a opção pelo ensino, embora esteja ligada ao projeto sócio-político do intelectual, também dizia respeito à sobrevivência material.

Em que pesem as tentativas governamentais, as escolas públicas nunca deram conta das exigências e necessidades educacionais, o que abriu espaço para a instalação de colégios particulares que alcançaram certo êxito, por exemplo, as diversas escolas particulares que foram dirigidas por Abdias Neves, como o Colégio 24 de Janeiro, Colégio São Vicente de Paula e Ateneu Piauiense.<sup>29</sup>

Como os demais anticlericais, Abdias Neves denominava-se, antes de tudo, livre-pensador, racionalista. O biografado condenou a intervenção do religioso no civil, propôs a separação do religioso do profano, a independência do Estado em relação à Igreja, a liberdade de consciência, criticou o catolicismo romano, a hierarquia da Santa Sé e as ordens religiosas. Abdias Neves viu na Igreja Católica uma ameaça ao Estado, à nação, aos indivíduos e à família.

<sup>27</sup> *Diário do Piauí*. Teresina, ano II, n. 182, 22 ago 1912.

<sup>28</sup> ATENEU Piauiense. *O Comércio*. Teresina, ano II, n. 42, 14 abr 1907, p. 4

<sup>29</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 70.

Por todo o país, espalhavam-se os impressos de tendência anticlerical. No Piauí não foi diferente. Abdias Neves manifestou-se não só através da linguagem romanésca, mas em diversos jornais locais, que divulgaram idéias contrárias à influência do clericalismo na sociedade. O biografado assumiu uma posição anticlerical contundente, sendo um dos líderes mais significativos das manifestações públicas locais contra a Igreja. Essas manifestações chegaram, muitas vezes, aos palavrões, xingamentos e descomposturas. Abdias Neves condenou o clero por sua devassidão, hipocrisia, beatério imoral e ignorância intolerante, a própria negação da moral ensinada e preconizada na conduta dos clérigos.

Ora, é evidente, daí, que 'a moral cristã não é destinada a uma sociedade que devesse viver. O evangelista não pregava a reforma dos costumes sob os impulsos das idéias de transformação social. Pregava-a no intuito de preparar o homem para a salvação – inspirando-se nas visões sombrias do fim próximo do mundo, anunciado e pressentido, e nas correntes do dualismo filosófico. Daí, o conflito com a consciência moderna que, em lugar do desprezo da carne, prega a educação física; em vez do aviltamento do homem, lhe dignifica o caráter; em vez de rebaixar o nível moral e social da mulher, considera-a o gênio benéfico da família; em vez da apologia da escravidão, prega um regime de igualdade em que todos os homens tenham os mesmos direitos; em vez do exaltamento a ignorância, vive sob o domínio da ciência'.<sup>30</sup>

A propaganda anticlerical assumiu um caráter maniqueísta, de exclusão do projeto social e político do grupo contendor. Para Eliane Moura,

[...] o caráter maniqueísta da propaganda anticlerical: de um lado, livres-pensadores e anticlericais, representando a razão, o progresso, a civilização, a ciência, a liberdade, a sociedade, a aspiração justa; de outro, a Igreja e seus membros, representando a hipocrisia, a ignorância, o atraso e a miséria, tudo que era nocivo. Algo assim como um verdadeiro cancro que deveria ser extirpado o quanto antes, ainda que por métodos enérgicos, conforme defendiam alguma alas. A decadência de alguns países, como Portugal e Espanha, era intimamente associada à influência da Igreja Católica. Se o Brasil quisesse progredir devia livrar-se do clericalismo, do jesuitismo, do domínio católico, sob pena de se condenar ao imobilismo, ao atraso, ao definhamento e asfixia. A ciência,

---

<sup>30</sup> NEVES, Abdias. *Moral Religiosa*. Teresina: Tipografia Paz, 1912. Conferência proferida por Abdias Neves na Loja Maçônica Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina em 24 de junho de 1912.

essencial para esse progresso, seria sempre perseguida pelas forças clericais lançando mão, para isso, de todos os meios ao seu dispor.<sup>31</sup>

Dentre os jornais de cunho anticlerical e interlocutores do periódico *O Apóstolo*<sup>32</sup>, estavam *A Luz*<sup>33</sup>, *O Reator*<sup>34</sup>, *O Monitor*<sup>35</sup>, *O Comércio*, *Diário do Piauí*, periódicos que contaram com a colaboração de Abdias Neves que se fez atuante e combatente naquele momento.

Através desses periódicos, Abdias Neves posicionou-se em relação a várias questões: clericalismo, celibato, liberdade de culto, de expressão, de crenças religiosas diversas, divórcio, o papel do padre na história, moral religiosa, ensino laico, o papel social da maçonaria, temas sempre recorrentes nas polêmicas. O envolvimento nessas contendas revela a imersão do anticlerical nos jogos de poder, o que lhe garantiu sobrevivência e ascensão social, não só pelo uso da imprensa, mas também através de ações políticas.

As críticas de Abdias Neves não foram contra a religião, mas ao fanatismo religioso. Para ele, era necessário que se respeitasse o sentimento religioso, pois a sociedade precisava de instrução e liberdade, não de ignorância e fanatismo. Logo, o mundo deveria abrigar todas as religiões, com seus templos e cerimônias.

---

<sup>31</sup> SILVA, Eliane Moura da, 1997.

<sup>32</sup> Em 19 de maio de 1907, após um ano da instalação da Diocese do Piauí, foi fundado o periódico católico *O Apóstolo*, órgão oficial da nova Diocese, que teve como primeiro diretor monsenhor Fernando Lopes. O periódico se propunha a tratar dos interesses da Diocese em todas as suas ramificações. No terceiro ano de fundação, *O Apóstolo* deixou de ser boletim oficial da Diocese para tornar-se órgão do Partido Católico, a União Popular, que tinha em Elias Martins (1869-1936) um dos políticos mais atuantes naquele momento. Elias Martins passou a ser um dos colaboradores mais atuantes do jornal, seja como redator e/ou interlocutor de Abdias Neves.

<sup>33</sup> Circulou entre 1901 e 1908. Órgão da Loja Caridade 2ª de Teresina. A partir de 1902, passou a circular mensalmente e tinha como um de seus redatores Abdias Neves.

<sup>34</sup> Circulou em 26 de junho de 1902, no dia seguinte à chegada a Teresina do bispo do Maranhão D. Xisto Albano. Abdias Neves, Higinio Cunha e Miguel Rosa foram alguns de seus redatores.

<sup>35</sup> Circulou entre 1905 e 1906. Abdias Neves foi um de seus redatores.

No geral, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas e Matias Olímpio tratavam de questões relacionadas: à 'ditadura da verdade única', tida como patrimônio da Igreja Católica e de seus seguidores; à perseguição a qualquer tipo de verdade ou saber conflitante com a exegese da Bíblia e com os dogmas do catolicismo renovado; à condenação ao progresso e às verdades científicas e a todo o cortejo de perseguições da Igreja aos grandes nomes da ciência desde o Renascimento; ao desrespeito, incluindo o direito de vida e morte, em relação a qualquer pessoa que não comungasse com as verdades da Igreja; às campanhas de difamação aos livres-pensadores e ateus, com ataques à vida privada e à moral pessoal; ao combate e condenação à Maçonaria e aos maçons, que seriam elementos de divulgação das 'trevas contra a luz'; à compreensão da Maçonaria como inimiga secular da Igreja; à política dos padres no sentido de colocar mães, esposa e filhas, pela sua ação, principalmente via confissão auricular, contra os esposos e pais, intervindo no âmbito do próprio lar e na harmonia da família, a Igreja se colocando, pois, como um outro poder e como fator de desestabilização do pátrio poder doméstico.<sup>36</sup>

Em São Paulo, na mesma época, circularam, aos sábados, seis mil exemplares *d'A Lanterna*, com o apoio da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro<sup>37</sup>. *A Lanterna*, editada por Benjamim Mota, propunha-se a ser uma folha anticlerical de combate. O jornal teve onze anos de publicação e um dos seus diretores foi Edgar Leuenroth, com quem Abdias Neves manteve alguns contatos, sobretudo, no envio de folhetos editados em Teresina<sup>38</sup> e notícias das manifestações anticlericais no Piauí, que foram publicadas no periódico paulista. Esse fato revela a prática dos editores de jornais de permutarem notícias das contendas anticlericais em seus Estados e fazerem circular todo e qualquer material que pudesse contribuir para a afirmação de suas idéias.<sup>39</sup>

Telegramas de Teresina referem que *O Apóstolo*, órgão do partido clerical do Estado do Piauí, rompeu em oposição ao governo local.

---

<sup>36</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 194.

<sup>37</sup> Vale lembrar que no Rio de Janeiro a *Revista Ilustrada*, o *Cabrião*, o *Malho*, *Semana Ilustrada*, *Vida Fluminense*, o *Mosquito* fizeram, também, duras críticas à Igreja e aos seus ministros.

<sup>38</sup> *Moral Religiosa* de Abdias Neves e *Perseguições Religiosas* de Matias Olímpio, este último publicado pela Tipografia Paz em 1912, foram alguns folhetos que conseguimos localizar, no acervo do Arquivo Edgar Leuenroth/Unicamp.

<sup>39</sup> ARAVANIS, Evangelia. Leituras, edições e circulações de impressos na Porto Alegre de 1906 a 1911: uma análise a partir do periódico *A Luta*. *História Unisinos*, São Leopoldo, Unisinos, v. 6, n. 6, p. 263-284, 2002.

Cedo começaram os jesuítas e a clericanalha os seus manejos contra os governos que não se curvam às suas imposições. Mais um pouco e chegamos à situação da França antes dos gabinetes Valdeck, Rousseau e Combes.

Tanto melhor!

Só quando a canalhada tonsurada e a jesuitada de casaca quiser mandar mais que os profissionais da política estes saberão reagir. Ai, então estaremos juntos no combate.

Façamos sentir, todavia, de passagem, que o Piauí é mais feliz que São Paulo. Lá a clericanalha está contra o governo estadual; aqui, com a maior pouca vergonha, vive o governo na melhor harmonia de vistas com o apatetado explorador D. Duarte Leopoldo e, um secretário de Estado tem como seu oficial de gabinete o jesuíta Tiburtino Mondim Pestana.<sup>40</sup>

Em 1909, *A Lanterna* iniciava nova fase e apresentava-se aos amigos conhecidos e desconhecidos.

Reaparece, hoje, *A Lanterna* para encetar novos e fortes combates contra o monstro clerical que, sorrateiramente, cada vez mais se infiltra na imensa extensão do território brasileiro.

O programa d'A Lanterna é sempre o mesmo: desvendar todas as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana.<sup>41</sup>

O periódico paulista registrou em suas páginas intensa propaganda anticlerical, seja através da divulgação de acontecimentos marcantes nos Estados brasileiros, que envolviam o clero e a Igreja Católica, seja através da divulgação de encontros nacionais e internacionais promovidos por livres-pensadores. As poesias e as charges coloriram as páginas do periódico, que não poupou esforços, no sentido de combater o clericalismo e ridicularizar os ministros católicos.

Nós, impulsionados pelos mais nobres sentimentos e pelas nossas convicções honestíssimas, às quais tudo temos sacrificado desde 1898 não damos quartel ao clericalismo e ao jesuitismo e temos pela palavra e pela pena, dissecado o dogma absurdo, o dogma nefasto, o dogma embrutecido, mostrando a insanidade dos argumentos que o procuram defender [...].<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> ECOS e Notas. *A Lanterna*. São Paulo, ano IV, n. 2, 23 out 1909, p. 2.

<sup>41</sup> AOS amigos conhecidos e desconhecidos. *A Lanterna*. São Paulo, ano IV, n. 1, 17 out 1909, p. 1.

<sup>42</sup> *A Lanterna*. São Paulo, ano IV, n. 20, 24 out 1909, p. 1.

Para os articulistas *d'A Lanterna*, era imprescindível que os livres-pensadores brasileiros se mantivessem informados sobre questões que norteavam os debates em todo o mundo, bem como sintonizados com os congressos internacionais de livre pensamento: “[...] *A Lanterna* lembra a todos os jornais anticlericais e livre-pensadores, a toda a imprensa livre da América do Sul o alvitre de se reunir em Buenos Aires no Congresso Sul Americano para preparar para o de Roma”.<sup>43</sup>

Por toda a América do Sul se fizeram presentes os jornais anticlericais: *El Libre Pensamiento*, de Lima; *L'Avvenire*, de Buenos Aires; *Tempos Nuevos*, de Montevideú; dentre outros.

As poesias, também, deram cor às polêmicas anticlericais.

- Donde vem tu, mulher, como a desgraça esqualida?  
Que precoce velhice em tua fonte alveja?  
Quem és tu? Donde vens, mísera, tão pálida?  
- Eu sou a Ignorância e venho de uma igreja!  
- E tu, bela mulher, rosada alegre e pura, que ostentas no semblante a seiva das corolas, quem és tu? Donde vens criatura?  
- Eu sou a Educação e venho das escolas.<sup>44</sup>

Os textos de Abílio Guerra Junqueiro<sup>45</sup>, considerado o poeta maldito, autor de *A velhice do padre eterno*, publicado em 1885, estiveram presentes nas páginas *d' A Lanterna*. O propósito era sempre o mesmo - advertir sobre o perigo clerical, seus malefícios.

No meio de uma feira, uns poucos de palhaços,  
Andavam a mostrar em cima de uma jumenta,  
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,  
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

<sup>43</sup> LIVRE pensamento na América. *A Lanterna*. São Paulo, ano IV, n. 20, 24 out 1909, p. 1.

<sup>44</sup> FONSECA, Castro. *A Lanterna*. São Paulo, ano XII, n. 230, 14 fev 1914, p.2.

<sup>45</sup> Viveu entre 1850 e 1923.

Os magros histriões, hipócritas, devassos,  
Exploravam assim a flor do sentimento,  
E o monstro arregalava os grandes olhos, braços,  
Uns olhos sem cor e sem entendimento.

E toda a gente deu esmola aos tais ciganos,  
Deram esmola até mendigos quase nus.  
E eu, ao ver este quadro, apóstolos romanos,

Eu lembrei de vós, funâmbulos de cruz,  
Que andais pelo universo há mil e tantos anos,  
Exibindo, explorando o corpo de Jesus.<sup>46</sup>

*A Lanterna* utilizou a charge como linguagem para atingir o maior público possível. As imagens mesclavam ridículo e grotesco, dando uma cor nebulosa à reputação dos clérigos, sempre comparados a bestas, ignorantes, gulosos, interesseiros e aproveitadores. O povo era representado preso pelos grilhões da ignorância, vítima de padres rubicundos e gatunos.<sup>47</sup>



Figura 13 – Um belo gesto do povo português...que deve ser secundado pelo povo brasileiro.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> JUNQUEIRO, Guerra. *A Lanterna*. São Paulo, ano XI, n. 133, 3 abr 1912, p.1.

<sup>47</sup> A SANTÍSSIMA Trindade ao serviço do papa. *A Lanterna*. São Paulo, ano XI, n. 125, 2 mar 1912, p. 1.

<sup>48</sup> *A Lanterna*. São Paulo, ano XI, n. 131, 16 mar. 1912, p. 1.

Os debates, controvérsias, manifestações e polêmicas anticlericais, envolvendo o clero e os livres-pensadores, marcaram o cenário político e cultural não só piauiense, mas se alastraram por todo o Brasil. Para essa elite intelectual, era preciso vencer, ultrapassar o obscurantismo, o dogma e as velhas idéias representadas pela Igreja Católica. Arautos das novas idéias, os livres-pensadores defenderam a tolerância, a liberdade de pensamento e de expressão. Para eles, era fundamental libertar a sociedade de dogmas e intolerâncias seculares, era preciso defender a razão e a liberdade de pensamento, emancipar os homens do dogma cristão.

É nesse contexto que se inserem os escritos de Abdias Neves de teor anticlerical, veiculados por revistas, livros, jornais, conferências públicas, para difundir suas idéias sobre política, educação, religião. Recorre à sátira, à paródia e a outras formas estilísticas, na intenção de ridicularizar a Igreja e seus representantes.

## **2 Os escritos anticlericais**

A produção de cunho anticlerical de Abdias Neves está norteada por matrizes que vão desde um anticlericalismo vulgar, popular e jocoso até um anticlericalismo mais elaborado intelectualmente. Os textos do livre-pensador estão repletos de questões ligadas à religião e à Igreja Católica. Percebemos no biografado um crítico da Igreja Católica, de seus ritos e de seus dogmas, um crítico do misticismo, da educação religiosa e um estudioso das questões anticlericais da época. Um defensor do pensamento anticlerical em sua vertente cientificista-determinista, que fez campanha contra a Igreja Católica e seu passado, contra seus ministros e a sua vida, considerados por ele como mesquinha e hipócrita. Para Abdias Neves, partidário das idéias de Voltaire, a Igreja era a responsável pela maior das

malfeitorias, contribuindo para fazer dos homens verdadeiros lacaios e covardes diante dos potentados terrestres, sem forças para tomar, nas próprias mãos, seu destino. Logo, como livre-pensador, considerava-se instrumento na luta para libertar o homem dos preconceitos e da servidão, mostrando-lhe a verdadeira felicidade.

Sua campanha contra a instituição eclesiástica foi vigorosa e mordaz, encaminhada a ridicularizar os clérigos. Abdias Neves viveu uma época em que era intenso o ardor missionário ao positivismo no Brasil, onde a moda era as discussões em público, como forma de firmar reputações e convicções, fundar prestígios, abrir caminhos às glórias intelectuais e vencer o jogo político. Para David Gueiros<sup>49</sup>, a Escola do Recife, foi influenciada pelo Positivismo, de Comte. Seus líderes provocaram uma grande agitação intelectual no Recife, na imprensa ou nas lojas maçônicas, espaços vividos pelo biografado.

Os debates entre clericais e anticlericais tiveram cunho ideológico, político e religioso. O discurso anticlerical no Piauí foi influenciado pelas idéias positivistas, ligadas ao Realismo e ao Naturalismo. Os livres-pensadores fizeram culto à ciência, ao Evolucionismo, ao Liberalismo, ao Determinismo, ao Naturalismo; bem como a seus representantes: Darwin, Comte, Spencer, dentre outros. Para eles, a Igreja Católica foi sempre propagadora da ignorância e da superstição. Logo, os livres-pensadores achavam-se com a missão de libertar a sociedade da ignorância e da superstição imposta pela Santa Sé.

Abdias Neves, ligado às idéias positivistas e naturalistas do final do século XIX e início do século XX, identificou a Igreja de Roma com o espírito do mais retrógrado obscurantismo e atraso cultural. Por seu turno, a Igreja Católica, visando aumentar a influência do catolicismo, combateu seus opositores e suas idéias, sendo Abdias Neves o interlocutor privilegiado dos clérigos e dos católicos mais fervorosos. Foram várias as

---

<sup>49</sup> VIEIRA, David Gueiros, 1998.

estratégias utilizadas pela instituição eclesiástica, desde a participação na vida político-partidária à conquista da opinião pública.

Para os clérigos e católicos mais engajados, Abdias Neves era propagador de idéias subversivas e contrárias aos bons costumes da sociedade piauiense. Assim, a Igreja deveria educar a juventude, através da ação pedagógica institucionalizada, desviando-a dos vícios e erros modernos<sup>50</sup>.

Os combates anticlericais estiveram, em sua maior parte, sobre o terreno político, vez que o poder era o principal jogo da competição no qual os dois grupos estavam imersos. O objetivo dos grupos litigantes era alcançar a alma dos fiéis, o espírito do cidadão, a tutela da sociedade. Assim, podemos afirmar que Abdias Neves interessou-se pela ordem social, ensino, costumes, cultura, religião e poder, elementos que se tocaram mutuamente e deram cor ao cenário histórico no qual se travou a polêmica, ou seja, o anticlericalismo do literato é um componente indispensável para se compreender a história das idéias, e não somente das idéias políticas do início do século XX no Piauí.

É por meio dos escritos de Abdias Neves que o anticlericalismo adquire consistência neste momento. Nos textos é que as idéias que compõem seu sistema de pensamento se comunicam, e através desses, nos propomos a explorar o fenômeno anticlerical. No corpo que constitui essa literatura, quase todos os gêneros estiveram representados: romance, panfleto, artigo de jornal e revista, conferência pública e ensaio teórico. A literatura produzida por Abdias Neves apresenta tons variados do mais grosseiro ao mais refinado. Do anticlericalismo vulgar de gracejos pesados, lascivos, até o anticlericalismo refletido, elegante, que inspirou escritos sabiamente redigidos em linguagem atenta às mais sutis

---

<sup>50</sup> Cf. PINHEIRO, Áurea da Paz. Guerra ao despotismo. O pensamento pedagógico da Igreja Católica. *Proposições*. Revista da Faculdade de Educação. Campinas, SP, v. 12, n 35/36, p. 152-169, jul/nov, 2001.

diferenças de pensamento e de expressão. Zombar e ridicularizar eram intenções do intelectual, embora sempre movido por idéias mestras. A literatura foi utilizada como instrumento para atingir objetivos sociais e políticos, festejando a linguagem como o centro da atividade humana, produzida no complexo jogo das relações dos homens entre si e com a realidade. Na literatura estava presente o anseio do livre-pensador de interferir na ordenação da sua comunidade de origem, de perscrutar o seu cotidiano, suas tensões sociais, valores, sentimento, projetos.

Abdias Neves era um anticlerical radical, do tipo que não admitia conciliar a religião com o exercício da razão e com a liberdade individual. Julgava que o fator religioso por si só, e não somente por suas aberrações, era elemento de alienação. Estava convencido de que a religião carregava consigo uma inclinação irresistível para o clericalismo, duvidava de suas ofertas de conciliação, desconfiava da prudência dos clérigos. Para ele, as leis e o poder público deveriam combater a vontade de dominação da Igreja Católica. Censurava a intromissão do religioso no civil, defendia o individualismo liberal, que considerava a religião um processo privado, onde cada um era livre para ter ou não uma religião. Argumentava em torno da importância da separação do religioso do profano, da necessidade da independência absoluta do Estado em relação às igrejas, da liberdade de consciência individual, da não ingerência dos clérigos nos processos públicos.

Abdias via no clericalismo um mal para a sociedade, o que, certamente, contribuiu para que os clérigos locais e os católicos mais fervorosos lhe fizessem oposição e tentassem apresentar ao público uma imagem negativa do livre-pensador, seja como intelectual, seja como político.

O romance de costumes *Um manicaca*<sup>51</sup>, os trabalhos de exegese religiosa *Psicologia do Cristianismo*<sup>52</sup> e *Moral Religiosa*<sup>53</sup>, originalmente texto produzido para conferência que se realizou em 1911, na Loja Maçônica Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina, são objetos de nossa análise para compreender o discurso anticlerical produzido por Abdias Neves.

Na virada do século XIX para o século XX, escreveu o romance de costumes e tipos piauienses *Um manicaca*<sup>54</sup>, no qual desenhou o cenário da cidade de Teresina, construindo o enredo, a partir de sujeitos sociais e de espectadores da história da urbe. O autor dialogou com a cidade e suas múltiplas facetas. Seu olhar esteve carregado de desejos e desesperos, estranhamento e perplexidade. Mesclou invenção e realidade na utopia de construção de uma cidade moderna, liberta do tradicional, quebrando paradigmas e preconceitos, vencendo a mesmice e a monotonia. No texto, a cidade de Teresina serve de cenário à trama tecida pelo anticlericalismo do escritor, que apresenta o sacerdote como

[...] um sujeito que prega a caridade e não a pratica; prega o esquecimento dos ódios, e insulta e calúnia e persegue os que não se prestam a tudo; prega a pobreza e a humildade, e enriquece a impa num orgulho desbragado; faz voto de castidade e vive em estado de mancebia!<sup>55</sup>

O enredo do romance é simples. O autor constrói a trama a partir do triângulo amoroso de que fazem parte D. Júlia, bonita, elegante e dominadora, seu marido Araújo, homem já maduro, sócio na loja de Pedro Gomes, pai de Júlia e Luís Borges, guarda-livros e conquistador nas horas vagas. Uma vez contrariada em suas pretensões de casar com

---

<sup>51</sup> NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Campus Veras, 1909.

<sup>52</sup> NEVES, Abdias. *Psicologia do Cristianismo*. Teresina: Papelaria Veras, 1910.

<sup>53</sup> NEVES, Abdias. *Moral Religiosa*. Teresina: Tipografia Paz, 1912.

<sup>54</sup> Indivíduo apalermado, atoleimado, palerma. No romance de Abdias Neves, o termo manicaca assume a conotação de indivíduo palerma, dominado pela mulher.

<sup>55</sup> NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 104.

Luis, Júlia é obrigada pelo pai a casar com Araújo, que passa a sofrer pelo desprezo com que é tratado pela mulher e ainda tem que aceitar o adultério de Júlia com Luis.

O literato retratou uma pintura da vida cotidiana da cidade, com a presença de vários segmentos sociais. Abordou assuntos instigantes para a época. Quis chocar a elite clerical, condenar a sociedade tradicional, que considerava medíocre, num momento em que atacar era um dever. Mostrou a sociedade teresinense como mesquinha, estúpida, convencionalmente patética, grotesca, supersticiosa. Acreditava que sua missão era a de fotografar de forma caricatural o mundo aristocrático/clerical, sentimental, devoto, católico, explorador, em contraposição ao mundo moderno e democrático de seus sonhos. Denunciou esse estado de coisas que o angustiava: políticos corruptos, padres lúbricos e ridículos.

Recém-chegado a Teresina com o diploma de bacharel na mão tinha a cabeça povoada de imagens do Recife e de ideais que, conforme acreditava, mudariam o mundo. Sonhava com os melhoramentos materiais, com uma sociedade na qual a interferência de beatas e padres na vida cotidiana das pessoas seria coisa do passado. Preocupou-se menos com o enredo e mais com o ambiente. Quis mostrar ao leitor o ar que se respirava nas ruas, o tom dos salões, o cheiro dos becos e valorizar o pormenor do dia-a-dia. Desenhou tipos piauienses comuns, sempre com um furor ao descrevê-los, buscou, na sua escrita, a inspiração da crueza real de Emile Zola e de Eça de Queirós.

Abdias Neves inspirou-se no romance *O crime do padre Amaro*, trabalho de matriz realista-naturalista do escritor português Eça de Queirós, publicado, pela primeira vez, nos fascículos do periódico português *Revista Ocidental*, em 1875, e que, segundo o autor, era apenas um rascunho para uma edição provisória. No ano seguinte, o romance já estava publicado como obra acabada, mas, somente em 1880, o texto apareceu em sua versão

definitiva. Nele, o escritor português defendeu o rompimento radical com o Romantismo e propôs a incorporação artística do método de observação científica da realidade, próprio das ciências experimentais de sua época. Sua perspectiva foi de uma literatura participante, com o compromisso de intervir na realidade, contribuir para o desenvolvimento social. Fez todo um inquérito sobre os problemas da sociedade de sua época. Seu objetivo foi criticar e corrigir, fazer uma reforma social, conscientizar o leitor dos problemas sociais. Adepto do Realismo-Naturalismo, pretendeu realizar uma representação da realidade, neutra, objetiva, científica, onde as situações eram determinadas e condicionadas pelo meio social. Fez uma crítica ao misticismo, à educação religiosa. O padre foi apresentado como uma figura gorda, com ventre saliente que lhe enchia a batina. Fez sátiras grosseiras, o padre de cabeça grisalha lembrava as velhas anedotas de frades lascivos e glutões, todo um conjunto de adjetivos contextualmente agressivos em um texto irônico e sarcástico, no qual a tirania católica foi enfatizada ao extremo, foram críticas fortes aos padres e às beatas, foram atributos negativos aos religiosos, em um ambiente provinciano, marcado pela lubricidade de seus religiosos.<sup>56</sup>

O anticlericalismo é um tema sempre recorrente nas argumentações do literato piauiense, que sonhava com uma sociedade livre das amarras da Igreja Católica e dos clérigos.

[...] no convento, um frade se aproveitava cinicamente das alucinações da freira para se fazer passar como o Salvador e satisfazer instintos libidinosos que o regime do claustro irritava. O cúmulo da blasfêmia [...] Por que a religião exige de um homem que ele seja casto? Disfarça-lhe o sexo com uma batina; acaba de destruir a sua virilidade impondo que seja casto. Que pode haver de mais absurdo?<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Ática, 1982.

<sup>57</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 105-106.

Abdias Neves desenhou o cotidiano da cidade de Teresina, satirizou, dentre outros aspectos, a excessiva religiosidade das mulheres. Por outro lado, destacou o papel social do doutor, bacharel em Direito, intelectual recém-chegado dos grandes centros do país, como formador de opinião, crítico de uma sociedade que considerava retrógrada e conservadora, em relação a uma sociedade inspirada nos ideais de secularização e de modernidade.

Retratou uma sociedade que valorizava a autoridade, a inteligência, a riqueza em que o sonho dos pais de família era casar suas filhas “com um formado, um homem que soubesse onde tinha as ventas”, pais que não desejavam genros comerciantes, mas “um bacharel inteligente, um rapaz de mérito”, “talentoso, elegante”. Satirizou a manutenção de um código moral no qual os homens comuns eram oprimidos, pisoteados, ultrajados. Descreveu uma realidade que lhe parecia inevitável, irremovível. Enxergou o “homem-forte” do Piauí como honesto, bom, correto, porém incapaz de provocar mudanças. Homem resignado. Reforçou a idéia de atraso das relações de poder, reafirmando o discurso tradicionalmente construído de continuidade, identificando os Estados do norte do país com o tradicional, com o velho.

Através do discurso de Luís Borges, personagem de *Um Manicaca*, descreveu o papel que a sociedade atribuía ao trabalho manual e o valor que dava ao diploma de bacharel.

[...] Aqui, a mania dos que ficam é o comércio e as letras: todo mundo quer vender, ninguém quer produzir; todo mundo quer ser doutor, todo mundo tem um filho-água que deve ser aproveitado. Dentro de dez anos, seu Araújo, não sei aonde iremos parar. Ou teremos de ver bacharéis tocando forjas de ferreiro, batendo sola, desbastando madeira, vendendo lenha, ou, então, é preciso que uma outra raça venha tomar conta das oficinas desertas. Chegaremos ao ideal de uma geração, inteira, de médicos, dentistas, farmacêuticos, parteiros, sem termos quem nos faça um par de sapatos, quem nos prepare as ceroulas. É o exército do proletariado das letras que toma posições a espera do momento de atirar-se aos cofres públicos.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 69-70.

Abdias Neves preocupou-se com os personagens e com os acontecimentos históricos reais, sempre com o desejo de obter um “efeito de realidade”. Tentou recompor o espírito de uma época e as suas convenções socioculturais. Buscou fazer uma descrição exata e integral do mundo social, em que as leis científicas serviriam para explicar o mundo físico e os comportamentos humanos, em que as limitações dos indivíduos estavam condicionadas por fatores ambientais. Nesse sentido, é forte a influência que o modelo naturalista-realista exerce sobre o romance do literato.

Se, hoje, é considerada tênue a fronteira entre história e ficção, bem como entre romances históricos e histórias narrativas, isso não ocorria no final do século XIX e início do século XX, como mostra Peter Burke

Apesar desse trânsito de um lado para outro, a fronteira entre história e ficção foi relativamente nítida durante esse período. Romances históricos e histórias narrativas eram opostos complementares, com uma divisão clara de trabalho entre os autores. Historiadores profissionais, na era de Ranke e seus discípulos, se restringiram a narrativas de grandes eventos e aos feitos de grandes homens. Por sua vez, os romances históricos clássicos não interferiram em interpretações correntes da história, e menos ainda em grandes eventos; ao contrário, aceitaram-nos como verdadeiros. Romancistas tinham licença para inventar personagens menores ilustrando os efeitos de grandes mudanças históricas num nível local ou pessoal.<sup>59</sup>

O autor de *Um manicaca* valeu-se da narrativa romanesca para contar uma história que considerou verdadeira. Narrou os acontecimentos que viveu, que observou. Interessou-se pelas pessoas comuns e não por grandes personagens. Lançou mão da subjetividade e da imaginação, mas não quis fugir do conhecimento do homem, da realidade social. Criticou o dogmatismo religioso e propôs a emancipação do sujeito. Buscou a apreensão do real nas

---

<sup>59</sup> BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: *Gêneros de Fronteira*. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. São Paulo: Xamã, 1997, p. 112.

pistas, nos traços, nos sinais deixados pelos eventos, que só podem ser compreendidos no interior da trama que tece.

O literato buscou reproduzir o cotidiano de forma contextualizada, da maneira mais verossímil possível, compreendendo o romance em sua fase realista, como o testemunho de sua própria época. Abdias Neves usou a literatura como um artefato na construção de representações, imagens e identidades da vida cotidiana da cidade. Seus personagens agiram a partir de situações por ele criadas, construiu heróis e vítimas das condições sociais da época. Exigiu uma tomada de posição do leitor a partir de uma denúncia, diante de uma indignação moral, traçando com cores vivas, com contornos múltiplos, eventos e situações presentes na vida cotidiana: adultério, prostituição, seca, fome, miséria, analfabetismo, resignação, poder das elites locais, drama da sobrevivência do despossuído retirante, anticlericalismo, clericalismo, educação laica e educação religiosa.

Tentamos perceber como Abdias Neves foi impulsionado pela necessidade de entender seu mundo e de o transformar. Que idéias nortearam a sua compreensão do mundo? Quais as suas idéias de transformação?

Abdias Neves fez apologia à sociedade secularizada, ao liberalismo, ao anticlericalismo, entendendo-os como elementos fundamentais para transformar a sua cidade, a sua região.

Ao descrever o dia-a-dia da cidade de Teresina, o romancista destaca, entre outros fatos, o toque dos sinos das igrejas, a figura do acendedor de lampiões, com sua escadinha ao ombro, época em que a iluminação pública<sup>60</sup> se limitava à Praça da Constituição<sup>61</sup>.

Abdias mostra a Igreja Matriz do Amparo e suas festas de grande concorrência de homens,

---

<sup>60</sup> Somente em 1882, a iluminação pública foi ampliada para 80 lampiões.

<sup>61</sup> Hoje, Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente conhecida como Praça da Bandeira, lugar onde funcionou o centro administrativo e religioso de Teresina.

mulheres, velhos e crianças, ocasião em que a cidade mostrava elegância e boa aparência, “apurava-se na toilette”, “enfeitava-se”. A elite esbanjava a moda dos grandes centros do país, influenciada pela moda e costumes europeus. Usava-se “[...] sedas, veludo, perfumaria, ceroula de linho, relógio [...]”.<sup>62</sup> O templo católico sempre cheio e, ao término do culto religioso, os passeios no adro da Igreja, descontração e sociabilidades, encontros e namoros, passeios de braços dados entre as amigas, conversas inflamadas sobre política e sobre a vida alheia. Concomitante a toda essa movimentação, as lojas permaneciam abertas até as nove horas da noite, não obstante a estagnação do comércio, “[...] lojas abertas e caixeiros derreados nos balcões, sem fazer nada, à espera do toque libertador das nove horas [...]”.<sup>63</sup>



Figura 14 – Interior da papelaria de J. Campos Veras, que editou o romance *Um Mamicaca*.<sup>64</sup>

<sup>62</sup> ARAÚJO, Mafalda Baldoino. *Imagens de Teresina no início do século XIX*. In: \_\_\_\_\_. *Cotidiano e Imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina: EDUFPI/IDB, 1997, p. 46.

<sup>63</sup> Somente as ruas Grande e Bela, hoje, Álvaro Mendes e Senador Teodoro Pacheco, respectivamente, eram iluminadas por candeeiros das sete às nove horas da noite.

<sup>64</sup> *ÁLBUM ARTÍSTICO COMERCIAL DO ESTADO DO PIAUÍ*. Ed. fac-símile de 1910. Ed. M. R. Figueira. Teresina: Gráfica Mendes, 1987.

As atividades profanas - o teatro, o baile, os passeios, também, davam colorido à vida em Teresina. Abdias Neves descreve a agitação nos botequins com a presença da fina flor do *demi-monde*, escandalizando “os pretensos burgueses da terra”.

Aí, por entre copos de cereja e baforadas de charuto, pregava-se a moral sem peias, altercava-se sobre política, erguiam-se brindes ao governo e passavam-se descomposturas chués na gente da oposição. Até muito tarde ouvia-se o estrondo das rolhas saltando para o desespero de um vizinho que contava cuidadosamente. É a cidade inteira, a cidade feminina, revoltava-se contra o escândalo, muitas vezes impotente para evitar que os maridos se fossem embriagar nos delírios do fruto proibido.<sup>65</sup>

Abdias Neves satirizou, com seus personagens, a sociedade teresinense. As moças estavam sempre em busca de pretendentes, aflitas e rancorosas em relação aos homens. As futuras beatas alimentavam o luxo e a superstição da Igreja Católica. Ao descrever a personagem Candoca, “solteirona rabugenta” e beata, o literato mostrou-se um anticlerical de combate, fazendo duras críticas à superstição das mulheres e à intolerância dos clérigos:

[...] Voltava-se, como todas as solteironas, para o céu, num impulso de crenças doentias, que a faziam perder metade do tempo na igreja, num culto que era mais do padre que dos santos. Todas as tardes a rezar pelos vãos escuros das sacristias. Três vezes por semana, tribunal de penitência. Nada escondia do seu confessor, que queria saber tudo: a despesa da casa, as trampolinices do velho, os namoros das irmãs. Contava-lhes tudo. E, receosa, sempre, de não ser digna da absolvição, eram presentes, doces, frutas, toalhas rendadas, roquetes de cambraia para o reverendo. Mais. Remetia-lhe esmola, encomendava missas, trabalhava até noite alta para ter o dinheiro de que precisava para as despesas com a sua salvação. E era pouco. Fizera-se de uma intolerância feroz. Os maçons eram o diabo. O jornal da maçonaria, se o apanhava, queimava.<sup>66</sup>

Notamos a preocupação de Abdias Neves, autor/narrador, de descrever o cotidiano da cidade a partir de lugares comuns de sociabilidade, espaços de vontade associativa, sejam eles públicos ou privados, mas também a partir da psicologia de suas personagens.

---

<sup>65</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 23.

<sup>66</sup> Ibid, p. 24.

Há uma ênfase na descrição dos lugares profanos da cidade, sobretudo, os botequins, lugar em que toda a cerveja da cidade era vendida, onde se fumava, discutia-se alto e gesticulava-se. Todas essas ações não escaparam ao olhar do literato, que foi um observador atento dos hábitos da cidade religiosa e profana.

Nas calçadas das casas de família formavam-se rodas para comentar fatos políticos considerados importantes ou, simplesmente, para inquirir sobre a vida alheia, ou ainda festejar a vitória do partido governista, que, no romance, ganhava sempre, mantendo o poder das oligarquias locais. E o povo? Este apenas festejava, como mostra ironicamente o literato:

Em pé, nas calçadas e portas, mulheres falavam alto, cumprimentando-se, explicando: - Foi o governo quem ganhou.

- Ganhou?

- O governo é sempre quem ganha.

Havia, com efeito, chegado telegrama do Rio anunciando que o governo reconhecera legítimos os representantes mandados pelo partido situacionista.

[...]

Foi neste estado de espírito que o povo recebeu a vitória desejada. Era uma solução. Festejou-a. O povo festeja, sempre, as soluções finais.<sup>67</sup>

A prática discursiva de Abdias Neves, romancista, é no sentido de destacar a figura do bacharel, homem inteligente, privilegiado, que poderia, com brilho e lucidez, dar novos rumos ao Estado. O intelectual seria um crítico da tradicional política oligárquica rural, cidadão que, com sua inteligência venceria velhas práticas políticas, cristalizadoras das grandes estruturas políticas e sociais.

Dois anos após a publicação de *Um manicaca*, em 1911, os articulistas d'*O Apóstolo*, continuavam a tecer severas críticas tanto ao romance quanto a Abdias Neves. Na verdade, vários eram os anticlericais que combatiam os clérigos locais, mas os redatores do jornal

---

<sup>67</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 57.

católico centravam suas críticas em Abdias Neves, que no ano anterior, 1910, havia publicado o ensaio *Psicologia do Cristianismo*.

O literato era visto como um indivíduo simplório, pateta, “*chefe dos morcegos*”<sup>68</sup>; vazio de idéias e cheio de presunção, adjetivos esses atribuídos por seus opositores com o propósito de afastar as famílias católicas de suas idéias, consideradas descabidas, vexatórias e plagiarias.

[...] E o Sr. Abdias? É o mais pernicioso, porque tem desenvolvido toda a sua atividade na propaganda da corrupção. Qualquer romancista pode narrar alguma cena pouco séria, mas procura sempre de forma velada. O Abdias, não; encheu o ‘Manicaca’ de tão imundas descrições, de um sensualismo tão podre, que o próprio Rabelais se envergonharia de lê-lo. Seu romance é um ataque à honra da família piauiense [...].<sup>69</sup>

Para a Igreja Católica, os fiéis não deveriam ter contato com os denominados maus livros, pois eram escritos por revoltosos, irreligiosos. Logo, era necessário vigiar e denunciá-los, assim como denunciar também os maus jornais, formadores da imprensa impura, ou seja, a imprensa anticlerical, maçônica.

Foram múltiplos os olhares que Abdias Neves lançou sobre a cidade. Além da descrição das festas profanas e religiosas, dos espaços de lazer, de diversão, fez da sua voz um grito de denúncia, na medida em que retratou uma cidade com visitantes indesejáveis – os retirantes. O literato os representou como famintos, andrajosos, doentes, esqueléticos, esfarrapados, sujos, desesperados, pedintes, fervorosos cristãos suplicantes da ajuda dos seus santos, fazedores de promessas. Eram, para Abdias, homens já mortos no mundo dos vivos, atendidos através de uma política federal que considerava assistencialista e

---

<sup>68</sup> Adjetivo usado para desqualificar os maçons.

<sup>69</sup> O APÓSTOLO. Teresina, ano V, n. 215, 30 jul 1911, p. 3.

paternalista. Retirantes que, para sobreviver, tinham que recorrer às praticas que aviltavam sua condição humana.

[...] Campeava a prostituição e eram as próprias mães, quem muitas vezes, entregavam as filhas, comprando, por esse ato, favores que lhes seriam negados de outra forma. Houve quem enriquecesse comprando jóias aos retirantes por um terço do valor real, pagando-as, ainda, em mercadorias estragadas. Mais. Extorquiam aos pedintes válidos o dia de trabalho, quase de sol a sol, por uma minguada meia-pataca.<sup>70</sup>

No final do século XIX, Teresina recebeu um grande contingente de migrantes vindos, sobretudo, do interior do Estado em busca de melhores condições de sobrevivência. Tal fato trouxe indignação às autoridades constituídas e aos intelectuais locais. Em seus discursos, estava presente a preocupação com a ordem e a salubridade da Capital. Para Mafalda Araújo<sup>71</sup>, os intelectuais estavam preocupados com os prejuízos que os flagelados poderiam trazer para uma cidade que pretendiam imersa nos ideais de progresso e civilização, fazia-se necessário desenvolver não só as noções de higiene pública e privada, mas, através de leis, criar uma cidade limpa, sadia e higiênica. A pesquisadora mostra como essa elite intelectual, através de vários artigos publicados nos jornais de Teresina, usou a temática dos costumes e da seca como instrumento pedagógico, cuja função era esclarecer a população para a necessidade de “civilizar-se”.

O sentimento de medo e de pavor fazia-se presente nos habitantes dessa cidade. O espanto, a surpresa e a preocupação eram sentidos pela elite teresinense. Ao ver massas de indigentes nordestinos e com eles a miséria, a extrema pobreza com suas carências pelas ruas de Teresina, a elite se intranquilizava. Esta paisagem urbana conferia à cidade uma imagem de crise. Figuras indigentes, pobres, entrelaçavam-se no meio do viver coletivo.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 31.

<sup>71</sup> ARAÚJO, Mafalda, 1997.

<sup>72</sup> Ibid, p. 51.

Podemos pensar que Abdias Neves, enquanto romancista, construiu imagens que possibilitaram a compreensão do universo espacial e temporal da cidade de Teresina. Mesclou elementos visíveis e invisíveis, materiais e imateriais. Construiu a idéia de uma cidade que coadunava elementos de atraso e de modernidade nos diversos campos: educação, trabalho, lazer, saúde, habitação; uma cidade que amava e queria ver transformada, imersa nos ícones de modernidade, de desenvolvimento, de inovações, vencendo o “atraso histórico”. Uma cidade como centro irradiador de conhecimentos, de acumulação de saberes, como espaço do novo, do moderno, que venceria o tradicional. Abdias Neves, que se classificava como moderno, se viu diante de uma cidade que desejava transformar. Foi um homem que tentou interpretar a cidade, penetrar em seus mores e desafiar a tirania do tradicional.

O literato chegou a tecer, em *Um manicaca*, discussões filosóficas acerca das primeiras formas de manifestações religiosas, quando, segundo ele, o mito ocupou um papel central na vida cotidiana das primeiras comunidades humanas. O autor via no mito uma forma grosseira e pueril de compreender o mundo, que, nesses novos tempos, exigia uma outra forma de pensar, embasada em conhecimentos científicos, racionais. Se, em um passado remoto, houve a tirania do mito, pensava Abdias Neves que, naquele momento, a tirania era da Igreja e de seus sacerdotes. As mulheres, quando crianças, liam o catecismo e tinham como brinquedos os livros de rezas e as figurinhas dos santos, adultas, viviam nas sacristias, odiavam os homens ditos ateus, cultivavam um excessivo zelo cristão.

As idéias anticlericais de Abdias Neves foram duramente criticadas por seus opositores. No jornal *O Apóstolo*, sua imagem era apresentada de forma satírica: um indivíduo chifrudo, de rabo, com um tridente na mão e nariz vermelho, enorme e assustador. O escritor era representado sempre na companhia do diabo, e apontado como

até mais perigoso que o próprio “bicho chifrudo”, “herege, inimigo da igreja”, “inspirado do capeta”.

[...] o dr. Abdias diz que é ateu, procura mesmo ocasião de manifestar a dureza do seu coração, e, sobretudo, entregar-se ao diabo todos os dias, como também os seus inocentes filhinhos. De forma que, segundo diz ele, o diabo é muito seu amigo, apesar de ainda não o ter visitado, não obstante o desejo que ambos tinham de se conhecer [...] Mas, pondo-se as coisas nos eixos, eu não sei a quem correrá mais perigo essa amizade; se o Abdias ou se ao diabo, porque o diabo pode um dia arrebatá-lo, e leva-lo para capataz do inferno; mas também corre perigo ao diabo passando perto do nariz do Abdias; pode ser absorvido, e olhe o moleção apertado dentro daquelas cavidades nasais.<sup>73</sup>

O romance de Abdias Neves foi considerado pela crítica clerical como sendo um acervo de imoralidades e pornografias. O articulista *d'Apóstolo* prometia fazer uma minuciosa análise da obra.

Prevenimos aos católicos que o romance ‘Um Manicaca’, do Sr. Abdias Neves, é um acervo de imoralidades guisadas com blasfêmias. Repilam as famílias essa pornografia preparada para as alcouces e indignas de entrar no santuário dos lares. Em tempo oportuno publicaremos uma análise dessa obra que veio escandalizar a parte sã da sociedade teresinense.<sup>74</sup>

Já *Psicologia do Cristianismo* pode ser considerado um exemplo de discurso anticlerical mais rebuscado em nível das argumentações teóricas, no sentido dado por René Remond<sup>75</sup>. Nessa obra, o literato faz uma exegese religiosa, discutindo as origens e os fundamentos do sentimento religioso, do cristianismo de Jesus, da moral cristã e do agnosticismo. Os autores com os quais dialoga são, dentre outros: Renan, Haeckel, Spencer, Comte, Littré. Compartilha das idéias desses pensadores, considera as religiões

<sup>73</sup> O ABDIAS e o diabo. *O Apóstolo*. Teresina, ano III, n. 124, 24 out 1909, p. 5.

<sup>74</sup> AOS PAIS e mães de família. *O Apóstolo*. Teresina, ano III, n. 126, 7 nov 1909, p. 4.

<sup>75</sup> REMOND, René, 1985.

como fenômeno do espírito humano e que têm sua demonstração e seu florescer na história, sua raiz e motor na consciência do homem.

O terror é, com efeito, a primeira sensação que as impressões do mundo exterior despertam no homem primitivo. A simpatia e o amor vêm mais tarde. O medo vem logo. Um pavor intenso, invencível, brutal, como todos os sentimentos dessa primeira infância. E ele treme e cai de joelhos, não para adorar as forças ocultas que pressente, mas por um fenômeno psicológico, - por insuficiência de ação nervosa sobre os músculos das pernas, em consequência da forte sensação experimentada.

Nesse dia, brotou a sementeira que há de crescer e trançar os ramos e florir, formando a densa e misteriosa floresta dos mitos. É o alvorecer da religião. É, sobretudo, a aurora do pensamento, o primeiro passo, ainda indeciso e vacilante, para a observação dos fenômenos, para a explicação de suas causas, para a constituição da célula donde a ciência irromperá, num surto maravilhoso, espancando as trevas do espírito e iluminando o mundo.<sup>76</sup>

Para o intelectual, o grande inimigo da ciência não era a dúvida, mas o dogma. O dogma entendido não como ignorância pura e simples, mas a ignorância que se arvorava em verdade, que queria se impor como verdade. O livre-pensador alerta para o perigo da superstição que polui a fonte da verdadeira religião, mostra as fraquezas, defeitos, graves deficiências morais da Igreja e de seus ministros, parte do pressuposto de que é fundamental que se combata não a descrença, mas a superstição. Para ele, Jesus é um mito solar: “É, para mim, um mito solar, vazado dentro dos moldes das profecias, sob a influência das tradições religiosas e das idéias em curso. Todas essas tradições eram solares. Foram elas, que, predominando, determinaram a natureza do mito em elaboração”.<sup>77</sup> Assim, para o autor de *Psicologia do Cristianismo*, Jesus nunca teria existido, era uma mera criação do espírito humano.

---

<sup>76</sup> NEVES, Abdias, 1910, p. 12.

<sup>77</sup> *Ibid*, p. 94.

Não é possível, com efeito, acreditar, mais, em sua existência. Não existiu. É um ser puramente lendário – símbolo do povo eleito, embriagado pela febre das grandezas e esmagado pela realidade dos seus insucessos políticos. Serviu, por um momento, às aspirações desse povo. Passou, no entanto, em breve. Diluiu-se na onda maravilhosa dos Deuses. Dentro do manto estrelado que lhe esconde a fragilidade dos ombros, ficou sendo o que realmente é – uma criação do espírito humano. Não são, já, os argumentos expendidos que lhe negam a existência. É a História.<sup>78</sup>

Abdias Neves, nesta obra, revela-se admirador dos gnósticos. Afirma que a verdadeira distinção entre a falsa e a verdadeira Igreja não deve ser buscada na sua relação com o clero, mas na compreensão dos seus membros e na qualidade das relações que esses mantêm entre si, unidos pela amizade e amor fraternal.

Os gnósticos eram espíritos iluminados que, senhores da imensa cultura filosófica, tendo meditado longamente sobre as Escrituras, se insurgiam contra certas afirmações da igreja nascente. Suas idéias prendiam-se ao sistema dualista da filosofia oriental: a matéria, princípio do mal, o espírito, a luz, princípio do bem. Estendiam que a matéria é eterna e incriada, consubstanciada, consubstancial a Deus. De Deus emanavam espíritos, íons um dos quais formara o mundo. Deus era o Pleroma, isto é, a perfeição ou a plenitude de todas as perfeições.<sup>79</sup>

O biografado busca compreender a influência exercida pelas antigas religiões na crença em Céu, Inferno, Ressurreição dos mortos e Juízo Final, como o cristianismo puro foi sendo dominado com a emergência da Igreja Católica, assimilando, cada vez mais, através dos concílios, ensinamentos do Velho Testamento, tornando-se uma igreja judaico-cristã, uma organização hierarquizada e rígida, que se autodenomina representante de Deus na Terra, através de seus clérigos, que procuram nivelar as consciências por meio de dogmas. Para ele, os ministros católicos impunham o dogmatismo e intolerância, consideravam os homens como seres estáticos, sem evolução. Clérigos que castravam o desenvolvimento de muitas consciências e condenavam os homens que se rebelassem,

---

<sup>78</sup> NEVES, Abdias, 1910, p. 124.

<sup>79</sup> Ibid, p. 179.

tornando-os excluídos, rechaçados. O passado da Igreja é sempre lembrado pelo autor de *Psicologia do Cristianismo*, seja através da “Santa Inquisição” e dos “trabalhos” da catequese que teriam tirado de muitas sociedades o direito de seus membros à liberdade de culto, as suas riquezas materiais. O literato via uma incompatibilidade entre a moral cristã e os progressos da consciência moderna.

[...] Daí o conflito com a consciência moderna, que, em lugar do desprezo da carne, prega a educação física; em vez do aviltamento do homem, lhe dignifica o caráter; em vez de rebaixar o nível moral e social da mulher, considera-a o gênio benéfico da família; em vez da apologia da escravidão, prega um regime de igualdade em que todos os homens tenham os mesmos direitos; em vez do exaltamento da ignorância, vive sob o domínio da ciência; em vez da graça, prega a justiça. Esse conflito acentua-se no exaltar a moral cristã, o sofrimento, quando o fim de toda ação humana é a consequência de uma soma a de felicidade.<sup>80</sup>

Para Abdias Neves, era necessário remover os antagonismos religiosos e unir os homens, quaisquer que fossem as suas opiniões e crenças, estudar as verdades apresentadas pelas religiões e compartilhar os resultados de seus estudos com os outros membros da sociedade.

Ressaltava que o homem não deveria ser dominado pela religião como por uma força estranha, mas, sim, assumi-la e criá-la ele próprio na sua liberdade interior. Sempre preocupado com a moral cristã, Abdias Neves propunha o seu declínio e defendia o devir da moral moderna, longe das amarras das teorias e contradições cristãs.

[...] A moral cristã, para os que a estudam, é uma moral que avilta o homem, exalta a escravidão, condena o trabalho, degrada a mulher, combate o instituto da família, condena a idéia de pátria, a ciência e a justiça. É traçada, finalmente, não para uma sociedade trabalhada por todas as expansões da vida, mas para uma comunhão de crentes, estrangeiros neste vale de lágrimas, prestes a desaparecer no aniquilamento dramático do fim próximo do mundo.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> NEVES, Abdias, 1910, p. 241.

<sup>81</sup> Ibid, p. 247.

O intelectual procura estudar os processos históricos que envolveram o cristianismo à luz da investigação científica. Constrói uma história das religiões no contexto da secularização do mundo ocidental, quando a “lei evolutiva da humanidade” desprezava a experiência religiosa, vendo-a como uma “fase infantil” dos seres humanos. Abdias Neves chega mesmo a negar a validade do fenômeno religioso, num momento em que o ateísmo foi acolhido por uma parcela da elite intelectual brasileira e em que a cultura anticlerical crescia no Brasil e no mundo ocidental, provocando reações da Igreja Católica de Roma.

Abdias Neves busca, seguindo os estudos de religião comparada da época, que vinham se desenvolvendo na Europa, analisar os elementos comuns das diferentes religiões, estudar o seu desenvolvimento e descobrir suas origens. Dá ênfase à história do cristianismo, ao mito de Jesus Cristo, a especificidade da experiência religiosa. Para ele, as religiões estariam baseadas nos sentimentos de terror e fascínio diante do mistério, do outro, distante, inacessível à compreensão.

O livre-pensador divide sua obra em nove partes: da formação dos mitos ao culto do sol, do culto dos astros à civilização cristã, Jesus e as profecias, Jesus e os mitos solares, a história contra Jesus, do judaísmo ao cristianismo, o dogma da divindade de Jesus, a moral cristã e o agnosticismo religioso contemporâneo.

Esse texto reflete, no aspecto ideológico e político, mais um capítulo da luta do literato com a Igreja e os clérigos locais. O livro de Abdias foi muito comentado e pouco lido. Padre Cícero Nunes, um dos leitores de Abdias Neves e um dos seus mais ácidos contendores, é apontado pelo articulista d’*O Apóstolo*, como alguém realmente capaz de conter os “desmandos” do autor de *Psicologia do Cristianismo*,

O padre Cícero Nunes contratou, nesta tipografia, a impressão de uma obra de crítica à produção pulha e destemperada do ignorantíssimo Abdias Neves, denominada *Psicologia do Cristianismo*. Brevemente será destronado, ainda uma vez o reles plagiário e cínico deturpador da história.<sup>82</sup>

Tema que já seduzia os autores europeus da época naturalista, a associação dos mitos solares com o de Jesus Cristo constituía idéia central do ensaio *Psicologia do Cristianismo*, o qual não teve, contudo, grande repercussão, sendo lido apenas por amigos e contendores do autor, que o acusavam de plagiador. Visto pelos críticos como um Voltaire moderno, Abdias Neves recebia epítetos, como: “ignorantíssimo”, “chapado”, “exibido”, “audacioso”.

Para atingir um público maior na difusão de suas idéias, Abdias Neves e seus contemporâneos recorreram às conferências públicas, principalmente aquelas promovidas pela Loja Maçônica Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina.

### **3 Abdias Neves: maçonaria e livre-pensamento**

Não pretendemos fazer um estudo exaustivo sobre a maçonaria no Piauí, mas tão somente compreender como se deu a participação de Abdias Neves na rede de sociabilidade maçônica. Importa saber como o livre-pensador esteve presente na divulgação e disseminação das idéias maçônicas, através dos debates públicos, das conferências, da imprensa, de folhetos, da literatura, na criação e manutenção de escolas laicas, vez que a maçonaria funcionou para ele como um espaço de visibilidade e de intervenção social e política.

---

<sup>82</sup> CUPIM Branco. *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 214, 23 jul 1911.

Não direcionaremos nossa análise à história da maçonaria, sua origem, seu universo conceitual e estrutura funcional. Faremos algumas observações bem gerais, que nos possibilitem compreender o papel da maçonaria nas tensões entre clericais e anticlericais no Piauí, a partir da inserção e da trajetória do maçom Abdias Neves. Nosso estudo limitar-se-á ao papel do maçom e sua função na sociedade, e isso num domínio bem nitidamente delimitado: a sociedade piauiense do início do século XX, momento de efervescência cultural e de luta da maçonaria para firmar-se nesse espaço e tempo históricos objeto deste estudo.

Para Célia Marinho “[...] seria difícil encontrar um político do primeiro e do segundo Reinado, ou mesmo nos anos iniciais da República, que não tivesse em algum momento de sua vida se filiado a uma loja maçônica [...]”.<sup>83</sup> A maçonaria representava os interesses e as aspirações da elite intelectual na dimensão política e cultural. Eram nas lojas maçônicas que aqueles atores sociais podiam apresentar suas idéias e projetos políticos. As lojas funcionaram como espaços de discussão e de debates, deram visibilidade e valorizavam as ações conjuntas de intelectuais e líderes políticos em nível local e nacional. Ser maçom conferia aos indivíduos o *status* de modernidade.

Abdias Neves, como era comum entre os intelectuais da época, esteve ligado aos laços de sociabilidade maçônica. Filiou-se à maçonaria piauiense desde os anos iniciais do século XX, tendo sido, entre os anos de 1910 e 1913, venerável da Loja Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina, loja que teve uma das intervenções sociais e políticas mais significativas, no período focalizado neste trabalho.

---

<sup>83</sup> AZEVEDO, Célia Marinho de. Maçonaria: História e Historiografia. *Revista da USP*, São Paulo, n. 32, p. 180, dez/jan/ fev. 1996-1997.

Abdias Neves via a maçonaria como lugar de interesse e de aspirações, na dimensão social, política e cultural, pois funcionava como espaço de discussão e de debates, onde ele, junto com seus pares, pôde discutir idéias e projetos para a sociedade, criar laços de solidariedade e fraternidade. Para Abdias Neves, assim como para grande parte dos intelectuais de sua geração, era de suma importância pertencer a uma instituição que consideravam de auxílio mútuo, de formação moral, espaço de aprimoramento intelectual, de debate livre, de mobilidade e de convívio social.

A maçonaria é, entre todas as instituições humanas, a mais elevada e de moral mais pura [...]. A sua caridade é toda altruística e humana e pratica o bem, não visando gozo celeste, porém porque entende que é obrigação socorrer os que sofrem. Não tem o céu, não tem o inferno: é toda deste mundo, cosmopolita, tolerante. O maçom não tem religião, quer dizer, pode professar livremente qualquer confissão religiosa: pode não professar religião alguma, contanto que seja bom, caridoso e justo pela mesma razão, o maçom não tem política: pode seguir qualquer agremiação partidária, contanto que seja adepto da liberdade. A maçonaria sempre esteve ao lado dos oprimidos contra os opressores, do lado das vítimas, contra os algozes. A sua história é a história da liberdade contra as tiranias políticas e religiosas. Daí o ódio que lhe votam os jesuítas, os eternos inimigos da liberdade e da justiça.<sup>84</sup>

Miguel Rosa, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, Matias Olímpio<sup>85</sup> foram maçons que, a exemplo de Abdias Neves, tiveram uma grande intervenção social e política, sobretudo nas questões que geraram tensões entre Igreja Católica e maçonaria no Piauí.

Estamos ciente das dificuldades que se impõem ao estudo da maçonaria. No âmbito local, esse fato se dá, sobretudo pela inacessibilidade às fontes primárias. Segundo Queiroz, uma das características do tema da maçonaria é se constituir num tema do silêncio<sup>86</sup>, embora saibamos que muitos trabalhos tenham sido produzidos, sobretudo no espaço da

---

<sup>84</sup> FREITAS, Clodoaldo. A maçonaria e seus fins. *Pará-Maçom*, Belém, n. 1, 7 set. 1904.

<sup>85</sup> Viveu entre 1882 e 1967.

<sup>86</sup> QUEIROZ, Teresinha de J. M. Maçonaria e Sociedade. In: \_\_\_\_\_. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 113-137.

academia.<sup>87</sup> No entanto “[...] a história da maçonaria continua praticamente desconhecida, tanto no Brasil quanto fora dele [...] O fato da maçonaria ser uma instituição fechada, de caráter iniciático, faz com que seus arquivos não sejam franqueados àqueles que não pertençam à Ordem. Embora tal premissa não seja válida para outras realidades, como a francesa, por exemplo, essa ainda é uma orientação seguida pelos maçons brasileiros [...]”<sup>88</sup>

O que importa, entretanto, é entender a inserção e trajetória de Abdias Neves neste espaço de sociabilidade que a maçonaria representa. Por que Abdias Neves filiou-se à maçonaria? O que significava ser maçom? O que almejou com isso? Que espécies de imagens e representações estiveram projetadas nos discursos de Abdias Neves e de seus contemporâneos sobre a maçonaria?

A intervenção de Abdias Neves e de outros intelectuais piauienses de sua geração deu-se no sentido de fazer da maçonaria uma trincheira de resistência ao que consideravam velhas idéias teológicas e metafísicas da Igreja Católica. Era ainda objetivo dos maçons combater a ignorância e a superstição ligadas à instituição eclesiástica, vista por eles como símbolo por excelência do “atraso histórico”, instituição perseguidora da maçonaria, de

---

<sup>87</sup> AZEVEDO, 1996-1997; COLUSSI, Eliane Lúcia. Os filhos da viúva. Uma contribuição ao estudo da maçonaria no Rio Grande do Sul. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, Passo Fundo, ano 12, n. 1 e 2, p. 9-35, 1996; COLUSSI, Eliane Lúcia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. 2. ed. Passo Fundo: UFP, 2000; BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras. A ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999; BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*, 2002, 373f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002; VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1980. Para o estudo da história da maçonaria no Piauí podem ser consultados: NOGUEIRA FILHO, Luís Nódgi. *Contribuição à história da maçonaria no Piauí*. Teresina: [s.n.], 1987; DOURADO FILHO, Euripedes de Sousa. *Questão religiosa no Piauí*. Teresina: EDUFPI, 1991; CARVALHO, Paulo Gutemberg de. *A luta político-religiosa entre Igreja e maçonaria no Piauí (1902-1924)*. Carta Cepro, Teresina, v. 11, p. 87-130, jul/dez. 1986. CHAVES, Joaquim (Mons.). *Apontamentos biográficos e outros*. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 216-223 e p. 234-237; QUEIROZ, Teresinha de J. M. *Maçonaria e Sociedade*. In: *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 113-137.

<sup>88</sup> BARATA, 2002, p. 13

seus membros e das idéias de modernização, de razão e de luz. Daí a importância da maçonaria e do seu esforço para dissipar as trevas em favor da luz. O discurso maçônico realçava a necessidade da união das lojas em torno da luta contra o obscurantismo e os jesuítas, como podemos perceber no comentário de Eliane Colussi a respeito da luta anticlerical empreendida pela maçonaria:

O anticlericalismo maçônico era compatível com a defesa genérica do ideário liberal e cientificista da maior parte da *ilustração* brasileira no período. A maior parte dos maçons foi integrante, direta ou indiretamente, desse segmento; portanto, a luta anticlerical foi a principal característica das ações da maçonaria brasileira. Esse posicionamento maçônico foi se firmando gradativamente e já podia ser observado, sobretudo a partir da década de 1850, através da imprensa, na ação dos parlamentares maçons que propunham projetos ou propostas contrárias aos privilégios do catolicismo enquanto religião oficial brasileira, bem como através de associações e clubes literários ou filantrópicos sob a influência maçônica.<sup>89</sup>

No que tange ao percurso de intervenção social e política da maçonaria, Queiroz alerta para o fato de se evitar explicações maniqueístas e perceber que as relações Igreja Católica/Maçonaria se deram no contexto das transformações culturais mais profundas do ocidente moderno, onde se chocavam dois projetos de sociedade, um clerical e outro anticlerical. Assim, segundo a pesquisadora, devemos fugir às

[...] simplificações dualistas e maniqueístas passíveis de superação, rico e complexo jogo espetacular, densidade formidável de força utópica, potência idealizadora e regeneradora inegável, reducionismos simplificadores e paródias ingênuas, ao mesmo tempo em que registram e demarcam a imagem da Maçonaria, fornecem o seu contorno privilegiado no imaginário moderno. É nesse enquadramento que se torna possível sua compreensão.<sup>90</sup>

Logo, para entendermos as relações entre maçonaria e sociedade não podemos perder de vista o contexto cultural mais amplo no qual o estudo da instituição ganha significado. O

---

<sup>89</sup> COLUSSI, Eliane Lúcia, 2000, p. 140.

<sup>90</sup> QUEIROZ, 1998, p. 113

*corpus* de que nos valem é constituído de textos produzidos por maçons e católicos, contemporâneos do biografado, divulgados pela imprensa maçônica e antimaçônica, além de folhetos e da literatura que marcou a produção cultural no Piauí no início do século XX.

Abdias Neves e seus contemporâneos forneceram material profusamente divulgado na imprensa local e brasileira, o que nos fornece um campo privilegiado de discussão para, a partir da reconstituição do imaginário da época compreender as instituições maçônica e eclesiástica, bem como os seus projetos para a sociedade no contexto de secularização do mundo ocidental. Daí a necessidade de perscrutarmos as práticas discursivas daqueles atores sociais envolvidos nas polêmicas engendradas por clericais e anticlericais no Piauí. É preciso que sejamos capazes de, a partir da pluralidade de temas abordados, selecionar aqueles discursos que se chocavam, como por exemplo, os conceitos de luz e de trevas, que marcaram as querelas entre os dois grupos e deram as cores do cenário cultural vivenciado pelos polemistas e o modo como estes registraram e demarcaram os espaços e as imagens da Igreja Católica e da maçonaria.

Os textos de Abdias Neves e de outros intelectuais eram publicados na imprensa local e através de folhetos distribuídos à sociedade teresinense. Eles nos mostram uma mensagem dirigida não só aos maçons, mas à sociedade em geral, uma vez que o discurso eclesiástico trazia no seu bojo uma construção negativa da maçonaria, que era identificada com o próprio caos social, formadora de incrédulos, de homens pervertidos, sem consciência, sem princípios, desvinculados de qualquer autoridade, uma sociedade formada por revolucionários, desobedientes à ordem estabelecida.

Nesse contexto, a maçonaria tinha como meta construir uma imagem na sociedade e conquistar simpatizantes, mostrar sua ação, sua função, o lugar da instituição e destacar as lutas históricas nas quais a ordem esteve envolvida, além de informar sobre as suas origens

e a sua tradição ligada à Idade Média, bem como firmar a imagem de sua atuação nos movimentos sociais e políticos da humanidade. Matias Olímpio ao proferir conferência em Teresina, na Loja Maçônica Caridade 2ª, em 21 de abril de 1911, reafirmou o papel da maçonaria enquanto instituição propulsora da liberdade entre os homens.

A nossa ordem foi sempre um contrapeso desse poder destruidor [o autor se refere ao poder da Igreja Católica através do Tribunal da Santa Inquisição]. Enquanto se levantavam máquinas de matar gente, ela [maçonaria] socorria aflitos, distribuía a caridade; arrancava irmãos já condenados e fundava estabelecimentos de ensino. Ganhava, assim, o terreno perdido por sua poderosa inimiga. Em 1200 não havia um só soberano europeu que não fosse católico; hoje se contam muitos que não o são. Naquela época, muitas cidades não conheciam a verdadeira luz, hoje penetrou ela em todos os países.

Com o andar dos tempos, teve a igreja romana de recuar dentro dos seus dogmas a um círculo limitado, fazendo oposição sistemática ao espírito da Reforma, guerreando as descobertas científicas e tenazmente resistindo ao crescimento do seu poder.

Quando, porém, a Reforma triunfa, a descoberta generaliza-se e é abraçada por todo o mundo, não obstante a sua grita, eis que muda de direção e o seu esforço converge no sentido de convencer que foi ela o princípio propulsor da reforma, ou o elemento principal da descoberta. Muitas vezes tem sido obrigada a fazer concessões e a harmonizar-se com os princípios sempre aceitos e defendidos pela Maçonaria.<sup>91</sup>

Nos anos iniciais do século XX, as conferências literárias tornaram-se uma prática comum aos intelectuais, sobretudo os bacharéis em Direito. Cristino Castelo Branco, que foi aluno de Abdias Neves no Liceu Piauiense, diz [...] No primeiro quartel do século, em minha terra, bacharel que não escrevia em jornal e não fazia discurso, suspeito ficava de burrice [...] <sup>92</sup>. A maçonaria utilizou-se das conferências para divulgar suas idéias e atrair adeptos.

A Maçonaria utilizava com frequência o expediente das conferências para propagar suas idéias junto ao grande público, que incluía também mulheres. Em 1921, a Loja Caridade 2.ª promoveu três conferências com o então Senador Abdias Neves, todas sobre assuntos maçônicos. A série deveria ser continuada

<sup>91</sup> OLÍMPIO, Matias. A Maçonaria como fator de liberdade. In: \_\_\_\_\_ *Falando e escrevendo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1958, p. 103-104.

<sup>92</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946, p. 139.

pelos maçons Matias Olímpio, Valdivino Tito, Higinio Cunha, Antônio Chaves. Abdias Neves defendeu a tese de que a Maçonaria, mais do que nunca, teria que influir direta e indiretamente na solução dos grandes problemas que agitavam a sociedade moderna, principalmente depois dos novos impulsos libertários oriundos da Guerra Mundial. Encerrou a conferência recitando poesia épica de Guerra Junqueiro.<sup>93</sup>

Em uma sociedade onde a maioria da população era analfabeta, as conferências serviram para sociabilizar idéias, atestar a participação política e revelar a não-alienação de políticos e literatos. Não só a conferência, mas, também a imprensa, era instrumento, considerado por aqueles intelectuais, como elemento de progresso, de civilização. No editorial da *Revista Via-Lucis*, de responsabilidade do Grêmio Abdias Neves, está clara essa referência para seus membros de que “[...] como seja a imprensa um dos maiores e mais poderoso, senão primordial elemento de progresso, onde se digladiam todas as forças de combate, onde se manifesta pujante toda a grandeza da atividade humana, por onde aquilata a superioridade do povo”.<sup>94</sup>

Logo, os moços, “a falange de inteligentes”, eram considerados, pelos mais experientes intelectuais, dentre eles Abdias Neves, como fonte e símbolo do patriotismo. Uma vez imersos nas lides da imprensa e do debate público através das conferências, estariam munidos de um arsenal que lhes daria brilho e honrariam as letras piauienses.<sup>95</sup>

O espaço das conferências maçônicas foi um instrumento político-ideológico utilizado por Abdias Neves para questionar o que considerava velhas idéias teológicas e metafísicas, pretendia combater a ignorância e a superstição ligadas à Igreja Católica, vista como símbolo do atraso. Lembrava que a instituição tinha perseguido a maçonaria e suas

---

<sup>93</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 153.

<sup>94</sup> MONTEIRO, J. Editorial. *Revista Via-Lucis*, Teresina, ano 1, n. 5, ago, 1913.

<sup>95</sup> *REVISTA VIA-LUCIS*, 1913.

idéias de modernização, de razão, de luz, que os maçons defendiam em oposição às trevas eclesiásticas.<sup>96</sup>

Os discursos de Abdias Neves foram duramente criticados pela imprensa católica, o que nos permite, mesmo não tendo acesso direto aos textos de todas as conferências que o intelectual proferiu em Teresina, compreender os projetos de sociedade elaborados tanto pelos maçons quanto pelos clérigos, bem como os registros e as demarcações dos espaços e das imagens construídas pelos dois grupos para a sociedade da época.

A Igreja Católica e a maçonaria promoveram conferências exatamente no momento em que as tensões político-ideológicas entre as duas instituições se acirravam e os polemistas buscavam ganhar adeptos para os seus projetos políticos e sociais. Os dois grupos pretendiam a tutela da sociedade, aproximando os ouvintes de suas idéias, uma vez que o público, em sua maior parte, se mostrava indiferente às questões tratadas por clérigos e livres-pensadores.

Segundo afirmação de Matias Olímpio, a maçonaria desempenhava um papel fundamental na sociedade moderna ocidental, enquanto a Igreja Católica tinha sido historicamente um elemento pernicioso para a cultura e para a ciência.

A separação dos poderes temporal e espiritual, a república, a laicização dos cemitérios são idéias que a Maçonaria defende e a Igreja aceitou forçada pelas circunstâncias. Nós, porém não queremos só isto: trabalhos pela laicidade do ensino, pelo respeito geral a todas as crenças e opiniões qualquer que seja o número dos seus crentes, porque tanto nos vale a crença de um homem como de milhares; pela reabilitação da mulher, a quem a Igreja fez maiores apóstrofes; pelo aperfeiçoamento por todo os meios dos sentimentos efetivos etc.<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> PALESTRA Maçônica. *O Piauí*. Teresina, 28 jul. 1921.

<sup>97</sup> OLÍMPIO, Matias, 1958, p. 104.

O que os conferencistas pretendiam inscrever em seus discursos era a reabilitação da maçonaria, que consideravam o maior bem da humanidade, pois enquanto a instituição eclesiástica perseguiu e matou sábios e inocentes, a maçonaria teria socorrido os aflitos, distribuído a caridade e fundado estabelecimentos de ensino. Enquanto a Igreja Católica disseminava a dor e as trevas, a maçonaria propagava o amor e a luz. Assim, para os intelectuais conferencistas, a maçonaria era e continuava sendo um elemento importante em uma sociedade que se pretendia banhada pelos ideais de liberdade, que se consolidaria com as conquistas advindas sob a influência maçônica, que sempre teria prosseguido no firme propósito de “iluminar cérebros”.

Entre 1909 e 1921, Abdias Neves proferiu, na Loja Caridade 2<sup>a</sup>, várias conferências. Alguns textos foram publicados em jornais locais e outros transformados em folhetos. Em 1909, *O Padre perante a História, O padre e a educação, A mulher e a Igreja, O ocaso da Religião, As fontes da Maçonaria na Bíblia*; em 1912, *Moral Religiosa*; em 1921, *A porta dos mistérios e A função atual da Maçonaria*. Nessas conferências, o livre-pensador apresentou a função social da maçonaria e forneceu uma rigorosa crítica à Igreja Católica e a seus ministros. Foram discursos que veicularam valores e comportamentos, além de tocar em questões ligadas ao cotidiano social, político e religioso da sociedade teresinense.

*Moral Religiosa* foi o título da conferência proferida por Abdias Neves na Loja Maçônica Caridade 2<sup>a</sup> de Teresina em 24 de junho de 1911. Esse texto foi publicado no mesmo ano pela Tipografia Paz, como folheto e em formato de artigo na Revista Litericultura. O discurso de Abdias Neves é o que podemos chamar de uma crítica anticlerical mais rebuscada em nível das idéias, é um texto hermético, que não conseguiu atingir o grande público. O maçom, através de uma linguagem e pesquisa sofisticadas,

dialoga com seus pares sobre as questões religiosas, sobretudo no que se refere à Igreja Católica.

Naquele momento, as conferências literárias eram realizadas por sociedades e grêmios locais e tinham por objetivo educar os cidadãos, no que concerne à função social e política das instituições e dos indivíduos. A intenção era promover o que os intelectuais entendiam como aprimoramento cultural do povo, seja por meio de conferências, bibliotecas, escolas, concertos musicais. Formar a opinião pública era de grande interesse para os intelectuais que, de modo consciente, se dedicavam a essa tarefa. Mattoso, referindo-se ao início do século XX em Portugal, descreve esse momento de efervescência cultural, que serviu de paradigma aos intelectuais brasileiros e piauienses.

[...] específico desta época foi o fato de essas classes de letrados estarem animados por ideologias que o faziam conceberem-se não como simples técnicos de comunicação, mas como profetas incumbidos da missão de guiar o povo para um novo mundo. Hegel dizia que o jornal era a oração diária do homem moderno. É preciso, portanto, começar por perceber quem e como se escrevia essa oração que todos recitavam.<sup>98</sup>

Os textos de Abdias Neves, duramente criticados pela imprensa católica, nos fornecem material privilegiado para compreender os projetos de sociedade elaborados pelo livre-pensador. Para ele,

[...] 'as teorias religiosas repousam no princípio do direito divino. É a vontade de Deus, interpretada pelos padres, que deve ser a regra constante da conduta do homem'. Quando se pensa, no entanto, como acentua Le Dantec em *O Ateísmo*, que se 'pode ser desprovido, desde o nascimento, da idéia de Deus e, apesar disso, ter uma consciência apaixonada pela justiça, um sentimento imperioso do dever', não se pode deixar de admitir que a moral que faz da vontade de Deus o seu eixo exclusivo de ação é uma moral absurda pelas negações dali decorrentes.<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> MATTOSO, José. *História de Portugal*, v. 6, p. 43.

<sup>99</sup> NEVES, Abdias. *Moral Religiosa*. Teresina: Tipografia Paz, 1912.

Os discursos de Abdias Neves, dos clérigos e católicos engajados nas pelepas locais trazem em comum a estratégia de estereotipar o outro, ambos com voz segura e auto-suficiente, arrogam-se o direito de dizer o que era o outro, usando uma linguagem grosseira e excludente do grupo e das idéias que lhes eram contrárias, dissimulando as multiplicidades e as diferenças individuais dos sujeitos que estavam imersos nas contendas. Os discursos foram formulados com o intuito de discriminar o outro, de arrogar-se uma verdade única, inabalável.

Para o crente, seja o convencido, seja o por conveniência pessoal, a tolerância é outra. Embriague-se. Esbordoe a mulher. Despreze a família. Atraiçoe a pátria. Desça até o último degrau a escada das degradações: ficará sempre em plano superior ao do ateu porque, para a tolerância eclesiástica, não há pecado maior, mais torpe, mais horrível que o da negação de Deus.<sup>100</sup>

O discurso eclesiástico, por sua vez, trazia, em seu bojo, uma construção negativa sobre o domínio da maçonaria na vida pública, vez que a instituição era identificada com o próprio caos social, formada de incrédulos, de homens pervertidos, sem consciência, sem princípios, desvinculados de qualquer autoridade, uma sociedade de revolucionários, desobedientes à ordem estabelecida.

Das trevas infernais arremessadas,  
Ardendo em chamas de furor insano,  
Ergue a frente a coorte renegada,

Avança contra o Ser onipotente,  
Agride a veneranda Majestade,  
Quer na Igreja de Deus cravar o dente.

Ora a Igreja que o plano vil descobre.  
Zelosa do seu Deus, dos seus direitos,  
Na luta se defende, ativa e nobre,

Sublime e forte no célico heroísmo,

---

<sup>100</sup>NEVES, Abdias, 1912.

Do ferro inimigo repelindo os golpes,  
Arroja o monstro no tartereo abismo

Colhendo então a palma de vitória,  
E aos céus erguendo os radiantes olhos,  
Prosegue avante sua missão de glória.<sup>101</sup>

A Igreja Católica acusava a maçonaria de usar seus periódicos para fazer propaganda recheada de blasfêmias e calúnias tendo como objetivo atacar a instituição eclesiástica, o catolicismo, desonrá-lo, jogá-lo na lama. Por seu turno, as forças maçônicas se diziam ligadas às idéias liberais. Para seus membros, tinha sido de importância ímpar o papel político e sociocultural da maçonaria, na defesa da tolerância religiosa, entrando muitas vezes em confronto com os ideais eclesiásticos.

[...] A Maçonaria orgulhosa e traidora, pregando, abertamente, o anarquismo raleiro, pelo desrespeito à autoridade, infiltrando no espírito popular a revolta mais estúpida e criminosa contra os fundamentos dos Estados bem organizados. Semelhante doutrina é a propaganda da revolução social, ameaçando povos e nacionalidades, famílias e Estados, pelo assassinato frio e covarde, pela traição negra e infame, pela perfídia satânica e conhecida e pela hipocrisia refinada e torpe.<sup>102</sup>

Na concepção do articulista *d'Apóstolo*, Abdias Neves era um corruptor da mocidade, que poderia ser um excelente literato, não fosse a influência dos seus escritos: Voltaire, Haeckel, Spencer, Hegel e outros. Abdias Neves, no entender do jornalista, tinha uma noção grotesca de religião, dos clérigos e dos católicos, idéias extravagantes, superficiais e falsas. Como membro da maçonaria, “a hidra social”, combatia a verdade católica, odiava os padres e aceitava as doutrinas grosseiras do materialismo, era ateu e fanático.

Em 1911, a maçonaria reabria os cursos maçônicos sob a coordenação de Abdias Neves, denominado pela imprensa católica como o “infeliz autor do infame Manicaca”. Os

<sup>101</sup> A MAÇONARIA. *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 212, 9 jul 1911, p.1.

<sup>102</sup> ESTUDOS Maçonaria e autoridade. *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 219, 13 ago 1911, p. 1-2.

cursos foram considerados pelos opositores do escritor como uma obra diabólica, “filha do inferno, tendo por fim adorar o vício e odiar a Deus”. Dizia o articulista do jornal católico:

[...] Chamamos, portanto, a atenção dos pais destas pobres crianças, entregues às mãos de um ateu desbragado e inimigo de todas as obras virtuosas. É preciso, pois, afastar as crianças do antro maçônico, porque os exemplos são funestos e dolorosos. Nos números seguintes mostraremos, à luz da evidência, todas as infâmias maçônicas, propagadas pelo ensino deletério. Guerra e morte ao ensino sem Deus, sem religião e sem moral.<sup>103</sup>

Eram comuns as conferências realizarem-se nas várias capitais e interior do país, e serem noticiadas pela imprensa como forma de mostrar a intensa propaganda anticlerical: “Recentemente publicaram o seguinte telegrama de Teresina – o Dr. Abdias Neves fez duas conferências anticlericais na loja maçônica Caridade em Teresina”.<sup>104</sup> O livre-pensador fazia questão de noticiar a participação do Piauí na “cruzada” anticlerical. Para ele, a propaganda oral era uma das mais eficazes. Os periódicos anticlericais, espalhados pelo Brasil e pelo mundo ocidental, incentivavam essa estratégia e traziam em suas páginas destaques das conferências e outras manifestações: “Maçonaria piauiense realizou sessões protesto vinda frades portugueses. População Estado solidária. Oradores muito vitoriosos. Sejam loja Brasil solidários movimento. Triunfaremos. Nenhum brasileiro deve ficar indiferente”.<sup>105</sup>

Duas das conferências proferidas por Abdias Neves, entre 1908 e 1912, chamaram a atenção do grupo clerical e, o particular desagrado de Elias Martins, padre Lopes e padre Cícero Nunes, líderes católicos e opositores do livre-pensador. As conferências foram: *O*

---

<sup>103</sup> CAMPOS, Josué. Páginas de Combate. *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 214, 23 jul 1911, p. 3.

<sup>104</sup> EM TERESINA. *A Lanterna*. São Paulo, ano IV, n. 12, 1º jan 1910.

<sup>105</sup> NEVES, Abdias (Venerável Caridade 2ª), Em Piauí. *A Lanterna*. São Paulo, ano X, n. 55, 29 out 1910.

*padre perante a história*, de 1908, e *Moral Religiosa*, de 1912, que receberam duras críticas através do jornal da diocese. Foram artigos e mais artigos veiculados no periódico católico, com direito a réplica e a tréplica, fato que aumentou os descontentamentos e agressões acintosas entre os dois grupos. Martins, referindo-se à conferência *O padre perante a história*, afirmava:

Há um fato singular, mas característico do plano diabólico, digno de ser maduramente, meditado por aqueles que se deixam enlear pelo canto de sereia tentadora enquanto todos os perigos e torpezas corvejam a pessoa do padre, fiel e intransigente no cumprimento do dever, - cercam de carícias e elogios o decaído da pureza sacerdotal, vencido pelas paixões, fora do redil santo, convivendo com a besta carniceira.<sup>106</sup>

As conferências foram resultados das manifestações anticlericais. Os católicos ligados à União Popular, dentre eles Elias Martins, defenderam que a maçonaria promovia os atos públicos com a finalidade de desgastar a imagem dos clérigos. Elias Martins publicou, em 1913, um relato das ações anticlericais no Piauí que, para ele foram programadas pela maçonaria com a anuência do governo do Estado. Dentre essas ações, o líder do partido católico destaca o empastelamento dos jornais *O Apóstolo* e *Cidade de Teresina*, em 1912<sup>107</sup>, a prisão do governador do Bispado, padre Lopes, o assassinato de Malaquias das Chagas, escrivão do juízo federal, o ataque ao paço episcopal, ações que atribui ao poder público constituído.

Estava a última parte no prelo, já em provas, quando, à meia-noite de 10 de dezembro de 1912, a força de polícia assaltou as oficinas, daquele jornal e as da Cidade de Teresina, destruindo-as a ferro e fogo. Nada escapou à sanha dos vândalos, salvo tipos e outros pequenos objetos, de fácil transporte, foram roubados e conduzidos à tipografia do Diário Oficial.

<sup>106</sup> MARTINS, Elias. *O poder das trevas*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1913, p. 8

<sup>107</sup> Era governador do Estado Miguel Rosa, um dos líderes da propaganda anticlerical.

Desde então, desapareceu, por completo todas as garantias, os bens, a vida e a honra do cidadão ficaram à mercê de homens sem leis, sem moral e sem Deus.<sup>108</sup>

Para Elias Martins, o governo de Miguel Rosa e de seus mais fiéis aliados, dentre eles Abdias Neves, partidário e amigo pessoal do governador, agira suspendendo todos os direitos políticos dos cidadãos piauienses, quando através da imprensa oficial regulava a opinião pública e controlava “[...] todas as agências telegráficas, transmitindo para fora com tintas de suas conveniências e paixões, - os fatos correntes, desfigurando uns, inventando outros, - parece que um terreno calamitoso vai soterrar as instituições”.<sup>109</sup> Na condição de líder da União Popular, Elias Martins sentia-se com o dever de alertar as famílias piauienses para o que ele considerava um momento de terror, de audácia e de desassombro do inimigo anticlerical, agora, dono absoluto do poder constituído.

‘Esmaguemos a Infâmia’, - é o grito de guerra dos coligados do inferno contra Cristo e a Igreja católica, apostólica, romana. Judeus, protestantes e ateus, todas as seitas religiosas e todos os sistemas chamados filosóficos entre si, - ligam-se para guerreá-la, usando todas as armas, todas as ciladas, todos os engodos.<sup>110</sup>

Segundo Elias Martins, era indispensável uma atuação firme e urgente dos católicos para que se resguardassem as conquistas da civilização cristã. A União Popular, liderada por ele e firme opositora do Partido Republicano Conservador, do qual Abdias Neves fazia parte, deveria dirigir essas ações com o apoio do bispo diocesano e com a participação direta das principais lideranças da diocese do Piauí, opositoras ferrenhas de Abdias Neves nas contendas políticas, religiosas e literárias locais. Assim, o fim precípua do partido

---

<sup>108</sup> MARTINS, Elias, 1913, p. 3.

<sup>109</sup> Ibid, p. 5

<sup>110</sup> Ibid, p. 7.

católico seria o de pôr fim ao despotismo de Abdias Neves e Miguel Rosa consubstanciado nas ações do governo do Estado.

O que vemos, ouvimos e apalparamos? Agentes do governo, que escrevem atas falsas, designando os eleitos do povo, sem que este depositasse uma cédula na urna; órfão à soldada substituindo, pelo interior, o escravo, arrancando às vezes do poder do pai ou da mãe; a pobreza fugindo por toda a parte, caçada como besta fera, sem exceção de mulheres, crianças e velhos; os seus poucos bens para pagamento de impostos; os empréstimos de vinte contos, trinta, cinquenta, talvez muito breve outro de cinco ou dez mil, para custearem o desperdício, caminho certo da bancarrota!

É o governo pela desordem, pela prodigalidade, pela supressão de todos os estímulos nobres, - fomentando a idolatria pagã, premiando o servilismo dos invertebrados, cerceando os fundamentos da sociedade; em tudo a mentira audaciosa e cínica, - nas escolas, na imprensa, nas urnas, nas finanças, na segurança pública, na justiça, nas artes e nas ciências.<sup>111</sup>

O discurso que o bispo diocesano, Dom Joaquim Antônio de Almeida, defendeu foi a não intervenção do bispado nas querelas políticas locais, o que deveria, segundo ele, ser feito por Elias Martins, padre Lopes e padre Cícero Nunes. Porém o que observamos, nas páginas do jornal da diocese e nos relatos de Elias Martins<sup>112</sup>, é que houve uma atuação política do prelado de forma efetiva, através de discursos nas sessões do Partido Católico, de sermões no púlpito do templo católico e de editoriais *d'O Apóstolo*. Isso nos diz da força da palavra e da ação da autoridade diocesana, que só recuou diante da dimensão política assumida pelas contendidas entre a Igreja Católica e a maçonaria no Estado, culminando com saída de Dom Joaquim da direção do bispado piauiense. Vale lembrar que, diante das tensões entre clericais e anticlericais, o bispo já delegava atribuições e responsabilidades políticas ao jornal da diocese e à União Popular.

---

<sup>111</sup> MARTINS, Elias, 1913, p. 6

<sup>112</sup> *Ibid*, p. 20

E, no entanto, estava convencido da sua exclusão dos negócios políticos, como podíamos documentar profusamente,- limitando-nos, porém, a transcrever em trecho decisivo de uma carta sua, dirigida a distinto sacerdote [Padre Lopes] em data de 1.º de janeiro de 1910, que assim se manifestou: 'Em matéria política nunca deverá sair o meu nome, mas sim o do Dr. Elias Martins – chefe, e o da convenção. Eu apenas sou um conselheiro, quando me pedem, e isto mesmo muito em reserva'.<sup>113</sup>

Além da União Popular, a imprensa foi um instrumento poderoso utilizado pela Igreja para enfrentar o crescente processo de secularização da sociedade brasileira. Organizar um jornal e um partido político significava defender as teses e os interesses católicos, através de “meios eficazes de propagação” das idéias da Igreja e elementos de combate aos “inimigos da Religião”, em suma, “promover a boa imprensa” e “combater a imprensa anti-religiosa”.<sup>114</sup>

O envolvimento de Abdias Neves nas contendas com a Igreja Católica serviu para que seus opositores construíssem diversas práticas discursivas em torno de sua imagem pública.

---

<sup>113</sup> MARTINS, Elias, 1913, p. 20

<sup>114</sup> Resoluções do 1.º e 2.º Congressos Católicos. Apud. CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. *A expansão da Igreja em Santa Catarina, a reação anticlerical e a questão do clero nacional (1892 – 1920)*, 1988. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1988.

## IMAGENS DE TERESINA À ÉPOCA DE ABDIAS NEVES



Figura 15 – Centro político-administrativo de Teresina – Largo do Palácio, nos primeiros anos de fundação de Teresina (1852). Ao fundo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo – padroeira da cidade. A Igreja do Amparo foi o primeiro templo católico de Teresina.

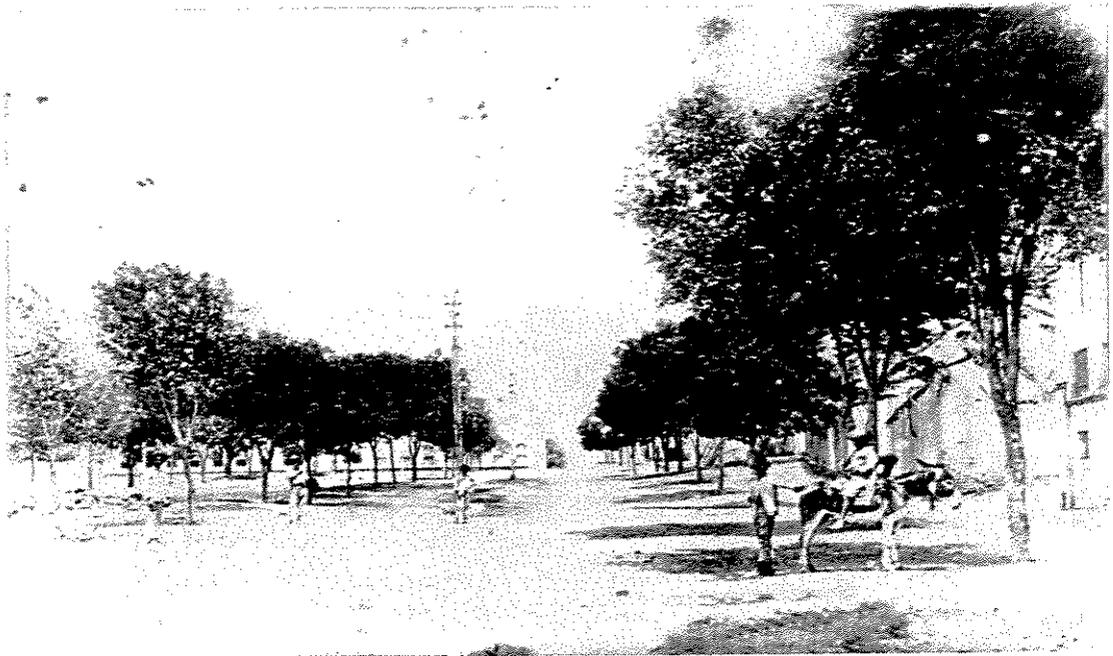


Figura 16 – Outro ângulo do Largo do Palácio ou Largo do Amparo – começa, em 1852, a se formar o principal núcleo histórico de Teresina. Antiga Praça da Constituição, hoje, Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente conhecida como Praça da Bandeira.

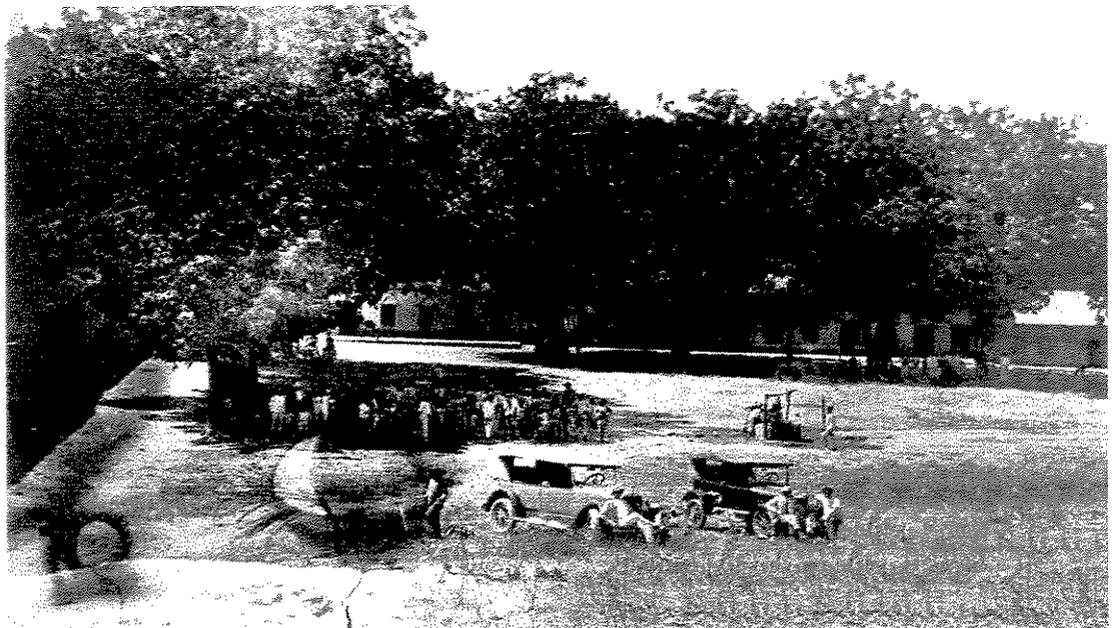


Figura 17 – Antiga Praça da Constituição, hoje, Praça Marechal Deodoro da Fonseca. O lugar era apreciado pelos habitantes da cidade para a realização de passeios e piqueniques.

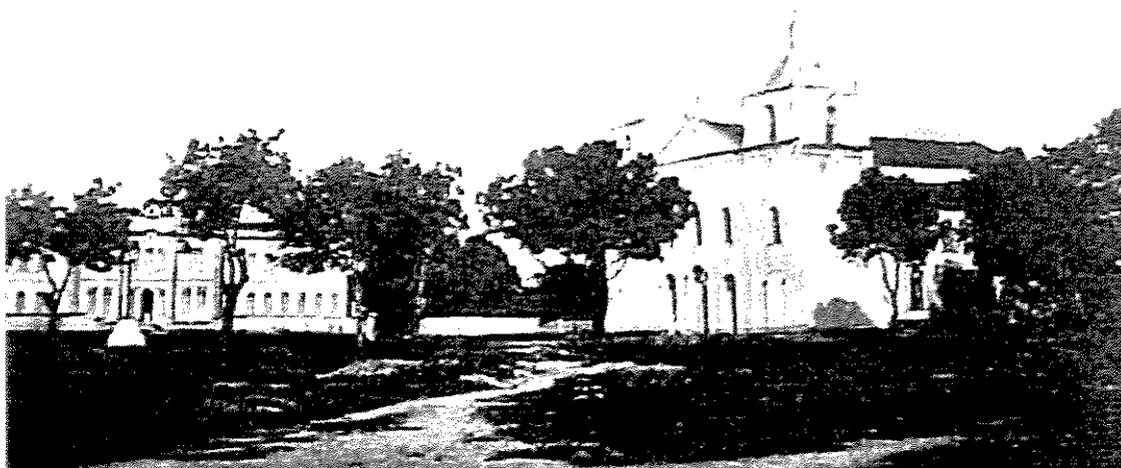


Figura 18 – Praça Saraiva, ao fundo, Colégio São Francisco de Sales (Diocesano), à direita a Igreja de Nossa Senhora das Dores, segundo templo católico de Teresina. Com a instalação do Bispado, em 1901, foi elevada à catedral.

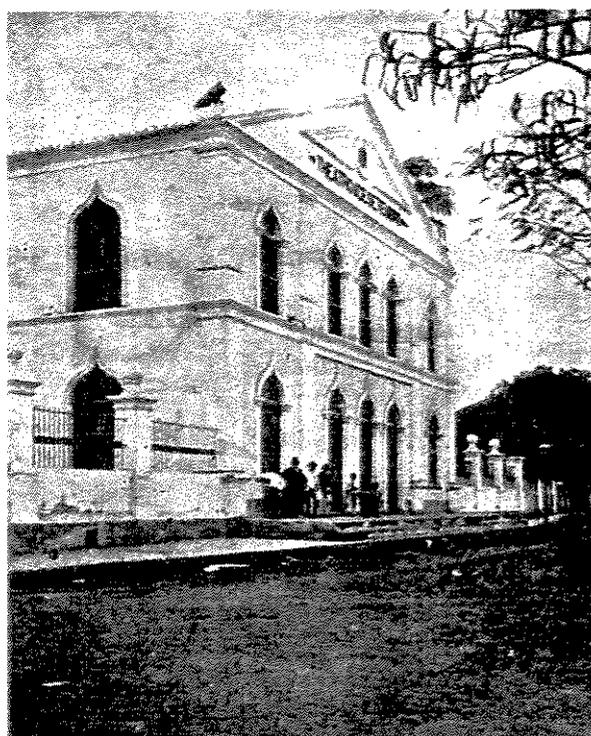


Figura 19 – Teatro 4 de Setembro

## **Capítulo 3 A política e a construção da imagem pública (1916-1925)**

### **1 Introdução**

As diversas práticas discursivas que foram elaboradas em torno da imagem pública de Abdias Neves, por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo é alimento do nosso trabalho, neste momento, quando tentamos buscar os sucessos e os fracassos reais e imaginados do biografado, a partir dos espaços de sociabilidade vividos por ele, bem como através de seus escritos, território privilegiado para explorar a sua vida e a sua obra.

Ao estudarmos a vida política brasileira e piauiense, nas três primeiras décadas do século XX, notamos que o padrão habitual de construção de uma carreira foi buscar proteção e conseguir um lugar na hierarquia da administração pública, junto a um grupo familiar de políticos influentes, sendo o casamento uma das estratégias utilizadas para alcançar a ascensão social.

Naquele momento, os literatos não podiam esperar viver de seu trabalho e levar uma vida respeitável. No Piauí, o número de analfabetos chegava a noventa por cento da população total, o que, aliás, não era uma característica só do Piauí, mas do Brasil. A dignidade dos homens de letras dependia do seu talento para escrever, da ajuda dos protetores, da projeção política, das alianças com grupos políticos influentes na região, bem como do título de bacharel.

O contexto político e social era dominado pelas oligarquias locais, elite de raízes e de bases econômicas agrárias que construíram práticas políticas ditadas pelas relações pessoais estabelecidas entre os pares, ou seja, entre pessoas da mesma origem familiar, fundadas na

posse da grande propriedade rural agro-exportadora, que lutavam para manter a hegemonia política local. Assim, conjugando atributos pessoais com relações familiares e de afinidade com determinados grupos políticos, a participação nos espaços de sociabilidade, seja através dos institutos e academias, seja através do jornalismo e da maçonaria, podemos encontrar as pistas para o ingresso de Abdias Neves na vida política.

As forças políticas existentes no Piauí, desde o início do século XVII, tiveram origens nos conquistadores autônomos, que legitimaram seu poder ao longo do processo de formação da sociedade colonial. O consórcio matrimonial foi um dispositivo utilizado por esses grupos para firmar e fortalecer seu poder. Assim, a partir do vínculo familiar e de consangüinidade formou-se o perfil do grupo social que deu o tom às alianças e interesses políticos e sociais. Tais grupos organizaram as suas bases materiais na pecuária e na prática do governo em conceder sesmarias a pessoas do mesmo grupo de parentesco, possibilitando a formação de patrimônios fundiários imensos. Nesse sentido, a posse da terra conferia prestígio social e político, originando áreas de influência cada vez maiores aos senhores locais. Fundadas em laços familiares extensos e consistentes, as forças políticas do Piauí construíram relações sociais firmadas na sujeição direta e pessoal<sup>1</sup>.

As famílias influentes do Piauí eram formadas por fazendeiros proprietários de terras e de gado. A pecuária extensiva colocava-se como fonte de riqueza de grandes proprietários e comerciantes. Entre o final do século XIX e início do século XX, o Piauí apresentava um baixo índice de desenvolvimento econômico, se comparado aos demais Estados do norte. Mesmo existindo alguns aglomerados urbanos, as mercadorias ainda circulavam no lombo de animais. Não existiam, ainda, rodovias e ferrovias, era a canoa, a balsa e o vapor que

---

<sup>1</sup> BRANDÃO, Tanya. *A elite colonial piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

circulavam nos trechos navegáveis do rio Parnaíba e seus afluentes. O comércio teve como principal centro a cidade do litoral do Piauí – Parnaíba, que já mantinha relações com o comércio nacional e internacional. Ali eram comercializados produtos ligados ao extrativismo animal e vegetal: borracha de maniçoba, cera de carnaúba, couro de gado, pele de cabra, algodão, caroço de algodão, gado vacuum, crinas, manteiga, penas de ema, dentre outros.<sup>2</sup>

No final do século XIX e início do século XX, os jovens bacharéis com militância na imprensa, constituíram o principal grupo de aspirantes à carreira política. Esses intelectuais começaram a atuar e a fazer parte da elite política local, criticando o que consideravam “velhas” práticas políticas. Entre esses jovens bacharéis estavam Félix Pacheco, Abdias Neves, Antonino Freire e Miguel Rosa, que se articularam em torno de Areolino e Anísio de Abreu, líderes do grupo dominante na capital do Estado.

Naquele momento, aumentavam as tensões entre a Igreja Católica e a maçonaria, que congregava boa parte da intelectualidade local, atraída pela possibilidade de criar um espaço de sociabilidade e de intervenção política. A maçonaria funcionou como um espaço privilegiado para a realização de debates, conferências e divulgação das idéias anticlericais, gerando acirradas polêmicas através da imprensa e disputa entre clericais e anticlericais pela tutela da sociedade. Para Higino Cunha, as contendas entre os dois grupos eram marcadas por investidas pessoais, que se sobrepujavam à doutrina. O conflito político foi marcado por paixões pessoais e sectárias.<sup>3</sup> Para Teresinha Queiroz, a participação daqueles dois grupos na imprensa e na vida pessoal suscitou reações e escândalos que sobrepujaram

---

<sup>2</sup> NEVES, Abdias. Discurso pronunciado no Senado em 8 de setembro de 1915. In: *Política das estradas de ferro e finanças da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916, p. 43.

<sup>3</sup> CUNHA, Higino. *Histórias das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Pianiense, 1924.

e obscureceram o fundamento do discurso católico e anticlerical, sendo que “[...] a crítica, de ambas as partes, tendeu a se centrar no ‘ridículo’ das pessoas e das suas situações de vida”.<sup>4</sup> Segundo a pesquisadora, a maçonaria, a vida político-partidária e a literatura eram os espaços de sociabilidades ocupados pelos jovens bacharéis.

[...] Voltando para o Piauí, munidos de um saber acadêmico e de uma filosofia que permitem que sejam definidos, segundo Nicolau Sevcenko, não só como ‘mosqueteiros intelectuais’, mas igualmente como ‘filósofos instrumentalizados’ para a ação social e política, os novos rumos que propunham para a sociedade eram divulgados e defendidos por meio da imprensa, na vida político-partidária, na Maçonaria e através da literatura [...]<sup>5</sup>

Procuramos compreender como Abdias Neves jogou as cartas na vida política. Como conseguiu se elevar acima de um degrau médio na hierarquia social e política? Como um homem sem recursos e sem uma origem familiar nas tradicionais oligarquias piauienses conseguiu chegar ao Senado Federal? De quais protetores políticos dependeu?

## 2 A vida política

Abdias Neves tinha o desejo de se projetar na vida política do Estado, a exemplo dos jovens bacharéis de seu tempo que, em sua quase maioria, eram formados na Faculdade de Direito do Recife<sup>6</sup>. Muitos desses jovens ingressaram, também, na Faculdade de Medicina da Bahia ou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Parte significativa da elite intelectual do Piauí teve militância ativa na imprensa e na maçonaria, e constituiu-se em aspirante à

---

<sup>4</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*. Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 167.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>6</sup> Anísio de Abreu, em 1882, entrou para a Faculdade de Direito do Recife e em 1908 foi eleito governador do Piauí pelo Partido Republicano Conservador. Antonino Freire, em 1894, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Politécnica. Em 1910 foi eleito Governador do Estado, ficando no cargo até 1912.

carreira política. Homens de letras, reconhecidos e evidenciados socialmente em um mundo de analfabetos, onde se valorizava o saber como elemento de poder nas disputas sociais e políticas, que tomaram forma em comícios, panfletos, jornais, conferências.

[...] A política é o destino do bacharel, é um domínio de instabilidade, mas igualmente de possibilidades de projeção e sucesso. O envolvimento político dos bacharéis é expressivo e está ligado em boa medida à mobilidade espacial do grupo, tanto no Império como na República. Entre as atividades literárias, destaca-se o jornalismo, profunda e essencialmente ligado à política no seu sentido mais amplo.<sup>7</sup>

As práticas políticas locais eram marcadas por adesões, cisões, coligações, congraçamentos e revezamentos no poder de determinadas facções políticas. A constante troca de cargos públicos, dentro do grupo dominante, não agradava aos aspirantes à carreira política, que imbuídos de ideais do liberalismo democrático, viram na política uma forma de humanizar a sociedade, de tornar os indivíduos conscientes de sua condição de cidadãos.

A arquitetura política, construída historicamente, não permitia a esses jovens bacharéis consubstanciarem seus projetos, o que os fez prisioneiros de um jogo político, na qual teoria e prática foram atividades antagônicas e divergentes, pois eram os donos do poder local que davam as cartas e continuavam a se perpetuar no poder, mantendo uma política fundada na proteção e na assistência. Quanto mais numerosa a família e suas relações pessoais, maior o prestígio e o poder, quanto maior o alinhamento com o poder central, maior a influência na região.

A trajetória dos políticos locais passou do executivo estadual à câmara estadual e federal, desembocando no senado federal. Podemos citar o caso de Eurípedes de Aguiar<sup>8</sup>,

---

<sup>7</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994. p. 85-86.

<sup>8</sup> Viveu entre 1880 e 1936. Estudou em São Luís. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Desistiu de ser médico e se formou em Direito no Recife em 1872.

eleito deputado estadual em 1915, governador do Estado em 1916, deputado federal em 1921 e senador da República em 1925. O caso de Abdias Neves foi peculiar. A carreira política do bacharel teve um curso diferente. Além de não pertencer a família influente no Estado e de não ter sido governador, nem deputado estadual ou federal, teve uma ascensão política relâmpago, se comparada a de outros bacharéis do período, vez que assumiu uma vaga no Senado da República, em 1915, sem passar pelos trâmites descritos acima.

No final do Império e na Primeira República, a formação jurídica se tornou um elemento importante de ingresso nos círculos de poder local e nacional. Gradativamente, os bacharéis em Direito, os médicos e os engenheiros foram ocupando cargos na administração pública. Esses indivíduos, graças à condição de bacharel e às ligações pessoais importantes que estabeleceram, assumiram posições na burocracia estatal, até então reservadas àquela elite de feição rural, quando somente o nascimento e o casamento eram passaportes de ingresso até então aceitos. Passou-se a viver um momento em que as aristocracias rural e comercial tiveram que dividir o poder com a aristocracia dos bacharéis. Para José Murilo de Carvalho era forte o poder exercido pelos coronéis,

O coronelismo não era apenas um obstáculo ao livre exercício dos direitos políticos. Ou melhor, ele impedia a participação política porque antes negava os direitos civis. Nas fazendas, imperava a lei do coronel, criada por ele, executada por ele. Seus trabalhadores e dependentes não eram cidadãos do Estado brasileiro, eram súditos dele. Quando o Estado se aproximava, ele o fazia dentro do acordo coronelista, pelo qual o coronel dava seu apoio político ao governador em troca da indicação de autoridades, como o delegado de polícia, o juiz, o coletor de impostos, o agente do correio, a professora primária. Graças ao controle de cargos, o coronel podia premiar os aliados, controlar sua mão-de-obra e fugir dos impostos. Fruto dessa situação eram as figuras do 'juiz nosso' e do 'delegado nosso', expressões de uma justiça e de uma política postas a serviço do poder privado.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*. O longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 56.

Com a República, parte dos jovens bacharéis viu a possibilidade de realizar os anseios de vários segmentos sociais, dentre eles, os militares, os membros do clero, os fazendeiros e os comerciantes descontentes com os processos políticos do Império, sobretudo, no que dizia respeito à abolição da escravatura e à centralização do poder. Baseando-se no idealismo iluminista e liberal, consubstanciado nas Revoluções Inglesa, Americana e Francesa, a Proclamação da República veio acompanhada de grande entusiasmo por parte desses setores e de segmentos populares que, embora sem participação efetiva, viam, euforicamente, no novo regime, uma forma de efetivar a tão almejada participação política, de que foram excluídos até então.<sup>10</sup> Para Ângela de Castro Gomes<sup>11</sup> os jovens bacharéis sonhavam com o fim de uma sociedade insolidária e patriarcal, elaborando, para isso, discursos, que procuravam concretizar projetos de intervenção mediante políticas modernizadoras.

Rui Barbosa queria um Brasil liberal, onde o povo fosse a grande majestade. Queria uma modernidade política em que dominasse o espaço público e o poder do Estado, impessoal e racional-legal mas fundado em uma arquitetura institucional com partidos e parlamento, na qual o indivíduo-cidadão participasse do poder e o limitasse por meio do voto. O jurista reconhecia as dificuldades para sua implementação, porém tal fato não o levava a abandonar o paradigma clássico de moderna sociedade ocidental, que lançava suas raízes nas concepções políticas de fins do século XVIII, democratizadas ao longo do século XIX.<sup>12</sup>

Conforme José Murilo de Carvalho<sup>13</sup>, a República se mostrou ingrata, pois sair da retórica para a realidade, negou o direito de cidadania à significativa parcela da população

---

<sup>10</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>11</sup> GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A (Coord.); SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 503-504.

<sup>13</sup> CARVALHO, José Murilo de, 1987.

brasileira. Os excluídos continuaram alijados do processo de consolidação republicano. O mecanismo eleitoral continuou a excluir analfabetos, mendigos, mulheres, menores de idade, praças de pré e membros do clero. A organização republicana que se instalou tinha como base o predomínio de forças oligárquicas, com pequenos grupos assumindo os destinos da Nação.

No Piauí, os antigos grupos conservadores e liberais do período anterior à República, sem diferenças ideológicas significativas, se realinharam, permitindo a continuidade das relações de poder até então existentes.

A estrutura econômica e social e, porque não dizer, a política, continuava intocada. A economia continuou tendo sua base de sustentação no latifúndio, neste predominando a pecuária extensiva, consorciada com a agricultura de subsistência. Além do surgimento de uma nova fonte de renda para o Piauí, o extrativismo vegetal.<sup>14</sup>

O periódico *A Democracia*, órgão do Partido Republicano Federal, em 1890, discutia esse novo momento da vida política brasileira e falava de uma fusão entre conservadores e liberais, que segundo os representantes dos dois grupos, deveria ocorrer de forma pacífica, pois o mais importante era o sucesso da República. Na verdade, houve a fusão dos dois “velhos” partidos e, também, dos órgãos da imprensa que representavam seus interesses, o *Fiat Lux*, representante das idéias do Partido Conservador e a *Imprensa*, representante dos interesses do Partido Liberal. O jogo político no Piauí não fugiu ao quadro mais amplo da política nacional. Desde o final do Império, a política esteve polarizada entre liberais e conservadores, tendo os jornais como palco das querelas entre os dois.

---

<sup>14</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A Revolução de 1930: 1928-1934*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 19.

Como se vê, dissolvidos os dois velhos partidos que das instituições monárquicas tiravam sua razão de ser, o pensamento dos homens que se acham a frente deles, logo que prestaram sua adesão à república, foi constituir novas agremiações políticas que se fundando nos princípios democráticos, pudessem servi-la eficazmente como força coletiva, arregimentados e dispostos a agir no sentido de sua consolidação e estabilidade.<sup>15</sup>

Abdias Neves esteve ligado àquelas relações de poder. Sendo um homem sem posses, filho de uma família de tipógrafos, literatos, funcionários públicos, gente de origem humilde, sua ascensão social e política pode ser explicada por ter se engajado no jornalismo político de combate, na maçonaria e, ainda, por ser um homem inteligente, bacharel, casado com a filha de um rico comerciante local. O bacharel esteve ligado ao grupo dominante no Estado no período de 1896 a 1917, num primeiro momento, e de 1927 a 1930 – a família Pires Ferreira.

As relações de poder não só no Piauí, mas no Brasil, eram construídas a partir do equilíbrio de forças e de compromissos de fidelidade entre os poderes central, regional e local, que funcionaram de forma a manter a hegemonia no poder dos grupos oligárquicos, com discursos moldados por uma proposta de mudança, mas, na prática, permeados pela manutenção de interesses pessoais e antigos privilégios.

Abdias Neves, através da imprensa, se mostrou comprometido com a transformação social e exprimiu desejo de formar uma consciência crítica nos homens, denunciando a falta de um programa político para o Estado, que, segundo ele, mantinha privilégios históricos, servindo para firmar a ausência de relações econômicas modernas e progressistas. Na prática, entretanto, biografado terminou aliando-se ao que considerava velhas práticas políticas, controladas pelos grupos oligárquicos locais. Assim, as tradições de família, os

---

<sup>15</sup> *O Democrata*. Teresina, ano I, n. 1, 03 abr 1890, p. 1.

laços de dependência pessoal e os interesses individuais desenharam o perfil da política na Primeira República.

No Piauí, essas relações de poder estiveram, diretamente, ligadas a um representante de uma determinada família e a sua influência junto ao poder central.

Na Primeira República, as relações de poder no Piauí desenvolveram-se historicamente pelo personalismo. A luta política que se verifica no interior da classe dominante reflete conflitos de interesse pessoais, ou seja, uma luta pela hegemonia do poder entre as figuras políticas dessa mesma classe, representando grupos políticos que se formaram no decorrer do período. O nome do chefe político confere ao grupo a sua identidade, seu prestígio. Assim é que se verifica, ao longo do período, a existência dos grupos: Coelhado, Piferista, Pachequista e Antoninistas.<sup>16</sup>

Esses grupos ocuparam espaços na arena política, seja na situação, seja na oposição, sempre de acordo com situações momentâneas que atendiam a seus interesses pessoais, pois não queriam ser excluídos das posições de mando.

Segundo Cecília Nunes<sup>17</sup>, durante a Primeira República, no Piauí, eram três os grupos que se destacavam: o Coelhado, sob a liderança de Coelho Rodrigues<sup>18</sup>, que agregou os grandes proprietários de terras e teve sua hegemonia entre os anos de 1889 e 1896; o Piferista, ligado à família Pires Ferreira, que teve sua hegemonia em dois momentos - a primeira entre os anos de 1896 e 1917 e a segunda entre os anos de 1927 e 1930. Segundo a pesquisadora, “[...] O prestígio político de Pires Ferreira junto ao poder central, neste período, é tão forte que qualquer grupo, para permanecer na hegemonia do poder, no Piauí, tem que estar em sintonia com os interesses de Pires Ferreira [...]”.<sup>19</sup> Com a morte do

---

<sup>16</sup> NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. *A luta pelo poder político no Piauí: ascensão e queda da oligarquia Pires Ferreira (1889-1920)*, Teresina, 1988, p. 126. Trabalho não publicado.

<sup>17</sup> *Ibid.*

<sup>18</sup> Viveu entre 1846 e 1912

<sup>19</sup> NUNES, Cecília, 1988, p. 129.

Marechal Pires Ferreira em 1930, esse grupo não conseguiu se manter no poder. O terceiro grupo, o Pachequista, teve como articulador o jornalista José Felix Pacheco<sup>20</sup> e esteve no poder de 1917 a 1927.

Esses grupos políticos enquadram-se na ideologia e nos interesses materiais da classe dominante que, como se sabe, apóia-se nos grandes proprietários rurais e agroexportadores reunidos em torno do Partido Republicano do Piauí (1891-1911), do Partido Republicano Conservador (1911-1916) e do Partido Republicano Piauiense (1916-1930), agremiações governistas no decorrer da Primeira República.<sup>21</sup>

Abdias Neves esteve com o grupo do piferismo. Naquele momento as tensões na vida política eram constantes. Sua indicação para o Senado Federal em 1914 revelou a garantia de equilíbrio e de interesses da família Pires Ferreira. O intelectual esteve a serviço desse grupo que o apoiava politicamente. Enquanto defendia práticas políticas liberais, modernizadoras e democráticas, no cotidiano da vida política, Abdias Neves colaborava com antigos processos políticos autoritários e centralizadores, nos quais a família e as relações pessoais eram o grande poder nesse jogo entre o poder central e local. A prática política era marcada por eleições fraudulentas e controladas pelo grupo situacionista, que empregava parentes e amigos, colocando as relações pessoais acima do nível partidário.

A fórmula adotada pelas elites locais piauienses não fugiu à regra do que acontecia nos outros Estados do norte, em que os altos cargos das administrações municipal e estadual, dos representantes na esfera estadual e federal se limitaram a ser privilégio dos grandes proprietários rurais, dos ricos comerciantes ou de intelectuais apoiados por aqueles grupos.

---

<sup>20</sup> Senador da República de 1921 a 1922 e Ministro das Relações Exteriores de 1922 a 1926

<sup>21</sup> NUNES, Cecília, 1988, p. 129.

As estratégias políticas objetivaram centralizar o poder, descaracterizando o recém fundado estado federativo brasileiro, além de desarticular a oposição com o propósito de eliminar as disputas eleitorais, impedindo que grupos políticos que não estivessem sintonizados com os interesses do poder central ocupassem cargos de comando na vida política dos Estados.

Nas relações políticas entre os Estados e poder central, é importante observar o papel dos 'coronéis-fazendeiros', formando a base local da estrutura de poder, particularmente aqueles dos Estados menos desenvolvidos. Nestes Estados, a presença de uma sociedade ruralista e tradicional é marcante, e a consciência política organizada entre situação e oposição partidária inexistente. Deste modo, os coronéis são de grande importância nos momentos da prática eleitoral, uma vez que neles reside todo o poder político local e são eles quem determinam as atitudes de toda a máquina burocrática nos municípios.<sup>22</sup>

A arquitetura política nacional tinha o objetivo de amenizar as tensões internas e cooptar as oligarquias estaduais, o que permitia ao poder central eliminar as possíveis oposições. Essa fórmula era a política dos governadores, iniciada no governo de Campos Sales.

Em termos práticos, a política dos governadores funcionava da seguinte maneira: a Comissão de Verificação dos Poderes era órgão constituído por elementos da Câmara dos Deputados, cuja função era receber as atas eleitorais, verificar a ocorrência de fraudes, proclamar e diplomar os deputados 'vencedores'. A partir da reforma de Campos Sales, a comissão passou a ser escolhida de acordo com os interesses do último presidente da legislatura anterior, pois este presidia a Comissão e escolhia os outros quatro membros. Anteriormente o mais velho dos diplomados era escolhido como presidente da Câmara. Dessa maneira, ocorria o perpetuamento da situação, pois o presidente anterior era oriundo do grupo dominante e assim evitava-se a entrada de membros da oposição. Na verdade, em certos momentos, após muitas pressões, havia o ingresso permitido dos opositores, como por exemplo, em 1915, nas eleições para a Câmara Federal, foram destinadas ¼ das vagas aos opositoristas, sem fugir ao controle da

---

<sup>22</sup> NUNES, Cecilia, 1988, p. 57.

situação. É bom lembrar que, na verdade, essa participação foi permitida pela Lei Rosa e Silva.<sup>23</sup>

A política dos governadores possibilitou a formação de políticos profissionais que passaram a ter forte influência não apenas sobre os grupos políticos locais, mas também em outros Estados. Abdias Neves esteve ao lado de políticos como o senador gaúcho Pinheiro Machado e o Marechal Pires Ferreira, figuras de destaque do Partido Republicano Conservador. Em nível local, os grupos políticos articularam-se em torno dos Mendes-Nogueira, do centro-sudoeste, dos Pires, do norte e dos Abreu de Teresina.<sup>24</sup> Em torno dos irmãos Abreu, Antonino Freire e Miguel Rosa, Abdias Neves costurou as alianças políticas, que lhes garantiram o ingresso no Senado da República.

A influência política da família Pires Ferreira, em nível local, e de Pinheiro Machado no cenário nacional, pode ser ilustrada pelos acontecimentos que marcaram a sucessão ao governo do Estado em 1912. A conjuntura política foi caracterizada por grande tensão entre governistas e a oposição organizada em torno da União Popular, partido que representava os interesses da Igreja Católica. Antonino Freire, governador do Estado, apoiou a candidatura de Miguel Rosa, um dos protagonistas da luta entre Igreja e maçonaria. A oposição criou o jornal *A Cidade de Teresina*, que, junto com *O Apóstolo*, sustentou as pelepas com *O Piauí*, jornal do governo. O momento era marcado pela força do pinheirismo, que pressionava o executivo federal e garantia a confirmação do nome do candidato governista.

---

<sup>23</sup> BRANDÃO, José Adail Monteiro. *As armadilhas do poder*. Partidos políticos e a sucessão governamental de Miguel Rosa. 1996, 137f. (Monografia final do Projeto de Iniciação Científica CNPq). – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1996, p. 15-16.

<sup>24</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994.

Em 1913, Antonino Freire foi eleito deputado federal, no entanto, tinha a meta de ocupar a vaga para preenchimento de um terço do Senado que ocorreria no ano seguinte. No entanto, em 1914, o nome de Antonino Freire não teve o apoio nem de Pinheiro Machado, que considerava Antonino Freire muito próximo de seus adversários políticos, nem de Pires Ferreira e tampouco de Miguel Rosa que, por sinal, fora eleito governador do Estado, em 1912, com o apoio de Antonino Freire. Nessa conjuntura, Abdias Neves foi indicado para o cargo de senador, com o apoio de Raimundo Borges, governador em exercício, o que foi seguido pela Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador. A confirmação de Abdias Neves para a vaga no Senado teve o apoio de Pinheiro Machado e Pires Ferreira, o que confirma, assim, a subordinação da política local aos interesses dos representantes da política nacional.

Quanto a Abdias Neves, depois de um longo tirocínio nas letras e na magistratura, sempre tinha seu nome cogitado para cargos eletivos, porém, empecilhos de toda ordem faziam com que não lograsse êxito. No entanto, em 1915, por iniciativa da Comissão Executiva do PRC, notadamente de Raimundo Borges, viu seu nome indicado e sufragado para a carreira de senador. Apesar das contestações do candidato opositor unionista, Armando Burlamarqui, junto à Comissão de Verificação de Poderes do Congresso, teve o seu diploma reconhecido. Quanto à proposição de que ele seria o virtual candidato a governador nas eleições de 1916, para abrir vaga no Senado para Miguel Rosa, essas pretensões foram desfeitas devido ao assassinato de Pinheiro Machado, pois na opinião do Marechal Pires Ferreira, Abdias Neves seria mais útil estando no Senado. Outra explicação para o fato era a postura do presidente da República que procurava combater 'essas escandalosas permutações governamentais, procurando impedir as trocas indecentes dos governos dos Estados por curus santanoriais'<sup>25</sup>.

Como já nos referimos anteriormente, a família Pires Ferreira teve grande influência na política piauiense desde o final do Império até 1930. Sob a sua proteção, Abdias Neves assumiu funções na administração pública estadual, sendo indicado em vários momentos

---

<sup>25</sup> BRANDÃO, José Adail Monteiro, 1996, p. 43-44.

para o cargo de Governador do Estado, em 1911, para Deputado Federal, em 1911, até que foi indicado pelo Partido Republicano Conservador, sob o comando local de Pires Ferreira, para ocupar uma vaga no Parlamento Federal como Senador da República, em 1914.

Firmada sob relações pessoais e clientelistas, as lideranças políticas locais entenderam por oposição a exclusão de indivíduos que, na maioria das vezes, por questões pessoais, discordavam do governo do Estado e das famílias que lhe davam sustentação. É a partir dessa arquitetura política que podemos entender a indicação de Abdias Neves, em detrimento de Antonino Freire, para ocupar uma vaga no Senado.

Assim, não existia um programa político para o Piauí consubstanciado no Partido Republicano Conservador, ou se estava no poder ou fora ele, aos amigos era dado tudo, aos inimigos nada. Era comum à época de Abdias Neves, não só no Piauí, mas nos Estados do norte, o domínio político por uma família, como era o caso da Pires Ferreira.

Como chefe local do Partido Republicano Conservador, o Marechal Pires Ferreira geria a maior parte dos negócios do Partido. Miguel Reale descreve da seguinte forma a política eleitoral do período:

[...] eram divergências internas, revezamento dos menores eleitores ou grandes eleitores, de tal sorte que o jogo da maioria ou da minoria ficava praticamente na dependência dos entendimentos entre os Presidentes dos Estados, conforme a pujança demonstrada nos pleitos, sem qualquer preocupação programática e com o mais franco desprezo pela liberdade do sufrágio [...].<sup>26</sup>

Sem preocupação programática, os líderes políticos locais eram forçados a acordos e arranjos diversos. Quando não conseguiam estabelecer esses pactos, colocavam-se no lugar de oposição e trocavam críticas e acusações mútuas. A imprensa funcionava como palco

---

<sup>26</sup> Apud, NASCIMENTO, Francisco Alcides do, 1994, p. 29.

dessas querelas “[...] sempre que surgia uma facção política, um agrupamento de políticos, surgia também um jornal, objetivando defender o ‘programa’ e os seus componentes dos ataques e acusações dos adversários”.<sup>27</sup>

Abdias Neves, embora no final de sua vida tenha criticado esses arranjos políticos, fez parte do jogo, ajudou a construí-lo e reforçou o discurso e o poder das oligarquias que controlaram o Piauí até então.

Amigo pessoal de Miguel Rosa, Abdias Neves foi Secretário de Governo em sua administração, compactuando com o jogo de poder dominante. Os dois amigos exerceram as funções de Juiz de Direito, Secretário de Governo, foram fundadores e redatores de diversos jornais locais, dentre eles *O Reator*, que, segundo Higinio Cunha, era francamente anticlerical e livre-pensador.<sup>28</sup>

Através do jornalismo de combate, Abdias Neves conseguiu projetar seu nome como um tremendo polemista nas contendas políticas-partidárias, literárias ou religiosas, ou como crítico ácido da Igreja Católica, seus ministros ou simpatizantes.

Com Miguel Rosa e Antonino Freire, Abdias Neves fundou em 1902 o jornal *A Pátria*. O periódico tinha publicação semanal e contava com outros intelectuais locais, como Clodoaldo Freitas. Através da imprensa, o biografado envolveu-se em querelas políticas com a Igreja Católica. As disputas jornalísticas entre os livres-pensadores, ligados à maçonaria no Estado, sobretudo, a Loja Maçônica Caridade 2.<sup>a</sup> de Teresina, e os membros da Igreja Católica serviram para criar em torno do intelectual a imagem de firme ateu, de inimigo da religião e da Igreja Católica, embora anticlericalismo não fosse sinônimo de ateísmo, como procurava difundir a imprensa católica. Os anticlericais podiam

---

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do, 1994, p. 31.

<sup>28</sup> HIGINIO, Cunha, 1924.

até fazer profissão de fé deísta, aderindo à idéia da existência de um Ser Supremo. Não eram necessariamente irreligiosos militantes apenas pretendiam conter o avanço da influência da religião, sobretudo católica, dentro dos limites da sociedade civil. Não eram indiferentes à religião, nem anticristãos, propunham apenas que o cristianismo voltasse à sua pureza original. O grupo definiu-se, categoricamente, por oposição ao clericalismo<sup>29</sup>.

[...] O positivismo estudado, discutido e incorporado aos conhecimentos dos bacharéis que passaram pelos bancos da Faculdade de Direito, em muito contribuiu para ascender de vez a peleja jornalística que se travava no Piauí. Os bacharéis ao retornarem à 'terrinha' se agregavam à Loja Maçonica então existente, provavelmente, local onde encontravam pares a altura para discutirem 'abertamente' questões contra o domínio exercido pela 'Santa Madre Igreja'.<sup>30</sup>

Os conflitos que Abdias Neves estabeleceu com os clérigos locais e com políticos ligados à União Popular serviram para projetá-lo na vida política do Piauí, mas também para criar a seu respeito uma imagem de ateu e inimigo da Igreja Católica, que tirava proveito político da situação:

Organizar um partido entre o povo católico, que tenha força bastante para reagir contra a maçonaria e o maçonismo, contra os absurdos e abusos, é o remédio que conhecemos. A existência de um partido que garanta a estabilidade dos governos constituídos, o respeito às autoridades reconhecidas, a paz pública, a marcha progressista dos negócios do Estado e interesses da sociedade. É uma medida de primeira ordem.

O nosso inimigo, nas trevas, maquina contra nós, contra as intenções dos poderes públicos, contra os interesses do povo, contra o bem estar da sociedade.<sup>31</sup>

Como era comum no Piauí, a sucessão governamental criava um momento de tensão, de luta política entre os líderes locais. A indicação de Miguel Rosa, em 1911, para ocupar o cargo máximo do executivo estadual e de Abdias Neves, em 1914, para o Senado Federal,

<sup>29</sup> REMOND, René. *L'Anticlericalisme en France: de 1815 à nos jours*. Paris: Editons Complexe, 1985.

<sup>30</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica*. Teresina: Fundação CEPRO, 1993, p. 72.

<sup>31</sup> *O Apóstolo*. Teresina, ano III, n. 111, 25 jul 1909.

edificados e glorificados os feitos dos grandes personagens da história oficial. O fazer história se vinculava à exaltação dos grandes acontecimentos oficiais, à criação de mitos e heróis nacionais, visto que, como vimos, o historiador tinha a tarefa primordial de contribuir para a construção da memória nacional, por meio de sua produção intelectual, despertando nos cidadãos brasileiros o sentimento de amor e fidelidade à pátria.

Nesse sentido, a história teria uma função pedagógica, haja vista que, pelo conhecimento do passado, era possível ensinar às futuras gerações sobre as glórias da nação, criando, assim, o sentimento de lealdade e amor pelo Brasil. A história era vista de forma linear, fruto do processo de evolução da humanidade, uma história vinculada ao ideal de civilização, fundada na cultura européia. O historiador, neste contexto, narrava o passado de modo objetivo, imparcial, isento.

Escrever a história constituía, dessa forma, um ato de garimpagem, de quem recolhe documentos assim como se acham preciosidades. O ato de “selecionar” fatos supunha a mesma isenção encontrada naquele especialista que, ciente de seu ofício, separa as boas pedras das más, ou mesmo daqueles que ofereceram pouco brilho ao olhar. Nas mãos do IHGB começa a se formar, portanto, uma história que se pretendia única, apesar de marcadamente regional, uma utilização parcial e seletiva de fatos e documentos a despeito de sua neutralidade na seleção.<sup>16</sup>

Havia, por parte dos pesquisadores, a idéia de “coligir, metodizar, publicar ou arquivar” os documentos, uma vez que só seria possível escrever história a partir dos documentos. Daí a necessidade de uma instituição que se propusesse a encontrá-los e organizá-los, para que as futuras gerações conhecessem o passado da nação brasileira. A história era vista como palco de experiências passadas, daí a importância dada às biografias como elemento delineador de exemplos às gerações vindouras, garantindo a afirmação de

---

<sup>16</sup> SCHWARCZ, Lillian, 1989, p. 27.

Para os clericais, a criação de um partido católico no Piauí tinha como propósito combater, “com as mesmas armas”, o inimigo anticlerical, participar da vida política e, sobretudo, combater os maçons, seus inimigos declarados.

Os clérigos conclamavam o povo católico para a guerra conta Miguel Rosa e Abdias Neves, representantes do que a União Popular considerava a ala mais radical da maçonaria no Piauí. Os dois políticos tiveram que,

[...] arcar com os ressentimentos acumulados da chamada luta religiosa que já vinha de muitos anos e que a meu ver não foi religiosa; foi simplesmente uma luta política como outra qualquer, porque envolveu alguns elementos do clero, aliás, gente muito boa, tomou aquela conotação religiosa. Mas o que se disputava, realmente, de ambos os lados, eram posições de mando da política.<sup>34</sup>

Os projetos políticos de Abdias Neves estavam ligados ao que considerava a modernização do Piauí. Defendeu a construção de vias férreas que facilitassem as comunicações internas e, sobretudo, ajudassem a dinamizar a economia local. Interessou-se pela construção de estradas de rodagem, pela navegação do rio Parnaíba, construção do Porto de Amarração, que facilitaria a exportação de produtos do extrativismo vegetal e animal. Embora com idéias de progresso e modernização para a região, o biografado não conseguiu fugir às amarras de uma política controlada por uma oligarquia que tinha seus interesses marcados pela manutenção de um Estado pobre, analfabeto e atrasado. Esteve sempre reclamando do poder constituído como se não fosse um de seus agentes.

Abdias Neves assumiu o cargo de Senador da República em 1915, num momento em que os Estados do norte viviam uma seca sem precedentes. No mesmo ano, a oposição ao governo de Miguel Rosa, liderada por Félix Pacheco e Antonino Freire, retomou o poder

---

<sup>34</sup> CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 615.

por falta de habilidade política de Miguel Rosa o que pode, também, ser atribuído à Abdias Neves, que como Senador, não tinha tanta influência e habilidade quanto Antonino Freire, Deputado Federal e, posteriormente, Senador.

Antonino Freire não esqueceu as injunções da política piauiense de 1914, quando não conseguiu ter o seu nome indicado para o Senado. Retirou o seu apoio político à Miguel Rosa e apoiou a candidatura oposicionista de Eurípedes de Aguiar para o governo do estado. O senador Pinheiro Machado foi assassinado em 1915, deixando órfãos Pires Ferreira, Miguel Rosa e Abdias Neves. Naquele momento, a arquitetura política era remodelada sob o controle de Antonino Freire e de Eurípedes de Aguiar apoiados por Félix Pacheco.<sup>35</sup>

Os discursos pronunciados por Abdias Neves, no Senado Federal, reivindicavam melhoria dos transportes e dos meios de comunicação para o Piauí. Tornou visíveis os problemas sociais e econômicos da região, mas, sobretudo as suas potencialidades. Sonhava tornar o comércio do Piauí livre da tutela do Maranhão, tendo em vista que a partir do início do século XX houve o aumento da produção da borracha de maniçoba, que, para ser exportada para as praças brasileiras, européias e americanas, tinha que contar com a mediação do Maranhão. Isto provocava altos preços para as mercadorias, devido às especulações do câmbio, aos impostos e às taxas diversas. Descontentes com essa situação, os comerciantes locais se mobilizavam, sendo constantes na imprensa as campanhas que buscavam alertar a população para aqueles abusos do comércio maranhense e para a necessidade do Piauí de se tornar livre daquela tutela.

---

<sup>35</sup> Cf. Anexo Carta ao Senador Marechal Pires Ferreira pelo deputado Félix Pacheco a propósito da sucessão governamental de 1916. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916

[...] A partir desse momento e nas décadas seguintes, a mobilização do comércio e as campanhas na imprensa visarão a alertar da população para os abusos do comércio maranhense e para a necessidade de Piauí se tornar independente daquela tutela. Essa preocupação está expressa tanto no discurso oficial como na imprensa periódica.<sup>36</sup>

Afinado com o discurso dos comerciantes do norte do Estado, Abdias Neves defendeu a necessidade de construção de estradas de ferro que pudessem dinamizar os comércios local e regional, através de trechos que ligariam as principais cidades comerciais com as vias fluviais. São exemplos dessas propostas do Senador a construção da via-férrea Petrolina-Amarante e Ceará-Piauí, projetos malogrados, mas intensamente debatidos pelo político no Senado, na imprensa local e nacional<sup>37</sup>. Os argumentos do biografado centravam-se nas reivindicações dos comerciantes do norte do Estado, que alegavam as crescentes dificuldades de navegabilidade do rio Parnaíba em decorrência das estiagens. O Senador ressaltou o potencial da região para a produção de artigos para exportação<sup>38</sup>. Os argumentos de Abdias Neves, na maioria das vezes, foram contestados por seus pares, pois o discurso tradicionalmente construído, pelos políticos locais, incluindo o próprio Abdias Neves, era a de um Piauí pobre, miserável, formado por um povo preguiçoso e incapaz de trabalhar, de produzir.<sup>39</sup>

A partir do início do século XX, com a exploração da maniçoba, as alterações econômicas e demográficas tiveram como resultado a emergência de cidades como Amarante, Floriano, Teresina, União, Parnaíba, principais cidades comerciais desse

<sup>36</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 20.

<sup>37</sup> *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1916.

<sup>38</sup> NEVES, Abdias, Discurso pronunciado no Senado em 8 de setembro de 1915. In: *Política das estradas de ferro e finanças da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916.

<sup>39</sup> NEVES, Abdias. *A Guerra de Fidié*. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

período, todas com um aspecto comum, o de estarem às margens do rio Parnaíba em seu trecho então navegável.<sup>40</sup>

Teresina, no final do século XIX, já experimentava a atividade comercial com as exportações de produtos derivados do gado bovino. No entanto, a economia piauiense era dependente das economias cearense e maranhense, que se abasteciam do gado do Piauí. Contudo, gradualmente, aqueles centros foram sanando suas dificuldades de consumo, não necessitando importar o gado do Piauí. A dependência econômica em relação aqueles mercados consumidores gerou um atrofiamento em empreendimentos que poderiam ter dinamizado a economia do Estado, pois os fazendeiros não investiram em melhoramentos técnicos, nem diversificaram suas atividades. A economia agrícola, por seu turno, esteve destinada, quase que exclusivamente, ao consumo dos produtores, existiam poucas trocas, geralmente, entre comerciantes ambulantes vindos de províncias limítrofes ao Piauí – Ceará, Maranhão, Pernambuco e Bahia. A propriedade da terra, consubstanciada na grande propriedade para a criação extensiva de gado bovino, esteve vinculada a um mercado consumidor externo e não interno. Lentamente, ocorreu uma combinação entre a economia agrária e a pecuária extensiva, sobretudo no final do século XIX e início do século XX. O início do século XX foi marcado pelo desabrochar da economia ligada ao extrativismo vegetal, atividade que assumiu um papel importante na economia piauiense, o que provocou o aumento da receita do Estado e permitiu alcançar alguns elementos de modernização dos serviços públicos diversos: serviço de água, esgoto e energia elétrica, sobretudo, na capital do Estado – Teresina (1852).<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> QUEIROZ, Teresina, 1994. NEVES, Abdias. Estado do Piauí. In: *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* (Comemorativo do primeiro centenário da independência). Rio de Janeiro: Kraus Reprint, v. 1, 1972.

<sup>41</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994.

Ainda exercendo o mandato de Senador, Abdias Neves envolveu-se na polêmica questão da extinção dos Colégios Militares, entre 1914 e 1915. Como nacionalista, o biografado posicionou-se a favor da manutenção daqueles Colégios, pronunciando uma série de discursos no Senado<sup>42</sup>. Refutou os argumentos, desde então aceitos pelos defensores da extinção dos referidos colégios. As argumentações dos defensores da extinção dos Colégios Militares se encaminharam no sentido de que os estabelecimentos de ensino eram fonte de despesas, criavam privilégios para os filhos de militares, estabelecendo distinções inconstitucionais entre os filhos de militares e de civis, cujos resultados práticos não valeriam as despesas feitas, vez que a maior parte dos alunos não seguiam a carreira militar. Para o pesquisador Arisvaldo Fontes, o político piauiense foi figura importante naquela querela, quando teria rebatido “uma estranha aversão aos Colégios Militares”.

Foi então quando o Senador pelo Piauí, Abdias Neves, fez dois discursos nas sessões de 10 e 15 de dezembro de 1915, em defesa dos Colégios Militares. Salvou-se com os argumentos apresentados e com dados oficiais expostos e discutidos. Juntou dois argumentos principais: primeiro, a demonstração clara de que extinguir os Colégios Militares era desservir o ensino num país de 85% de analfabetos; segundo, acabar com o Colégio Militar do Rio de Janeiro era dar ao Erário Público um prejuízo de oito mil contos, porque a tanto montava o valor do terreno e edifícios do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que retornariam ao poder absoluto da Associação Comercial.<sup>43</sup>

Os professores do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1916, fizeram publicar os discursos vitoriosos de Abdias Neves, que foram, também divulgados pela imprensa

---

<sup>42</sup> COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. Discursos pronunciados nas sessões de 10 e 15 de Dezembro de 1915 no Senado Federal, pelo Exmo. Sr. Dr. Abdias Neves. Rio de Janeiro: [s. n.], 1916.

<sup>43</sup> FIGUEREDO, A J de e FONTES, Arisvaldo S. Colegíofobia. In: *Breve Introdução à História dos Colégios Militares no Brasil*. Rio de Janeiro: EGGCF, 1958, p. 68.

carioca, tanto no *Jornal do Comércio*, como *n'País*. Os professores, também, promoverem uma série de homenagens ao Senador.

Imprimem-se neste opúsculo os discursos pronunciados no Senado da República pelo ilustrado Senador Snr. Dr. Abdias Neves em prol da manutenção dos Colégios Militares.

Essas notáveis orações parlamentares, nas quais se alia à primorosa forma um alto sentimento de claríssima percepção patriótica, foram ao mesmo tempo a mais nobre apologia e mais categórica defesa desses estabelecimentos de instrução.

O Senado ouviu, atento, a ponderada palavra do operoso representante do Piauí, na qual tão lucidamente se revelam não só o seu espírito nobilíssimo de justiça, senão também a sinceridade da sua espontânea ação.

Os oficiais, os professores e demais funcionários do Colégio Militar do Rio de Janeiro, profundamente agradecidos ao grande defensor deste instituto, resolveram, "data vênica", encerrar nestas páginas, como um preito à verdade inconcussa, as orações convincentes daquele preclaro e lidimo paladino da justiça.

Rio, fevereiro de 1916.<sup>44</sup>

Abdias Neves defendeu, ainda, um projeto inovador para sua época, mas que não teve êxito em sua aprovação. Propôs o mais remoto projeto legislativo brasileiro referente à crueldade contra os animais, em 1922. Depois dessa data não aparecem nos escritos e contendas apresentadas pelo político nenhuma referência a essa questão.

Neste momento do texto, buscamos perceber como a imagem de Abdias Neves foi construída por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo. Como esses sujeitos, que fizeram parte de seu cotidiano, se preocuparam em descrever seus hábitos, costumes, valores e idéias, sobretudo no que diz respeito a sua atuação como literato e político.

### **3 Abdias Neves dos contemporâneos**

Segundo seus opositores políticos, dentre eles Elias Martins, Abdias Neves era um péssimo sujeito. Homem inteligente, simpático, com grande crédito pessoal para os amigos.

---

<sup>44</sup> COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO, 1916.

Seus inimigos políticos pretenderam torná-lo vulnerável às ondas hostis da opinião pública, desgastando sua imagem perante a sociedade. Para seus amigos, aparecia como uma pessoa de mérito eminente, grande inteligência, talento pessoal para a música e para as polêmicas literárias e políticas, celebridade no mundo das letras e da vida política. Para seus inimigos políticos, o biografado representava uma variante insidiosa de perigo: o ateu, que se orgulhava de sua irreligiosidade, perigoso por falar dos sagrados mistérios com desdém. Escritor pornográfico, irreligioso, libertino, autor de notas fortes e picantes contra a religião, que zombava dos sacramentos e produzia uma literatura anti-religiosa. Reconhecido como inteligente, mas pernicioso, Abdias Neves era criticado por suas idéias e comentários desairosos ao clero e aos dogmas do catolicismo.

[...] Enquanto, porém, no teatro dos acontecimentos políticos, aparecem figuras prestigiosas e de valor, enquanto homens de mérito e de vergonha se apresentam para cuidarem da nobre peleja da regeneração solvífica, eis que se apresenta no palco de tão importantes aspirações, com o mais inqualificável despudor, o tipo nauseante de Abdias – o corrompido nato, o bárbaro prostituído dos costumes moralizadores, o maquiador desalmado das desgraças de que temos sido vítimas pacientes.

E o que toca a meta do cinismo é que na ocasião propícia em que políticos de merecimento e valor incontestável se ativam para indicar o substituto à governança do Estado e para assentarem as bases a respeito de nossa representação federal, o ignóbil animalejo se apresenta com o ar bestunto e pretensioso de quem tem direito a um lugar na alta câmara do País.

Vem-nos à imaginação a crítica figura de um palhaço desenxabido a dizer graçolas sensaboronas nas reles platéias.

Nem outro nome merece tal candidato antipático [...].<sup>45</sup>

Ao analisar as diversas imagens que o biografado teve e viveu na vida cotidiana de seu tempo, destacamos a sua passagem pelo Senado Federal entre 1915 e 1924, quando tentou construir a imagem de político atuante e defensor de uma administração moderna e

---

<sup>45</sup> CÔMICO repugnante. *O Apóstolo*. Teresina, ano V, n. 219, 13 ago. 1911

progressista, que “salvasse” o Piauí do “atraso histórico” em que, segundo Abdias Neves, estava imerso desde os primórdios da colonização da região.

Para a elite intelectual brasileira do final do século XIX e início do século XX, a mudança do mundo viria a partir de sua intervenção nas questões que estavam postas na sociedade. Abdias Neves foi um desses sujeitos que se manifestou através da imprensa, de livros, de debates públicos, onde se discutia a modernização, a reorganização do espaço urbano, a vida político partidária, a participação da mulher na vida pública, o papel político-social da Igreja Católica, a função e a atuação dos clérigos e dos maçons na vida pública. Como muitos de seus contemporâneos, o biografado utilizou as palavras como instrumento para polemizar questões postas na sociedade e viu que o jornal funcionava como arma contra o que considerava atraso cultural, contra o preconceito de uma sociedade que dizia provinciana. Usou a imprensa para formar opinião, militar a serviço da sociedade piauiense. Para os intelectuais, a imprensa tinha o propósito de esclarecer os indivíduos e tirá-los da situação de miséria e de ignorância na qual viviam abandonados pelos governos desde o processo de colonização da região. Suas idéias aparecem em jornais como *A Pátria*, *O Monitor*, *Diário de Notícias*, *Diário do Piauí* bem como nas páginas das Revistas *Litericultura*, da *Academia Piauiense de Letras*, do *Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* e do *Instituto Histórico e Geográfico do Piauí*.

Abdias Neves ficou na memória de seus contemporâneos como um indivíduo controvertido. Suas críticas à Igreja Católica, a seus ministros, sua posição de firme ateu gerou grande polêmica sobre a sua personalidade. Viveu o policiamento imposto pela

sociedade e pelos indivíduos, pelos amigos, por suas crenças religiosas, pelas obrigações domésticas, pela multiplicidade de hábitos e de ações.<sup>46</sup>

Estudando o anticlericalismo, no Piauí no início do século XX, nas páginas do jornal católico *O Apóstolo*, percebemos que, em determinado momento da polêmica entre clericais e anticlericais, apenas Abdias Neves aparecia como protagonista do conflito com a Igreja Católica. O livre-pensador passou a ser considerado o inimigo número um da instituição eclesiástica, dos clérigos, do Partido Católico – a União Popular. Esse grupo passou, então, a construir uma imagem diabólica do intelectual.

As idéias anticlericais do biografado foram duramente criticadas pelos católicos mais fervorosos. Os articulistas *d'O Apóstolo* o representavam caricaturalmente como um indivíduo chifrudo, de rabo, com um tridente na mão e um nariz vermelho, enorme e assustador. Abdias Neves estaria sempre acompanhado do diabo sendo, muitas vezes, até mais perigoso que o próprio “bicho chifrudo”, “herege, inimigo da igreja”, “inspirado do capeta”.

[...] o dr. Abdias diz que é ateu, procura mesmo ocasião de manifestar a dureza do seu coração, e, sobretudo, entregar-se ao diabo todos os dias, como também os seus inocentes filhinhos. De forma que, segundo diz ele, o diabo é muito seu amigo, apesar de ainda não o ter visitado, não obstante o desejo que ambos tinham de se conhecer [...] Mas, pondo-se as coisas nos eixos, eu não sei a quem correrá mais perigo essa amizade; se ao Abdias ou se ao diabo, porque o diabo pode um dia arrebatá-lo, e leva-lo para capataz do inferno; mas também corre perigo ao diabo passando perto do nariz do Abdias; pode ser absorvido, e olhe o moleção apertado dentro daquelas cavidades nasais.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.413.

<sup>47</sup> O ABDIAS e o diabo. *O Apóstolo*, Teresina, ano III, n. 124, 24 out 1909, p. 5.

Os redatores *d' O Apóstolo* estavam sempre prometendo fazer uma minuciosa análise da obra do literato. Em 1909, quando foi publicado o romance *Um Manicaca*, obra anticlerical, o trabalho foi considerado pela crítica clerical como imoral e pornográfico.

Prevenimos aos católicos que o romance 'Um Manicaca', do Sr. Abdias Neves, é um acervo de imoralidades guisadas com blasfêmias. Repilam as famílias essa pornografia preparada para as alcouces e indignas de entrar no santuário dos lares.

Em tempo oportuno publicaremos uma análise dessa obra que veio escandalizar a parte sã da sociedade teresinense.<sup>48</sup>

Começamos, então, a nos interrogar: como e por que se cristalizou a imagem diabólica de Abdias Neves? O que se escondia por trás disso? Que mecanismos ideológicos foram construídos em torno dele? Que atitudes e comportamentos do biografado nortearam a hostilidade da Igreja Católica e da comunidade teresinense em relação ao livre-pensador, literato, político e maçom?

Abdias Neves foi apresentado pelos intelectuais de sua geração como alguém que fugiu à banalidade do jogo político e teve efetiva expressão nacional. Podemos inferir que em torno do biografado se construiu o velho mito do Salvador, no sentido em que é entendido por Girardet:

[...] Mais uma vez, o velho mito do Salvador ressurge em nossa história, mito destinado, nesse caso, a um futuro curto, mas, por um momento, suficiente poderoso suficientemente coerente, suficientemente atrativo também para fixar a atenção, reter a reflexão.<sup>49</sup>

Como já destacamos, os adversários políticos do biografado faziam do jornal um instrumento para construir uma imagem negativa do literato. Os articulistas do jornal

---

<sup>48</sup> AOS PAIS e mães de família. *O Apóstolo*. Teresina, ano III, n. 126, 7 nov 1909, p.4.

<sup>49</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 64.

católico apontavam Abdias Neves como inimigo da religião católica, do clero, bem como enfatizaram sua vida boêmia, “chefe dos morcegos”, “vazio de idéias”, “presunçoso”, “sabichão”, “imaginação doentia”. Para os opositores do intelectual, era fundamental alertar as famílias católicas em relação à sua condição de sujeito perverso. Os argumentos giravam no sentido de alertar o eleitorado católico para não votar “[...] nos Drs. Miguel Rosa e Abdias Neves que desacataram o vigário do Amparo, tentaram a deposição do Bispo e escreveram as mais horríveis blasfêmias contra Maria Santíssima e a Igreja [...]”.<sup>50</sup>

A aparência e as maneiras do biografado foram retratadas com um sabor picante. Sua personalidade foi considerada, por seus opositores, como mera fachada social. Fizeram abstrações e generalizações grosseiras, na tentativa de encaminhá-lo ao ridículo, destacando aqueles sinais que acentuavam e confirmavam o que consideravam próprio de seu caráter.

Essas construções negativas da imagem de Abdias Neves tornaram-se mais acentuadas a partir de 1916. O periódico *Diário de Piauí*, que representava os interesses dos políticos que controlavam o executivo estadual, Eurípedes de Aguiar e Antonino Freire, naquele momento, adversários do Senador Abdias Neves, apontava-o como um político sem nenhuma expressão nacional. Mesmo se dizendo distante das querelas políticas locais e tentando manter uma atitude que considerava neutra, Abdias Neves não conseguiu se livrar das armadilhas impostas pela política local, pois era conhecido o apoio que dera aos candidatos de Miguel Rosa derrotados no pleito de 1916.

Além do *Diário do Piauí*, *Jornal de Notícias*, *Correio de Teresina*, *Cidade de Teresina*, *O Apóstolo*, também, registraram as tensões político-ideológicas do momento. Os intelectuais, utilizando a imprensa como arma para mudar o mundo, chegaram a exageros e

---

<sup>50</sup> O APÓSTOLO. Teresina, ano V, n. 215, 30 jul 1911, p.3.

terminaram por construir um jornalismo de descomposturas. Para Monsenhor. Chaves, “[...] era um jornalismo sujo, de linguagem solta, onde as agressões pessoais se estendiam à vida privada dos contendores. Não se poupava nem a honra das senhoras [...]”.<sup>51</sup> Eram agressões que pretendiam ferir moralmente os adversários.

O lugar da exclusão da vida político-partidária, que é reservado ao biografado, se desenhava através das diversas práticas discursivas de seus opositores. Por outro lado, Abdias Neves tentava redesenhar esse quadro, no sentido de inscrever seu nome na memória dos pósteros, criando uma imagem diferente daquela construída por seus rivais.

No centro das constantes querelas políticas, Abdias Neves teve sua imagem negativada. Fisicamente era representado como um homem pequeno, franzino, de narigão vermelho, sempre com uma expressão francesa pronta para retirar do paletó a fim de impressionar os menos cultos. O biografado não podia se apresentar com seu violão, ir a um baile, ou aparecer em qualquer evento social, que não fosse logo motivo de “chacotas” dos redatores dos jornais que lhe faziam oposição. Mesclando ridículo e grotesco, os adversários procuravam atingir sua reputação.

[...] Corrija-se o Sr. Abdias dos seus conhecidos defeitos, tome um pouco de juízo, algum amor à verdade, deixe-se dessa idiotice de querer ser bonito com tamanho nariz, convença-se de que foi senador por um bamborrio e que só é gente hoje pela cadeira de senador que o eleva, aprenda a ser leal e a assumir a responsabilidade dos seus atos, a agir desassobradamente, sem velhacaria inepta que tantas decepções lhe trouxe por ocasião da queda do miguelismo, faça por adquirir umas tantas qualidades de caráter que são essenciais em toda parte a quem se propõe a exercer qualquer mandato político, e então não exporemos o seu imenso ridículo aos olhos dos nossos coestadanos, porque ele desaparecerá [...] Não estamos habituados a fugir de caretas, mesmo quando são feitas por indivíduos que já têm careta em vez de cara, como o Sr. Abdias [...] Mesmo porque é nosso programa pugnar pelo aperfeiçoamento moral e intelectual do povo piauiense. E se conseguirmos melhorar moralmente o Sr. Abdias é possível que lhe prestemos um grande serviço bem como ao Piauí, fazendo com que S.S. deixe de sua efêmera passagem nas altas posições políticas da República alguma

<sup>51</sup> CHAVES, Monsenhor, 1994, p. 552-553.

coisa a mais do que não chegou bem a ser um homem, tristemente esmagado pelo peso de um reles violão e de um nariz descomunal.<sup>52</sup>

As propostas políticas e as frustrações, os desencantos com os jogos de poder ocuparam as páginas dos jornais, a imprensa tornou-se lugar privilegiado para exposição e discussão dos grupos da situação e da oposição. Uma política tensa, onde as agressões pessoais davam o tom às polêmicas.

Na imprensa, as campanhas difamatórias construíram a imagem de seus opositores como “indesejáveis”, além de desqualificarem suas idéias. Essas táticas foram usadas contra Abdias Neves e Miguel Rosa. Nos periódicos *O Apóstolo* e *Cidade de Teresina* suas posições anticlericais sempre eram trazidas à tona, para comprometer a credibilidade pessoal e social de ambos. Era pela imprensa que se revelavam segredos, lançavam-se boatos e arruinavam-se reputações.

Em artigo do *Correio de Teresina* de 1916, o articulista apresenta a caricatura de Miguel Rosa. Descreve o Governador como “barrigudo”, “apatacado” e “muitíssimo cioso de seus direitos e regalias”, “preocupadíssimo com o livre exercício das suas funções de chefe de Estado”. Ironias usadas para caracterizar o político como “asno matreiro”, que usava a política em benefício próprio. Segundo o articulista, Miguel Rosa,

Foge a vergonha de medo,  
De medo foge a moral,  
Deste infecto pantanal,  
Em que está do Paiva o dedo.

---

<sup>52</sup> O SENADOR Abdias. Lamuriento. *Correio de Teresina*. Teresina, ano IV, n. 201, 30 dez 1916.

Indivíduo ultra leal,  
Do cinismo é o arremedo,  
Criminoso e imoral,  
Este Paiva é torpe e tredo.  
Tem o arrojo de falar,  
Na amizade, sem chorar,  
O semblante empedernido...

Inda se diz benfeitor!  
Santo Deus!... Vejam, que horror,  
Como ele está pervertido!...<sup>53</sup>

O governo de Miguel Rosa enfrentou uma série de crises como a seca de 1915, a inflação européia decorrente da grande guerra, além de problemas outros que eram utilizados por seus adversários políticos para acusá-lo de ingerência em relação aos bens públicos. No momento da sucessão governamental, a oposição apresentou como candidato, posteriormente eleito, Eurípedes de Aguiar que, juntamente com seu grupo, passou a controlar a política do Piauí, excluindo, sobretudo, Miguel Rosa do centro de poder local. Abdias Neves estava no Senado Federal e, de longe, observava com tristeza a perda do controle político de seu grupo. A partir de então, foi grande o esforço de Abdias Neves para manter sua imagem pública conservada, frente aos ataques dos articulistas dos jornais, agora, ligados ao governo de Eurípedes de Aguiar. Abdias Neves e Miguel Rosa passaram, de forma mais contundente, a ser alvo predileto da situação. À época da campanha para a sucessão do Governo do Estado, era possível se ler:

Cavaleiros em luta, ao golpe estranho e rudo,  
Os ginetes sustando em árdegos arrancos,  
Agonias de leões, roucos, aos solavancos,  
Trechos de Shakespeare, ó domingos de entrudo!...

Ai! Quem decifrará esses dois olhos brancos?...  
Relâmpagos, fuzis de um temporal sanhudo,  
Pragas e maldições, tudo que punge, tudo  
Vai dentro desse olhar por trancos e barrancos...

---

<sup>53</sup> K. Lixto. *Correio de Teresina*. Teresina, 29 maio 1916,

Ai! 'ilms' i mortais de estranhas variedades!  
Vós me evocais assim toda uma Natureza  
Com abismos, vulcões, mares e tempestades...

Obuses alemães sem freios e sem rédeas!  
-Como que em vós o mal os músculos reteza  
No convulso estridos de todas as tragédias.<sup>54</sup>

Tanto Abdias Neves quanto Miguel Rosa tiveram suas trajetórias políticas, sobretudo após 1916, marcadas por grande esforço de construção de uma imagem pública que lhes permitissem continuar na cena política e social do Estado, vez que era forte a campanha de seus adversários no sentido de fabricar uma imagem dos dois políticos como uma aberração até então nunca vista no Piauí.

Os jornais do período também são ricos em charges, que mostram os conflitos entre os grupos políticos em oposição. São anedotas, sátiras que procuram desqualificar a imagem do adversário, mostrando-o como oportunista e charlatão. Abdias Neves e Miguel Rosa foram vítimas, muitas vezes, desses recursos utilizados por seus contendores políticos. O jornal *Correio de Teresina*, ligado ao grupo político de Eurípides de Aguiar e Antonino Freire, à frente da oposição ao governo de Miguel Rosa, apoiado pelo Senador Abdias Neves, é um bom exemplo de como essas linguagens eram utilizadas, para ridicularizar o inimigo.

---

<sup>54</sup> Celso Pinheiro. Olhos de doido. A Abdias Neves. *Correio de Teresina*. Teresina, ano IV, n. 160, 7 mar 1916.

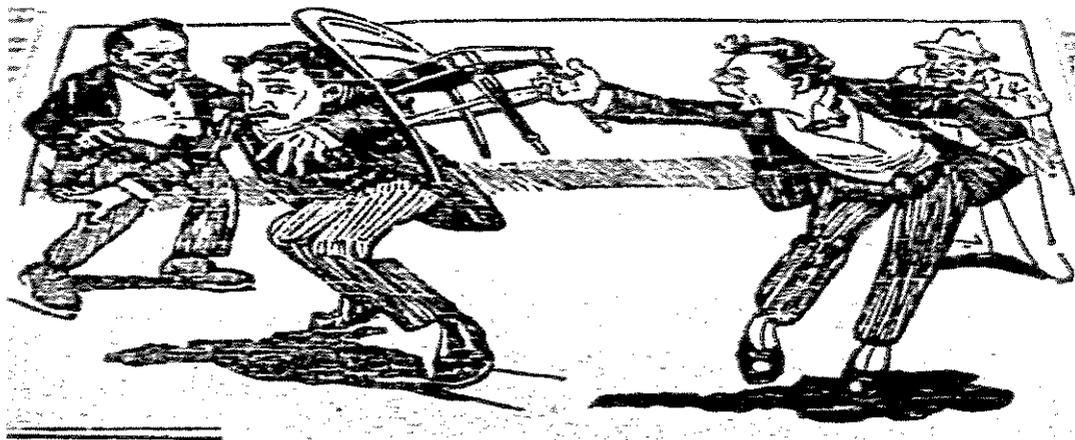


Figura 20 – Da esquerda para a direita: Pires Ferreira, Miguel Rosa e Félix Pacheco.<sup>55</sup>

Abdias Neves esforçou-se por deixar rastros duráveis na memória coletiva dos piauienses, preocupou-se em construir a imagem de intelectual ocupado com a história do Estado. Por outro lado, seus adversários políticos tentaram fabricar a imagem de um escritor nocivo, arrogante, incompetente, acusando-o de ser um mero plagiador dos trabalhos alheios.

Abdias Neves e os intelectuais ligados a seu grupo político acreditavam que o nome do literato e político deveria ficar na memória de seus concidadãos como símbolo de uma geração, desejavam que os piauienses o reconhecessem como modelo da intelectualidade

---

<sup>55</sup> Félix Pacheco:- Está aí, seu Miguel Rosa! Enojado com a sua politicagem e preferindo andar de consciência tranqüila e cabeça erguida, atiro-lhe com a cadeira à cara! Pires Ferreira:- Virgem Maria! Como se atira com dois anos de subsídio pela janela fora! Zé Povo:- Bravos, “seu” Félix Pacheco! Para grandes males, grandes remédios... Contra o caradurismo politiqueiro, que pretende eternizar-se no Piauí, só mesmo... Partindo-lhe a cara! O articulista do Jornal:- Gosto de um gesto assim! Logo se vê que não é de raposa política avacalhada: - é de poeta, é de sonhador. *Correio de Teresina*. Teresina, ano IV, n. 161, 14 mar 1916, p. 3. Felix Pacheco foi Deputado Federal pelo Piauí desde 1909, reelegera-se sucessivas vezes. Seu prestígio como político e jornalista levaram-no à Academia Brasileira de Letras, em 1912. A partir de então estreitaram-se os laços entre o político e o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu o Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal, atual Instituto Félix Pacheco. Foi eleito senador em 1921, renunciou ao mandato para assumir a pasta das Relações Exteriores no governo Artur Bernardes. A 16 de novembro de 1926, com a posse de Washington Luís, deixou o ministério e reassume a direção do jornal. Na eleição de 1927, injunções da política paulista impediram-no de assumir a cadeira de senador pelo Piauí, o novo presidente da República preferiu favorecer o marechal Pires Ferreira, político da oligarquia piauiense ligado a São Paulo.

local de seu tempo, como político atuante no cenário nacional, sempre com o firme propósito de tirar o Estado do atraso cultural, ou seja, esse piauiense deveria ficar na memória coletiva como alguém que lutou para a construção de um Piauí próspero. Abdias Neves buscava sempre mostrar a seus contemporâneos como havia se sobressaído no cenário político nacional, como havia superado as barreiras que lhe foram impostas e como chegara a ter uma grande expressão nacional. Todos esses elementos estavam presentes nos discursos em torno da imagem pública do político e literato, o que não pode, aqui, ser negligenciado.

Em 1912, Lucídio Freitas organizou uma enquête através do *Diário do Piauí* intitulada *O Piauí Intelectual*, onde propunha algumas questões a fim de desenhar o quadro da produção literária local e sua repercussão nacional. Abdias Neves apareceu como

[...] talento de primeira água que se pode dizer também possuidor desse conjunto de aptidões excepcionais que se resumem no qualitativo de gênio, é outro tipo em destaque no meio literário do Piauí.

Com uma constituição mental admirável, capaz de abranger todos os ramos da cultura humana, Abdias – como filósofo, ‘alia ao estudo que confere ciência a meditação que dá originalidade’, como romancista, estuda a sociedade, bate os preconceitos, burila a frase e eleva o estilo; como historiador, investiga os fatos, mostra o anacronismo, destrói as lendas e descobre a verdade; como orador, tem imagens tão belas que galvanizam a voz meio-fraca; como jornalista, é feroz e combatente; como poeta, tange sonoramente as cordas maravilhosas da Lira de Apolo; e depois de tudo isso, toca sonatas, vai ao teatro, frequenta os cafés, e não perde os bailes. É um tipo *sui generis*, pode-se dizer.<sup>56</sup>

Enquanto o discurso da oposição tentava banalizar a imagem de Abdias Neves, para que seus concidadãos não o reconhecessem como grande homem, título pretendido por ele e tantos outros intelectuais, o biografado se dizia um indivíduo cansado da inércia, da

---

<sup>56</sup> FREITAS, Lucídio. *O Piauí Intelectual*. Depoimento de Corinto Andrade *Diário do Piauí*. Teresina, ano II, n. 195, 06 set 1912, p. 1.

mediocridade e da banalidade dos jogos de poder da política local. Considerava-se um voraz, obstinado, incansável, lutador, sempre alerta aos combates preparados por seus adversários. Abdias Neves se dizia alguém que superava as adversidades históricas e a si mesmo. Tentou construir em torno de si uma aura de homem médio, simples, de família modesta que, através de sua vontade e de sua audácia, conseguiu uma rápida e promissora ascensão ao poder; homem simples, mas que escapou à normalidade social de toda uma geração. Não fugiu ao apelo do mito do Salvador, mas buscou, voluntariamente, o processo de glorificação de sua imagem. Julgou-se necessário ao cenário sociocultural de uma época, como forma de garantir e firmar um lugar na memória coletiva de seu tempo e no das gerações futuras. Quis ficar na memória como um cidadão lutador e combatente.

Quando noticiamos a honrosa reeleição do nosso eminente senador Abdias Neves para a mesa do Senado da República, O Piauí vem com uma pilhéria chula afirmando que o nosso colega fora eleito apenas suplente do 4.º secretário. Logo vimos que “a graça” só podia ter partido do palhaço do Palácio. O Sr. Eurípedes tem a preocupação de ser espirituoso e não apercebe que ele só ri das suas clowneries. Em se tratando desse pobre de espírito nós ficamos dispensados de desmenti.[...] Agora tome o Urso Branco o conselho de Sampainho, isto é, “vá meter o nariz onde o bezerro é feliz” [...]. E minta menos.<sup>57</sup>

Por outro lado, seus opositores no cenário político local viram Abdias Neves como um indivíduo arrogante, sempre com as armas em punho para atacar os políticos da situação. Os partidários do governo de Eurípedes de Aguiar<sup>58</sup> fizeram ferrenha oposição ao Senador Abdias Neves que, segundo eles, não reconhecia o grande esforço do atual governo no sentido de soerguer a falida situação econômica pela qual passava o Estado naquele momento. Abdias Neves, na opinião de seus opositores, procurava ignorar o

---

<sup>57</sup> Senador Abdias Neves. *Jornal de Notícias*. Teresina, ano II, n. 102, 28 maio 1919, p. 3.

<sup>58</sup> O governo de Eurípedes de Aguiar, de 1916 a 1920, foi marcado por muitas contendas políticas levadas a cabo por seus opositores, dentre eles o Senador Pires Ferreira.

esforço coletivo dos homens públicos, naquele momento crucial da sucessão governamental, porque era torpe e negava as desonestidades do governo de Miguel Rosa, este sim, na opinião do articulista do *Correio de Teresina*<sup>59</sup>, diretor de um governo que teria arruinado o Estado, o que Senador Abdias Neves não queria reconhecer. O articulista se dizia destemido e pronto a esclarecer a população sobre as mazelas do governo de Miguel Rosa, insanamente apoiado por Abdias Neves.

[...] Nunca nos preocupamos com Abdias, senão para desmascará-lo quando excede demais nas suas exibições, comprometedoras dos nossos créditos de povo culto, da nossa discrição, dos nossos bons costumes, e, sobretudo, da compostura dos nossos homens públicos. Nada mais. A cada idiotice sua aplicar-lhe-emos o devido corretivo. E o homenzinho põe-se a gritos que está sendo atacado, e que depois não digam que foi ele quem inticou...! [...] Corrija-se o Sr. Abdias dos seus conhecidos defeitos, tome um pouco de juízo, algum amor à verdade, deixe-se dessa idiotice de querer ser bonito com tamanho nariz, convença-se de que foi senador apenas por um bomborrio e que só é gente hoje pela cadeira de senador que o eleva, aprenda a ser leal e a assumir a responsabilidade dos seus atos, a agir desassobradamente, sem velhacaria inepta que tantas decepções lhe trouxe por ocasião da queda do miguelismo, faça por adquirir umas tantas qualidades de caráter que são essenciais em toda parte a quem se propõe a exercer qualquer mandato político, e então não exporemos o seu imenso ridículo aos olhos dos nossos coestadanos, porque ele desaparecerá [...].<sup>60</sup>

Os adversários de Abdias Neves propalavam que este nada mais era do que alguém que se vestia de figura ilustre no cenário político local, mas que não tinha qualquer expressividade nacional. Alguém que não deveria ser levado a sério, que se vangloriava de ser político preocupado com as questões do Estado, mas que, na verdade, colocava seus interesses pessoais acima dos interesses públicos. Os inimigos de Abdias Neves o convidavam para a luta e se diziam munidos de todos os estoques de armas necessários a desmascará-lo frente aos piauienses que ainda lhe votavam algum crédito.

---

<sup>59</sup> O jornal tinha como redator-chefe Matias Olímpio.

<sup>60</sup> O SENADOR Abdias. Lamuriento. *Correio de Teresina*. Teresina, ano IV, n. 201, 30 dez 1916.

[...] Não estamos habituados a fugir de caretas, mesmo quando são feitas por indivíduos que já tem careta em vez de cara, como o Sr. Abdias. Toda a redação deste jornal, como pessoalmente o redator que a S.S. aprovou destacar, sente-se bem em lhe aplicando os corretivos necessários à sua regeneração. Mesmo porque é do nosso programa pugnar pelo aperfeiçoamento moral e intelectual do povo piauiense [...].<sup>61</sup>

Aspirantes aos cargos do executivo estadual e ao senado federal, Eurípedes de Aguiar e Matias Olímpio não pouparam esforços no sentido de desqualificar moralmente Abdias Neves e a administração do governo de Miguel Rosa. Esses processos desenvolvidos pelos sujeitos envolvidos nas querelas políticas locais eram bem conhecidos de todos os piauienses. Descomposturas e desacatos pessoais eram notas marcantes em todos esses momentos em que ocorria a sucessão ao governo do Estado, às eleições para a câmara estadual e federal, além do senado federal. Aos partidários, elogios; aos inimigos, críticas e desqualificações de sua imagem pública.

Por seu turno, os biógrafos de Abdias Neves apresentam sua vida de forma laudatória, destacando a glória de seu nome, que deverá ser guardado pela posteridade.

#### **4 Abdias Neves dos biógrafos**

Os biógrafos de Abdias Neves escrevem um catálogo de fatos, acontecimentos políticos e literários, sempre preocupados com o que consideram “a verdade”, desejando uma relação neutra e objetiva com o passado.

O foco de suas abordagens é o homem público, celebrado como herói da sociedade, digno de servir de exemplo para seus contemporâneos e para as gerações futuras, valorizam os aspectos políticos e os feitos notáveis do personagem que inventam. A narrativa da

---

<sup>61</sup> O SENADOR Abdias. Lamuriento. *Correio de Teresina*. Teresina, ano IV, n. 201, 30 dez 1916.

maioria dessas biografias, verdadeiros panegíricos, é cronológica e linear. Os biógrafos deixam claro para o leitor que pretendem escrever e inscrever as passagens altas da vida do biografado; coletam e selecionam os fatos que consideram de interesse para a construção de sua imagem pública. Preocupam-se em relatar os fatos “tal qual ouviram e leram”, buscam a “mais pura verdade”, destacam o que consideram essencial para uma vida. Nessas práticas discursivas, Abdias Neves é apresentado, como o próprio nome das obras sugere, como um homem extraordinário, intelectual, político, polígrafo; destacam, sobretudo, os fatos e os acontecimentos políticos e literários de sua vida, pois acreditam que a tarefa primordial da história é seu caráter pedagógico – instruir as futuras gerações sobre a vida de tempos, de lugares passados.<sup>62</sup>

Publicar uma biografia, anuncia-la como biografia e não como novela, é anunciar fatos verídicos e um biógrafo deve ao seu leitor, em primeiro lugar, a verdade. Não há direito de inventar conversas, incidentes, nem ouvir fatos porque irão criar situações difíceis. Porém, em certos casos – embora raros – se a eleição é feliz e bem adaptada à natureza do autor, que este possa expressar alguns dos seus sentimentos, sem deformar os do herói.<sup>63</sup>

Benedito Martins Napoleão do Rego, poeta piauiense e sucessor de Abdias Neves na cadeira número onze da Academia Piauiense de Letras, fala do biografado de forma apologética e aponta suas qualidades literárias.

A sua obra múltipoda vai do romance ao direito, do jornal ao verso, da tribuna à crônica, da história à cátedra, da crítica literária à exegese religiosa, do panfleto à filosofia e, com tamanha abundância de informação, que me não engano se disser

---

<sup>62</sup> CASTELO BRANCO, Cristino. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1946; MATOS, J. M. *Abdias Neves*. Teresina, EDUFPI, 1984; MATOS, J. M. *Evocação de Abdias Neves*. Teresina: [s.n.], 1976; PASSOS, Artur. *Abdias Neves: homens e eventos de sua época*. Teresina: [s.n.], 1966; CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>63</sup> MAUROIS, André. Apud. MATOS, J. Miguel. *Evocação de Abdias Neves*. No primeiro centenário do seu nascimento. Teresina: [s.n.], 1976.

que ele foi, em tudo isso, um grande jornalista, no melhor sentido contemporâneo.<sup>64</sup>

Por outro lado, é oportuno destacar que Cristino Castelo Branco, contemporâneo de Abdias Neves, ao se referir à obra do literato, embora não diminua o mérito de seus trabalhos, não faz um discurso tão apologético como o de Martins Napoleão.

Nela talvez houvesse mais brilho que profundidade, mais inteligência que solidez de estudos. E também uma certa pressa em produzir, em aparecer, em dar na vista. Isto, aliás, não é mal somente dele, mas da maioria dos intelectuais brasileiros, preocupados mais com a quantidade, o número de volumes, que com as condições inerentes à durabilidade da obra.<sup>65</sup>

Assim, os biógrafos de Abdias Neves intentam homenagear e chamar para a memória do sujeito a atenção do público desatento. Terminam por construir a imagem do sujeito fechado, sem relação com os indivíduos, as ações e as representações de seu tempo, um indivíduo contínuo, sem tensões ou contradições, escamoteando o lugar social e histórico do biografado, selecionando o que consideram dignos de memória, mas silenciando muito sobre o homem público e privado que descrevem. Escrevem e inscrevem, na história de um tempo e de um espaço dados, um sujeito coerente e estável.

Deveria existir entre os piauienses de boa vontade um pacto sempiterno no sentido de ser revista e continuamente honrada a memória de nossos poucos grandes homens, não a dos supostos semideuses do poder, mas a dos "miseráveis grandes", dos sonhadores impenitentes que cresceram, subiram e ficaram em nossos pensamentos pelo labor mental, por magníficas obras do espírito.<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> Trecho do discurso de posse na cadeira n.º 11 da Academia Piauiense de Letras, Apud. MATOS, J. Miguel e TITO FILHO, *A Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984, p. 17.

<sup>65</sup> Apud. MATOS, J. Miguel e TITO FILHO, 1976, p. 13.

<sup>66</sup> PASSOS, Artur, 1966, p. 12.

O excesso de avaliação seja positivo, seja negativo, também marca a maioria dessas biografias. Se, por um lado, os biógrafos destacam as passagens altas da história literária de Abdias Neves, o mesmo não acontece com a sua vida política. J. Miguel de Matos é um daqueles que consideram que a vida política de Abdias foi marcada por insucessos e decepções.

Em 28 de agosto de 1928 [data da morte de Abdias Neves], em Teresina, depois de uma existência marcada fortemente pelo infortúnio de uma carreira política fracassada, tendo procurado, enganosamente, na bebida desregrada, um consolo tardio ao seu espírito [...].<sup>67</sup>

Segundo Martins Napoleão, Abdias Neves não teria subido ao Senado da República somente por seu talento, por sua cultura, até porque seria uma exceção em um país onde os homens de letras mal ganhavam para a manutenção de suas necessidades mínimas de sobrevivência e onde a origem familiar era uma condição fundamental para o sucesso político. Assim, a chegada de Abdias Neves ao Senado teria sido um engano, que, uma vez descoberto fez com que esse voltasse à sua antiga condição.<sup>68</sup>

Para Monsenhor Chaves, Abdias Neves teria conhecido mais amarguras que colhido benefício na vida política, pois “[...] a política, em que conheceu grandes vitórias e também acabrunhadas vicissitudes, foi um desastre para Abdias Neves que, no juízo menos percuciente, jamais deveria ter aceitado uma cadeira no Parlamento”.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> MATOS, J. Miguel e TITO FILHO, A, 1976, p. 11.

<sup>68</sup> Evocação de Abdias Neves. In: *A Guerra de Fidié*. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 22 e 23.

<sup>69</sup> Apud. MATOS, J. Miguel e TITO FILHO, A, 1976, p. 34.

Artur Passos considera que Abdias Neves valeu por toda uma geração. Era um homem talentoso e incansável, mas que teria se deixado levar pelas querelas políticas de sua época.

Em certo período teria podido entregar-se por completo aos labores literários, para os quais tinha Abdias Neves evidente e magnífica inclinação, sem se dispersar por aí afora em festas, em ruidosas contendas políticas ou lutas de caráter religioso, que, em conjunto, lhe amarguraram o espírito e lhe criaram entraves insuperáveis.<sup>70</sup>

Conforme Matos<sup>71</sup>, Abdias Neves foi um intelectual que esteve sempre defendendo a liberdade de consciência, de manifestação religiosa. Na opinião de Martins Napoleão, era um sincero ateu. Higinio Cunha afirma que Abdias Neves só foi conduzido pelo cerimonial católico no último momento de sua vida por assentimento da família. Para Cristino Castelo Branco, Abdias Neves era um suposto ateu, fruto mais de uma atitude que de uma convicção. Por outro lado, a família tentou amenizar o suposto ateísmo do biografado. Segundo Yara Neves, o literato teria declarado nos últimos momentos de sua vida que não era ateu.

Monsenhor Chaves tenta compreender o momento histórico vivido pelo biografado ao se referir às tensões entre Igreja Católica e maçonaria no início do século XX.

[...] Aqui travou acirrada luta com padres, luta inglória para ambos os lados. Apelidada de luta religiosa, foi de fato mera e unicamente luta política, na qual ambos os lados disputavam, com fúria, posições políticas de mando. A linguagem naquela polémica desceu a níveis inimagináveis, se atentarmos para o valor normal e intelectual dos contendores de ambos os lados. Era aquela uma hora de radicalismo e intolerância. Hoje, não seria mais possível. Ninguém mais se julga dono de toda a verdade e aprendemos, nós os homens de um mundo pluralista, a respeitar as convicções políticas, filosóficas, religiosas e estéticas dos outros.

---

<sup>70</sup> PASSOS, Artur, 1966., p. 11.

<sup>71</sup> Esses depoimentos podem ser conferidos no livro de J. Miguel de Matos, 1976

Pelo menos não damos mais tom polêmico às discussões sobre estes assuntos [...]”<sup>72</sup>.

Para a maioria de seus biógrafos, Abdias Neves foi um erudito na história, na poesia, na religião, na filosofia, na música, no romance, no direito. Assim, Abdias Neves deveria ser lembrado pelas futuras gerações como um homem de talento multiforme, como “[...] o maior nome, em todos os tempos, da cultura e da inteligência do Piauí, como escritor, poeta, parlamentar, jurista e educador [...]”<sup>73</sup>. Martins Napoleão reverencia a memória do biografado:

[...] levantarem a memória de um homem que, embora vivendo pouco para a produção tão densa e tão rutilante, dedicou todo o seu talento, a sua capacidade de trabalho, derramou o seu sangue, o seu suor e a sua lágrima, debaixo ainda, por força do seu destino, das críticas ferinas dos despeitados e dos aplausos débeis dos covardes, sofrendo como ainda hoje se sofre, na heróica resignação dos mártires, o fato de publicar livros e a humilhação de negociá-los, pelo desditoso e crônico pauperismo do meio ambiente provinciano, que tem apagado, na sua conseqüência lógica, as luzes de tantos sóis e feito fenecer, antes de romper a túnica da terra, tantas raízes redentoras da inteligência.<sup>74</sup>

Abdias Neves foi aplaudido, reverenciado como herói no campo da política, da literatura, da história, conseguiu quebrar todas as amarras de um meio provinciano rural e clerical, hostil às suas idéias, sujeito que se destacou em meio à mediocridade de um regime oligárquico que sufocava talentos, condenava ao exílio todos aqueles que não concordavam com as idéias da elite dominante local, homens que iam buscar sobreviver longe de sua terra natal. Um sujeito que só não teve expressão nacional por conta da “[...] falência de comunicação, por ter nascido muito distante da metrópole central, em

---

<sup>72</sup> MONS. CHAVES, 1998, p. 612.

<sup>73</sup> MATOS, J. Miguel, 1976, p. 23.

<sup>74</sup> PASSOS, Artur. Apud. J. M. MATOS, 1976, p. 27.

injustificável e dolorido anonimato, como um sol que não brilhasse para todos[...].<sup>75</sup> O que os biógrafos silenciam é sobre as relações de poder dominantes no Piauí, naquele momento, nas quais Abdias Neves estava imerso, relações políticas e partidárias que lhe conferiram uma posição privilegiada na sociedade piauiense, como já nos referimos neste trabalho. Por outro lado, Abdias Neves sofreu os dissabores dessas mesmas relações de poder das quais fez parte e ajudou a construir.

Dai porque Abdias Neves esteve a maior parte dos anos posteriores a 1916 até 1928, quando de sua morte, lutando para ter a sua imagem pública reconstruída, para deixar às gerações futuras a imagem de intelectual e político militante, adepto das idéias de uma sociedade liberta do conservadorismo político e religioso.

## **5 Abdias Neves por ele mesmo**

Abdias Neves tentou desconstruir a imagem parcial e distorcida feita por seus opositores na vida política, fruto da violência entre grupos e lideranças oligárquicas, das competições políticas, das arbitrariedades e dos descatos pessoais. Buscou reconstruir sua imagem pública e permanecer na memória de sua geração e das futuras por sua competência e trabalho, como literato, como político que ocupou espaços no âmbito local e nacional por seus méritos pessoais. Buscou afirmar sua luta cotidiana pela sobrevivência, vez que havia uma grande dificuldade material dos homens de letras, muito embora os literatos-bacharéis estivessem em uma condição mais confortável por terem um reconhecimento pessoal e social.

---

<sup>75</sup> MATOS, J. Miguel, 1976, p. 30.

A partir desse momento quase todo o esforço produtivo dos dois [a autora se refere a Abdias e Miguel Rosa] terá o sentido de aparar, neutralizar e descaracterizar a ferrenha oposição aos seus nomes, na tentativa não só de reconstruir, como de não deixar desgastar suas 'imagens' de políticos e mesmo recuperar parte do prestígio perdido, inclusive sob a forma de posição e cargos. A herança e as seqüelas advindas do exercício do poder, aliadas à política continuada dos adversários no sentido de sua "exclusão", foram os mais fortes componentes de suas trajetórias após 1916.<sup>76</sup>

Goffman<sup>77</sup> analisa as diversas maneiras pelas quais os indivíduos apresentam a si e suas atividades diante dos outros, destacando como os sujeitos regulam a impressão que os outros formam a seu respeito diante de situações comuns da vida cotidiana. Abdias Neves apresenta-se, aos seus contemporâneos, com o desejo que esses pensem muito bem dele, tenta regular a atitude que possam ter em relação a sua pessoa e formar uma boa impressão, tratando-o bem.

[...] O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outros, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir [...].<sup>78</sup>

Abdias Neves, quando Senador da República e residente no Rio de Janeiro, enviou vários telegramas aos redatores dos jornais de Teresina, sobretudo àqueles sob a direção de aliados, que divulgavam as notícias de sua atuação no Senado Federal, a fim de mostrar sua influência e popularidade nos meios políticos e sociais no grande centro administrativo do País. Arquetou a impressão que gostaria de causar aos piauienses, fornecendo elementos para os quais os indivíduos deveriam formular imagem promissora de intelectual e de político atuante, competente.

<sup>76</sup> QUEIROZ, Teresinha, 1994, p. 235.

<sup>77</sup> GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 13-14

<sup>78</sup> Ibid, id.

[...] quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente leva-los a uma resposta específica que lhe interessa obter [...].<sup>79</sup>

Abdias Neves foi um homem que esteve no centro e à margem da vida cotidiana de seu tempo. Sua vida intelectual foi marcada pela polêmica, não compreendia a literatura como fuga da realidade, mas como instrumento de crítica e de transformação da própria realidade. Procurou espaços de sociabilidade onde pudesse ter aceitação e exerceu controle sobre o papel dos indivíduos no processo de comunicação, para montar o palco do jogo de informações que pretendia transmitir, construindo revelações e descobertas que considerava verdadeiras a seus pares. Tentou construir sua imagem através de práticas discursivas diversas, empregando estratégias e formulando as impressões que os outros deveriam ter de sua personalidade. Foram estratégias de defesa com as quais trabalhou durante longos anos de sua vida, a fim de proteger a sua imagem.. Construiu práticas protetoras, para amenizar os jogos de informação formulados por seus opositores, uma vez que os adversários políticos construíram brincadeiras grosseiras e anedotas, intentando desmoralizá-lo publicamente.

[...] Parece não haver nenhum grupo que não tenha um estoque preparado desses jogos, fantasias e contos que servem de aviso, para serem usados como fonte de humor, recursos catárticos para as ansiedades e sanção destinada a persuadir os indivíduos a serem modestos nas suas pretensões e razoáveis nas expectativas projetadas.<sup>80</sup>

Podemos nos interrogar então: como Abdias Neves se apresentou diante dos outros e como elaborou os jogos de informação para controlar a impressão que os sujeitos sociais

---

<sup>79</sup> GOFFMAN, Erving, 1985, p. 15

<sup>80</sup> GOFFMAN, Erving, 1985, p. 22.

deveriam ter dele? Como elaborou e tentou proteger sua imagem, seja através de “práticas defensivas”, seja através de “práticas protetoras?” Como se posicionou frente às relações sociais no cotidiano da cidade de Teresina, aos novos hábitos, às novas idéias, à aceitação e à rejeição ao “atraso histórico”, que considerava viver a cidade?

Abdias Neves esteve no centro da vida política, mas, logo depois, foi colocado à margem, pois fora excluído da vida político-partidária, fato que só aumentou sua acidez para com a sociedade e para com os jogos de poder que repudiava e que, ao mesmo tempo, ajudou a construir. À margem dos postos de comando, mas no centro do jornalismo político de combate, procurou influenciar de forma recíproca as ações dos outros indivíduos, quando em sua presença imediata, tentou, incansavelmente, construir uma imagem pública diferente daquela pretendida por seus opositores.

Abdias Neves era figura indispensável nas páginas dos jornais de Teresina, tanto naqueles da situação como nos que faziam oposição à sua passagem pelo Senado, daí a necessidade, mesmo de longe, de preservar a imagem que tinha construído junto a seus concidadãos. Em 1921, quando de seu aniversário de nascimento, o jornal *Diário do Piauí*, vivendo uma fase mais tranqüila politicamente, tendo em vista que os adversários de Abdias Neves estavam de vez instalados no poder, já falava de forma mais suave da imagem do Senador.

Mais um ano de existência completará amanhã o nosso iminente conterrâneo e amigo senador Abdias Neves que com muito brilho representa este Estado na Câmara Alta do país.

O brilhante parlamentar pela sua grande cultura intelectual e reconhecida operosidade é uma das figuras mais salientes daquela casa do Congresso Nacional, em cuja mesa ocupa o lugar de 2.º secretário.

Todas as magnas questões que se discutem no seio do parlamento têm merecido o estudo carinhoso do nosso infatigável e ilustrado representante, principalmente

aquelas que dizem respeito a este Estado, pela realização das quais desde que entrou para o Senado vem se balindo com ardor e patriotismo [...].<sup>81</sup>

Como sócio correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e ocupando o cargo de Senador da República, já externava a sua preocupação com a escassez de recursos materiais no Piauí, que pudessem promover a extensão e a cultura do Estado. O biografado sempre esteve ocupado e preocupado em escrever sobre a História do Piauí. Sua produção historiográfica foi significativa entre os anos de 1905 a 1922, quando publicou *A Guerra de Fidié* (1907), *O Piauí na Confederação do Equador* (1921) e *Psicologia do Cristianismo* (1910), obras fundamentais para a compreensão da religião, da arte, da vida íntima e pública do povo piauiense do final do século XIX e início do século XX.

---

<sup>81</sup> SENADOR Abdias Neves. *Diário do Piauí*. Teresina, ano XXXIII, n. 525, 8 nov 1921.

## Capítulo 4 Luzes, progresso e civilização: Abdias Neves e os estudos de História do Piauí.

### 1 Abdias Neves e o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí

A produção historiográfica de Abdias Neves harmoniza-se com a de boa parte dos intelectuais brasileiros que se debruçaram sobre os estudos históricos como elemento de amálgama ideológica da unidade política do Brasil, quando esses homens de letras passaram a imprimir na escrita da história o ideal de Nação<sup>1</sup>.

Os trabalhos sobre o Piauí produzidos pelo biografado foram influenciados pela historiografia alemã e francesa que, no decorrer do século XIX, construiu a idéia da história como uma disciplina autônoma e detentora de cientificidade. A narrativa histórica constituiu-se como um relato erudito, fundado na verdade do acontecimento singular, individual, “[...] A história apresenta-se sobretudo como instrução cívica [...]”<sup>2</sup> O trabalho do historiador estava restrito ao visível, ao dado pelo documento escrito. A função do pesquisador era coletar os documentos, classificá-los, fazer a crítica interna e externa dos mesmos e encadear os fatos.<sup>3</sup>

No final do século XIX e início do século XX, os manuais e livros de história – franceses e alemães – abundavam em notas de rodapé explicativas ou remetiam aos documentos originais. A intenção daqueles pesquisadores era dar veracidade e objetividade

---

<sup>1</sup> WEHLING, Arno. *Estado, História e Memória: Varnhagen e a Constituição da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 19.

<sup>2</sup> DOSSE, François. *A História em Migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 40.

<sup>3</sup> CHÂTELET, F. *Uma história da razão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

ao fato – o documento tinha valor de prova, “[...] o trabalho histórico, o território do historiador limita-se à trama factual política e militar sem relação de causalidade. [...]”<sup>4</sup>. Segundo Langlois e Seignobos, a história nada mais era do que o trabalho dos documentos<sup>5</sup>.

Leopold von Ranke propunha-se a apresentar os fatos tais como o “foram na realidade”, para ele, a metodologia da história deveria se moldar a das ciências experimentais, tendo como elemento básico o fato histórico, o acontecimento. Para Ranke, a história tinha um sentido pragmático – encontrar na história passada a justificação de sua importância no presente. Segundo Peter Burke<sup>6</sup>, o paradigma rankiano caracterizava-se por uma história essencialmente política, sem reflexão teórica, reduzida à coleta de dados e firmada, sobretudo, na passividade do historiador frente aos documentos e aos fatos que estudava. Uma história dos acontecimentos singulares, narrados de forma cronológica e objetiva.

Burke propõe uma análise da contribuição de Ranke para disciplinar a História, a partir da perspectiva dos seus antecessores, colocando como válido encarar Ranke como aquele que iniciou o estudo dos arquivos e que foi não um revolucionário, mas um reacionário no sentido de ter reagido contra a revolução histórica anterior, ou seja, a prática da história na Europa do século XVIII, quando alguns intelectuais começaram a se interessar por uma história que não fosse a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, que apresentasse somente os grandes homens e seus feitos notáveis.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> DOSSE, François, 1992, p. 40.

<sup>5</sup> LANGOIS e SEIGNOBOS. *Intoduction aux études historiques*, 1898, p. 275, apud. DOSSE, 1992, p. 40.

<sup>6</sup> BURKE, Peter. *A Escola dos Annales. 1929 – 1989. A Revolução Francesa da Historiografia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991, p. 17-22.

<sup>7</sup> BURKE, Peter. Ranke, o reacionário. In: \_\_\_\_\_ *O mundo como teatro*. Lisboa: DIFEL, 1992, p. 223.

Voltaire, em 1744, fazendo algumas considerações sobre a história já afirmava que: “[...] depois de ter lido três ou quatro mil descrições de batalhas, e o teor de algumas centenas de tratados, percebi que, no fundo, quase não estava mais instruído. Só apenas acontecimentos [...]”<sup>8</sup>. No século XIX, Michelet e Burckhardt foram vozes dissonantes aos sonhos positivistas. Segundo Burke,

Mesmo no século XIX, alguns historiadores foram vozes discordantes. Michelet e Burckhardt, que escreveram suas histórias sobre o Renascimento mais ou menos na mesma época, 1865 e 1860, respectivamente, tinham uma visão mais ampla da história do que os seguidores de Ranke. Burckhardt interpretava a história como um campo em que interagiam três forças – o Estado, a Religião e a Cultura –, enquanto Michelet defendia o que hoje poderíamos descrever como uma ‘história da perspectiva das classes subalternas’, em suas próprias palavras ‘a história daqueles que sofreram, trabalharam, definaram e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos.’<sup>9</sup>

A partir dessas reflexões, nos interrogamos: como Abdias Neves escreve a história do Piauí? Que concepção de história e de historiador está presente em seus escritos? Acreditamos que os estudos de Abdias Neves sobre a história do Piauí não podem estar dissociados da idéia de história e de historiador que norteou a criação dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros desde a terceira década do século XX, cuja intenção era fundar associações que se propusessem a contribuir para a construção de uma história patriótica, que colaborasse com a preservação da memória nacional e com a grandeza da nação brasileira. No entanto, ao lado da narração tradicional, tratando de guerra e de política, o historiador piauiense esteve preocupado com os assuntos econômicos, sociais e culturais.

---

<sup>8</sup> Apud LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 37.

<sup>9</sup> BURKE, Peter, 1991, p. 18-19.

O discurso dos intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB - foi construído no sentido de firmar uma memória nacional a partir da idéia de que a função do historiador era lembrar, guardar a memória dos grandes acontecimentos públicos, oficiais, dar fama e prestígio aos grandes nomes da história da humanidade, manter viva a memória de grandes feitos e de grandes acontecimentos. Ser historiador não escapava às discussões que ocorriam no cenário europeu, onde a tradição iluminista elitista tinha nos homens de letras o ideal de ocupar posições de destaque nas agremiações culturais nos moldes do Instituto Histórico Francês. Assim,

[...] Narrar, para o historiador, era, sobretudo contar os acontecimentos notáveis do passado, escrever um relato circunstanciado, registrar os feitos dos grandes homens, seu heroísmo cívico, sua virtude ou santidade, seu exemplo digno de perdurar na memória da humanidade. Com o orgulho racionalista do século das luzes, a cosmovisão burguesa penetrou na historiografia. A recusa pragmática da fábula como o 'outro' da verdadeira história foi o primeiro passo na adoção de um paradigma científico que levaria a um verdadeiro obliteramento da narrativa na historiografia dos séculos XIX e XX.<sup>10</sup>

A história do Piauí escrita por Abdias Neves se inscreve no contexto em que o discurso historiográfico serviu para criar imagens e interpretações da identidade nacional com um projeto que delineasse o perfil da "Nação Brasileira", com uma identidade própria para o Estado Nacional. Estava presente a necessidade não só de escrever a história do Brasil, mas exaltá-la.

O método historiográfico baseava-se na busca exaustiva de documentos, de eventos, de personagens.<sup>11</sup> Esta preocupação está presente nos trabalhos de Abdias Neves, para quem a verdade dos fatos está firmada nos documentos. Quando Abdias Neves faz uma

---

<sup>10</sup> BENATTI, Antonio Paulo. *História, Ciência, Escritura e Política*. Curitiba, 1999, p. 7. Trabalho não publicado.

<sup>11</sup> SCHWARCZ, Lílían K. Moritz. *Os guardiões da nossa história oficial*. Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989, p. 9-19. (Série História das Ciências Sociais).

síntese histórica do povoamento do Piauí<sup>12</sup> reafirma suas convicções sobre a história e sua escrita que, segundo ele, deve está firmada na autoridade dos documentos escritos oficiais.

Assim, que atendamos às causas das incursões no sertão, quer ao testemunho dos cronistas e historiadores, quer ainda aos documentos oficiais *indespiciendos* para o restabelecimento da verdade histórica, a prioridade de descobrimento do Piauí pertence a Domingos Jorge Velho, feito que se deverá ter realizado em 1662.<sup>13</sup>

Uma história comprometida com a construção de uma identidade para a “nação brasileira”, delineando a nação tanto interna como externamente. A idéia de como escrever a história do Brasil, no final do século XIX e início do século XX, era a de uma história presa à descrição factual dos acontecimentos, do relato biográfico tradicional. O historiador relataria os acontecimentos que pudessem ser “dignos de memória” e ser “digno de memória” era lembrar os feitos de grandes estadistas nacionais.

O pesquisador deveria submeter as fontes à análise criteriosa, para poder estabelecer a veracidade dos acontecimentos, narrando o fato histórico “tal qual ele aconteceu”. Abdias Neves, seguindo as pistas deixadas por Taine, afirmava que “A História [...] não é intangível. Fatos históricos aceitos pela crítica, nem sempre encerram a verdade que, só depois, à luz dos documentos, se pode estabelecer.”<sup>14</sup> Dessa forma, o historiador tinha a missão de reunir os brasileiros em torno da pátria, pois esta significava estabilidade, eficácia e felicidade. Era mister, então, que se escrevesse uma história patriótica, criando o ideal de unidade nacional.

---

<sup>12</sup> NEVES, Abdias. Estado do Piauí. In: *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro: Kraus Reprint, 1922.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 358.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 258.

Sob esse aspecto, o historiador concentraria a sua escrita da história nos fenômenos políticos e administrativos, nos grandes acontecimentos, nos grandes homens, na descrição factual, no culto aos ídolos e passaria a reunir documentos, classificando-os, fazendo-lhes a crítica interna e externa de forma que pudesse escrever uma história a mais verdadeira possível, esclarecendo os acontecimentos considerados verdadeiros. Era necessário preencher lacunas, organizar os fatos em ordem cronológica, tratar a história como um processo linear e marcado pela noção de progresso. O historiador deveria estar próximo dos textos, interpretando-os com a maior precisão possível, escrevendo somente com base nos documentos, que eram encarados como prova incontestável, tendo em vista o objetivo de glorificar o passado e respeitar as gerações anteriores. Para Ernest Lavisse, representante da escola historicizante, o professor de história teria como função mestra edificar e lembrar as grandes glórias nacionais. Diz o historiador:

Se o aluno não carregar consigo a lembrança viva de nossas glórias nacionais, se não souber que seus ancestrais combateram em campos de batalha por causas nobres. Se não aprender que custou sangue e esforços fazer a unidade de nossa pátria e em seguida resgatar o caos de nossas instituições envelhecidas, as leis que nos fizeram livres; se ele não se tornar o cidadão compenetrado de seus deveres e o soldado que ama seu fuzil, o professor primário terá perdido seu tempo.<sup>15</sup>

Nessa perspectiva, a de construção de uma história nacional e patriótica, Abdias Neves escreve sobre a história do Piauí. Como intelectual e político, através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seus congêneres buscou reconhecimento intelectual e promoção social. As propostas de trabalho dos institutos justificavam esse fato, afinal de contas era através da produção intelectual que se legitimava a ordem vigente, na qual eram

---

<sup>15</sup> Apud DOSSE, François, 1992, p. 41.

edificados e glorificados os feitos dos grandes personagens da história oficial. O fazer história se vinculava à exaltação dos grandes acontecimentos oficiais, à criação de mitos e heróis nacionais, visto que, como vimos, o historiador tinha a tarefa primordial de contribuir para a construção da memória nacional, por meio de sua produção intelectual, despertando nos cidadãos brasileiros o sentimento de amor e fidelidade à pátria.

Nesse sentido, a história teria uma função pedagógica, haja vista que, pelo conhecimento do passado, era possível ensinar às futuras gerações sobre as glórias da nação, criando, assim, o sentimento de lealdade e amor pelo Brasil. A história era vista de forma linear, fruto do processo de evolução da humanidade, uma história vinculada ao ideal de civilização, fundada na cultura européia. O historiador, neste contexto, narrava o passado de modo objetivo, imparcial, isento.

Escrever a história constituía, dessa forma, um ato de garimpagem, de quem recolhe documentos assim como se acham preciosidades. O ato de ‘selecionar’ fatos supunha a mesma isenção encontrada naquele especialista que, ciente de seu ofício, separa as boas pedras das más, ou mesmo daqueles que ofereceram pouco brilho ao olhar. Nas mãos do IHGB começa a se formar, portanto, uma história que se pretendia única, apesar de marcadamente regional, uma utilização parcial e seletiva de fatos e documentos a despeito de sua neutralidade na seleção.<sup>16</sup>

Havia, por parte dos pesquisadores, a idéia de “coligir, metodizar, publicar ou arquivar” os documentos, uma vez que só seria possível escrever história a partir dos documentos. Daí a necessidade de uma instituição que se propusesse a encontrá-los e organizá-los, para que as futuras gerações conhecessem o passado da nação brasileira. A história era vista como palco de experiências passadas, daí a importância dada às biografias como elemento delineador de exemplos às gerações vindouras, garantindo a afirmação de

---

<sup>16</sup> SCHWARCZ, Lilian, 1989, p. 27.

mitos, representações e construção de heróis nacionais, através de uma visão pragmática e exemplar da história.

Em 1922, foi publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, um trabalho de Abdias Neves sobre o Estado do Piauí. Nesse estudo, o pesquisador piauiense tratou dos aspectos históricos e geográficos do Estado e encerrou o texto com o elenco dos homens notáveis, que teriam sido responsáveis, segundo ele, pela edificação da história do Piauí. Nesse estudo, Abdias Neves apresenta os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais do Piauí<sup>17</sup> e narra a evolução da sociedade piauiense e as suas possibilidades de progresso material futuro. Ao descrever as condições socioeconômicas dos municípios piauienses, o biografado apresenta uma região próspera, mas que necessitava da colaboração do poder central. Nesse momento, Abdias Neves é senador da República e sua escrita nos revela alguns de seus projetos políticos para o Piauí, uma vez que está preocupado em canalizar recursos para o Estado, assim apresenta-se como interlocutor entre o Piauí e o poder central, quando identifica as mazelas do Estado, mas, acima de tudo, suas possibilidades de progresso.

O aspecto econômico do Piauí não é lisonjeiro. Não lhe faltam elementos para uma expansão rápida e brilhante: faltam as forças que a devam promover, ou seja, transporte fácil e barato, difusão do ensino técnico, saneamento das margens dos rios e organização do crédito agrícola.<sup>18</sup>

Essa forma de interpretação da história, presente no discurso do pesquisador piauiense, não fugia ao projeto do IHGB, pois segundo Guimarães:

---

<sup>17</sup> NEVES, Abdias, 1922.

<sup>18</sup> Ibid, p. 344.

A leitura da história enquanto legitimação do presente, carregada, portanto de sentido político, é sem dúvida um aspecto importante do projeto historiográfico do IHGB. O historiador, na qualidade de esclarecido, deveria indicar o caminho da felicidade e realização aos seus contemporâneos [...].<sup>19</sup>

Na produção do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, fundado em 1918, e de Abdias Neves, a partir de 1907, notamos a mesma preocupação com a construção de uma história nacional e patriótica, mas também uma atenção aos movimentos de libertação nacional por conta da própria conjuntura na qual esses trabalhos foram produzidos.

A criação do IHGB, na capital do Império, em 1838, ensejou o aparecimento de congêneres em várias províncias, nem todos com condições de levar à frente os empreendimentos implícitos em seus programas. O Instituto de São Paulo, do Ceará e de Pernambuco são alguns exemplos de associação que conseguiram levar avante o projeto de reunir e colecionar documentos, contribuindo para a construção da história do Brasil, o mesmo não se deu com o Instituto Histórico e Geográfico do Piauí.

Intelectuais como Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha, Antonino Freire, Eurípedes de Aguiar estiveram à frente da fundação do IHGP. O Instituto surgiu como um organismo da elite, a exemplo dos demais institutos espalhados pelo país. Sua composição contou, basicamente, com homens influentes na sociedade local. Intelectuais que se propunham a preservar a memória do Piauí, a pesquisar a história do Estado. Inicialmente, o Instituto foi composto por cinquenta sócios efetivos de ambos os sexos e ilimitado número de sócios correspondentes, honorários, colaboradores e beneméritos.

---

<sup>19</sup> GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 1, p. 5-27, 1988.

O Instituto Histórico e Geográfico do Piauí foi fundado em 23 de junho de 1918. Inicialmente, recebeu a denominação de Instituto Geográfico e Histórico Piauiense, substituída em 1922, por Instituto Antropológico e Geográfico Piauiense. Em 1974, com a proposta de harmonizar-se com outras entidades congêneres de todo o país, teve seu nome alterado para Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, nomeação que permanece até hoje<sup>20</sup>. Segundo argumentação dos membros do Instituto em 1974:

O nome da instituição cultural favorecida pela lei cuja alteração ora se propõe foi modificada para Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, a fim de ser posto em harmonia com o que hoje está adotado pelas entidades congêneres de todo o país, as quais passaram a substituir o adjetivo gentílico pela locução adjetiva correspondente, donde a necessidade de identificar a instituição visada pela lei através do nome que em realidade é o que atualmente lhe corresponde.<sup>21</sup>

A maioria dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros foi fundada no Império. Houve em todas essas instituições o intuito de elaborar um estudo metódico, de organizar pesquisas disciplinares e assinalar o florescimento da historiografia nacional. No Piauí, a idéia de criação do Instituto Histórico e Geográfico ocorreu antes da queda da Monarquia, mas só se concretizou em 1918, já na República. Por sua vez, o contexto histórico do Piauí começava a acompanhar o que acontecia no resto do país, progresso científico e

---

<sup>20</sup> Através da Lei Estadual nº 1001 de 4 de junho de 1921, o IHGP foi, juntamente com a Academia Piauiense de Letras, reconhecido como de utilidade pública. O Instituto funcionou regularmente até 1922. Entre 1928 e 1971, passou por uma crise profunda. Embora tenha havido tentativas de soerguer a entidade em 1946 e 1948, o IHGP só conseguiu um momento de nova atividade a partir de 1972, tendo uma atuação mais ativa entre 1972 e 1978, quando voltou ao processo de decadência.

<sup>21</sup> Não existe, até o momento, nenhum trabalho sobre o IHGP. O Instituto existe até hoje, mas não possui sede e os membros atuais não sabem informar onde se encontra a documentação da Instituição. Localizamos parte da documentação referente ao IHGP no Arquivo Público do Estado do Piauí. A documentação se restringe à segunda revista do Instituto, publicada em 1922, documentos avulsos, referentes a prestação de contas da diretoria de 1972-1974, e mais duas revistas, uma publicada em 1972 e outra em 1974, sendo que na revista de 1974 conseguimos localizar o estatuto do IHGP. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi possível localizar as duas primeiras revistas, uma de 1920 e a outra de 1922.

tecnológico, intercâmbio cultural, desenvolvimento das letras e das artes. Só para citar alguns exemplos desse progresso cultural podemos pontuar que, em 11 de agosto de 1874, o presidente da Província, Adolfo Lamenha Lins criou a primeira Biblioteca Pública de Teresina e, em 1909, o governador do Estado, pela Lei nº 553 de 8 de julho do mesmo ano, criou o Arquivo Público do Estado do Piauí, cuja proposta era reunir a documentação dos poderes executivo, legislativo e judiciário, justificativa que, ainda hoje, vigora na classificação do acervo documental do Arquivo do Estado.

O IHGP tinha por objetivo incentivar os estudos e as pesquisas nas áreas de História, Geografia e Ciências afins, mais especificamente àquelas relacionadas ao Estado do Piauí. A preocupação era enaltecer e glorificar as gerações passadas, mostrando-as como exemplo para as futuras gerações. Era, pois, marcante a idéia de uma história pedagógica, que enfatizava a necessidade de conhecer o passado para preparar o futuro. Para os idealizadores do Instituto, os piauienses careciam de saber os feitos das antigas gerações, que teriam contribuído para a grandeza do Estado. “Comemorar os feitos dos nossos maiores para edificar as novas gerações no enalço da grandeza futura do Piauí”.<sup>22</sup>

Havia, no estatuto do IHGP, a proposta de criar uma biblioteca para arquivar documentos históricos, acumular e ordenar livros, mapas, memórias e demais trabalhos referentes ao Piauí, bem como um arquivo e um museu. Além de catalogar e ter sob sua guarda e responsabilidade todos os livros, filmes, documentos, mapas, peças históricas e arqueológicas. Propõe que o Instituto deveria editar, no mínimo, uma revista por ano, manter comissões científicas permanentes de História e Geografia, bem como de outras

---

<sup>22</sup> *REVISTA DO INSTITUTO ANTROPOLÓGICO E GEOGRÁFICO PIAUIENSE*. 2. ed. Teresina: Tipografia d'O Piauí, 1922. Esta revista foi destinada às festas do centenário da Independência do Brasil.

áreas, se necessárias. Propõe, ainda, estabelecer intercâmbio com entidades congêneres nacionais e estrangeiras, criar ordem honorífica, conferir comendas e diplomas a personalidades de reconhecido mérito. Percebe-se, assim, claramente, a preocupação do Instituto com a preservação e construção da memória oficial do Estado, com a necessidade de devotar e glorificar o passado das personalidades ilustres do Piauí, resgatando, dessa forma, seu passado glorioso.

Por outro lado, entre 1918 e 1922, houve a preocupação do IHGP em manter intercâmbio com outras entidades congêneres, não só nacionais, mas também internacionais, estabeleceu-se contato com vários países, através dos sócios correspondentes. Abdias Neves foi sócio correspondente do IHGP na capital federal, firmando-se como interlocutor entre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto Histórico e Geográfico Piauiense.

No decorrer da pesquisa, encontramos na Biblioteca do IHGB, no Rio de Janeiro, algumas correspondências dirigidas, pelos membros da comissão de redação da revista do instituto, a Clodoaldo Freitas e a Abdias Neves. As correspondências faziam solicitações àqueles intelectuais para que produzissem trabalhos sobre o Piauí, a fim de serem publicados na revista do IHGB. Em 1907, por ocasião das comemorações do centenário da Imprensa no Brasil, realizado em 1908, o IHGB solicitou, através da referida comissão, aos intelectuais brasileiros, dentre eles os do Piauí, que enviassem notas sobre revistas, jornais, periódicos locais publicados naqueles cem anos. Abdias Neves produziu o texto solicitado pela comissão, o qual foi publicado na revista do IHGB com o título “A Imprensa no

Piauí<sup>23</sup>. Em 1922, como já mencionamos neste estudo, Abdias Neves escreveu outro texto sobre o Estado do Piauí.<sup>24</sup>

O mediador entre Abdias Neves e os membros do IHGB foi Clodoaldo Freitas, que se encontrava no Rio de Janeiro. Augusto Viveiros solicitou a Clodoaldo Freitas que produzisse àquelas notas sobre a Imprensa no Piauí, este, no entanto, alegando estarem em Teresina suas anotações sobre a história do Piauí, sugeriu o nome de Abdias Neves para a produção do trabalho.

Ilmo. Dr. Augusto Olímpio Viveiros de Castro.

Tenho a satisfação de responder a carta de V. Sa., ontem recebida. Com grande pesar deixo de encarregar-me do trabalho com que V. Sa. dignou-se distinguir-me, porque meus papéis referentes à história do Piauí, ficaram em Teresina, onde não poderei ir antes do fim do ano.

Na impossibilidade de cumprir a honrosa incumbência, tomo a liberdade de indicar a V. Sa. o dr. Abdias Neves, mais competente do que eu dado também aos estudos da história do Piauí. Autor de um importante trabalho sobre a Guerra de Fidié, que está no prelo.

Com a maior estima e consideração [...]

Clodoaldo Freitas.<sup>25</sup>

A produção intelectual do IHGP não foi, porém, intensa, restringindo-se, entre os anos de 1918 a 1922, à publicação de duas revistas, uma em 1920 e outra em 1922<sup>26</sup>. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontramos as duas primeiras revistas e no

---

<sup>23</sup> NEVES, Abdias. *A Imprensa no Piauí*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1908.

<sup>24</sup> NEVES, Abdias, 1922.

<sup>25</sup> Carta resposta de Clodoaldo Freitas a Augusto Olímpio Viveiros de Castro, membro da comissão de redação da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Acervo do IHGB. Seção de manuscritos do IHGB.

<sup>26</sup> *REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PIAUIENSE*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920; *REVISTA DO INSTITUTO ANTROPOLÓGICO E GEOGRÁFICO PIAUIENSE*. 2. ed. Teresina: Tipografia d'O Piauí, 1922.

Arquivo Público do Estado do Piauí apenas a segunda, cuja publicação se deu em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Na revista de 1920, os artigos versam sobre os primeiros tempos do devassamento e povoamento do Piauí, bem como realizam o empreendimento ufanista de reavaliação da participação do Piauí nos grandes eventos da história do Brasil.<sup>27</sup> Além dos artigos, a revista traz a relação dos livros oferecidos à biblioteca do Instituto, entre 1901 a 1922, e dos sócios correspondentes espalhados por todo o mundo. Os artigos publicados estavam relacionados, como vimos, tanto à história do Brasil como à história local. Ricos em fatos e informações, os textos respeitavam a concepção de história predominante no final do século XIX e início do século XX, evidenciando uma penosa luta pela neutralidade e imparcialidade.

Como destacamos, a produção escrita do IAGP, futuro IHGP, não foi intensa. Em quase oitenta anos de existência foram publicadas apenas seis revistas, havendo em todas elas a presença marcante de temas ligados à história local. Na segunda revista do IHGP aparece um dos idealizadores e presidente do Instituto – Higino Cunha, interlocutor de Abdias Neves em seus trabalhos. Nessa edição, foram publicados dois artigos de Higino Cunha, um relacionado à história do Brasil<sup>28</sup>, outro sobre o teatro em Teresina.

---

<sup>27</sup> Dentre esses artigos podemos citar: A quem pertence a prioridade histórica do descobrimento do Piauí; Catálogo das sesmarias concedidas ao Piauí; O cerco de Oeiras (Abdias Neves); Notas sobre a religião no Piauí; A Lagoa de Pimenteira; Ensaio sobre as entradas no Piauí; Operário da boa vinda; Cidade de Floriano; As sete cidades de Piracuruca; Contribuições para a história do Piauí; A mudança da capital; Minerais do Piauí; Adesão à Confederação do Equador; já no segundo número da revista, foram publicados os artigos que tratavam de questões referentes A Independência do Brasil; A Independência do Piauí; A Mudança da Capital, que faz referência à mudança da capital de Oeiras para Teresina em 1852; História Administrativa do Piauí; Notas sobre Amarante: histórico, limites, hidrografia, clima e salubridade; orografia e geologia, flora, culturas e riquezas minerais; Congresso das Municipalidades; O Teatro em Teresina; Sesmarias Piauienses; Os Balaios no Piauí: influências gerais, antecedentes históricos da luta, a situação geral do País desde a abdicação de D. Pedro I, sublevação nas províncias, no Maranhão: a situação dos partidos, a criação das prefeituras, a exaltação partidária, no Piauí: as grandes distâncias, a falta de instrução, a falta de religião, efeito do recrutamento.

<sup>28</sup> *REVISTA DO INSTITUTO ANTROPOLÓGICO E GEOGRÁFICO PIAUIENSE*. 2 ed. Teresina: Tipografia d'O Piauí, 1922.

No primeiro dos artigos, chega-se à conclusão de que Higino Cunha não consegue manter a imparcialidade e a neutralidade tão buscada pelo historiador de seu tempo, embora defenda, que a história deva ser o “culto do passado e o exemplo do futuro”, e considere a independência do Brasil como uma data gloriosa e de estímulo às futuras gerações. Está clara, assim, para o autor, a idéia da missão do historiador e o papel da história, ou seja, uma história pedagógica, que forneça modelos às futuras gerações, através do exemplo de seus antepassados. Em sua concepção, a Independência deve ser vista como um fato de grande importância para a história nacional, ressaltando o acontecimento como fruto da evolução da humanidade, a qual, segundo ele, se liga à civilização européia ocidental e branca, tendo em vista que:

Todas as nossas grandezas atuais – o desenvolvimento científico, a liberdade, a democracia, o livre exame, o progresso e o sentimento da história não são mais do que a expansão natural das conquistas feitas com insano labor, lutas dolorosas e extremos sacrifícios pelas gerações que antecederam a nossa.<sup>29</sup>

O passado da Igreja Católica foi lembrado como forma de prevenir às futuras gerações contra uma instituição que os intelectuais consideravam perniciosa para a formação nacional, uma vez que o grande líder da instituição eclesiástica não era o governante da nação, mas o Papa, líder universal da instituição espalhada por todo o mundo e sob o controle central da Santa Sé. Uma instituição, a Igreja Católica, que formaria, em suas opiniões, maus cidadãos, passivos, sem vocação política que os levasse à constituição

---

<sup>29</sup> CUNHA, Higino. A independência do Brasil. In: *Revista do Instituto Antropológico e Geográfico Piauiense*. 2. ed. Teresina: Tipografia d’O Piauí, 1922.

de uma nação una e forte, e que amordaçava as consciências, acumulando fortunas e mantendo a ignorância e o analfabetismo:

A Companhia de Jesus foi o baluarte de que a Igreja se serviu para conter a onda do livre exame. No Brasil prestou alguns serviços na catequese dos índios selvagens, mas felizmente não conseguiu o seu fim principal – transformar este imenso país numa província da Santa Sé, governada soberanamente pelo papa, como se deu no Paraguai. A sua ultima tentativa deu em resultado o processo e a prisão de dois bispos ilustres. Hoje, os jesuítas, expulsos da França, da Espanha, de Portugal, da Áustria e das Filipinas, voltam suas vistas para o Brasil, como um bando sinistro de corvos esfomeados. O novo culto fálico do coração de Jesus lhes vai garantindo a pilhagem de fortunas imensas [...].<sup>30</sup>

Como intelectuais e livres-pensadores, achavam-se Higino Cunha e Abdias Neves, com a missão de esclarecer a população e livrá-la da influência perniciosa da Igreja Católica.

Compete, pois, aos pensadores livres, aos indiferentes, isto é, aos tolerantes, a missão de orientar o futuro, desmascarando o perigo clerical e conscientizar as novas gerações a prosseguirem na faina do progresso, na família, na pátria e na humanidade.<sup>31</sup>

É que os intelectuais reunidos em torno do IHGP estavam convencidos de seu papel social, que se firmava na sua capacidade de salvar o Piauí, do que consideravam “atraso histórico”. Eles acreditavam que, munidos de um saber científico, poderiam esclarecer a população piauiense de sua capacidade cultural e científica. Nesse sentido, o instituto, através de suas iniciativas, chamaria à consciência essa “subcategoria”, que era, afinal de contas (paradoxo) forte e capaz. Para eles, seria, então, pelo esclarecimento dos fatos e

---

<sup>30</sup> CUNHA, Higino, 1922, p. 17.

<sup>31</sup> Ibid, p. 18.

feitos dos construtores do Piauí que essa gente firmaria sua auto-estima. Além disso, através do instituto os pesquisadores desmistificariam a idéia de apatia do Piauí em face aos grandes movimentos de emancipação nacional. Mostrariam que, a exemplo de Pernambuco, que por meio das sociedades secretas, tinha sido o centro das conspirações contra a Metrópole, também o Piauí tinha participado com um “pesadíssimo tributo de sangue”. Para Abdias Neves, “[...] apesar da situação geográfica, falta absoluta de comunicação, e ainda mais, de se ter constituído em Capitania independente apenas em 1811, foi das províncias do Brasil uma das primeiras a aderirem à Independência”.<sup>32</sup>

Abdias Neves teve parte de sua existência marcada pelo desejo de escrever sobre a história do Piauí, com o propósito de deixar sua marca na historiografia piauiense, para a memória das futuras gerações que, em sua opinião, deveriam ter acesso às informações sobre a memória do Estado.

## **2 O Piauí: a terra e o homem**

Para Abdias Neves, os homens de letras tinham uma função social premente – conscientizar os indivíduos sobre o lugar e o papel que tinham no contexto histórico do tempo e espaços por eles vividos. Buscou esclarecer os sujeitos sobre a condição de cidadãos que deveriam ocupar na sociedade. Adepto declarado dos ideais positivistas, o biografado fez de sua escrita da história um empreendimento de reflexão sobre a participação do Piauí nos grandes movimentos da história nacional.

---

<sup>32</sup> NEVES, Abdias, 1922, p. 362.

Como historiador, Abdias Neves viu na escrita da história uma função social e política forte, vez que era pela história, através de seu conhecimento, que os homens se tornariam mais esclarecidos, logo podendo participar de forma mais eficiente dos destinos da Nação. Na produção historiográfica de Abdias Neves, está clara a sua missão: contribuir para que a história do país, a cultura de seu povo não se perdesse no passado, mas que pudesse servir de alimento, de exemplo para o presente, vez que as futuras gerações deveriam saber sobre seus antepassados e seus feitos gloriosos. Uma história marcadamente progressista, onde os homens caminharium rumo à realização dos ideais da modernidade, livres de dogmas e detentores do domínio pleno sobre a natureza.

Como historiador buscou a neutralidade, tentando catalogar e sistematizar a documentação que julgou necessária à escrita de seus textos. Procurou dados, sistematizou e escreveu a história para contribuir na construção e exaltação do Piauí e de seu povo.

Abdias Neves deu ênfase às conquistas técnicas do método positivista na história, que julgou válidas, sobretudo no que tange à crítica dos documentos de arquivos. Escreveu uma história política, sobretudo sob a forma institucional, acontecimental, factual, mas valorizou igualmente os motivos geográficos, econômicos, sociais, intelectuais, religiosos e psicológicos.

O historiador piauiense, como outros intelectuais locais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, atentou para a história do Estado e mostrou-se preocupado com os avanços dos novos meios de comunicação, o cinema e o teatro, que poderiam estar reduzindo o número dos já poucos leitores existentes no Piauí. Mostrou-se reticente quanto aos trabalhos que estavam sendo publicados na Revista do IHGP naquele momento, 1920,

pois a impressão do material, de “má feição gráfica” e volumoso não trazia os atrativos já bem conhecidos pela produção gráfica nacional e estrangeira. Abdias Neves e os outros redatores se referiam ao tamanho dos textos e à falta de imagens, o que não iria atrair os leitores naquele tempo de “lei do menor esforço”.<sup>33</sup>

A época é de repressão rápida e pouco profunda. Impressão demoradamente imposta não correspondeu, nestes dias, à celebridade das percepções e instabilidade das sensações sofridas. A revista vai matando o livro. A comédia afastou o drama para plano secundário. O cinema fez a deserção dos teatros. Na imprensa, os artigos doutrinários e longos foram substituídos pelo *suello* rápido e leve. E, como ainda não bastasse, adotaram-se os moldes americanos de dar em títulos e subtítulos a súpula do assunto, as mais das vezes acompanhados de fotografias.<sup>34</sup>

O discurso do historiador esteve permeado pela idéia de que o Piauí contou com raças inferiores no processo de sua formação étnica, o que teria, então, resultado em uma sub-raça, mas ao mesmo tempo forte, capaz de resistir às adversidades impostas pelo meio hostil.

O tipo do Piauiense resultou de um caldeamento de brancos, índios e negros. É, em geral, de estatura mediana, cor morena, musculatura pouco desenvolvida. Concentrado e observador, raramente se deixa iludir. É, quando instruído, de uma inteligência viva, que o põe facilmente em relevo. Esquecido por mais de dois séculos dos poderes públicos, sem instrução, sem higiene, sofrendo o flagelo periódico das secas, habituou-se a confiar em si, antes que nos governos. Daí, na sua organização um *substratum* poderoso de energias latentes, que o tornaram de uma resistência pouco comum. Assim, com a aparência de uma sobrecarga secular de fadigas, não as conhece, não as sofre, afronta-as, mas alimentado, mal vestido, insensível à inclemência de um clima exaustivo.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PIAUIENSE. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.

<sup>34</sup> REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PIAUIENSE. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920, p. 2-3.

<sup>35</sup> NEVES, Abdias, 1922, p. 325.

Em *A Guerra de Fidié*<sup>36</sup>, publicado em 1907, Abdias Neves narrou a história da adesão e participação do Piauí nas lutas de Independência do Brasil. Em *O Piauí na Confederação do Equador*, publicado em 1921, o biografado narrou a adesão do Piauí à República da Confederação do Equador. Destaca-se, nessas produções, a preocupação do autor em retratar a psicologia do piauiense, influenciada pelas características do meio. Preocupou-se em relatar a “verdade” dos fatos, quando acreditou e apostou no método histórico de coleta e crítica das fontes. Basicamente, utilizou-se de fontes oficiais escritas: ofícios e atas dos governadores da província do Piauí e dos relatos de viajantes,<sup>37</sup> além de dialogar com pesquisadores brasileiros como Rocha Pitta, Rocha Pombo, José Martins Pereira de Alencastre, Perreira da Costa, dentre outros.

Para Abdias, não havia um ideal de nacionalidade entre os grupos sociais piauienses, mas sim um espírito aventureiro. Para ele, “O que os moveu não foi o ódio a Portugal – foi o espírito de aventura – que é individual, jamais foi coletivo”.<sup>38</sup> O sentido que Abdias Neves estabelecia entre o processo de colonização e a psicologia do matuto dos primeiros séculos da colonização era no sentido de exaltar a figura do bandeirante, entendendo o matuto como um homem forte e corajoso, adjetivos que transporta ao colonizador.

No *substratum* dos pendores brutais, impulsos e violentos do matuto, estão a alma corajosa dos bandeirantes e as tendências vagabundas do índio: alma e tendências que havia mais de um século tinham feito, aqui, as entradas e devassado matas virgens e vadeado rios caudalosos e transpondo costaneiras de serras; alma de paixão pelas sugestões do ‘acaso’ e de desprezo pelos perigos. Foi isso que

---

<sup>36</sup> Alusão ao comandante português João José da Cunha Fidié, enviado pelos dirigentes portugueses para o Piauí com o propósito de sufocar a luta pela independência do Brasil de Portugal. Em 13 de março de 1823, às margens do riacho Jenipapo, a 85km de Teresina, no município de Campo Maior, norte do Estado, os piauienses lutaram pela independência do Brasil, no movimento que ficou conhecido com Batalha do Jenipapo.

<sup>37</sup> Relato de viagem de Carlos César Burlamaque, 1806, em excursão de estudos para informações à metrópole; Gardner, von Martius; von Spix apud NEVES, Abdias, 1907; NEVES, Abdias, 1921.

<sup>38</sup> NEVES, Abdias. *A Guerra de Fidié*. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985, p. 36.

moveu a multidão das margens do Jenipapo, onde, ainda hoje, o povo das cercanias de Campo Maior diz que está o sangue dos nossos patrícios nas pedras negras do campo de batalha de 13 de março [1823].<sup>39</sup>

Ao narrar a epopéia dos bandeirantes na conquista e colonização do Piauí, o pesquisador piauiense tentou construir a imagem do vaqueiro, do roceiro, do índio e do conquistador. Imagens não inocentes, mas fruto de um ideal de progresso e de civilização que norteava a concepção e a escrita da história naquele momento. Para Abdias Neves, a participação popular nos movimentos de emancipação do Brasil em relação a Portugal foi marcada por grandes emoções que aquelas populações não se furtariam vivenciar. Por outro lado, reconhece, mesmo que de forma tímida, a aversão dos piauienses à exploração do português, pois “[...] Naquele instante, se unidade havia na orientação era o ódio mestiço à tirania orgulhosa e cruel, exploradora e sanguinária do português. Era a desforra súbita, esmagadora e completa de rancores seculares do mestiço contra o branco”.<sup>40</sup>

Em *A Guerra de Fidié*, encontramos um estudo preliminar da *Fisionomia Histórica de Fidié*, publicado na reedição do livro em 1985. Abdias Neves esboçou uma feição social, econômica e cultural do Piauí em sua fase colonial. Pesquisa apurada e metodicamente preocupada com as fontes, onde o autor se propôs a narrar aquele momento da história do Piauí, sem perder de vista o contexto europeu e brasileiro.

Descreveu o cenário piauiense à época das lutas de independência com cores fortes e vibrantes, cujo enredo era marcado por agitações políticas e disputas locais pelo controle do poder político.

---

<sup>39</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 36.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 36.

O Piauí, dessa época, apenas demonstrava a revivescência de pendores seculares trazidos para aquele meio. Ninguém pode imaginar, pelo tipo do piauiense de hoje, pacífico e conformado, o espírito de outrora. Lembre-se a luta contra os índios, que se prolongou por mais de cem anos – observando-se, certa vez, o levante geral de todas as tribos da Capitania. Não estava, ainda, amolecido pelos rústicos labores de vaqueiro. Era temerário, audaz, belicoso, de uma generosidade cavalheiresca de quem oferece robustas provas a sua conduta com os vencidos do Morro da Tabocas [depois chamado de Alecrim].<sup>41</sup>

Percebemos, no discurso de Abdias Neves, certa nostalgia em relação àquele tipo piauiense dos primórdios da conquista territorial da região. Em nenhum momento ele vê a figura do conquistador como maléfica às populações indígenas, mas sim como um fato natural no processo de “civilização” do Piauí.

É interessante notar que o texto de Abdias Neves é recheado de informações sobre o cotidiano das relações sociais entre os mais variados grupos humanos que se estabeleceram em território piauiense. Mais notável é a percepção do autor no que tange à compreensão das diferenças existentes entre as formas de vida social do Piauí e de outras regiões brasileiras. Percepção que Abdias Neves capta do relato do primeiro governador da Capitania, João Pereira Caldas, endereçado ao Ministro do Ultramar<sup>42</sup>, como parte das atribuições desses funcionários reais que deveriam manter informado a metrópole sobre seus domínios. Abdias Neves destaca as dificuldades que tinham esses administradores reais em montar uma organização militar nos territórios recém ocupados e levanta uma série de fatores que teriam corroborado para o desaparecimento bélico dos piauienses. Dentre esses elementos, destaca a indisposição do branco em confraternizar-se com os mestiços, preconceitos históricos difíceis de serem contornados, visto que a realidade piauiense contava com costumes antigos em que brancos, mulatos e pretos eram tratados sem aquela hierarquia tão conhecida e apreciada pelos administradores portugueses

---

<sup>41</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 32

<sup>42</sup> Correspondência enviada em 9 de outubro de 1766 apud NEVES, Abdias, 1985, p. 34-35.

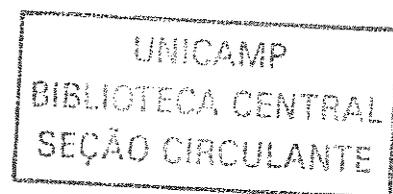
enviados para o Brasil. Além disso, a vastidão do território trazia dificuldades de controle, sobretudo por falta de vias de comunicação eficazes. Logo, para Abdias Neves, esses elementos foram significativos para evidenciar que não houve um ideal de nacionalidade, nem de ódio a Portugal. Os piauienses viviam isolados nas freguesias, nas fazendas e vilas, com uma organização bem peculiar e longe das restrições e das intervenções da metrópole, tornando as fazendas o seu microcosmo. Ainda assim, no momento em que eram movidos pela força das circunstâncias e chamados a lutar, eles jamais se negaram. Não havia, portanto, uma organização militar, mas uma mobilização do povo do Piauí.

Heroísmo é que não houve de sua parte, enfrentando com onze bocas de fogo e tropas aguerridas, não há força, mas uma multidão armada de clavinhas, clavinotes, espadagões e facas, sem disciplina, sem comando – porque, não nos cansaremos de repetir, não foram as orientações que ali estiveram, foi o piauiense, e o do Norte, não o do Sul, o que conspirava em Oeiras, desde os primeiros dias do século, esse não foi visto em Campo Maior, mesmo porque o movimento seguiu do norte para o sul.<sup>43</sup>

Seguindo a teoria darwinista, Abdias Neves defendeu o processo de evolução das espécies a partir de sua adaptação ao meio e acreditou no determinismo geográfico. Ele desenhou o modelo de homem piauiense em oposição ao homem cearense, ambos frutos e reflexos do meio. Enquanto aquele cruzava os braços e cedia à adversidade das condições de vida, este era, essencialmente, aventureiro e conquistador, vez que enfrentava as dificuldades do meio natural, marcado por secas e problemas de subsistência, esses elementos que lhe davam forças e não o transformavam em indolente, como acontecia com o piauiense, que se entregava à fatalidade das circunstâncias. Para o historiador, o cearense

---

<sup>43</sup> NEVES, Abdias, 1985, p. 36



teve a sua existência marcada por uma tendência migratória, impulsionada por três fatores: alimentação, clima e capacidades étnicas.

[...] povo um espírito sonhador, um temperamento ardoroso, uma organização vibrátil, uma imigração rica. Esta a razão porque ele é mais sentimental que volitivo. Esta, ainda, a razão, porque enquanto se sucedem na quase totalidade dos Estados, mais ou menos em relativa conexão, diferentes fases históricas, o Ceará só tardiamente rompe o período dos seus tempos heróicos e, ainda hoje, os habitantes das zonas apresentam casos curiosos de sobrevivência.<sup>44</sup>

Acreditando na superioridade de uma raça sobre a outra, o autor de *A Guerra de Fidié* e de *O Piauí na Confederação do Equador* parte do pressuposto de que o homem é um produto do meio, sujeito às suas leis e que o processo de sua evolução, portanto, se deve ao seu condicionamento e à sua adaptação. Dessa forma, o tipo piauiense foi descrito como preso às tradições e ao espírito de rotina, passivo, estável e não empreendedor.

O espírito de rotina adquirido por esta forma impediu que ele se tornasse um reformador. A passividade moderou-lhe os impulsos, reprimiu os arrebatamentos. E, assim, hoje, como há duzentos anos, é um tipo rotineiro e pacífico, incapaz da tentativa de uma reforma, ou da audácia de uma reação. Mantém-se católico, porque o catolicismo foi a religião de seus pais. Veste-se de couro curtido [Abdias não se refere aos habitantes das cidades]. Lavra a terra com o machado e a foice de 1700. Acende as queimas que acendiam os primitivos povoadores.<sup>45</sup>

O discurso de Abdias Neves é significativo para compreendermos a sua própria psicologia, na medida em que descreve com cores nítidas as características que aprecia em um homem. Ele mesmo tentou ser esse homem sonhador, audaz, empreendedor, transformador, inquieto, viajante e conquistador de novos territórios de sociabilidade, de

---

<sup>44</sup>NEVES, Abdias, 1985, p. 206.

<sup>45</sup> Ibid, p. 217

novas idéias. Está clara a sua preferência pelo tipo humano do Ceará e a sua aversão ao tipo do Piauí.

Abdias Neves lutou para romper as amarras que o prendiam a uma sociedade resistente à mudança, à transformação. Influenciado pelas idéias do século das luzes, pensava ser necessário condenar a intransigência religiosa e insistir no princípio da liberdade para todas as religiões. Logo, era fundamental opor-se e dissipar as trevas da ignorância com as luzes da razão iluminista. Era preciso alçar novos vôos rumo à superação das adversidades impostas pelo meio. Não por acaso, Abdias Neves esteve presente nos espaços de sociabilidades que lhe possibilitassem expor e discutir suas idéias sobre política, literatura e religião. Frequentou espaços públicos diversos como clubes, cafés, salões literários, academias, institutos.

Abdias Neves utilizou-se da crença na razão e na ciência para compreender o indivíduo e a sociedade. Considerou a Igreja Católica e seus dogmas dispensáveis. Acreditou na força do homem para mudar a sociedade e superar as desigualdades. O lugar, a partir do qual Abdias Neves falou era o Norte que, segundo ele, vivia dominado e contrastava com as regiões mais ricas do país. Viu o homem piauiense marcado por um espírito conservador e submisso, obediente às regras ditadas pelo grande centro político do Brasil. Pretendeu um homem com um espírito novo e demolidor, como um elemento dinâmico da Nação. Defendeu medidas excepcionais de compreensão que modificassem e estabelecessem um equilíbrio entre elementos humanos na formação da nacionalidade. Abdias Neves viu nas mudanças operadas no último quartel do século XVIII e no início do século XIX, no Norte do Brasil, pontos de chegada para superar tais desigualdades.

Referiu-se às lutas de independência do Brasil, nas quais os estados do Norte tiveram uma efetiva participação.

No seu entender, os homens do Norte tinham ido além de sua época. O meio reagia fortemente sobre eles, dificultando-lhes a adaptação: tivessem se adaptado e estaria rompida a continuidade do território brasileiro, elemento primordial, naquele tempo, naquela formação.

A emancipação recente da colônia nos encontrara sem a fusão de uma categoria étnica, e sem vias de transporte e meios de comunicação que, estabelecendo freqüentes relações entre as capitânicas, vinculassem seus interesses e fossem um laço de coesão entre as mesmas.<sup>46</sup>

Abdias Neves destaca a importância do sentimento e das paixões na conduta do homem, rivalidade para com a tradição, força hostil que mantinha vivas crenças e preconceitos, que os intelectuais anticlericais tinham a obrigação de destruir. Havia recusa em aceitar a autoridade da tradição e de reconhecer-lhe qualquer valor independente da razão. Independência de crenças e preconceitos no reconhecimento e na avaliação dos fatos marcaram suas idéias. Conferiu grande importância à ciência, compromisso crítico com a razão e com os resultados que ela podia conseguir nos vários campos de pesquisa para melhorar a vida particular e associativa de cada homem. Lutou contra o atraso e a ignorância. Acreditou que a felicidade e o bem-estar da humanidade estavam na tolerância e no progresso humanos. A tolerância religiosa não só exigia a convivência pacífica das várias confissões religiosas, mas, também, impedia que a religião se tornasse um instrumento de governo. No discurso do historiador e livre-pensador, há o compromisso

---

<sup>46</sup> NEVES, Abdias. *O Piauí na Confederação do Equador*. Teresina: EDUFPI, 1997, p. 135.

com a transformação, com o progresso, com a melhoria do ponto de vista do saber e dos modos de ser e viver humanos.

Para Abdias Neves, o progresso era fatal, inevitável. Acreditava que a realidade era um processo único, contínuo e necessariamente progressivo. Romantizou a ciência, a sua devoção como o único guia da vida individual e associativa do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível, a ciência positiva de Comte era o fundamento de uma nova ordem social e religiosa. A ciência tinha como meta primordial contribuir para a educação e para o avanço da civilização, divulgando novas percepções, novas sensibilidades, tornando o homem mais humano, com o fim de promover a humanização para a civilidade e o aperfeiçoamento dos costumes.

### **3 O discurso regionalista**

Abdias Neves escreveu sobre o Piauí: história, geografia, geologia, etnografia, religião. O intelectual priorizou o estudo da própria região, percebendo-a como diferente e distante do centro político-administrativo do Brasil. Percebeu e identificou o Piauí com o símbolo da dependência econômica e da submissão política em relação às outras áreas do país.

Para Durval Muniz <sup>47</sup>, foi na década de vinte do século XX que esses intelectuais construíram o discurso das especificidades regionais, identificando a nação com um organismo composto por diversas partes, que deveriam ser individualizadas e identificadas. Para Muniz, o sentido é de compreender a nação a partir desses múltiplos olhares.

---

<sup>47</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Coprtez, 1999.

[...] compreender a nação, a partir de um jogo de olhares que perscruta, permanentemente, as outras áreas e volta-se para si próprio, para calcular a distância, a diferença, e para buscar as formas de apagar estas descontinuidades que bloqueiam a emergência da síntese nacional. Cada discurso regional terá um diagnóstico das causas e das soluções para as distâncias encontradas entre as diferentes áreas do país.<sup>48</sup>

Abdias Neves interpretou as diferenças regionais como diretamente ligadas à natureza, ao meio e à raça. Orientado pelas idéias racionalistas e positivistas de Hippolyte Adolphe Taine, que teve uma forte influência das idéias de Charles Darwin e de Friedrich Ratzel, o historiador piauiense teve a sua escrita marcada por um determinismo geográfico e um darwinismo social, a exemplo de Taine com sua célebre trilogia: raça, meio, momento. Para o estudioso francês, havia um conjunto de caracteres biológicos transmitidos hereditariamente, porque as tradições, as crenças, os hábitos mentais e as instituições modelam os indivíduos, porque há sempre um conjunto de circunstâncias que desencadeiam a ação daqueles sujeitos. Taine aproximou-se de Ernest Renan quando transportou para o âmbito das ciências morais os métodos das ciências físicas, aceitando o determinismo e o mecanismo psicológico, espécie de predisposição que dirige todas as idéias e todos os atos de um povo.<sup>49</sup>

Ao esboçar a psicologia do sertanejo, Abdias Neves acreditou que esta era determinada por elementos naturais, que teriam moldado seus costumes, hábitos, práticas sociais e políticas.

---

<sup>48</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, 1999, p. 41.

<sup>49</sup> ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL. TAINÉ, H. La Inteligência. Tomo I. Buenos Aires: Editorial Albatos, 1994.

Abdias Neves fala de uma região “abandonada pelos poderes públicos”,<sup>50</sup> o que nos leva a identificá-lo como o intelectual provinciano descrito por Muniz:

[...] Intelectuais que se sentem cada vez mais distantes do centro de decisão, do poder, seja no campo político, seja no da cultura e da economia. Uma distância tanto geográfica quanto em termos de capacidade de intervenção. Um intelectual regionalista quase sempre é aquele que se sente longe do centro irradiador de poder e de cultura. Ela faz da denúncia dessa distância, dessa carência de poder, dessa vitimização, o motivo de seu discurso.<sup>51</sup>

Para Abdias Neves era fundamental incluir o Piauí na história dos movimentos de independência do Brasil, defendeu a tese da participação do Piauí na Confederação do Equador, iniciada em Pernambuco e que teria se expandido pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas. Abdias Neves recorre à obra de Pereira da Costa<sup>52</sup>, Rocha Pombo<sup>53</sup> e a documentos da seção de manuscritos do IHGB.

Como nas demais províncias do Nordeste, no Piauí as circunstâncias não eram outras. Desde 1808, a ordem interna vinha abalada. Sem justiça e sem polícia, o governo era antes uma ficção, do que uma autoridade. Não podia ignorá-lo e se não iludia. Entretanto, não se quedou em face da sedição de 1817 – ao ter notícia que atingia, já, o sertão cearense. Era de recear que transpusesse a Serra Grande – donde voltar, sem demora, a atenção para a vila da Parnaíba, que, por ficar nas vizinhanças de um porto de mar e nas fronteiras da Granja, estava em estreitas relações com o Ceará. Por ali, mais do que por outro qualquer ponto, fora de recear a invasão.<sup>54</sup>

Como Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, encontramos, também, em Abdias Neves o positivismo de Comte, o evolucionismo de Darwin e de Spencer. Os dois intelectuais buscaram as mesmas pistas de interpretação para a compreensão da história do homem do

<sup>50</sup> Cf. NEVES, Abdias. *A Guerra de Fidié*. Teresina: [s.n.], 1907; NEVES, Abdias. *O Piauí na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

<sup>51</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, 1999, p. 50.

<sup>52</sup> COSTA, Francisco Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

<sup>53</sup> ROCHA POMBO. *História do Brasil*. v. VIII apud NEVES, Abdias, 1997, p. 5.

<sup>54</sup> NEVES, Abdias, 1997, p. 20.

interior do país. Ambos incorporaram os traços fatalistas da ciência européia, idéia de tempo e de que aquelas “leis” exerciam profunda influência nos caracteres morais das raças. Na obra de Abdias Neves, encontramos a mesma preocupação euclidiana em se debruçar sobre os estudos de Geologia, Botânica, Etnologia. Euclides da Cunha, ao dividir *Os Sertões* no estudo da Terra, do Homem e da Luta, busca narrar as condições físicas e morais do sertanejo, que considera rude e influenciado pelas características do meio, bem como enfatizar a sua resistência heróica, às condições climáticas, geográficas, econômicas e políticas.

Abdias Neves organiza a obra *O Piauí na Confederação do Equador* em dezessete capítulos que podem ser sintetizados em O Piauí: a terra e o homem; O Piauí: a luta. A ordem na qual está imersa a obra dos dois autores não é gratuita, mas está vinculada às interpretações evolucionista e determinista proposta por Darwin e Spencer, para quem a realidade está fundada na matéria, que estabelece um elo com o homem. Para os evolucionistas as “espécies” vivem em determinado lugar, em determinado meio físico que lhes possibilita interagir com outras “espécies”, donde os tipos de brasileiros, por exemplo, são formados a partir da interação entre homem e natureza, entre homem e sociedade, daí que, como as plantas, também os demais animais devem sua anatomia e fisiologia tanto à herança quanto aos seculares esforços de adaptação ao meio e aos outros organismos. Daí a crença na existência de raças superiores e inferiores, que têm processos diferenciados de evolução, de acordo com as condições do clima, do solo, bem como às condições de mestiçagem.

Tanto Abdias Neves como Euclides da Cunha desenham o retrato psicológico do homem do interior brasileiro em oposição ao homem do litoral. O sertanejo para ambos é

um foco de contrastes: valente e supersticioso, forte e sem vontade, generoso e fanático, rebelde e impotente. Há muitos aspectos similares entre os dois intelectuais, no que diz respeito às formas de perceber e representar o homem nortista. Ambos apresentam um Norte marcado por profunda dependência econômica e submissão política em relação às outras áreas do país. Dependência atribuída por eles às condições do meio ao lado da formação racial.

Muniz interpretou essas práticas discursivas imersas no discurso do que chamou de antigo regionalismo, ou seja, aquele anterior à vanguarda modernista de 1922. Diz o pesquisador:

O antigo regionalismo, inscrito no interior da formação discursiva naturalista, considerava as diferenças entre os espaços do país como reflexo imediato da natureza, do meio e da raça. As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e políticas. Explicavam a psicologia, enfim, dos diferentes tipos regionais.<sup>55</sup>

A partir da perspectiva de base naturalista e evolucionista, Abdias Neves e Eulcides da Cunha, constroem um discurso civilizatório, moralizante e racionalista do Norte e de seu povo. Fixam tipos humanos heróicos, resistentes à seca que assola periodicamente a região, enfatizam a coragem e a bravura do sertanejo frente a dor, a doença e à fome.

Abdias Neves, como representante do Piauí, no Parlamento, no Rio de Janeiro, constrói a idéia de um Estado próspero, pois rico em recursos naturais, mas que precisava da colaboração do poder central. Nessa perspectiva, Abdias Neves termina por reforçar as imagens depreciativas que a imprensa e os intelectuais do Sul faziam de um Norte ignorante, sem higiene, pobre e servil, repleto de contrastes e de confrontos como aquele

---

<sup>55</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, 1999, p. 41.

representado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, ou seja, uma região formada por um povo provinciano, dominado por grupos oligárquicos. O Norte como uma região pitoresca, diversa da civilização do litoral, uma região marcada pela falta de políticas de modernização, vítima do abandono e marginalização exercida pelos poderes constituídos da República.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, 1999, 39-64.

## Considerações Finais

Ao fim deste trabalho, esperamos ter contribuído para aprofundar o estudo do anticlericalismo no Brasil e, em particular, no Piauí, desenvolvendo a proposta de utilização da biografia como um instrumento de pesquisa histórica.

A formatação dos capítulos da tese atendeu ao objetivo de privilegiar aspectos que consideramos importantes para romper com a narrativa biográfica tradicional, que percebe no indivíduo uma identidade específica, coerente, sem contradição. Em sentido contrário, adotamos as sugestões de Giovane Levi, no intuito de construir uma biografia contexto, a fim de compreendermos o indivíduo imerso em seu meio sociocultural, interagindo com as demais pessoas de seu tempo, de seu território. Privilegiamos Abdias Neves na condição de literato, historiador, anticlerical, livre-pensador, maçom e político, que participou de espaços múltiplos de sociabilidade e estabeleceu uma multiplicidade de relações sociais. Não reconstruímos suas virtudes públicas ou privadas, mas tão somente os diferentes espaços e representações que ele teve e viveu em sua época. Realçamos as multiplicidades e as peculiaridades de Abdias Neves, com o fim de repensarmos as práticas discursivas elaboradas por seus contemporâneos, biógrafos e por ele próprio, que são carregadas de avaliações positivas e/ou negativas.

O estudo demonstrou que Abdias Neves foi um dos intelectuais mais expressivos do Piauí, nas três primeiras décadas do século XX, um dos exemplos mais completos de bacharel, literato e político com relativo sucesso ao desempenhar aquelas carreiras. Alguém que usou a literatura como um instrumento para se projetar na vida pública, nas posições de

liderança, com o firme desejo de planejar e gerir uma sociedade que considerava conservadora e atrasada.

Como parte da elite intelectual de seu tempo, Abdias Neves esteve fascinado, cheio de esperanças, numa época marcada por confrontos e indefinições, desejos de mudança social. Homem urbano que esteve sempre em transformação, quis aperfeiçoar a sociedade piauiense, esteve em constante conflito com o velho e com o novo, num momento em que a força da tradição, as dificuldades sociais e econômicas impediam que as cidades do interior do Brasil vivessem a excitação e a velocidade, os refinamentos materiais e espirituais que marcavam a modernidade das capitais litorâneas brasileiras e as capitais européias. Realçamos Abdias Neves encantado pelo progresso e inconformado com os arranjos políticos locais. Defendemos a tese de que, ao mesmo tempo em que seu discurso trazia marcas de modernidade e de modernização para a região, as práticas políticas do biografado estiveram permeadas por alianças políticas com as elites dominantes no Estado, o que lhe impediu de realizar seus projetos políticos, trazendo-lhe frustrações e causando-lhe um sentimento de impotência frente às estruturas do poder local.

Abdias Neves vivenciou o conflito entre o moderno e o tradicional, esteve interessado em registrar suas idéias nos jornais, nas revistas e nos livros para compreender e aceitar o progresso como uma conquista, pois almejou andar por novos territórios. Contudo, Abdias não conseguiu fugir dos caminhos e mecanismos já traçados e conhecidos por uma elite política que lutou para se manter no poder. Assim, mesmo perplexo e fascinado pela trama da modernidade, Abdias Neves tornou-se prisioneiro da continuidade e da permanência que, marcaram as práticas políticas locais.

A partir dessas inferências, fugimos à narrativa biográfica tradicional, linear, cronológica, pois percebemos que é ilusório tentar construir, para um indivíduo, uma identidade específica, coerente e sem contradições. Destacamos Abdias Neves como um sujeito que cristalizou em torno de si o conjunto de seu meio, de seu tempo. Isso apontou para o fato de que se fazia necessário a familiaridade com as fontes e com a época em que viveu o biografado, objeto em torno do qual se organizou todo o campo de nossa investigação. Não colecionamos todas as informações disponíveis sobre Abdias Neves, mas privilegiamos aquelas que nos ajudaram a compreendê-lo como um indivíduo que construiu a si próprio e à sua época, na mesma medida em que foi construído por ela. Construções essas marcadas por acasos, hesitações e escolhas, o que confirmou, para nós, a inviabilidade da biografia tradicional tão criticada por Bourdieu.

Inferimos que o biografado tinha vantagens próprias, pois era bacharel, inteligente, escrevia bem, contudo não poderia prescindir das relações de parentesco, de clientelismo e de proteções que estabeleceu, sem as quais não teria se projetado na vida política do Piauí, pois tais relações lhe permitiram uma ascensão política rápida em função do grupo que o apoiou e das idéias e projetos políticos que defendeu. Desse modo conseguiu Abdias Neves elevar-se acima de um degrau médio na hierarquia política e literária, o que determinou a divulgação das imagens e representações criadas em torno dele, seja como intelectual, seja como político. A construção de sua imagem pública feita por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo esteve ligada ao lugar que Abdias Neves ocupou no espaço político local, fazendo de sua personalidade uma força política e literária a ser considerada no Piauí do início do século XX.

Mesmo lidando com uma documentação dispersa e fragmentada, foi possível identificar e analisar fontes que julgamos poder nos ajudar na construção da biografia e do contexto de Abdias Neves. Lançamos mão de jornais e revistas publicadas em Teresina e no Rio de Janeiro, nas três primeiras décadas do século XX, folhetos e livros, produzidos por Abdias Neves e por pessoas que fizeram parte de seu cotidiano, bem como biografias, memórias, obras literárias, fontes diversas que tratam das questões que envolvem a temática, o tempo e o espaço tratados na investigação. Além daqueles textos, consultamos obras que registram as polêmicas e as controvérsias políticas e anticlericais. Fizemos questão de relacionar o contexto geral do Brasil e do mundo com o cotidiano da cidade de Teresina, privilegiando as discussões intelectuais da época, bem como os ideais de modernização e seus conflitos. Enfim, como as novas e as velhas idéias dos livres-pensadores nortearam a proposta de modernização para a sociedade, como a noção de ser moderno não abria mão de assumir atitudes conservadoras.

Concluimos que Abdias Neves, mesmo se sentindo excluído dos mecanismos de poder, ajudou a construí-los e neles tomou parte. No final de sua existência, encontramos o literato e o político com seus sonhos e projetos vencidos, mas evidenciamos que Abdias Neves foi um sujeito de origem familiar humilde, que conseguiu se formar bacharel em Direito no Recife, ascender ao cargo de Senador da República e estar no centro da vida política e literária do Estado.

Identificamos e analisamos os principais aspectos sobre os quais se debruçou o livre-pensador em seus discursos de teor anticlerical, sua intervenção social e política através da maçonaria, as matrizes de suas posições e a conjuntura sociocultural que permitiu a afirmação de suas idéias. Dialogamos com as diversas práticas discursivas que foram

elaboradas em torno da imagem pública de Abdias Neves por seus contemporâneos, biógrafos e por ele mesmo, quando tentamos buscar os sucessos e os fracassos reais e imaginados do literato e do político, a partir dos espaços de sociabilidade vividos por ele, bem como através de sua produção literária, lugar que consideramos privilegiado para explorar a sua vida e a suas idéias. Analisamos, ainda, a escrita da história produzida por Abdias Neves, a concepção de história e de ser historiador presente em seus escritos e apresentamos o biografado como um intelectual interessado pelos assuntos econômicos, sociais e culturais do Piauí.

A tese teve como proposta desenhar a cartografia da vida de Abdias Neves e pontuar a sua inserção pública, através das academias, da literatura, dos jornais, das revistas e da vida político-partidária. Destacar Abdias Neves enquanto político, intelectual e cidadão que tentou quebrar as armadilhas impostas pelos grupos instalados no poder.

Para isso, partimos do momento de sua vida em que o biografado se diz excluído dos jogos de poder local e nacional, para depois construí-lo como intelectual, político, maçom, anticlerical e livre-pensador, com uma forte intervenção social.

Nessa perspectiva, ao privilegiarmos esses lugares, o objetivo foi percebê-los como territórios de construção de representações, imagens e identidades da vida cotidiana, de intervenção política, *locus* que congregou a intelectualidade, permitindo a realização de debates e divulgação de idéias, territórios ocupados pelos jovens bacharéis como veículo de reconhecimento e evidência.

Partimos do jogo de olhares de Abdias Neves, vistos e ditos do lugar que ocupou na sociedade, das relações que estabeleceu com os donos do poder, que pretenderam que a modernização atuasse no Piauí no sentido de mudar o menos possível as relações sociais,

mantendo a aceitação da hierarquia e da proteção pessoal, dificultando a emergência de qualquer cidadania. Abdias Neves voltou-se para si próprio, como intelectual distante do centro de decisão, do poder, seja no campo político, cultural e econômico, distante geográfica em termos de capacidade de intervenção, longe do centro irradiador de poder e de cultura, alguém que denunciou essa situação de carência de poder, mas que, ao mesmo tempo, contribuiu para perpetuar uma prática discursiva de reprodução das relações políticas e socioeconômicas, fazendo dos que viviam longe dos centros irradiadores do poder, pessoas marcadas pela seca, miséria, injustiças e atraso cultural e social, derrotados pelo poder e saber das regiões ricas do país.

Esperamos que este trabalho possa colaborar na (re) leitura da produção historiográfica piauiense e abrir novas chaves de pesquisa, no momento em que vivemos uma efervescência cultural no Piauí, época rica para alçar novos vôos no campo da produção historiográfica.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I Bibliografia Geral

ABREU, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 24, p. 66-84, 1994.

\_\_\_\_\_. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p.66-81, 1991.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: a abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um pacto difícil. *CLIO - Revista de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco*. Recife: n. 15, p. 39-52, 1994.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

ASLAN, Nicola. *História geral da maçonaria*. Fastos da maçonaria brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1979.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1990.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1993.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras*. A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência*. 2002. 373 f. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

- BASTIAN, Jean-Pierre. *Protestantes, liberais y francmasones*. Sociedades de ideas y modernidad in América Latina, siglo XIX. México: CEHILA, 1990.
- BAYARD, Jean-Pierre. *A franco-maçonaria*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987, 2 v.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 1993.
- BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da Memória e da Biografia: Gabriela Brunesieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (Res) Sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 287-312.
- BORNHEIN, Gerad. A invenção do novo. In: *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BOBBIO, Norberto et. al. *Dicionário de Política*. 7 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995
- BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: M.M. Ferreira & J Amado (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Simone Weil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo: USP, 1987.
- BRAUDEL, Fernand. Carlos V Testemunha do seu tempo, In: *Reflexões sobre a História*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista. Rio de Janeiro: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 10, n. 19, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Mundo como Teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- \_\_\_\_\_. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: *Gêneros de Fronteira*. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. São Paulo: Xamã, 1997, p. 107-115.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

- \_\_\_\_\_. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Teatro das Sombras: A política imperial.* Rio de Janeiro: Vértice/Iuperj, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Cidadania no Brasil. O longo caminho.* 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTELLANI, José. *Origens do misticismo na maçonaria.* São Paulo: Traço Editora, 1982.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASSIRER, Ernest. *A Filosofia do Iluminismo.* Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. Textos, Impressões, Leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. São Paulo: USP, *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, Jan/Abr, 1991.
- CHAUSSINAND-NOGARET. O Biographique (Histoire). In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dictionnaire des sciences historiques.* Paris: PUF, 1986.
- COLUSSI, Eliane Lúcia. *A maçonaria gaúcha no século XIX.* 2 ed. Passo Fundo: UFF, 2000.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: REMOND, René. (Org.) *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 331-363.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco.* Southey, historiador do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- DOSSE, François. *História em migalhas: dos Annales à Nova História.* São Paulo: Ensaio, 1992.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.* Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História.* Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.

- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Condição Humana*. Lisboa: DIFEL, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FURET, F; OUZOUF, M. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- FERRER Benimeli, José Antônio et. al. *Maçonaria e Igreja Católica: ontem, hoje e amanhã*. 2 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.
- GAY, Peter. *Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. O Coração Desvelado*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes, o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A (Coord.); SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 4.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.
- HARTOG, François. *Passados Recompuestos*. Campos e Canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade da selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HISGAIL, Fani (org.) *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacher Editores: CESPUC, 1996.
- HOBBSAWN, Eric. O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários. *Revista de História*, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Ranke*. São Paulo: Ed. Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. História. Teoria. Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUYCH, Pascal. Cidade-rádio, cidade-jornal. In: *Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade em transição Santos: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: M.M. Ferreira & J. Amado (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A História Nova*. Lisboa: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. Como escrever uma biografia histórica hoje – Tradução de “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?” In: *Le Débat*, Paris, n. 54, mars-avril, 1989.
- \_\_\_\_\_. *São Luís – Biografia*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LÉVILLAIN, phillipe. Lês protagonistes de la biografie. In: *Pour une histoire politique*. Paris: Seuil, 1988.

LORIGA, Sabina. (1996), La biographie comme problème. In: REVEL, Jacques (dir.) *Jeux d'Échelles: la micro-analyse à l'expérience*, EHESS/Seuil/Gallimard, 1996.

MARTIUS, C. F. P. Von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. VII, 1845, p. 391-403, 1845.

MAGALHÃES, José Vieira Couto. *Diário Íntimo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MALCOLM, Janet. *A Mulher Calada*, Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARRE, Jacques Léon. História de Vida e Método Biográfico. In: *Cadernos de Sociologia. Metodologias de Pesquisa*, Porto Alegre: v. 3, n. 3, 1991.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques e NORA, P. (org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

\_\_\_\_\_. Entre Memória e História. A problemática dos lugares, São Paulo: *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da PUC/SP, 1995.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In. DUBY, Georges et al. *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986.

PARIS, Robert. Biografia, biografias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH. Ed. UNLJUÍ, v.17, n. 33, 1997

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PONTE, Rogério Sebastião. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral, 1993.

REMOND, René. *L'Anticlericalisme en France: de 1815 à nos jours*. Paris: Editons Complexe, 1985.

RESENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARTE, 1997.

RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Ed. Contexto, v. 15, n. 30, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In:

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões da vida privada. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.

\_\_\_\_\_. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Revista anos 90*, Porto Alegre, n. 6, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *As barbas do imperador*. Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin de siècle: política e cultura*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Os guardiões da nossa história nacional*. São Paulo: IDESP, 1989. (Série História das Ciências Sociais).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Moura Eliane da. Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909). Mesa Redonda Maçonaria e Cidadania. *XLIX Simpósio Nacional de História*. Belo Horizonte: ANPUH, 1997.

VIENE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VOVELLE, Michel. De la biographie à l'étude de cas. In: *Problemes et methodes de la biographie*. Actes du colloque. Paris: Sorbonne, 3-4 mai, 1985.

WEBER, Eugene Joseph. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

## II Bibliografia Específica sobre o Piauí

ABREU, Irlane Gonçalves de. Lembranças de Teresina. *Cadernos de Teresina*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, n. 23, p. 55-61, ago, 1996.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. *O poder e a seca no Piauí (1877-1879)*. Teresina, Ed. UFPI, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina: EDUFPI/Instituto Dom Barreto, 1997.

ARAÚJO, Airton Sampaio de. *Contos da terra do sol*. Teresina: EDUFPI, 1996.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BRANDÃO, José Adail Monteiro. *As armadilhas do poder*. Partidos políticos e a sucessão governamental de Miguel Rosa. 1996, 137f. (Monografia final do Projeto de Iniciação Científica CNPq). – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1996.

CASTELO BRANCO, Cristino. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: [s.n.], 1944.

\_\_\_\_\_. *Homens que iluminam*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

\_\_\_\_\_. Teresina nas primeiras décadas do século XX. *Cadernos de Teresina*, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, n. 19, p.34-38, abr, 1995.

CARVALHO, Paulo G. de. A luta político-religiosa entre Igreja e Maçonaria no Piauí (1902-1914). *Carta Cepro*, Teresina, v. 11, n. 11, p 87-144, jul-dez, 1996.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto F. de. *História episcopal do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980.

- CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- COSTA, Francisco Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. *Terezina Teresina*. Teresina: Editora do Povo, 1984.
- BOBAL, H. *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.
- DOURADO FILHO, Eurípedes de. *Questão religiosa no Piauí: a influência da imprensa piauiense no conflito entre a Igreja e a Maçonaria no período da transição Império/República*. Teresina: Ed. UFPI, 1991.
- FILHO PINHEIRO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 1997.
- FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- FURTADO, José da Rocha. *Memórias e depoimentos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.
- GOMES, José Airton Gonçalves. *O legislativo no Piauí (1835-1985)*. Teresina: Assembléia Legislativa do Piauí, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Teresina ontem e hoje*. Teresina: FCMC, 1992.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Os homens que governaram o Piauí*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário histórico-biográfico piauiense*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior 1984.
- IBIAPINA, Fontes. *Palha de arroz: romance*. Teresina: Imprensa Oficial, 1968.
- \_\_\_\_\_. Abertura. In: *Eleições de sempre e até quando: contos*. São Paulo: Soma, 1985.
- IGLESIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões: notas, impressões e reminiscência do Meio-Norte brasileiro – 1912-1919*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Um Manicaca: romance – manifesto do positivismo no Piauí*. Teresina: ApeCH/UFPI, 1995.

- \_\_\_\_\_. *Literatura Piauiense – Horizontes de Leitura e Crítica Literária (1900- 1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- MATOS, J. M. de Matos e Tito Filho, A. *Abdias Neves*. Teresina: EDUFPI, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Evocação de Abdias Neves*. Teresina, 1976.
- MONTEIRO, Orgmar. *Teresina descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos*. Fortaleza: [s.n.], 1987.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica*. Teresina: Fundação CEPRO, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução de 1930 no Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do e BORGES, Geraldo A (Org.) *Cronologia do Piauí Republicano(1889-1930)*. Teresina: Fundação CEPRO, 1988.
- NÓDGI, Luiz Nogueira Filho. *Contribuição à história da maçonaria no Piauí*. Teresina, 1987.
- NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. *A luta pelo poder político: ascensão e queda da oligarquia Pires Ferreira (1889-1920)*, 1988. Trabalho não publicado.
- \_\_\_\_\_. O trem de ferro no imaginário popular piauiense. *Espaço e Tempo*. Teresina: v. 4, p. 96-100, dez, 1996.
- OLÍMPIO, Matias. *Rumos e Atitudes*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Falando e Escrevendo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1958.
- PACHECO, Félix. *Política piauiense*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916.
- PASSOS, Artur. *Abdias Neves: homens e eventos de sua época*. Teresina: [s.n.], 1966.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo. As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.
- \_\_\_\_\_. Guerra ao despotismo - o pensamento pedagógico da Igreja Católica. *Pro-Posições*. Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, v. 12, n 2-3 (35-36), jul/nov, p. 152-169, 2001.
- \_\_\_\_\_. A literatura anticlerical. In: João Kennedy Eugênio (Org.). *Histórias de vários feitos e circunstâncias*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1988.

QUEIROZ, Teresinha. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: ApeCH/UFPI. (Coleção Curto Circuito), 1993.

\_\_\_\_\_. Cinema invenção do diabo? *Cadernos de Teresina*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, n. 15, p.40-45, dez, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

\_\_\_\_\_. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí (1900-1920)*. Teresina: UFPI/APL, 1994.

\_\_\_\_\_. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

\_\_\_\_\_. Notáveis e obscuros: Higinio Cunha e sua obra. *Revista Espaço e Tempo*, Teresina, DGH/UFPI, n 04, 1996.

SANTANA, R. N. Monteiro (org.) (1995). *Piauí: formação – desenvolvimento – perspectivas*. Teresina: Halley, 1995.

TITO FILHO, Arimatéia. *Governos do Piauí (Capitania, Província, Estado)*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

\_\_\_\_\_. *O poder legislativo no Piauí*. Teresina: COMEPL, 1980.

\_\_\_\_\_. *Teresina meu amor*. Teresina: COMEPL, 1973.

\_\_\_\_\_. *Crônicas*. Teresina: [s.n.], 1990.

\_\_\_\_\_. *Praça Aquidabã, sem número*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

\_\_\_\_\_. *Memorial da cidade verde: intendentess e prefeitos de Teresina*. Teresina: COMEPL, 1978.

### **III Fontes primárias:**

#### **1 Livros e artigos de revistas**

ÁLBUM ARTÍSTICO COMERCIAL DO ESTADO DO PIAUÍ. Ed. Fac. Símile de 1910. Ed. M. R. Figueira. Teresina: Gráfica Mendes, 1987.

CUNHA, Higino. *História das religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

\_\_\_\_\_. *Memórias Autobiográficas*. Teresina, [s.n.], 1940.

\_\_\_\_\_. A educação feminina e o regime conjugal. *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano VII, maio, 1924.

MARTINS, Elias. *Guerra Sectária*. Teresina: Tipografia do Apóstolo, 1910.

\_\_\_\_\_. *Fitas*. Teresina: Jornal de Notícias, 1920.

## **2 folhetos**

MARTINS, Elias. *O poder das trevas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1913.

OLÍMPIO, Matias. *Perseguições religiosas*. Piauí: Tipografia Paz, 1912.

PELLETAN. *A serpente negra*. Piauí: Edição d' A luz, 1909.

## **3 Revistas**

Litericultura

Revista da Academia Piauiense de Letras – 1918, 1919, 1923, 1925, 1928.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí – 1920, 1922

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí: n. 03, ano 54, nov, 1972 e n. 06, ano 57, jul, 1975.

Revista do Instituto Antropológico e Geográfico do Piauí. 2. Ed. Teresina: Tipografia d' O Piauí, 1922.

Via-Lucis – Revista Mensal do Grêmio Literário Abdias Neves, Teresina, ano I, n 5, ago 1913.

## **4 Jornais**

**Teresina:**

O Apóstolo : Órgão Oficial da Diocese do Piauí – 19 maio 1907; maio 1908; jan 1909/dez 1911, jan, maio, jul/dez 1912.

O Aviso: 15 nov 1910; maio, ago/dez 1911; jan/fev, ago/out, dez 1917; jan/maio 1918, out 1921, fev/set 1922, out/nov 1927, jan/mar e 31 maio 1930.

A Imprensa: 18 ago 1925, ago 1926, jul 1927, ago 1928; março/20 jul 1933.

O Piauí: Órgão do Partido Federal: 04 dez 1891, ago 1892, maio/jun 1893, ago/dez 1895, jan/mar, jun/ago 1886, abr 1899, abr/maio 1904, nov/dez 1908, jan/fev 1909, dez 1910, fev, jun 1911.

O Aprendiz: nov 1909.

Auras do Norte: abr/out 1911.

Cidade de Teresina: Jan/out 1911.

O Comércio: jul 1906/dez 1912

Diário do Piauí: fev 1911/ dez 1914.

A Gazeta: jan 1908/ dez 1911.

Gazeta: jan 1912/jun 1944.

Monitor: out 1908/jun 1911.

O Natal: nov 1911. Edição única tirada pelos operários d'O Monitor, em homenagem a Abdias Neves, no dia do seu aniversário.

O Norte: maio 1909/ dez 1912.

O Piauí: jan 1922/dez 1930.

Piauí: nov 1908/fev 1909, dez 1910/jun 1911.

República: out 1908/fev 1909.

A luz: órgão maçônico ligado à Loja Caridade II.<sup>a</sup> 1901/1908

O Reator: 1902/1905

Pátria: 1905/ 1912

A Imprensa: 1912

A Notícia: 1912

Cidade de Teresina: 1912/1913. Órgão católico fundado por Odilo Costa e destinado a apoiar a sua candidatura ao governo do Estado. Foi empastelado no governo de Miguel Rosa.

A Notícia: 1917 (2.<sup>a</sup> fase – Direção de Abdias Neves)

O Dia: 1923

O Piauí: 1918/1921.

#### **Rio de Janeiro:**

Jornal do Comércio

#### **São Paulo:**

A Lanterna – Folha anticlerical – out 1909/nov1916.

#### **IV Fontes primárias diversas**

Estatuto do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, Teresina: Tipografia d'O Piauí, 1919.

Anais do Senado Federal: 1915/1925

Mensagens dos governadores do Piauí enviadas e lidas na Assembléia Legislativa do Estado: 1890/1930. Teresina: Tipografia Piauí.

#### **V Escritos de Abdias Neves**

1 livros

*A Guerra de Fidié*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

*O Piauí na Confederação do Equador*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

*Psicologia do Cristianismo*. Teresina: Papelaria Veras, 1910.

*Um manicaca*. Teresina: Campos Veras, 1909.

#### **2 Conferências na Loja Maçônica Caridade 2.<sup>a</sup> de Teresina**

**Entre 1909 e 1910**

O padre diante da história

O padre e a educação

A mulher e a Igreja

O ocaso da religião

As fontes da maçonaria na bíblia

**Em 1912**

*Moral religiosa*. Piauí: Tipografia Paz

*O foguete*. Teresina: Imprensa Oficial

**Em 1921**

A parte dos mistérios

A função atual da maçonaria

### **3 Discursos e outros textos**

*Imunidades parlamentares*. Teresina, 1908.

*Discurso pronunciado na sessão cívica feita pelo Partido Republicano em 30 de maio de 1909*. Comemorando o aniversário de morte do inolvidável Dr. Areolino de Abreu. Teresina: Tipografia Livro Papelaria Veras, 1909.

*A elegibilidade do Marechal*. Teresina: Papelaria Veras, 1910.

*Um caso eleitoral*. Trabalho lido perante a Comissão de Poderes, maio de 1915.

*Política das estradas de ferro e finanças da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1916.

*Discursos pronunciados nas sessões de 10 e 15 de dezembro de 1915*. Rio de Janeiro: 1916.  
O Brasil e as esferas de influência na Conferência de Paz. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1919.

*O problema da indústria nacional das anilinas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Comércio, 1919.

*Aspectos do Piauí*. Composição étnica, valores econômicos, organização política. Teresina: Tipografia d' Piauí, 1926.

Do dilúvio no ponto de vista teológico e científico. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, Tipografia O Piauí, ano XI, n. 12, jan, 1928.

A imprensa no Piauí. Jornais, Revistas e outras publicações periódicas de 1835 a 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, t. 2, p. 198-217, 1908. 2 v. (Anais da imprensa periódica brasileira).

Estado do Piauí. *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, Kraus Rprint, 1922.

## **VI Bibliotecas e arquivos consultados**

Arquivo Edgar Leuenroth. Campinas/ Unicamp

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/ Unicamp.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Rio de Janeiro

Biblioteca Carlos Castelo Branco - UFPI

Arquivo Público do Piauí

## **ANEXOS**

ANEXO A – MAPA DA OBRA DE ABDIAS NEVES

Quadro 1: Livros

TÍTULO	ANO	EDITORA	LOCAL
A Guerra de Fidié	1907	[s.n.]	Teresina
Imunidades Parlamentares	1908	[s.n.]	Teresina
Um manicaca	1909	Livraria e Papelaria Campus Veras	Teresina
Psicologia do Cristianismo	1910	Livraria e Papelaria Campus Veras	Teresina
Um caso eleitoral <sup>1</sup>	1915	[s.n.]	Rio de Janeiro
Discursos pronunciados no Senado Federal em 1915	1916	[s.n.]	Rio de Janeiro
Política das estradas de ferro e das finanças da República	1916	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro
O Brasil e as esferas de influência de Paz	1919	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro
O Piauí na Confederação do Equador	1921	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro
Aspectos do Piauí	1926	Tipografia d’Piauí	Teresina

Quadro 2: Conferências Proferidas na Loja Maçônicas Caridade 2.<sup>a</sup> em Teresina

TÍTULO	ANO	TÍTULO	ANO
O Padre perante a história	1908	Moral Religiosa	1912
O Padre e a educação	1909/1910(?)	O Foguete	1912
A mulher e a Igreja	1909/1910(?)	A parte dos mistérios	1921
O ocaso da religião	1909/1910?	A função atual da maçonaria	1921
As fontes da maçonaria na bíblia	1909/1910?		

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Comissão de Poderes do Senado Federal no Rio de Janeiro

**Quadro 3: Folhetos**

TÍTULO	ANO	EDITORA	LOCAL
Areolino de Abreu	1909	Livro Papelaria Veras	Teresina
A Elegibilidade do Marechal	1910	Livro Papelaria Veras	Teresina
Moral Religiosa	1912	Tipografia Paz	Teresina
O Foguete <sup>2</sup>	1912	Imprensa Oficial	Teresina
O Problema da Indústria Nacional das Anilinas	1919	Tipografia do Jornal do Comércio	Rio de Janeiro

**Quadro 4: Poesias em Jornais e Revistas do Piauí**

TÍTULO	ANO	JORNAL	REVISTA
Ó! Never	1898	Estafeta	
Bucólica	1898	Estafeta	
Pelo Azul	1898	Estafeta	
Decepção	1898	Estafeta	
Invocação	1898	Estafeta	
Versos à Clarisse	1898	Estafeta	
Lembra-te ainda	1898	Estafeta	

<sup>2</sup> Inicialmente palestra realizada no Clube Recreativo em Teresina em 10 de Outubro de 1912.

TÍTULO	ANO	JORNAL	REVISTA
Loira	1898	Estafeta	
Carta Aberta	1898	Estafeta	
Escola Antiga	1898	Estafeta	
Cleópatra Acorda	1898	Estafeta	
Pulvis Est	1898	Estafeta	
A Epopéia do Triunfo	1901	O Correio	
Invocação	1901	O Correio	
Morta	1901	O Correio	
Homem	1901	O Correio	
No Lago da Agrippa	1901	O Correio	
Soneto ao Diabo <sup>3</sup>	1902	O Artista	
Missa Branca	1902	O Artista	
Resposta	1902	O Artista	
Andorinha	1905		Andorinha

<sup>3</sup> Abdias Neves usa o pseudônimo de Satam

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>JORNAL</b>	<b>REVISTA</b>
Ao Sol	1907		O Norte
Epopéia do Branco	1907		O Norte
Sangue das Rosa	1907		O Norte
Epopéia do Rubro	1907		O Norte
Mito	1908	O Monitor	
Visão azul	1913		Litericultura
O sangue das rosas	1913		<i>Via-Lucis</i>
Homem	1918		Revista da Academia Piauiense de Letras
O Tigre	1919		Revista da Academia Piauiense de Letras
Andaluza	1923		Revista da Academia Piauiense de Letras
Borboletas	1924	O Dia	
Poema da Saudade	1924	O Dia	

**Quadro 5: Discurso e outros textos**

TÍTULO	ANO	EDITORA	LOCAL
Partido Republicano	1909	[s.n.]	Teresina
Autonomia Municipal	1913	[s.n.]	Teresina
Colégio Militar do Rio de Janeiro <sup>4</sup>	1916	[s.n.]	Rio de Janeiro

**Quadro 6: Artigos em Revistas**

TÍTULO	ANO	NOME DA REVISTA	LOCAL
A Imprensa no Piauí <sup>5</sup>	1908	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Rio de Janeiro
Da formação dos mitos ao culto dos astros	1918	Revista da Academia Piauiense de Letras	Teresina
Do culto dos astros à civilização cristã	1919	Revista da Academia Piauiense de Letras	Teresina
O cerco de Oeiras em 1845	1920	Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí	Teresina
Estado do Piauí <sup>6</sup>	1922	Klaus Reprint	Rio de Janeiro
Aspectos do Piauí <sup>7</sup>	1926	Tipografia d'Piauí	

<sup>4</sup> Discursos pronunciados nas sessões de 10 e 15 de dezembro de 1915 em defesa do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Em 1907, por ocasião das comemorações do centenário da Imprensa no Brasil, a realizar-se em 1908, foi solicitado pelo IHGB, através da Comissão que organizava a publicação, a colaboração de Clodoaldo Freitas que, lamentando não poder ajudar, vez que estava no Rio e suas notas sobre a História do Piauí estavam em Teresina, sugeriu o nome de Abdias Neves, que terminou por elaborar as notas sobre revistas, jornais e outros periódicos, que tinham sido publicados no Piauí naqueles cem anos.

<sup>6</sup> Trabalho publicado no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Conmemorativo do Primeiro Centenário da Independência.

<sup>7</sup> Estudo apresentado no Congresso de Geografia realizado em Vitória (1910). No mesmo Congresso apresentou o trabalho "Elegibilidade do Marechal".

TÍTULO	ANO	NOME DA REVISTA	LOCAL
A Imprensa do Piauí	1927	Revista da Academia Piauiense de Letras	Teresina
O Dilúvio no ponto de vista teológico e científico	1928	Revista da Academia Piauiense de Letras	Teresina

**Quadro 7: Artigos em Jornal**

TÍTULO	ANO	NOME DO JORNAL	LOCAL
Um manicaca	1902	O Artista	Teresina
De Teresina <sup>8</sup>	1910	A Lanterna	São Paulo
A opinião pública e o divórcio I,II,III,IV	1912	Diário Oficial	Teresina
Moral Religiosa	1912	Diário do Piauí	Teresina
Homens e Letras Piauienses I	1912	Diário do Piauí	Teresina
Homens e Letras Piauienses II	1912	Diário do Piauí	Teresina
O ocaso do idealismo	1912	Diário do Piauí	Teresina
Escritores Piauienses	1913	A Notícia	Teresina
Prefácio coletânea de discursos de Areolino de Abreu <sup>9</sup>	1913	Correio de Teresina	Teresina

<sup>8</sup> De Teresina, Piauí, recebemos o seguinte telegrama: "Lanterna Maçonaria Piauiense realizou importantes sessões protesto vinda frades portugueses população Estado solidário oradores muito vitoriosos sejam tojas Brasil solidárias movimento triunfaremos nenhum brasileiro deve ficar indiferente. Abdias Neves, venerável Caridade 2.<sup>a</sup>."

<sup>9</sup> Obra organizada por Vladimir Abreu.

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>NOME DO JORNAL</b>	<b>LOCAL</b>
Noções de Pedagogia Aplicada I	1914	Diário do Piauí	Teresina
Noções de Pedagogia Aplicada II	1914	Diário do Piauí	Teresina
Noções de Pedagogia Aplicada III	1914	Diário do Piauí	Teresina
Noções de Pedagogia Aplicada IV	1914	Diário do Piauí	Teresina

## ANEXO B – FONTES PRIMÁRIAS

### MORAL RELIGIOSA \*

*Minhas Senhoras,*

*Meus Senhores,*

*Diz-se que Hiparco, filho glorioso de Pisístrato, sucedendo-lhe, procurou um meio de trazer sempre viva no povo a memória das mais sensatas regras da conduta humana. As multidões são volúveis. Esquecem facilmente. O campo de suas recordações é como essas praias imensas, afagadas pelas carícias das ondas mansas, varridas pelos sopros das procelas, sempre diversas nos traços, nos contornos e nas alternativas. Querer que recordassem, é exigir que a areia conserve as figuras que ali deixe a nossa fantasia. Mais. É entender que a água possa conservar a imagem da ramaria verde aberta em flores - que lhe formou, por um instante, perfumado doce! Sabia-o Hiparco. E para que velhos preceitos se não perdessem, antes andassem presentes à lembrança do povo, fez levantar cipos nos centros mais populosos da Ática e nas estradas, cipos que suportassem o busto de Hermes e em que estavam gravadas antigas máximas e conselhos.<sup>1</sup> Não é só. “O instinto do belo moral, se posso dizer assim, inspirou à Helade um costume que, sem dúvida, muito contribuiu para espalhar, ali, sentimentos generosos e idéias puras sobre a maioria dos casos da vida comum. No fim de quase todos os banquetes solenes, em que se encontrava um certo número de convivas, cantavam-se, ao som do heptacordio de ouro, pequenos poemas chamados Scolia, que tinham por fim desenvolver, perfumando-as com os encantos de uma doce poesia, alguma verdade importante, ou alguma máxima salutar”.<sup>2</sup> – Não tenho a lira das sete cordas – a lira maravilhosa que tangida por Amphion, levantou os muros de Tebas, tocando o coração adormecido das pedras, arrastando-as, erguendo-as, reunindo-as, presas da suavidade infinita de suas extraordinárias modulações. Não é uma Scolia o que faço aproveitando a vossa presença, minhas*

*\* Conferência de Abdias Neves na Loja Maçônica Caridade 2.ª, Teresina, Piauí, em 24 de junho de 1912. Este texto foi publicado pela Tipografia Paz, no mesmo ano, em formato de folheto e na Revista Litericultura.*

<sup>1</sup> Aristóteles. *La morale et la politique*. Tomo I, disc. Prelim. p. IV.

<sup>2</sup> Aristóteles. *id. id. Id.* p. V.

senhoras. É a contestação, em face da História, diante da lógica, em nome dos direitos da consciência humana, de uma afirmação pré-concebida, de um preconceito que se poderia catalogar entre as “verdades pressentidas” de Nietzsche.<sup>3</sup>

Cícero já dizia que Sócrates fez a filosofia descer do céu, onde se perdiam suas especulações e a introduziu em nossos lares - fazendo-a presidir às ações mais comuns e às relações de toda espécie a que vida em sociedade dá ensejo.<sup>4</sup> Pois bem. É também em nome dessa filosofia, - da liberdade de observação, de exame, de análise, de crítica, é em satisfação às exigências imperiosas de minha consciência individual, que venho rasgar o véu que a educação e os prejuízos do meio lançaram sobre os vossos olhos - impedindo-vos de ver as realidades nuas da existência e cercando-vos das sombras de uma cegueira perigosa. É em nome de tudo isso, minhas senhoras, que venho dizer-vos que a moral religiosa faliu, que as regras da conduta humana devem ser procuradas no planeta - sujeitas a relatividades no tempo e no espaço - e não em princípios mais, ou menos confusos, invariáveis e eternos - criações teológicas incompatíveis com as exigências da vida moderna. É em nome de tudo isso que venho dizer-vos que, ao passo que as visões luminosas do céu se apagam, ao passo que as crenças se dissipam quais nevoeiros banidos pelo sol, a luta pela vida prende o homem à terra, o integra em seus direitos e deveres, o obriga a procurar na sua época e no seu meio os princípios que regulam as sua relações com outros homens e, garantindo o equilíbrio social, favorecem a realização da finalidade histórica de sua raça e dos seus próprios destinos.

Sabemos, com efeito, que “as teorias religiosas repousam no princípio do direito divino. É a vontade de Deus, interpretada pelos padres, que deve ser a regra constante da conduta do homem.”<sup>5</sup> Quando se pensa, no entanto, com acentua Le Dantec em o Ateísmo, que se “pode ser desprovido, desde o nascimento, da idéia de Deus e, apesar disso, ter uma consciência apaixonada pela justiça, um sentimento imperioso do dever”<sup>6</sup>, não se pode deixar de admitir que a moral que faz da vontade de Deus o seu eixo exclusivo de ação é uma moral absurda pelas negações dali decorrentes.

<sup>3</sup> Citado por Em. Faguet em *Les préjugés nécessaires* (1911) p. 50.

<sup>4</sup> V. Aristóteles. *Op. vol. Cits. p. X*

<sup>5</sup> Veron. *La Morale*, p. 138

<sup>6</sup> Felix Le Dantec. *O Ateísmo* p. 89

*É são, justamente, tais negações o que ouvimos todos os dias. Fora da religião, dizem-nos, não há moral. E a religião, aqui, não é a ancia do infinito, de que nos fala Renan, não é a aproximação espiritual do homem com o Ser que a imaginação criou nos dias sombrios da existência pré-histórica. Religião é o culto material, concebido e realizado de modo a impressionar os sentidos e promover a embriaguez suave do misticismo nos crentes. É o culto no cenário das Igrejas – com um sacerdote vestido de seda e ouro e púrpura, arvorado em porta-voz da eternidade, missionário da pobreza, apóstolo da castidade – apresentada como virtude suprema e, entretanto, ele mesmo a contradição eloqüente da pregação. É o culto com todos os formidáveis aparelhos de compreensão da consciência – do confessionário à intolerância absoluta para com outro credo qualquer. Quem o não frequenta, quem, sobretudo, não paga o imposta da crença, não é religioso. É ateu. E, dizer ateu, é dizer um indivíduo sem escrúpulos, sem amor à família, sem dignidade, vencido e gasto por todos os vícios. Tenha ele uma existência modelar. Dê os mais dignificadores exemplos. Seja um pai temeroso, um marido apaixonado, em filho amantíssimo: tudo isso desaparece diante da condenação da igreja e da campanha do clero. São coisas que se repelem, na opinião do padre, moral e ateísmo. É a sua clava de combate este argumento. E tantas vezes o repeliu, tantas o escreveu, que lhe deu a força de sentença condenatória contra a qual nenhum recurso é admissível.*

*Para o crente, seja o convencido, seja o por conveniência pessoal, a tolerância é outra. Embriague-se. Esbordoe a mulher. Despreze a família. Atraiçoe a pátria. Desça até o último degrau a escada das degradações: ficará sempre em plano superior ao do ateu porque, para a tolerância eclesiástica, não há pecado maior, mais torpe, mais horrível que o da negação de Deus.*

*Todos vós conheceis como fazem a campanha. É, a principio, o boato. Quando irrompe, quando surge à luz do dia, tem feito sua obra subterrânea. Propalou-se. Foi discutido. Levou a convicção a alguns, a dúvida a muitos. Só de um número reduzidíssimo teve, porém, o desprezo. E as reputações mais sólidas nem sempre resistem a essa conspiração das trevas, assassina da honra e do caráter. É, pois, assim, que em torno das vítimas repontam as calúnias, crescem e espalham a vegetação asfíxiante. Ninguém remontará às fontes da origem. Nem por isso, contudo, seus efeitos serão menos para temer.*

*Olhem, porém, em redor, as minhas formosas patricias. Muitos maçons conhecem. Muitos hereges lhes são apontados, diariamente, apontados. Estudem-nos. Verão que, si se descuidam do céu tomam em toda consideração os seus deveres sociais. E, então, eu lhes pergunto: devemos condena-los por isso? Podemos tê-los como imorais? O que constitui a moral é o conjunto de nossos deveres para com os outros homens, ou o conjunto desses deveres para com Deus? Somente porque estes últimos são esquecidos, devemos considerar imoral aquele que esquece?*

*Se for assim, nos deveres para com Deus resume-se a moral e, neste caso, sem deixar de ser honestos, podemos praticar todos os vícios, contanto que sejamos crentes fervorosos, - sinceros, ou não, se na prática da religião está a moral, nenhuma necessidade temos de ser bons, de praticar o principio da solidariedade, de trabalhar pela fraternidade humana e pela igualdade social: basta que sejamos religiosos!...*

*Mas, felizmente, não é assim. Nos tempos de hoje, os deveres para com o céu não mais absorvem os deveres para com os outros homens. O tempo da absorção passou. Era aquele em que o individuo adquiria cheiro de santidade fugindo do mundo, internando-se nos desertos, para se entregar inteiramente a existência contemplativa. Era virtude excelsa isolar-se para martirizar o demônio da carne e gozar as alucinações delirantes do comércio com os anjos. Passou, com o Paulo de Tebas, os S. Antônio e os Hilarião. "O crente fogoso que se isolava nos desertos da Thebaiba fugia à necessidade dos deveres sociais para se consagrar inteiramente à glorificação de Deus; um ateu, homem de bem, descuida-se, pelo contrário, da adoração religiosa que não compreende"...<sup>7</sup> Era uma virtude, naquela época. Hoje seria tido como loucura. E, nesse particular, o ateu, hoje, vivendo para a família, cooperando para o engrandecimento da "primeira célula do agrupamento humano", prima sobre o asceta cuja existência era uma ameaça constante para essa célula. Não há mais confusão possível. Os deveres para com o homem deixaram em plano inferior os deveres para com o céu. E, inobservados estes, por isso não deixam os individuos de ser honestos. É, portanto, absurdo pretender que, fora da religião, não há moral.*

*Depois, a moral religiosa não satisfaz, mais, as exigências da consciência moderna. Quase todas as suas prescrições caíram em desuso. Tivessem, mesmo, vingado, com um caráter imperativo e não é possível prever a que ficaria reduzida a sociedade.*

---

<sup>7</sup> Felix Le Dantec. Op.cit., p. 88.

*Basta que nos detenhamos um momento diante dos Evangelhos para particularizar nosso estudo à civilização ocidental. Qual é a súplica dos seus preceitos? A renúncia dos direitos mais caros, a resignação, a condenação de todos os gozos, a apologia da escravidão, o desprezo do casamento, a condenação da propriedade, a negação da idéia de pátria. Elaborados numa época de profundas transformações sociais, na ausência de uma força disciplinadora do espírito porque as crenças pagãs se eclipsavam e nenhuma escola filosófica a substituirá, elaborada nas vésperas da agonia do mundo romana, por uma raça que deveu todos os seus desastres históricos à excessiva religiosidade; elaborados pelos herdeiros do messianismo judaico portadores da profecia do juízo final, deviam, forçosamente, resistir-se dessas circunstâncias. "O filho do homem, em breve, ia chegar sobre as nuvens. O reino de Deus aproximava-se. Todas as desventuras, os supremos desastres sofridos pelo povo eleito, iam desaparecer na onipotência e na grandeza da Jerusalém construída". Fazei penitência, diz o evangelista, porque o Reino de Deus está próximo... Fazei penitência! É o brado que irrompe de todas as páginas, recordando a realidade iminente do que fôra uma aspiração de séculos. Todos os impulsos da vida resumem-se no preparo para a recepção da gloriosa e ansiada supremacia. Um sopro de morte e aniquilamento passa nas visões sombrias da consciência cristã...<sup>8</sup> E a Boa Nova, tradução literal dos evangelhos, não é outra que a realização da promessa messiânica.*

*Daí, conterem eles uma ética em desequilíbrio com os princípios que regem os costumes das civilizações pós-cristãs. Foram idealizados para uma civilização prestes a desaparecer. Eram destinados a uma sociedade em vésperas de não mais existir. Ressentem-se, nessas condições, das idéias que os determinaram.*

*Que admirar, portanto, que sejam a mais formal negação de todas as conquistas da consciência humana no século em que entramos, a passos acelerados, para o estado positivo de que nos fala Comte? Fale, por mim, o ex-abade Alfredo Loisy<sup>9</sup>. Ver-se-á que deles decorrem, como asseverei acima, a doutrina da resignação e da humildade, a apologia da escravidão, a condenação do trabalho e do direito de propriedade, o rebaixamento do nível moral da mulher, a condenação da família, da idéia de pátria, da civilização, ou seja, a negação de todas as idéias superiores da cultura moderna.<sup>10</sup>*

<sup>8</sup> Abdias Neves. *Psicologia do Cristianismo*. p. 214

<sup>9</sup> Alfredo Loisy. *L'évangile et l'église*, p. 54-55.

<sup>10</sup> Abdias Neves. *Op.cit.* p. 214-215.

*Provas? Documentação de cada uma dessas negações? O tempo de que disponho não me permite fazê-la. Um ponto, apenas: o relativo aos escravos, porque é dos mais expressivos. Os outros já uma vez discuti, amplamente, em um dos meus livros.<sup>11</sup>*

*O Cristianismo, escrevia eu,<sup>12</sup> encontrou em Roma um sentimento vivo de piedade pelos escravos, penetrando os costumes. Os estóicos pregavam a igualdade dos homens, não admitindo outra distinção que a de suas virtudes. Filósofos e prosadores batiam-se pelo levantamento de seu nível social. Nada mais natural, pois, que ceder o cristianismo a esse impulso generoso e contribuir para a emancipação dos oprimidos. Mas assim não aconteceu. As idéias judaicas prevaleceram no animo do evangelista contra as idéias correntes e ele, em vez de quebrar os ferros aos escravos, apertou-lhes as cadeias sancionando a escravidão como uma instituição de direito divino.<sup>13</sup> É o apostolado das gentes quem diz: "Meus irmãos fique para Deus cada um no estado em que nasceu". E, noutra parte: "Aqueles que têm fiéis por senhores não o desprezem sob o pretexto de que todos são irmãos, mas sirvam-nos ainda melhor". E mais: "servos obedeci aos vossos senhores temporais com temor e tremor".<sup>14</sup>*

*Não é terminante? Que há, porém, a admirar? "A apologia da escravidão é uma consequência lógica da ciência sublime do desprezo de si mesmo. Quanto mais o corpo se degrada, mais o espírito ascende para Deus. A perda da liberdade, com todo o cortejo de sua tremenda situação é um sofrimento propiciatório. Humilha. Põe a resignação em prova. Dá ensejo a que as virtudes superiores da obliteração do eu se manifestem pela anulação da vontade, pela renúncia de todos os direitos, pelo sufocação de todos os impulsos do caráter. O escravo não é um homem: é uma máquina. É o tipo ideal, porque a religião não quer homens, - quer autômatos".<sup>15</sup>*

*Não foi outra coisa, pelo menos, o que pretenderam os Evangelhos - apesar da opinião corrente, em contrário, opinião aceita sem exame, repelida mecanicamente e fundamentada no que uma vez chamei sua lei de ouro. Todos a conhecem. É a referente ao autor do próximo, preceito, entretanto, que se encontra, já, em Confúcio e em Aristóteles, - os quais viveram, os primeiros 500 anos, os segundos 400 anos antes dos apóstolos. E é essa, apenas, a face luminosa dos Evangelhos. A sombra reina em as outras: é, como mostrei,*

<sup>11</sup> Abdias Neves. *Op. cit.* p. 211-247.

<sup>12</sup> *Op. cit.* p. 217 e segs

<sup>13</sup> *Psicologia do Cristianismo*, p. 218.

<sup>14</sup> *Corintos, III, 21-24. Ep a Timóteo, VI, 1 e 2, Ep aos Efesos, VI, 5, 9.*

<sup>15</sup> *Psicologia do Cristianismo*, p. 220.

a apologia da escravidão; é o aviltamento da mulher pelo desprezo da família; é a condenação do trabalho, da riqueza, da ciência. É neles que se encontra o preceito de que o escravo deve considerar-se feliz em sua situação e continuar escravo. Foi neles que se inspirou Orígenes para se emascular – porque na mulher reside o pecado e convém fugir-lhe. É o mestre quem faz uma parábola a apoteose da preguiça. É quem condena a riqueza. É neles que está a condenação formal da ciência e a apologia da ignorância com o oferecimento do reino dos céus aos pobres de espírito.

Ora, é evidente, daí, que “a moral cristã não é destinada a uma sociedade que devesse viver. O evangelista não pregava a reforma dos costumes sob os impulsos das idéias de transformação social. Pregava-a no intuito de preparar o homem para a salvação – inspirando-se nas visões sombrias do fim próximo do mundo, anunciado e pressentido, e nas correntes do dualismo filosófico. Daí, o conflito com a consciência moderna que, em lugar do desprezo da carne, prega a educação física; em vez do aviltamento do homem, lhe dignifica o caráter; em vez de rebaixar o nível moral e social da mulher, considera-a o gênio benéfico da família; em vez da apologia da escravidão, prega um regime de igualdade em que todos os homens tenham os mesmos direitos; em vez do exaltamento a ignorância, vive sob o domínio da ciência”.<sup>16</sup>

Firmado, no entanto, esse desequilíbrio é, oportuno examinar se a moral cristã teve sobre os povos uma ação coercitiva bastante poderosa para realizar a transformação dos costumes que se lhe atribui.

Não teve. É ver a história da igreja, ver como se impôs, como os sucessores de Pedro mancharam o trono pontifício. O espetáculo a que assistimos nos assombra: é o assassinato de cem mil maniqueus, por divergência de doutrina com o ensino de Roma; é o massacre de todos os albigenses – mais de 50 mil, pela mesma razão; é o assassinato, em massa, dos valdenses e dos donatistas; são as cruzadas; é o massacre dos índios americanos pelas santas missões de catequese; são as fogueiras da inquisição – levantadas tão alto que envolveram a terra num grande anel de luz sinistra. No pontificado, é Marosia, uma mulher perdida, elegendo papa com o nome João XI um filho que tivera de Guido, duque de Spoleto ou de Alberico, governador de Roma<sup>17</sup>; é João XII, irmão do precedente e também eleito por Marosia - papa que o concílio reunido pela igreja, em Roma, no ano de 963, chamou ladrão, assassino, adúltero, simoniaco, ímpio,

<sup>16</sup> Psicologia do Cristianismo. P.241.

<sup>17</sup> Rivaux. Trad. de Hist. eccel.

*blasfêmo, incendiário e que foi deposto; é Alexandre VI, incestuoso e devasso; é Benedito IX vendendo o pontificado a Gregório VI. E a lista é grande. Do que aí deixo, entretanto, vê-se que os frutos da moral dos Evangelhos foram os mais terríveis. Em toda a parte, o sangue, a fogueira, a devassidão, a miséria. E são, entretanto, os agentes do catolicismo os que, mais sistematicamente, afirmam que fora de sua religião não há moral.*

*Mas, não nos detenhamos. Vejamos se a religião é um freio para o povo – como geralmente se afirma.*

*Penetremos numa prisão: nem um ateu encontraremos; encontraremos, entretanto, os assassinos mais perigosos de rosário, patuás de rezas, cordões cheios de nós ao pescoço.*

*Lembro-me, a propósito, de um conto popular corrente no sertão:*

*Certo indivíduo querendo desfazer-se de um inimigo implacável, aconselhou-se com um amigo sobre a pessoa que o assassinaria.*

- *Vai amanhã, cedo, a igreja, insinuou o consultado. Fala a pessoa que lá encontrares e mais prova estiver dando de devoção.*
- *No dia seguinte foi ele, com efeito, à igreja e viu um caboclo, de joelhos, rosário na mão, rezando com uma contrição piedosíssima. Uma vez por outra beijava o chão. Esmurrava o peito. Cerrava os olhos para que o não perturbasse o que se passava em torno.*
- *- É aquele, pensou o sujeito. Aproximou-se, ajoelhou-se atrás, muito próximo e, sem o consultar, encarregou-o da missão.*

*Quando se retirou, porém, veio-lhe o remorso. Passou mal a noite e, logo que amanheceu, foi a Igreja retirar a ordem. Lá estava, no mesmo lugar, com os mesmos sinais de devoção, o caboclo.*

*Aproximou-se como na véspera e falou:*

*-Agora é tarde, replicou o assassino, sem soltar as contas do rosário. Já fiz a morte!*

*Outra observação que desejo fazer: o piauiense tolera a religiosidade, mesmo o fanatismo, nas mulheres: não suporta a religiosidade nos homens. Não os vê nas sacristias com bons olhos. Se um se confessa, se vai a missas, se anda de joelhos, decai, logo, no conceito geral. “É um jesuíta de casaca”, dizem,*

*e, jesuíta, para o povo, é sinônimo de sujeito tartufo e hipócrita. E tão comum esse modo de entender, que, entre nós, são raríssimos os que afrontam a opinião. E, esses, mesmos, a quase totalidade, pelo menos, são tidos como exploradores, ninguém admite a sinceridade de suas crenças. São fatos de observação quotidiana que todo mundo pode fazer.*

*E se sou eu quem a faz, pela primeira vez, no Piauí, lá fora tem sido feita por todos os pensadores que se preocupam com a antropologia criminal. Fizeram-na Bayle, Despine, Lombroso, Dubarry, Pani Rossi, Tosseli, Eurico Ferri, etc.<sup>18</sup>*

*Vejamos algumas observações apanhadas de Ferri: "Tortosa, que matara 12 soldados e um padre (excomungado, dizia ele) tinha-se como invulnerável porque conduzia no peito a hóstia sagrada. A quadrilha Manzi andava carregada de amuletos. A quadrilha Caruso colocava nos bosques e nas furnas imagens diante das quais acendia velas. Leone, capitão de ladrões, levava consigo nada menos de 16 estampas de santos. O bandido Palermo levava cinco imagens. Barberino três... Verzeni, estrangulador de três mulheres, era dos mais assíduos freqüentadores da igreja e do confessionário. O assassino Bogia ouvia missa todos os dias. A marquesa de Brinvilliers, envenenadora célebre, era religiosíssima. Giona La Goela, condenado por 11 assassinados, acusado de cortar os dedos, o nariz, as orelhas de quantos lhe caíram nas mãos, era muito devoto e se confessou antes de morrer. O padre Delacollonge estrangula a amante e, ao conduzi-la, percebendo que dava, ainda, sinais de vida, aproveitou o momento para a absorver in articulo mortis. O Capitão de bandidos Táccone não falava de seus crimes, sem recordar que os havia cometido "com a ajuda da Virgem Santíssima". Pompilia Zambeiare fizera a promessa de levar um cálice de ouro a N. S. do Loreto se conseguisse envenenar o marido.<sup>19</sup>*

*Não é necessário fazer mais citações. Há uma literatura vasta. As prisões fornecem, diariamente, documentos novos em apoio às afirmações anteriores. E são esses documentos que destroem, pela base, o velho preceito de que a religião seja um freio para as paixões humanas – manifestam-se em toda a intensidade no povo, ou tentam a conte-las, nas classes cultas, a educação e o meio. Visitem-se as penitenciárias, repito ainda. Dois terços da população que aí está dão as mais irrecusáveis provas de*

---

<sup>18</sup> Bayle, *Pensées diverses à l'occasion de la comète de 1680*; Despine, *Psychologie nat*; Lombroso, *Homo delinquente*; Dubarry, *Le brigandage*; Pani Rossi, *La Basilicata*; Tosseli, *Racconti et tratti dal Archivio*; in Ferri, *Nuevos Estudios de antropologia criminal (ed. Española)*.

*exaltamento religioso até o fanatismo. De que lhes serviram o comércio com a igreja, as confissões repetidas, as práticas sacerdotais, as missas, a ameaça do inferno? De nada – se é que as confissões, a certeza da absolvição pelo padre, não favorecem o crime.*

*Como temer, com efeito, a cólera divina, se absolvição limpa a mancha do pecado? A absolvição se repetirá sempre que houver um crime: porque recusar diante dele – máxime quando a atmosfera religiosa, arrastando ao misticismo, prepara o indivíduo para realizar? Não se compreende. Eu, pelo menos, não compreendo, preso, como fico, à evidência dos fatos..<sup>20</sup>*

*Pois bem, minhas senhoras, é a crítica dos Evangelhos; é a leitura consciente da História; é a observação da vida quotidiana – em que os padres que convivem em nossa roda são verdadeiras “pedras de escândalo” – na frase das escrituras; é a documentação das prisões, que me leva a negar à religião o papel de regeneradora dos costumes. A moral é relativa, no tempo e no espaço. A que pôde, acaso, satisfazer as exigências de há 16 séculos, não mais corresponde às necessidades atuais. O que é imoral, hoje, será moral amanhã. O que os Evangelhos condenaram no alvorecer da era cristã, domina atualmente. Só os fanáticos podem admiti-los como corpo dogmático de doutrinas.*

*Não os aceito como tal. Ninguém de boa fé os aceitará – como, aprofundado o assunto, não dirá que a religião, a moral religiosa, seja um freio para as paixões humanas. Essa força coercitiva nós a adquirimos pela herança e a conservamos pela adaptação ao meio e pela educação que recebemos. No meio e na educação acham-se as fontes inexoráveis do supremo bem – escopo da moral segundo Aristóteles. É aí que devemos procura-las.*

*É aí, minhas formosas patricias, que as encontrareis, quando, emancipando-vos de ridículos preconceitos religiosos, deixando que uma luz nova varra as trevas em que viveis, pudestes divisar os luminosos horizontes que as conquistas do pensamento rasgam a ação da mulher no lar e na sociedade. Sois o fator máximo da regeneração futura. Enquanto, porém, não atingimos essa virente Chanaan de liberdade, de igualdade, de fraternidade, de emancipação, de justiça e de amor, sejam os vossos corações páginas indelévels em que fiquem as minhas palavras como a pregação inesquecível de um apóstolo do Bem e da Verdade.*

---

<sup>20</sup> *O Truth seeker trouxe, recentemente, a seguinte curiosa estatística: “Sobre 1132 presos que*

*em 1911, estavam recolhidos na penitenciária federal de Leawenworth, Kansas (Estados Unidos), 295 eram sabatista, 281 católicos, 222 metodistas, 59 presbiterianos, 51 episcopais, 48 cristãos (uma seita nova), 33 luteranos, 21 judeus. Sessenta e seis declararam ser cristãos, sem preferência por esta, ou aquela religião e o resto divide-se entre outras seitas de menor importância". Nem um ateu, ou maçom. (Do Livre Pensador de 25 de maio de 1912).*

ESCREVE-NOS O DR. ABDIAS NEVES:

*“Minha conferência\* sobre moral religiosa assanhou a coceira literária do reverendo Cicero Nunes. Deixei que se coçasse à vontade. Seis longos artigos publicou e somente relativos a quatro ou cinco afirmações minhas para demonstrar que a conferência não tem coisa que aproveite. Esses artigos eram como certos purgantes que se não fazem bem, mal não fazem. Ri-me da simplicidade de uns, não li outros e a nenhum dei resposta. E ainda agora não os respondo. Pode ser que, depois se o mestre Nunes estudar e colocar-se realmente à altura das discussões em que se meteu, eu lhe dê umas tesouradas nas asas de formigão. Por agora não preciso responder-lhe, pensa que me destrói os argumentos e deixa-os mais forte, cuida que me aniquila e eleva-me. Diz que a Moral Religiosa não vale nada e durante dois meses ocupa-se dela – o que só por si, é demonstração do valor do meu trabalho e da impressão profunda que lhe causou a leitura. Deixaria, portanto, calmamente, indiferentemente, que prosseguisse, fazendo, sem o saber, o reclamo da conferência. Acontece. Entretanto, que, numa explosão do despeito a que meu silêncio o reduziu; sentindo o fiasco em que incorreu provocando-me para uma discussão e não recebendo o que, se tivesse senso, lhe mostraria que, se lhe não respondo é porque nada tenho a responder e não tenho pela razão muito justa de que seus artigos têm suco...de limão espremido; vendo o ridículo em que está diante da gente do seminário – única, diga-se a verdade, que, ainda, caridosamente, finge toma-lo a sério nos arroubos ‘altiloquos’, acontece que, diante disso, o crítico se transforma em caluniador. Mutila um período meu. Faz o mesmo com uma da Folie de Jesus. Confronta-os. E, me chama plagiário.*

*\* Artigo resposta de Abdias Neves à Críticas do Padre Cicero Nunes à Conferência Moral Religiosa proferida pelo livre-pensador na Loja Maçônica Caridade 2 .ª de Teresina, em junho de 1912. Diário do Piauí, Teresina, ano II, n. II, 15 out. 1912, p. 1.*

*Vamos às provas. O Nunes, apesar de santo e gênio, não é defunto com o qual se queime muita cera.*

*Eis os trechos – na íntegra, e não como saíram no Apóstolo:*

*'Cés pour ne citer qu'un petit nombre de ceux du christianisme lès croisades devorant pour la conquête du saint sepulcher la fleur de la chevalerie française, la guerre de albigois, le supplice, lès revoltes dès anabaptistes, dès paysans et dès chevaliers em Allemagne, les guerres de religion du XVI siècle le massacre dès vaudios, toutes horreurs de cette inquisition espagnole quis'etablit au Mexique, au Perou, dans Munde, ou elle fit périr 80.000 hérétiques dans les flammes, et qui, de 1478 à 1808, condamna à mort ou á peines infamantes une moyenne de onze cents personnes par ane. (Binet-Sanglé, op. cit., p. 4).*

*O espetáculo a que assistimos nos assombra: é o assassinato de cem mil maniques, por divergência de doutrina com o ensino de Roma; é o massacre de todos os albigenses – mais de 50 mil, pela mesma razão; é o assassinato, em massa, dos valdenses e dos donatistas; são as cruzadas; é o massacre dos índios americanos pelas santas missões de catequese; são as fogueiras da inquisição levantadas tão alto que envolveram a terra num grande anel de luz sinistra. No pontificado, é Morasia, uma mulher perdida, elegendo papa, com o nome João XI, um filho que tivera de Guido, duque de Spoleto, ou de Alberico, governador de Roma; é João XII, irmão do precedente e eleito também por Morosia, papa que o concílio reunido pela igreja, em Roma, no ano de 963, chamou ladrão, assassino, adúltero, simoníaco, impio, blasfemo, incendiário e que foi deposto; é Alexandre VI, incestuoso e devasso; é Benedito IX, vendendo o pontificado a Gegrório VI. (Conf. Cit., p. 9 e 10).*

*Quem diria, de boa fé, que desses trechos, um é tradução do outro? Os períodos são em absoluto, diferentes. Na resenha de fatos que ambos encerram, a do meu é incomparavelmente mais completo: cito alguns que Binet-Sanglé não cita, dou numerosos, o que ele não dá e que, só por si, mostra que os procurei em outra parte. Ele não se refere, por exemplo, aos maniqueus: eu me e preciso o número dos que foram mortos para maior glória da bondade divina. Binet-Sanglé fala em 'guerra dos albigenses' o que é uma falsidade histórica: divirjo mostrando que houve foi o assassinato em massa de uma população pacífica e*

*laboriosa que se deixou trucidar. Não dá o número dos albigenses mortos – eu dou. Não se refere aos donatistas – eu menciono. Não alude às belezas do pontificado – eu não esqueço, citando nomes, indicando datas de concílios para mostrar que me abeberei em outras fontes? É.*

*Depois, se aludo aos mesmos fatos que ele, às vezes, indica, é que se trata de uma síntese histórica. Como a realizar, num simples período, sem incorrer nisso? Inventando, mentindo, recorrendo à imaginação para dizer coisa nova? Dois escritores poderiam fazer, por exemplo, num período, a súpula da história do Brasil sem mencionar os mesmos acontecimentos? Poderia deixar de falar em independência, abdicação, ventre livre, libertação dos escravos, proclamação da República? E porque se referissem a isso, porque, na estreiteza do espaço indicassem, de relance os mesmos acontecimentos, sem criar outros, dever-se-ia considerar um deles plagiário?*

*Somente o ódio clerical afirmaria.*

*Assim, não me admirei da acusação. Todos os que combatem o erro e mostram o que é a doutrina do catolicismo têm sido acusados de plagiários. É recurso extremo da ignorância fradesca. Basta lembrar que, ainda há pouco, o O Apóstolo reeditava essa acusação contra Haeckel, o maior espírito dos últimos tempos, o tipo representativo mais elevado da cultura moderna.*

*Antes de terminar quero, porém, destruir, por uma vez, a calúnia, citando as obras em que encontrei as referências que fiz. Encontrei-as: MACAULAY, *Essais politiques et philosophiques* (1862) p. 244 a 290 e YVES GUYOT, *E'tudes sur les doctrines sociales du christianisme*, p. 176 a 207. Os mesmos fatos li, amplamente desenvolvidos, na *Histoire critique du manicheismo*, por BEAUSOBRE e na *Histoire de la guerre contre les Albigeois*, por de PARACTELAINE. Quanto à referência à Marosia, encontrei no *Tratado de história eclesiástica pelo padre RIVAUX*, traduzido pelo bacharel Francisco Luiz de Seabra (1877); e quanto aos índios americanos, citarei apenas o autor brasileiro, o dr. MONOEL BONFIM (*A América Latina – 1905*). Os acontecimentos que citei, limitando-me a indicá-los porque, na estreiteza de uma conferência, não me era possível desenvolvê-los. Foram, ali, conhecidos. São fontes que podem ser consultadas e que desfazem, por completo, a aleivosa apostólica.*

*Querem saber, entretanto, os que nos lêem, quem é o plagiário? É o padre Cícero Nunes. Tenho, contra ele, dois documentos esmagadores, conhecidos dos meus amigos e cuja vulgarização só não fiz, ainda, à espera da obra que promete. Penso que reincidiu, que plagiou, mais uma vez, nessa obra (?), autor que me veio às mãos casualmente. Já uma vez, pelo Monitor, aludia a esses documentos e o reverendo calou-se. Aguardei melhor oportunidade e melhor não pode haver que a da publicação do portendo em 30 volumes, 100 mil páginas que, para refutar a Psicologia do Cristianismo, escreve ele, há perto de três anos. Não perde, entretanto, por esperar porque, se a montanha não parir o rato de alguns meses, eu lhe desmancho a igreja.*

Rio, 3 de Janeiro de 1916

*Meu eminente chefe e pesadíssimo amigo Marechal Pires Ferreira:*

*Vejo que se precipitam os acontecimentos no tocante à questão da sucessão governamental em nosso Estado e tenho para mim que não poderemos continuar inativos e de braços cruzados diante deste magno problema, que interessa tão de perto ao progresso e felicidade da terra em que nascemos e em cuja representação federal o meu ilustre amigo se destaca com lustre desde o começo da República, sendo hoje, das figuras da política estadual, aqui no centro, aquela a quem não se pode disputar o bastão de chefe, pelos seus inegáveis e dedicados serviços ao partido, como pela sua autoridade pessoal incontestável e pela sua legítima influência em todos os círculos.*

*Vivendo um pouco à margem da política, por temperamento e feitio próprio e em virtude de responsabilidades de outras, agora acrescidas por circunstâncias que o amigo não desconhece e é de notoriedade pública, essa relativa liberdade e independência, que me tem sido permitida, o meu voluntário e forçoso alheamento do turbilhão partidário, em que tantos interesses contrários se chocam, tudo isso nunca me distanciou, antes me aproxima cada vez mais do velho chefe e amigo a que ora dirijo estas linhas.*

*Ninguém nunca me viu, nem me verá jamais entre os que porventura pretenderam alguma vez ou ainda planejem ainda abalar-lhe a força. Isso me dá, creio, o direito de falar-lhe franco e claro, no momento em que se trata de escolher quem deva dirigir os destinos do Piauí no próximo quadriênio.*

*Nada me tem sido comunicado pelo meu prezado amigo Dr. Miguel Rosa, nem pelo meu eminente colega de representação Senador Abdias sobre esse delicado assunto. Do meu próprio companheiro de bancada, que ainda está no Rio, Dr. Antônio Freire, só tenho tido informações parceladas. Ignoro as combinações e ajustes ou propostas, acaso feitos entres essas ou outras pessoas ilustres e de*

---

<sup>1</sup> Carta ao Senador Marechal Pires Ferreira pelo deputado Felix Pacheco a propósito da sucessão governamental de 1916. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1916. 16 p.

*responsabilidade para dirimir tão grave ponto. Nem me queixo ou lamento de semelhante ignorância, que não me faz parte no jogo e me coloca bem à vontade para opinar, de acordo com os interesses reais do Piauí.*

*Se eu consultasse apenas a minha predileção pessoal, o meu candidato só poderia ser um: o meu ilustre amigo, que vem da Constituinte, sem nada pedir para si, tudo dando ao Estado. Mas, essa candidatura abriria na nossa representação federal um claro insuprível, levando para o Piauí a figura tradicional do mais velho dos seus Senadores. É claro que nós do Estado não havemos de julgá-lo pela malevolência dos jornais de caricatura do Rio ou pela graça insossa dos humoristas sem assunto, que esvoçam e brincam, mas pelos seus serviços, que são diários, constantes, infatigáveis e provados.*

*Não vejo ninguém que o substitua aqui, junto aos outros homens que tem nas mãos as responsabilidades mais diretas e imediatas pela sorte do país e pelo destino das instituições.*

*Outra circunstância que devo apontar e que, sem ser um inconveniente, precisa contudo ficar referida, é esta: a escolha de um representante federal para Governador pode parecer emanação do centro, ou preterição e desconhecimento de capacidades que lá mesmo existam e devam servir a essa investidura, de que aliás ninguém seria mais digno do que o meu ilustre amigo, apesar da sua longa ausência do Estado.*

*Essa ausência nada significa, nem pode importar em desconhecimento das necessidades e aspirações piauienses, das quais tem sido sempre o distinto amigo um estrênuo defensor e propagador.*

*Neste momento, a abertura de uma vaga na representação federal, pela escolha de um Senador ou Deputado para Governador teria, além do mais, o efeito de duplicar a dificuldade em que nos achamos. Eu não sentiria a menor dívida, se para tanto tivesse autoridade, que reconheço que me falta em absoluto, em levantar aqui, junto aos próceres, e no Estado, perante o eleitorado, que já três vezes me honrou com a delegação de seu mandato, mas entre o qual reconheço que não tenho sequer sombra de influência que justifique semelhante intervenção, a sua candidatura.*

*Não sei, porém, se não correria o risco de ser acusado de agir por ambição ou pelo propósito de encantar-me na sua vaga de Senador. O amigo sabe que ambições como essa, nunca as formei, não as tenho, nem jamais as alimentarei. Vivo muito contente do que sou, para não aspirar mais do que mereço. Ponho-me*

resolutamente fora de causa, para apreciar melhor, nos seus vários aspectos, a melindrosa conjuntura em que se encontra o nosso Piauí. Sabe das simpatias generosas com que, no ano passado, diversos chefes dos mais influentes da política federal se referiram a meu nome para senatoria na renovação do terço. Sabe também da resistência que opus a isso, pela consciência, primeiro, da escassez dos meus títulos e serviços e, depois, pela absoluta carência de elementos eleitorais próprios no Estado. Demais, as minhas freqüentes rebeldias e insubmissões na ordem da política federal, e a liberdade de ação, de que preciso e de que não abduco, serão sempre mais toleráveis na Câmara e fora dela, do que no Senado, onde a natureza mesma da instituição reclama outro feitio menos batalhador, o que não quer absolutamente dizer menos patriótico, nem menos digno. Qualquer iniciativa minha em favor de sua candidatura, e acredite que eu teria nisso não só prazer como orgulho, não me insentaria todavia da pecha de estar laborando também em meu proveito. E em política, como no mais, não basta evitar essas injustiças: cumpre cortá-las cerce, eliminando-lhes sumariamente as causas, em que possam ou queiram basear-se os outros para denegrir as intenções dos homens militantes.

As considerações que faço sobre a inconveniência de sua candidatura, que aliás talvez tivesse a virtude de sossegar no Piauí os ânimos desavindos, aplicam-se, em maior grau, a duas outras igualmente possíveis e já também postas no tapete: a de Abdias Neves e a de Antonino Freire. O primeiro, a quem sobram merecimentos intelectuais e larga e indiscutível influência no Estado, mal vem de entrar no Senado e a sua ida, agora, para o Governo, poderia dar a idéia, que tanto tem desmoralizado o regime, de que, quando escolhemos homens para as posições, não subordinamos essa escolha ao critério dos estágios do tempo que a definam, mas a fazemos objeto de considerações subalternas, que devam aparecer ainda no interregno, isto é, na vigência de um mandato, que assim se distribuiria, se repartiria e se monopolizaria em escassas mãos. Não são republicanas essas práticas e convém aboli-las. A eiva do revezamento não se apagaria, se a escolha recaísse no vulto também prestigiado de Antonino Freire, nem há de um Governador, ao término de seu período, eleger para seu sucessor exatamente aquele que o precedera nesse posto. Seria um repassar monótono das mesmas figuras, a asfixia de todas as outras aspirações pessoais legítimas aparecidas nesse

*intervalo, a morte das capacidades novas reveladas, o fechamento das válvulas por onde as sociedades moralmente organizadas na política devem respirar.*

*Por esse processo de exclusão perfeitamente justificável e que seria extensível a mim, se eu fora político, na expressão comum legítima do termo, e aos outros representantes federais, que o são de pleno direito e sem desdouro, antes com brilho e luzimento, a conclusão a que se chega é que o candidato a Governador deve sair de lá mesmo, bastando que as nossas preferências se concentrem em alguém que se ache a igual distância de todos e que, vivendo no Estado e conhecendo-lhe as necessidades, possa subir cercado da confiança geral, para realizar uma obra administrativa que lhe recomende para sempre o nome à gratidão de seus conterrâneos.*

*Não faltam moços piauienses de ilustração e de caráter, ainda não contaminados, e na verdade, aptos para investidura de que se cogita. A glória de nossa terra está justamente na abundância com que ela se vinga de sua pobreza honrada, dando ao país homens que sempre souberam dignificar as posições a que são chamados. Mas isso não basta para o fim que se colima. Quer-se um homem capaz, que reúna as suas qualidades pessoais de isenção e preparo, que não duvido superabundem e de fato superabundam em muitos, como Matias Olímpio, José Luiz Batista, José Pires Rebelo, Milton Cruz, Antônio Martins, Elesbão Veloso, João Cabral, Antônio R. Gonçalves e tantos outros a quem peço perdão da omissão involuntária, os elementos de apoio que possam garantir a viabilidade de sua candidatura, a qual precisa não suscitar hostilidades, simbolizar alguma coisa de novo e de alto, e trazer um programa de arrefecimento partidário, que permita o trabalho urgente e necessário da reconstrução administrativa e financeira do Estado.*

*Repasso as figuras e vou verificando, com pesar, que todas, direta ou indiretamente, se envolveram na agitação política que de anos para cá vem conturbando o Piauí. O resquício que ficou dessas atitudes extremadas é de molde a aconselhar que não se recorra a nenhuma individualidade que possa suscitar oposições irreduzíveis deste ou daquele grupo. Todas essas pessoas, além do mais, não poderiam contar com sustentáculos fortes nos chefes eleitorais de mais prestígio no Estado e de cuja audiência não devemos prescindir porque só eles hão de assegurar, no terreno das urnas livres, a vitória da combinação que assentarmos para levar ao alto critério do Governador e demais amigos do Estado.*

*E aqui me permito, sem mais ambages, a liberdade de declinar um nome, que já lhe sugeri de viva voz, na palestra com que me honrou em nossa casa: o Dr. Eurípedes de Aguiar, Deputado Estadual, médico ilustre, o primeiro de sua turma, premiado pela Faculdade da Bahia, onde se formou, vivendo desde muito fora da Capital, em Floriano, sempre e só no exercício de sua clínica com a qual tem vindo também se irradiando o círculo de sua influência pessoal fora da política. Estreitamente ligado por uma amizade antiga e forte, ao atual Vice-Governador, Coronel Raimundo Borges, que é, sem favor, o grande chefe eleitoral do Sul do Estado e contando ainda relações numerosas e de valor entre os outros 'leaders' do eleitorado piauiense, sem falar da simpatia geral de que goza e da confiança absoluta que inspira pela sua retidão e qualidades superiores de caráter, de operosidade e de competência, é sem dúvida a figura mais indicada para reunir as preferências do maior número de ascender à curul presidencial do Piauí.*

*Não escondo as objeções que essa candidatura vai suscitar. Cunhado do Dr. Antonino Freire, poder-se-ia supô-lo marcado do vírus oligárquico. Mas esse receio desaparece, sabendo-se que é pessoa incapaz de aceitar um cargo desses, como um bem de família transmissível aos parentes.*

*A circunstância desse cunhadio não pode invalidar a significação pessoal da candidatura. Acresce que o Dr. Eurípedes, cunhado do Dr. Antonino Freire, não deixa por isso de ser filho de um dos magistrados mais íntegros que o Piauí tem tido, o Desembargador Helvidio, hoje aposentado, antigo Presidente do Tribunal da Relação e Juiz que sempre enfrentou impávido, com a sua toga, todos os governos estaduais, tendo sido um fiscal severo de lei e não havendo jamais se mostrado homem de partido, nem tendo nunca se aliado aos nossos amigos. É a natureza moral dessa progente que devemos atender, e não ao parentesco superveniente e lateral que aliás, no caso, longe de criar uma incompatibilidade, que seria irrisória, estabelece a perspectiva de uma outra corrente de apoio igualmente valiosa e respeitável, desde que lhe não caiba, como de fato não cabe, a iniciativa do lançamento.*

*Há um outro ponto a ver e este é muito delicado, mas não devo fugir de considera-lo. O meu eminente amigo sabe e não é segredo para ninguém que, na última sessão legislativa da Assembléia Estadual, o Dr. Eurípedes, que pela primeira vez nela tomava assento, dissentio da orientação política do Governador, nosso*

comum amigo Dr. Miguel Rosa. A separação entre os dois continua, mas nós não devemos atribuir a esses dissídios políticos ocasionais maior importância do que relativamente têm. Seria absurdo que uma divergência toda pessoal, num incidente também puramente pessoal, pudesse prolongar-se em conseqüências mais dilatadas para a vida política do Estado. No caso, essa desinteligência tem ainda a virtude providencial de alheiar o Governador da solução do problema. Não que lhe negue, a esse Governador, a quem não preciso agora dar mostras de uma amizade muito leal e muito sincera, de que ele deve estar fartamente convencido, o direito de intervir nisso; mas porque o hábito inveterado dos excessos dessa intervenção nos Estados pelos Governadores que saem, tem feito deles os árbitros de sua própria sucessão, absurdo palpável, que não se coaduna com a índole do regime, nem com o verdadeiro caráter da democracia.

Absurdo não menor é o da corrente oposta, que chega ao extremo pior de entender que o Governador que se retira deve ter a sua carreira política cortada e extinta. Sou insuspeito para dizer aqui que o Dr. Miguel Rosa tem pleno direito a todas as considerações dos Piauienses. Contra ele se levantou ultimamente o coro de injustiça, que é, no Brasil, o prêmio inevitável dos governos que acabam. A sua tarefa foi das mais penosas e difíceis. Ele teve de arcar com os remanescentes de uma situação que se vira forçada a defender a autonomia do Estado para preservar da incursão do caudilhismo de farda e livrar-nos da salvação caricata. Encontrou as rendas diminuídas pela desvalorização do nosso principal produto de exportação e teve de lidar com as conseqüências de uma calamidade sem exemplo, com a seca atual. Não podia, nessas condições, operar o milagre do progresso numa era de penúria e abatimento. Mas deixa, ainda assim, de seu esforço muitos títulos que o recomendam e seria imperdoável que a paga desse sacrifício fosse o ostracismo forçado.

Se não lhe podemos por nas mãos o arbítrio, que aliás acredito que ele não reclame, de indicar o seu sucesso, precisamos, para ser leais conosco mesmos, não prescindir de sua audiência, tomando, por outro lado, o compromisso de assegurar-lhe desde logo o posto a que tem pleno direito pelos seus méritos e serviços na representação federal. Esse compromisso não pode ser apenas nosso, senão também e principalmente do Dr. Eurípedes de Aguiar, quaisquer que sejam os motivos de ressentimento entre ambos.

*Boatos e intrigas assoalham-se e divulgam outras candidaturas em gestação. Não acredito nelas. Alguns nomes que aparecem são amigos nossos, perfeitamente idôneos e aceitáveis, se circunstâncias de outra ordem não aconselhassem, no momento, o Piauí a pautar a sua conduta, nesta grava e melindrosa e emergência, pela preocupação mais alta de apaziguamento dos espíritos. Todos nós, políticos do Estado em evidência, temos os nossos contras e devemos retirar-nos de cena para não embaraçar a solução harmoniosa que os interesses vitais de nossa terra reclamam.*

*Resta a questão do Vice-Governador, que deverá ser o companheiro de chapa do Dr. Eurípedes, a quem, de passagem o digo, não me prendem laços pessoais de amizade, a quem nunca falei e com o qual não me correspondo. O meu parecer é que a indicação para o substituto, mediato deve recair em pessoa da confiança do eminente amigo a quem ora me dirijo. Ninguém reúne melhores condições do que o Comandante Gervásio Sampaio, Deputado Estadual, estimadíssimo do Piauí e fora dele, o qual saberá guardar a maior identidade de vistas com o Governador.*

*São estas, meu eminente chefe e pesadíssimo amigo, as considerações que eu entendi formular, pedindo-lhe uma resposta escrita urgente, para agirmos juntos no Estado, perante o Governador, os chefes locais e o eleitorado, e aqui, perante os colegas de bancada e perante o Governo Federal. Não tenho nisso tudo o menor interesse e nada procuro que me beneficie, próxima ou remotamente. Sabe que não vivo propriamente da política de não tenho para com ela outras obrigações senão as que as próprias conveniências superiores de que minha terra me sugerirem. Esta se me afigura a maneira mais leal de proceder um pouco de si mesmos, de suas justas ambições, para que se possa achar mais depressa a fórmula harmoniosa conveniente. Essa fórmula precisa ser procurada fora de nós, pela adesão de cada um ao pensamento de concórdia dos Piauienses, indispensável à reconstrução econômica, financeira e administrativa do Estado. Amigos nossos de valor que se distanciam de nós por circunstâncias intercorrentes, como o Senador Ribeiro Gonçalves, devem ser ouvidos com atenção. O próprio terço, que o Sr. Elias Martins representa na Câmara Federal precisa ser chamado a colaborar conosco, com o Governador e com os chefes da política federal para uma solução honesta, conveniente, patriótica, digna do Piauí e de nós. Para isso estou pronto e disposto. Para outra coisa, porém, não contem comigo.*